

FICÇÃO CIENTÍFICA

ISAAC
ASIMOV

R\$
4,50

O HOMEM BICENTENÁRIO



L&PM POCKET

Título Original: The Bicentennial Man And Other Stories
Copyright © by Isaac Asimov

Tradução de: Milton Persson.
Editora: L&PM

L&PM POCKET, VOL. 57

(CONTOS EXTRAÍDOS DA ANTOLOGIA
MÁQUINAS QUE PENSAM)

INTRODUÇÃO

Aqui estou eu com outra coleção de histórias de ficção científica, e me sento a pensar, com algo mais que um pouco de espanto, que já há três oitavos de século que estou escrevendo e publicando ficção científica. Isto não é mau para quem admite somente estar no final de sua juventude - um pouco além dos trinta, se a tanto for obrigado.

Imagino que, para a maioria das pessoas que têm tentado me seguir de livro em livro, e de campo em campo, poderá até parecer um tempo mais longo. Como a torrente de palavras continua ano após ano, sem sinais visíveis de diminuição, naturalmente surgem equívocos bem característicos.

Faz apenas umas poucas semanas, por exemplo, estava eu numa convenção de bibliotecários a autografar livros, e algumas das mais bondosas observações que recebi foram:

- Não posso acreditar que o senhor ainda esteja vivo!*
- Como é que o senhor pode ter aparência tão jovem?*
- O senhor e o Isaac Asimov são realmente a mesma pessoa?*

E outras coisas mais. Numa crítica sobre um de meus livros, no número de dezembro de 1975 da Scientific American, fui descrito como: "Foi bioquímico em Boston e agora é o elo de união e o letreiro de um grupo de escritores associados."

Meu Deus! Escritores associados? Não mais que um elo de união e letreiro?

Não é assim. Lamento se minha copiosa produção o faz parecer impossível, mas estou vivo. Sou jovem, e sou uma pessoa só.

Na verdade, sou completamente um homem que faz tudo sozinho. Não tenho assistentes de espécie alguma. Não tenho agente, não tenho gerente comercial, não tenho auxiliares de pesquisa, nem secretária, nem taquígrafa. Eu mesmo bato à máquina, corrijo as provas, faço os índices, toda a minha pesquisa, toda a minha correspondência, eu mesmo atendo a todos os meus telefonemas.

E gosto que seja assim. Uma vez que não tenho de tratar com outras pessoas, posso me concentrar mais adequadamente em meu trabalho, e produzir mais.

Dez anos atrás eu já estava me preocupando com o equívoco a meu respeito. Naquela ocasião, The Magazine of Fantasy and Science Fiction (conhecido comumente como F & SF) estava planejando um número especial sobre Isaac Asimov para outubro de 1966. Pediram-me uma nova história para ser incluída naquele número, e eu me comprometi, mas, de minha própria iniciativa, escrevi também um breve poema. Esse poema apareceu no número especial e nunca mais apareceu noutro lugar - até agora. Vou incluí-lo aqui por ser adequado à minha tese.

Então, também, sete anos depois de o poema ter aparecido, recitei-o para uma moça encantadora, que, sem qualquer indício de esforço mental, sugeriu imediatamente uma mudança que redundou numa mudança tão inevitável e grande, que tive

de publicar novamente o poema para fazer a modificação.

Originalmente, eu chamara o poema de "Na aurora da vida, seu garoto carcomido!" Edward L. Ferman, organizador da F & SF, abreviou-o para "Na aurora da vida". Prefiro muito mais a versão mais comprida, mas decidi que isto pareceria esquisito no índice do livro, de forma que mantenho a versão mais curta. (Que bronca!)

Na Aurora da Vida

*Era, na verdade, um jovem ansioso
Que um dia me deteve.
Olhou-me atentamente, com ar beatífico, e isto
Era o que ele tinha a me dizer:*

*Ora essa, **mazel tov**, é Asimov,
Abençoado seja você!
Durante muitos anos vivi com receio
De que você já de há muito estivesse morto.*

*Ou, se vivo, uns cinquenta e cinco
Frios anos tivessem acabado com você,
E o tivessem deixado fraco, em mau estado físico,
Cabelo ralo e olhar lacrimajante.
Pois é mais do que lógico que li suas matérias
Desde que eu era apenas um garoto
E não conseguia decifrar ou dificilmente distinguia
As boas tramas das más.
Também meu pai, o lia,
Antes de conhecer minha mãe.
Por você ele suspirou, assim que
O pai dele lhe falou de si.*

*Desde que o tempo começou, a você, prodigioso homem
Meus ancestrais amaram
Deão da ficção científica e máquina de escrever
O idoso Asimov
Era o suficiente para mim. Eu disse: - Calma!
Mantive a centelha de meus velhos tempos.
Meu passo é leve, meu olhar é brilhante,
Meu cabelo, espesso e escuro.
Seu sorriso, em resumo, falava de descrença,
De forma que eis o que eu fiz:
Fiz uma carranca, sabem, e, com um sopro,
Matei aquele garoto carcomido.*

A mudança que mencionei ocorre na primeira linha da segunda estrofe. Eu tinha escrito, originalmente, "Como, céus! É Asimov!", mas a mocinha supramencionada imediatamente viu que tinha de ser "mazel tov", frase hebraica que significa "boa

sorte”, e que é usada pelos judeus como uma alegre saudação ou em ocasiões de júbilo - como certamente deveria ser um encontro comigo.

Passaram-se dez anos desde que escrevi o poema e, naturalmente, a impressão de incrível idade que deixo entre os que me conhecem apenas por meus escritos chega a ser agora mais forte. Quando esse poema foi escrito, eu tinha publicado apenas uns 66 livros, e agora, dez anos após, a contagem chegou aos 175, de forma que foi uma década de constante conflagração mental.

Da mesma forma, mantive a centelha dos velhos tempos. Meu passo ainda é leve e meu olhar ainda é brilhante. E mais: sou tão suave nas conversas com moças como sempre fui (e sou bastante delicado mesmo). Aquilo de dizer que meu cabelo é “espesso e escuro”, contudo, precisa ser modificado. Não há perigo de calvície, mas, pobre de mim!, estou ficando grisalho. Nos últimos anos, deixei crescer um generoso par de felpudas suíças, e elas já estão quase brancas.

E agora que vocês já sabem o pior a meu respeito, vamos às histórias propriamente ditas, ou, antes (visto que vocês ainda não terminaram completamente comigo), a meus comentários de apresentação à primeira história.

O começo de "Intuição Feminina" está associado a Judy-Lynn Benjamin, que conheci na Convenção Mundial de Ficção Científica, em Nova Iorque, em 1967. Para se acreditar em Judy-Lynn precisa-se vê-la - uma mulher incrivelmente inteligente, de compreensão imediata, difícil de conduzir, e que parece estar constantemente em chamas, com uma brilhante incandescência radioativa.

Naquela época, ela era responsável pela organização administrativa de Galaxy.

Em 21 de março de 1971 ela se casou com aquele adorável velho sovina, Lester del Rey, e no espaço de dois segundos aparou todas as suas rudes arestas. Atualmente, Judy-Lynn del Rey é editora sênior na Ballantine Books e é geralmente reconhecida (especialmente por mim) como uma das maiores capacidades na área editorial.

Voltando a 1968, quando ela ainda estava na Galaxy, estávamos sentados no bar de um hotel nova-iorquino quando - me lembro - ela me apresentou algo chamado "gafanhoto". Conteí a ela que eu não bebia por não ter capacidade para álcool, mas ela me disse que eu gostaria daquele, e o problema é que gostei.

É um coquetel verde com hortelã e creme, e sabe-se lá o que mais - e é delicioso. Tomei um só naquela ocasião, de forma que meu tom alto de "bonomia" que usualmente me caracteriza subiu um grau só, e eu estava ainda sóbrio o bastante para falar de negócios.

Judy-Lynn sugeriu-me que escrevesse uma história sobre um robô mulher. Claro está que meus robôs são sexualmente neutros, mas todos têm nome masculino e eu os trato como homens. Uma revolta como aquela sugestão era boa

- Arre! Eis uma ideia interessante - disse eu. Fiquei tremendamente contente, porque Ed Ferman me pedira uma história para celebrar o vigésimo aniversário de Fantasy and Science Fiction e eu tinha concordado, sem ter, contudo, no momento, nenhuma ideia em minha mente.

Em 8 de fevereiro de 1969, de acordo com a sugestão, comecei "Intuição Feminina". Terminada a história, Ed a levou e ela foi incluída no número de outubro de 1969 de Fantasy and Science Fiction, o número de vigésimo aniversário. Foi também a primeira novela, naquele número.

Durante o tempo que mediou entre o momento em que a vendi, e a ocasião em que foi publicada, casualmente Judy-Lynn me disse, um dia: - Você chegou a fazer alguma coisa, com relação àquela minha ideia de escrever uma história sobre um robô mulher?

Entusiasticamente, eu disse: - Sim, Judy-Lynn, eu a escrevi e Ed Ferman vai publicá-la. Obrigado por sua sugestão.

Os olhos dela se abriram muito e ela disse, com voz perigosa: "histórias baseadas em idéias minhas têm de vir para mim, seu bobão. Não as venda aos concorrentes."

Ela prosseguiu no tema durante meia hora e minhas tentativas de explicar que Ed me tinha pedido uma história antes da sugestão, e que ela nunca deixara bem claro que queria para si a história, foram rechaçadas com desdém.

Seja lá como for, Judy-Lynn, eis aqui de novo a história, e admito livremente que a sugestão de um robô mulher foi sua. Será que isto acerta tudo? (Não, acho que não).



Intuição Feminina

As Três Leis da Robótica:

- 1. Um robô não deve fazer mal a um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano sofra qualquer mal.*
- 2. Um robô deve obedecer a qualquer ordem dada por um ser humano, desde que essa ordem não interfira com a execução da Primeira Lei.*
- 3. Um robô deve proteger a sua existência, desde que esta proteção não interfira com a Primeira e Segunda Leis.*

Pela primeira vez na história da "United States Robots and Mechanical Men, Inc." um robô havia sido destruído num acidente na própria Terra.

Ninguém podia ser responsabilizado. O avião tinha sido destruído em pleno ar e um incrível comitê de investigações se indagava se realmente deveria ousar anunciar a evidência de que o veículo tinha sido atingido por um meteorito. Nada mais poderia ser suficientemente rápido para obstar o sistema automático de prevenção; com exceção de uma carga nuclear, nada mais poderia ter causado o dano, e isto estava fora de cogitação.

Ligando-se isto a um relato de um súbito brilho no céu noturno imediatamente antes de o veículo explodir - observação vinda do Observatório Flagstaff, e não de um amador - e dada a localização de um nítido fragmento de meteorito, ferro há pouco arrancado, jogado na terra a quilômetro e meio do local, a que outra conclusão se poderia chegar?

Ainda assim, nada de semelhante ocorrera antes e o exame da possibilidade de ter acontecido algo de incomum tinha contra si avantajadas cifras. Mas, não obstante, às vezes até colossais improbabilidades podem acontecer.

Nos escritórios da U.S. Robots, os comos e os porquês do caso eram secundários. O que interessava mesmo é que um robô tinha sido destruído.

O fato, em si, era angustiante.

Mais angustiante ainda era o fato de **JN-5** ter sido um protótipo, o primeiro, após quatro tentativas anteriores, a ter sido colocado em campo.

E extremamente angustiante era o fato de **JN-5** ser um tipo de robô completamente novo, muito diferente de qualquer outro construído antes.

O fato de **JN-5** aparentemente ter realizado alguma coisa antes de sua destruição, algo de incalculavelmente importante, e o fato de que essa realização talvez pudesse ter desaparecido para sempre, fazia com que não houvesse palavras para descrever a angústia.

Mal parecia digno de referência que, juntamente com o robô, morrera o chefe de Psicologia de Robôs da U.S. Robots.

Clinton Madarian tinha entrado na firma dez anos antes. Durante cinco daqueles anos ele trabalhara sem se queixar sob a mal-humorada supervisão de Susan Calvin.

O brilhantismo de Madarian era mais do que óbvio e tranquilamente Susan Calvin o promovera acima dos mais velhos. De qualquer forma, ela se dignaria a dar suas razões a Peter Bogert, seu Diretor de Pesquisas, mas, quando isto ocorreu, não houve necessidade de explicações. Ou melhor: elas eram óbvias.

Madarian era completamente o contrário da renomada Dra. Calvin em muitos aspectos notórios. Ele não era tão pesado quanto seu queixo duplo poderia fazê-lo parecer, mas, mesmo assim, sua presença se impunha, enquanto que Susan quase não era notada. A face maciça de Madarian, sua faiscante cabeleira ruiva, sua tez rosada, sua voz tonitruante, sua risada alta, e, acima de tudo, sua irrepreensível autoconfiança, sua maneira impaciente de anunciar seus sucessos, faziam com que todos os demais que se achassem na sala sentissem falta de espaço.

Quando finalmente Susan Calvin se aposentou (recusando antecipadamente cooperar com respeito a qualquer jantar de homenagem que pudesse ser planejado em sua honra, de uma maneira tão firme que nem sequer se fez anúncio de sua aposentadoria aos serviços de informações), Madarian ocupou o seu cargo.

Fazia exatamente um dia que ele estava em seu novo posto quando iniciou o projeto **JN**.

Ele significava a maior alocação de recursos até então feita a um projeto pela U.S. Robots, mas era algo que Madarian repudiara com um jovial aceno de mão.

- Não vale a pena gastar um centavo nisso, Peter - disse ele.
- E eu espero que você convença a Diretoria disto.
- Dê-me razões - disse Bogert, indagando-se se Madarian as daria.

Susan Calvin nunca dava razões. Mas Madarian disse:

- Claro! - e instalou-se confortavelmente na ampla poltrona da sala do Diretor.

Bogert observava o outro com algo que era quase temor. Seus cabelos, outrora negros, eram quase brancos agora e dentro de uns dez anos ele seguiria Susan na aposentadoria. Isto significaria o fim da equipe que originalmente constituía a U.S. Robots numa firma que dava a volta ao mundo, rival - em complexidade e importância - de muitos governos nacionais. Por alguma razão qualquer, nem ele nem os que o haviam antecedido tinham conseguido apreender a enorme expansão da firma.

Contudo, agora era uma nova geração. Os novos homens sentiam-se à vontade com o Colosso. Faltava-lhes o toque de encantamento que os teria deixado na ponta dos pés, descrentes. De forma que iam em frente - e isto era bom.

Madarian disse: - Proponho o começo da construção de robôs sem restrições.

- Sem as Três Leis? Lógico que...
- Não, Peter. Será que você só sabe pensar nestas restrições? Diabos, você contribuiu para projetar os primeiros cérebros positrônicos. Será que tenho de lhe dizer que, deixando bem de lado as Três Leis, não existe uma trilha nestes cérebros que não tenha sido cuidadosamente projetada e assentada? Temos robôs planejados para tarefas específicas, com capacidades específicas implantadas.

- E você propõe...
- Que, em qualquer nível abaixo das Três Leis, os circuitos tenham terminais abertos. Não é difícil.
- Realmente, não é difícil - disse Bogert secamente. - As coisas inúteis nunca são difíceis. Difícil vai ser assentar as trilhas e tornar o robô útil.
- Tão difícil assim por quê? Assentar as trilhas exige um bocado de esforço porque

o Princípio da Incerteza é importante nas partículas nas quais a massa de pósitrons e o efeito de incerteza precisam ser minimizados. Ainda assim, por que precisa? Se fizermos com que o Princípio se manifeste de forma suficiente apenas para permitir que o cruzamento de trilhas se faça imprevisivelmente...

- Teremos um robô imprevisível.

- Teremos um robô criativo - disse Madarian com uma ponta de impaciência. - Peter, se há alguma coisa que um cérebro humano tem, e que o cérebro de um robô nunca teve, é um toque de imprevisibilidade que vem dos efeitos da incerteza no nível subatômico. Admito que esse efeito nunca foi demonstrado experimentalmente dentro do sistema nervoso, mas sem isto, em princípio, o cérebro humano não é superior a um cérebro robótico.

- E você pensa que, se introduzirmos o efeito no cérebro robótico, em princípio o cérebro humano não se tornará superior ao cérebro robótico.

- É exatamente nisso que acredito - disse Madarian. E prosseguiram muito tempo depois disto.

Logicamente, o Conselho Diretivo não tinha a intenção de se deixar convencer facilmente.

Dissera Scott Robertson, o maior acionista da firma: - Já é bastante difícil gerir a firma de robôs tal como é, com a hostilidade pública aos robôs sempre prestes a se manifestar. Se as pessoas vierem a saber que os robôs poderão ser incontroláveis... Não, não me fale das Três Leis. As pessoas comuns não acreditarão que as Três Leis as protegerão, assim que ouvirem dizer a palavra "incontrolável".

- Então, não a use - disse Madarian. - Chame o robô de... digamos... "intuitivo".

- Um robô intuitivo - resmungou alguém. - Um robô feminino?

Um sorriso circulou na mesa de reuniões.

Madarian se fixou naquilo. - Está bem, um robô feminino. Nossos robôs são asseuados, naturalmente, e este também o será, mas sempre agimos como se fossem masculinos. Damos-lhes nomes de bichinhos de estimação machos, e falamos "ele", "dele". Este de agora, se considerarmos a natureza da estrutura matemática do cérebro que propus, cairá no sistema de coordenadas **JN-5**. O primeiro robô seria o **JN-1**, e admito que seria denominado de **John-1**... Suspeito que seja este o nível de originalidade do robotista comum.

Mas, com os diabos, por que não denominá-lo de **Jane-1**? Se for para informar o público do que estamos fazendo, estamos construindo um robô feminino com intuição.

Robertson sacudiu a cabeça.

- Que diferença faria isso? O que você está dizendo é que planeja remover a última barreira que, em princípio, mantém o cérebro robótico inferior ao cérebro humano. Qual supõe você que será a reação do público?

- Você tem a intenção de tornar isto público - disse Madarian. Pensou um momento e disse, então: - Vejam: uma coisa em que o público em geral crê é que as mulheres não são tão inteligentes quanto os homens.

De pronto houve um olhar de apreensão no rosto de mais de um homem na mesa e um olhar para o alto e para baixo, como se Susan Calvin ainda estivesse em seu assento costumeiro.

- Se anunciarmos um robô mulher, não importa quem ela seja - disse Madarian -, automaticamente o público admitirá que ela é mentalmente atrasada. Limitar-nos-emos a anunciar um robô **Jane-1** e nenhuma palavra mais acrescentaremos. Estare-

mos a salvo.

- Na verdade - disse tranquilamente Peter Bogert - existe algo mais. Madarian e eu examinamos cuidadosamente a parte matemática e a série **JN**, seja de **Johns** ou **Janes**, será bem segura. Serão robôs menos complexos e menos capazes intelectualmente, num sentido ortodoxo, que muitas outras séries que planejamos e construímos. Haveria apenas um fator adicional, que teríamos de nos habituar a chamar de, digamos, "intuição".

- E quem é que sabe em que vai dar isso? - resmungou Robertson.

- Madarian sugeriu uma coisa que o robô poderá fazer. Como todos sabem, em princípio já está desenvolvido o Salto no Espaço. É possível ao homem atingir o que é, na verdade, super-velocidades além daquela da luz e visitar outros sistemas estelares e voltar num espaço de tempo mínimo - no máximo, em semanas.

- Isto não é novidade para nós - disse Robertson. - Sem os robôs, não poderia ter sido feito.

- Exatamente, e não está redundando em nada de bom para nós, visto que não podemos usar o impulso da super-velocidade exceto, talvez, uma vez como demonstração, de forma que pouco crédito se dará à U.S. Robots. O Salto no Espaço é arriscado, é temivelmente pródigo em energia e, destarte, é extremamente dispendioso. Se, de qualquer forma, fôssemos utilizá-lo, seria bonito se pudéssemos constatar a existência de algum planeta habitado. Vamos chamar isto de necessidade psicológica. Se gastarmos uns vinte bilhões de dólares num único Salto no Espaço e não obtivermos nada além de dados científicos, o público quererá saber por que seu dinheiro foi desperdiçado. Mas, se você noticiar que descobriu um planeta habitado, você se transformará num Colombo interestelar e ninguém se preocupará com o dinheiro.

- Daí que...?

- Daí que, onde é que acharemos um planeta habitado? Ou, então, vamos considerar as coisas desta maneira: dentro do alcance do Salto no Espaço tal como atualmente o concebemos, qual dentre as trezentas mil estrelas e sistemas estelares, compreendidos no limite de trezentos anos-luz, tem melhor chance de possuir um planeta habitável? Armazenamos uma enorme quantidade de detalhes sobre todas as estrelas na vizinhança dos trezentos anos-luz e a noção de que quase todas têm um sistema planetário. Qual, porém, tem um planeta habitável? Qual visitaremos?... Não sabemos.

- E como o robô **Jane** nos auxiliaria? - indagou um dos diretores.

Madarian já ia responder à pergunta, mas fez um gesto discreto para Bogert, que compreendeu. O Diretor carregaria um peso maior. Particularmente, Bogert não apreciou a ideia. Se a série **JN** fosse um fiasco, ele estava se fazendo tão saliente, tão relacionado com o projeto para ter a certeza de que os dedos acusadores apontariam para ele. Por outro lado, a aposentadoria não estava tão distante assim, e, se o projeto desse certo, ele se retiraria em meio a uma auréola de glória. Pode ser que fosse apenas por causa da aura de confiança de Madarian, mas Bogert estava intimamente convicto de que a coisa funcionaria. E disse:

- Pode muito bem ser que, algures, nos arquivos de dados que temos relacionados com essas estrelas, haja métodos de avaliar as probabilidades de presença de planetas habitáveis do tipo da Terra. Tudo que precisamos fazer é compreender adequadamente os dados, considerá-los de uma maneira adequadamente criativa e estabelecer as correlações corretas. Até o momento, não o fizemos. Ou, caso algum astrônomo o tenha feito, não foi suficientemente inteligente para perceber que o fez.

- Um robô do tipo **JN** poderia fazer correlações muito mais rapidamente e muito mais precisamente do que um homem. Num único dia faria e poria de lado tantas

correlações quanto um homem em dez anos. E mais: um robô trabalharia de maneira bem ampla, enquanto que um homem já teria uma série de predisposições, baseadas em idéias preconcebidas e naquilo em que já se acredita.

Houve um considerável silêncio depois disto. Por fim, Robertson disse:

- Mas é apenas uma questão de probabilidade, não é mesmo? Suponhamos que este robô dissesse: - O planeta com maior probabilidade de ser habitado é um que se acha no sistema de uma estrela a tantos anos-luz, Squidgee-17 ou seja lá o que for; vamos lá e constatamos que uma probabilidade é apenas uma probabilidade e que, afinal de contas, não há planetas habitáveis. E como ficamos?

Neste momento, Madarian interveio.

- Ainda assim, ganhamos. Saberemos como o robô chegou àquela conclusão porque ele-ela nos dirá. Isto poderá nos ajudar a ter uma visão muito íntima dos detalhes astronômicos e poderá nos ajudar a tornar o todo digno do trabalho, ainda que nunca demos o Salto no Espaço. Além disso, poderemos explorar os cinco mais prováveis sítios de planetas e a probabilidade de que um dos cinco tenha um planeta habitável poderá ser melhor do que 0,95. É quase certo que...

E continuaram conversando bastante tempo.

Os recursos concedidos eram insuficientes, mas Madarian contava com o costume de se pôr bom dinheiro em cima de dinheiro mal gasto. Com duzentos milhões prestes a serem irrevogavelmente perdidos, quando com mais cem milhões se poderia salvar tudo, os outros cem milhões certamente seriam concedidos.

Finalmente, **Jane-1** estava construído e estava sendo exibido. Peter Bogert estudou-o, isto é, estudou-a, e, gravemente, disse:

- Por que a cintura estreita? Não é certo que isto traz uma fraqueza mecânica?

Madarian conteve o riso.

- Olhe aqui, se vamos chamá-la de **Jane**, não há razão alguma para construí-la como um Tarzan.

Bogert sacudiu a cabeça.

- Assim também não. Logo você a estará construindo com protuberâncias para dar a aparência de um busto e isto é uma ideia lamentável. Se as mulheres começarem a perceber que robôs podem ter a aparência delas, posso lhe dizer exatamente que idéias perversas elas terão, e você terá mesmo hostilidade da parte delas.

- Pode ser que nisto você tenha razão - disse Madarian. - Nenhuma mulher gostaria de se sentir substituível por alguém que não tivesse nenhum dos defeitos dela. Certo.

Jane-2 não tinha a cintura estreita. Ela era um robô sombrio, que raramente se movimentava e mais raramente ainda falava.

Durante a construção dela, só ocasionalmente Madarian viera ter com Bogert para discutir alguns detalhes, indício seguro de que as coisas se desenvolviam sem grandes alardes. A agitação de Madarian quando havia sucesso era esmagadora. Ele não hesitaria em invadir o dormitório de Bogert às três da madrugada com um assunto candente, sem esperar que amanhecesse. Disto Bogert tinha certeza. Agora, Madarian parecia refreado, sua rubicunda expressão quase pálida, suas rechonchudas bochechas quase murchas. E, com ar de certeza, Bogert disse:

- Ela não falará.

- Vai falar sim - disse Madarian, sentando-se pesadamente e comprimindo seu lá-

bio inferior. - Qualquer dia, de qualquer jeito.

Bogert ergueu-se e circundou o robô.

- E quando ela fala, o que diz não tem sentido, penso eu. Bem, se não fala, não é mulher?

Por um momento, Madarian esboçou um sorriso e o abandonou.

- Observado isoladamente, o cérebro funcionou - disse.

- Eu sei - disse Bogert.

- Mas, uma vez responsável pelo conjunto físico do robô, lógica e necessariamente o cérebro se modificou.

- Naturalmente - concordou Bogert, desanimado.

- Improvisavelmente, frustrantemente, porém. O problema é que, quando a gente está lidando com um cálculo de incerteza n-dimensional, as coisas são...

- Incertas - falou Bogert. Ele próprio se surpreendia com sua reação. Já se tinham passado quase dois anos e o investimento da empresa era de porte bem maior; não obstante, os resultados eram, para falar de maneira educada, desapontadores. Ainda assim, ele cutucava Madarian e se divertia com a história.

Quase que furtivamente, Bogert se perguntava se não seria a ausente Susan Calvin que ele estaria cutucando. Madarian era muitíssimo mais agitado e efusivo do que Susan possivelmente jamais seria, quando as coisas estivessem correndo bem. Ele era também muito mais vulnerável à melancolia quando as coisas não corriam bem, e era justamente debaixo de pressão que Susan nunca se abatia. O alvo que Madarian tinha estabelecido podia muito bem ser um alvo muito bem delineado, recompensa para o alvo que Susan nunca se permitira ser.

Madarian não reagiu à última observação de Bogert mais do que Susan Calvin teria reagido; não por desprezo, que teria sido a reação de Susan, mas porque não a tinha ouvido.

À guisa de argumentação, ele disse:

- O problema é a questão do reconhecimento. **Jane-2** pode se correlacionar de maneira magnífica. Pode se correlacionar com qualquer assunto, mas, uma vez isto feito, ela não pode distinguir um resultado válido de um sem valor. Não é um problema fácil, tanto julgar como programar um robô, para contar uma correlação significativa, quando não sabemos que correlações ela estará fazendo.

- Suponho que você pensou em baixar o potencial na junção W-21 de diodo e cintilando através de...

Num tom de voz que gradualmente foi baixando, Madarian retrucou:

- Não, não, não, não. Não dá para você fazê-lo desembuchar o que quer que seja. Podemos fazer isto por nós mesmos. O problema é que temos de reconhecer a correlação crucial e chegar a uma conclusão. Uma vez feito isto, entende, por intuição um robô **Jane** emitirá uma resposta. Será algo que nós mesmos jamais arrancaríamos de nós mesmos, exceto por uma sorte muito fora do comum.

- Parece-me - disse Bogert secamente - que se você tivesse um robô como este, você conseguiria que ele fizesse rotineiramente aquilo que, entre os seres humanos, somente um gênio ocasional é capaz de fazer.

Madarian agitou a cabeça vigorosamente. - Exatamente, Peter. É o que eu teria dito se eu não tivesse medo de atemorizar os executivos. Não repita isto quando eles estiverem ouvindo, por favor.

- Quer dizer que você quer mesmo um robô gênio?

- Que significam as palavras? Estou tentando obter um robô com a capacidade de estabelecer as mais fortuitas correlações, a enormes velocidades, juntamente com um quociente de alto reconhecimento de significância-chave. E estou tentando pôr

estas palavras em equações positrônicas de campo. Pensei que já as tivesse, mas não tenho. Ainda não.

Ele olhou para **Jane-2** com descontentamento e disse:

- Qual é a melhor significância que você tem, **Jane**?

A cabeça de **Jane-2** voltou-se para olhar Madarian mas ela não emitiu som algum e Madarian sussurrou resignadamente:

- Ela está tentando entender isto nos bancos de correlação.

Por fim, sem entonação alguma, **Jane-2** falou:

- Não estou certa. - Era o primeiro som que ela emitia.

Os olhos de Madarian viraram para cima.

- Ela está fazendo o equivalente a resolver equações com soluções indeterminadas.

- Foi o que percebi - falou Bogert. - Ouça, Madarian, partindo daí você pode ir aonde quiser ou paramos por aqui e reduzimos nossas perdas a meio bilhão?

- Oh, conseguirei isso - murmurou Madarian.

Jane-5 não chegou a ser. Nunca passou de uma mera ativação e Madarian estava furioso. Era erro humano. Culpa dele mesmo, se se quisesse ser bem preciso. Ainda assim, se bem que Madarian estivesse terrivelmente humilhado, os outros permaneceram quietos. Que se deixasse aquele que jamais cometera um engano na intrincada e temível matemática do cérebro positrônico preencher o primeiro memorando de correção.

Quase um ano se passara antes que **Jane-4** estivesse pronta. Novamente Madarian estava agitado.

- Ela é capaz - dissera ele. - Ela tem um bom quociente de alto reconhecimento.

Ele tinha confiança suficiente para colocá-la num exibidor diante do Conselho e fazê-la resolver problemas. Não problemas matemáticos, coisa que qualquer robô faria, mas problemas nos quais os termos eram deliberadamente misturados, sem serem, na verdade, inexatos.

Posteriormente, Bogert disse:

- Na verdade, isto não exige muito.

- Lógico que não. É elementar, para **Jane-4**, mas eu tinha de mostrar alguma coisa para os diretores, não acha?

- Sabe quanto já gastamos até agora?

- Vamos, vamos, Peter, não me venha com essa. E você por acaso sabe quanto recuperaremos? Coisas como esta não caem num vácuo, você sabe. Isto me custou três anos infernais, se quer saber, mas desenvolvi novas técnicas de cálculo que nos pouparão no mínimo cinquenta mil dólares em qualquer novo tipo de cérebro positrônico que projetarmos no futuro. Certo?

- Bem...

- Não me venha com "bem...". É isto aí. E tenho a convicção pessoal de que cálculos n-dimensionais de incerteza podem ter o número que quisermos de outras aplicações se tivermos inteligência para descobri-las, e meus robôs **Jane** as descobrirão. Uma vez que eu saiba exatamente o que quero, a nova série **JN** no decorrer de cinco anos se pagará a si mesma, mesmo que tripliquemos o que até agora investimos.

- Que é que você quer exatamente dizer com "saber exatamente o que você quer"? Que é que há de errado na **Jane-2**?

- Nada. Ou nada a mais. Ela está na pista, mas pode ser aperfeiçoada, e é o que tenciono fazer. Eu pensava que sabia aonde me dirigia quando a projetei. Agora teste-a e sei para onde estou indo. E tenho a intenção de chegar lá.

E era **Jane-5** a meta de Madarian. Ele levava bem mais de um ano para produzi-la e não tinha restrições; estava terrivelmente confiante.

Jane-5 era mais baixa e mais fina que o comum dos robôs. Sem ser uma caricatura de mulher, como fora **Jane-1**, ela procurava possuir um ar de feminilidade em torno dela, a despeito da ausência de qualquer traço claramente feminino que fosse.

- É a maneira como ela fica de pé - disse Bogert. Os braços dela se sustinham graciosamente e de alguma maneira o torso procurava dar a impressão de que se curvava ligeiramente, quando ela se voltava.

- Prestem atenção nela ... - disse Madarian. - Como se sente, **Jane**?

- Com excelente saúde, obrigada - disse **Jane-5**. A voz era precisamente a de uma mulher. Era um contralto doce e quase perturbador.

- Por que você fez isto, Clinton? - disse Peter, estupefato e começando a franzir as sobrancelhas.

- É psicologicamente importante - disse Madarian. - Quero que as pessoas a encarem como a uma mulher, que a tratem como a uma mulher; que a interpretem.

- Que pessoas?

Madarian pôs as mãos nos bolsos e encarou Bogert pensativamente.

- Quero que se providencie minha ida a Flagstaff com **Jane**.

Bogert nada podia fazer mas reparou que Madarian não disse **Jane-5**. Desta vez, ele não usara número. Ela era a **Jane**. E, duvidosamente, disse:

- Para Flagstaff? Por quê?

- Porque lá é o centro mundial de planetologia geral, não é? É lá que estão estudando as estrelas e tentando calcular a probabilidade de planetas habitáveis, não é?

- Sei disto, mas é na Terra.

- Lógico que sei disso.

- Os movimentos robóticos na Terra são estritamente controlados. E não há necessidade disto. Traga uma biblioteca de livros sobre planetologia geral para cá e deixe **Jane** absorvê-los.

- Não, Peter, veja se põe na sua cachola que **Jane** não é um tipo comum, lógico, de robô, ela é intuitiva.

- E daí?

- E daí que como é que podemos dizer de que ela necessita, o que ela pode usar, o que a acionará? Podemos usar qualquer modelo de metal na fábrica para ler livros, são dados congelados e, além do mais, desatualizados. **Jane** precisa ter informação viva; precisa ter tons de voz, precisa ter apoios paralelos, precisa até mesmo ter acesso a dados totalmente irrelevantes. Como, com os diabos, saberemos o que ou quando algo fará um barulhinho dentro dela e incidirá num modelo? Se soubéssemos, não precisaríamos dela de jeito nenhum, não acha?

Bogert começava a se sentir incomodado. E disse: - Vamos então trazer para cá os tais homens, os planetologistas.

- Não seria bom de jeito nenhum. Eles estariam fora de seu ambiente, não reagiriam naturalmente. Quero que **Jane** os observe a trabalhar, quero que veja os instrumentos deles, os escritórios, suas escrivatinhas, tudo que ela puder ver a respeito deles. Quero que você providencie o transporte dela para Flagstaff. E gostaria de não mais discutir este assunto.

Por um momento, sua voz soara quase que como a de Susan. Bogert recuou, dizendo: - É o tipo de arranjo complicado. Transportar um robô experimental...

- **Jane** não é experimental. É a quinta de uma série.

- Mas, na verdade, as outras quatro não funcionaram.
Num gesto de frustração desesperançada, Madarian ergueu as mãos.
- Quem está forçando você a dizer isto ao governo?
- Não estou preocupado com o governo; podemos fazê-lo entender casos especiais. É a opinião pública. Percorremos um longo caminho em cinquenta anos e não proponho que você nos faça retroceder vinte e cinco anos por ter perdido o controle sobre uma...

- Não perderei o controle. Você está fazendo observações alucadas. Olhe: a U.S. Robots pode pagar um avião particular. Podemos aterrissar quietamente no mais próximo aeroporto comercial e nos perdermos em meio a centenas de pousos similares. Poderemos providenciar que um grande automóvel, com reboque, nos vá buscar, levando-nos a Flagstaff. **Jane** estará engradada, e será óbvio que alguma peça de um equipamento que nada tem a ver com robôs está sendo transportada aos laboratórios. Ninguém nos olhará duas vezes. Lá em Flagstaff, as pessoas estarão prevenidas e informadas do exato propósito da visita. Terão todos os motivos para colaborar e para impedir uma indiscrição.

Bogert ponderou:

- A parte arriscada será o avião e o automóvel. Se acontecer alguma coisa ao engradado...

- Nada acontecerá.

- Poderemos escapar impunemente se **Jane** for desativada durante o transporte. Mas se alguém descobrir que ela está lá dentro...

- Não, Peter. Isto não pode ser feito. Com **Jane-5**, não. Note que ela tem estado a fazer livres associações desde que foi ativada. A informação que ela possui pode ser congelada durante a desativação mas as livres associações, nunca. Não senhor, jamais ela poderá ser desativada.

- Mas, então, se de alguma forma for descoberto que estamos transportando um robô ativado...

- Não será descoberto.

Madarian permaneceu firme e, num dado momento, o plano deslanchou. Era um modelo avançado de Computo-jet, mas tinha como piloto um homem, empregado da U. S. Robots, como apoio. O engradado contendo **Jane** chegou são e salvo ao aeroporto, foi transferido para o veículo que o aguardava, e atingiu os Laboratórios de Pesquisa de Flagstaff sem incidentes.

Peter Bogert recebeu o primeiro comunicado de Madarian pouco mais de uma hora depois de Bogert ter chegado a Flagstaff. Madarian estava em êxtase e, caracteristicamente, não podia esperar para dar notícias.

A mensagem chegou pelo cabo de raio laser, codificada, e, como de costume, impenetrável, mas Bogert sentiu-se exasperado. Sabia que a mensagem poderia ser interpretada se alguém com suficiente capacidade tecnológica, o governo, por exemplo, quisesse mesmo fazê-lo. A única segurança real residia no fato de que o governo não tinha razão para tentar fazer isto. Pelo menos, assim esperava Bogert. E disse:

- Pelo amor de Deus, você tinha mesmo que transmitir essa mensagem?

Madarian ignorou-o inteiramente. Balbuciou:

- Foi uma inspiração. Gênio puro, garanto-lhe.

Por um momento, Bogert olhou fixamente o receptor. E, então, incrédulo, bradou:

- Você está querendo dizer que já tem resposta?

- Não, não! Dê-nos tempo, diabos. Estou querendo dizer que aquela questão da

voz dela é que foi uma inspiração. Ouça: depois de termos sido transportados do aeroporto para o principal edifício de administração em Flagstaff, desengradamos **Jane** e ela saiu da caixa. Quando isto aconteceu, todos que lá estavam deram um passo para trás. Assustados, aparvalhados! Se até mesmo cientistas são incapazes de compreender o significado das Leis Robóticas, que podemos então esperar do indivíduo comum, não treinado? Lá, durante um minuto, pensei: Tudo isto será inútil. Não falarei. Estão se fechando para uma rápida retirada caso ela tenha um acesso de fúria e não pensarão em nada mais.

- Bem, onde é que você pretende chegar?

- Bem, então, ela os saudou de maneira normal, dizendo: - Boa tarde, senhores. Estou muito contente por vê-los. - E isto com aquela sua bela voz de contralto... Foi isto. Um dos presentes acertou o nó da gravata e outro passou os dedos pelos cabelos. O que me impressionou mesmo foi que um sujeito, o mais velho lá presente, verificou se o zíper de sua calça estava fechado mesmo. Ficaram todos malucos por ela. Precisavam mesmo era ouvir a voz dela. Ela não é mais um robô: é uma moça.

- Você quer dizer que estão conversando com ela?

- Estão conversando com ela, sim, eu diria! Eu deveria ter programado a voz dela para entonações sensuais. Se assim fosse, estariam pedindo a ela para marcar encontros. Vamos falar de reflexos condicionados, Os homens responderam a vozes. Nos momentos mais íntimos, eles olham? É a voz na orelha da gente...

- Sim, Clinton, creio que me recordo. Onde está **Jane** agora?

- Com eles. Não a deixarão ir.

- Diabos! Vá vê-la. Não a perca de vista, homem.

As chamadas posteriores de Madarian, durante os dez dias de sua permanência em Flagstaff, não foram muito frequentes, tornando-se progressivamente menos exaltadas.

Ele informava que **Jane** estava prestando atenção cuidadosamente e que, ocasionalmente, ela respondia. Continuava popular, tinha acesso a todos os lugares. Não havia resultados, contudo.

- Nada de nada? - disse Bogert.

Madarian se pôs de imediato na defensiva.

- Não se pode afirmar nada. Com um robô intuitivo não dá para dizer absolutamente nada. Não dá para saber o que está se passando dentro dela. Hoje de manhã, ela perguntou a Jensen o que havia como café da manhã.

- Rossiter Jensen, o astrofísico?

- Sim, lógico. Ficamos sabendo que ele não tinha tomado o desjejum, apenas uma xícara de café.

- De forma que **Jane** está aprendendo a dar dois dedos de prosa. Isto mal dá para pagar as despesas...

- Ora, não seja imbecil. Não foram dois dedos de prosa. Para **Jane** isto não existe. Ela perguntou porque isto tinha alguma coisa que ver com alguma correlação que ela estava estabelecendo na sua mente.

- O que será que...

- Como é que eu posso saber? Se soubesse seria eu mesmo uma **Jane** e não precisaríamos dela. Mas tem de significar alguma coisa. Ela está programada por uma elevada motivação para obter uma resposta à pergunta sobre um planeta com ótima habitabilidade, distância e...

- Então me informe quando ela conseguir isso e não antes. Na verdade, não preciso de uma informação de minuto em minuto sobre possíveis correlações.

Na verdade, ele não esperava vir a receber notícia de sucesso. A cada dia, Bogert

ficava menos confiante. De forma que, quando finalmente veio a notícia, não estava preparado. E veio bem no final.

Naquela última vez, quando a mensagem clímax de Madarian chegou, veio quase que num cochicho. A exaltação havia sido completamente contida e Madarian estava num temeroso silêncio.

- Ela conseguiu - disse. - Ela conseguiu depois de eu próprio ter desistido. Depois de ela ter recebido tudo direitinho, e a maioria das informações duas ou três vezes, e depois de nunca ter pronunciado uma palavra que soasse como alguma coisa... Estou no avião, de volta. Acabamos de decolar.

Bogert tentou respirar de novo.

- Não brinque, homem. Você tem a resposta? Diga que sim, se for verdade. Seja franco.

- Ela tem a resposta, ela me deu a resposta. Forneceu-me o nome de três estrelas no limite de oitenta anos-luz que têm de sessenta a noventa por cento de chance de possuírem, cada uma, um planeta habitável. A probabilidade de pelo menos uma delas é de 0,972. É quase certo que seja habitável. E isto é o mínimo que se pode dizer. Quando voltarmos, ela poderá nos dar a linha exata de raciocínio que a conduziu a esta conclusão e predigo que toda a astrofísica e toda a cosmologia serão...

- Você tem certeza...

- Está pensando que estou alucinado? Tenho uma testemunha. O coitado do rapaz pulou com os dois pés quando subitamente **Jane** começou a desenrolar a resposta com sua voz que é um gorjeio...

E foi então que o meteorito os atingiu e, na destruição que se seguiu, Madarian e o piloto foram reduzidos a pedaços de carne sangrenta. E não foram encontrados restos de **Jane** que fossem recuperáveis.

Nunca a melancolia fora mais profunda na U.S. Robots. Robertson tentava se consolar com o fato de que a própria extensão da destruição tinha ocultado completamente as ilegalidades de que a firma era culpada. Peter sacudiu a cabeça e lamentou-se.

- Perdemos a melhor oportunidade que a U.S. Robots jamais teve de formar uma imagem imbatível junto ao público, de superar o raio do complexo Frankenstein. O que não teria significado para os robôs o fato de um deles ter encontrado a solução para o problema de planetas habitáveis, depois de outros robôs terem ajudado a estabelecer o Salto no Espaço?! Os robôs teriam aberto a galáxia para nós. E, se num dado momento, tivéssemos podido orientar o conhecimento científico para uma dúzia de diferentes direções, como certamente teríamos feito... Oh, meu Deus, não há maneira de calcular os benefícios para a raça humana, e, logicamente, para nós.

Robertson disse:

- Não podemos construir outras **Janes**? Mesmo sem Madarian?

- Claro que podemos. Mas poderemos contar de novo com a correlação correta? Quem sabe quanto isto implicava de probabilidades ínfimas, no resultado final? E que dizer se Madarian dispunha de um trunfo fantástico, sorte de principiante? E se tivermos uma fantástica má sorte? Um meteorito zerando tudo... Nem dá para acreditar...

Hesitante, sussurrando, Robertson falou:

- Não poderia ter um... significado?... Quero dizer, será que não devemos entender o meteorito como um julgamento... de...

Sua voz se desvaneceu ante o fulminante brilho do olhar de Bogert, que disse:

- Acredito que não seja uma perda mortal. Outras **Janes** estão destinadas a nos

ajudar, de diversas maneiras. E podemos dotar outros robôs de vozes femininas, se isto ajudar a encorajar a aceitação pública - se bem que eu me pergunte que é que as mulheres diriam. Se ao menos soubéssemos o que **Jane-5** disse!...

- Na última chamada, Madarian disse que havia uma testemunha.

- Eu sei - replicou Bogert. - Tenho pensado nisso. Você pensa que não entrei em contato com Flagstaff? Ninguém, no conjunto inteiro dos laboratórios, ouviu **Jane** pronunciar o que quer que fosse de incomum, nada que soasse como uma resposta à pergunta sobre o problema do planeta habitável. E é evidente que qualquer pessoa de lá teria reconhecido a resposta, se ela realmente foi dada ou, pelo menos, a teria reconhecido como uma possível resposta.

- Será que Madarian estava mentindo? Ou estaria louco? Será que ele estaria tentando se proteger...

- Quer você dizer que ele estaria tentando salvar sua reputação fingindo que tinha a resposta e, então, alteraria o mecanismo de **Jane** de tal maneira que ela não pudesse falar e dizer.

- Desculpe, aconteceu alguma coisa, acidentalmente. Diacho!

- Não aceito isto de jeito nenhum. Na mesma ordem de raciocínio, você poderia até afirmar que foi ele quem providenciou o meteorito.

- Que faremos, então?

Bogert respondeu gravemente.

- Voltemos a Flagstaff. A resposta tem de estar lá. Temos de "escavar" mais fundo, é tudo. Vou para lá, levando dois homens do departamento de Madarian. Vamos esquadrinhar aquele lugar de alto a baixo, de cabo a rabo.

- Mas veja que, mesmo que tenha havido uma testemunha, mesmo que ela tenha ouvido, que adiantaria isto, agora que não mais temos **Jane** para explicar o processo?

- Qualquer detalhezinho é útil. **Jane** deu os nomes das estrelas, provavelmente o número de catálogo delas, nenhuma das estrelas com nome têm possibilidade. Se alguém conseguir se lembrar do que ela disse e conseguir recordar o número de catálogo, ou se o tiver ouvido com suficiente clareza para permitir que o dado seja recuperado por uma psicoprova, caso tenha escapulado da memória consciente, então, bem, teremos algo. Dados os resultados ao final, e os dados que, de início, alimentaram **Jane**, seremos capazes de reconstituir a linha de raciocínio; poderemos recuperar a intuição. Se fizermos isto, teremos ganho a parada...

Três dias depois Bogert estava de volta, silencioso e completamente deprimido. Quando Robertson o questionou, ansiosamente, sobre os resultados, meneou a cabeça.

- Nada!

- Nada?!

- Absolutamente nada. Falei com todo mundo em Flagstaff - todos os cientistas, todos os técnicos, todos os estudantes, que tivessem algo a ver com **Jane**, no máximo, todos a tinham visto. Não eram muitos - devemos creditar a Madarian sua descrição.

Ele só permitiu que vissem **Jane** aqueles que se poderia supor, com certeza, que tivessem conhecimento planetológico para alimentar com dados a robô. No total, vinte e três pessoas viram **Jane** e, destas, somente doze falaram com ela algo mais do que casualmente. Investiguei a fundo tudo que **Jane** disse. Todos se lembravam muito bem de tudo. Eram homens perspicazes, engajados numa experiência crucial que dizia respeito à especialidade deles, de forma que tinham toda a motivação para

se lembrarem. E estavam lidando com uma robô falante, algo suficientemente surpreendente. E mais: uma robô que falava como uma artista de televisão. Não dava para eles esquecerem.

- Talvez uma psicoprova... - aventou Robertson.

- Se algum deles tivesse a mais vaga lembrança que fosse de que algo assim ocorrera, eu arrancaria seu consentimento para submetê-lo à psicoprova. Mas nada há que justifique isto, e submeter a tal prova doze homens cuja vida depende de seus cérebros, não pode ser feito. Com toda a sinceridade, não adiantaria. Se **Jane** tivesse mencionado três estrelas, dizendo que elas tinham planetas habitáveis, seria o mesmo que acionar foguetes espaciais no cérebro deles. Como é que eles poderiam se esquecer?

- Pode ser então que um deles esteja mentindo - disse Robertson sombriamente. - Ele quer a informação para seu uso pessoal, para que ela lhe seja creditada, no futuro.

- E que benefício ele extrairia disso? - retrucou Bogert. - Todo mundo nos laboratórios sabia exatamente para que Madarian e **Jane** lá estavam, antes de mais nada. E sabem por que fui para lá. Se em qualquer ocasião futura, alguém que hoje está em Flagstaff subitamente aparecesse com uma teoria de um planeta habitável surpreendentemente nova e diferente, ainda que válida, qualquer sujeito em Flagstaff e qualquer sujeito na U.S. Robots imediatamente veria que se tratava de uma teoria roubada. Isto ninguém jamais me tirará da cabeça.

- Neste caso, o próprio Madarian, de certa forma, estava equivocado.

- Também não vejo como crer nisto. Ele tinha uma personalidade irritante, todos os psicólogos de robôs têm personalidade irritante, penso eu, devendo-se atribuir isto ao fato de trabalharem mais com robôs do que com gente, mas ele não era nenhum palerma. Numa coisa como esta ele não poderia se equivocar.

- Então... - mas Robertson esgotara as possibilidades. Tinham chegado a um muro em branco e, por alguns minutos, ambos ficaram a fitá-lo, desconsolados.

Por fim, Robertson se mexeu.

- Peter...

- Sim?...

- Vamos perguntar a Susan.

Bogert enrijeceu-se?

- O quê?!

- Perguntemos a Susan. Vamos telefonar para ela e pedir-lhe que venha.

- Por quê? Que é que você acha que ela poderá fazer?

- Não sei. Mas ela é psicóloga de robôs também, e poderia entender Madarian melhor do que nós. Além disso, ela... bolas, ela sempre teve mais cabeça do que qualquer um de nós.

- Ela já está com quase oitenta anos.

- E você quase com setenta? E daí?

Bogert suspirou. Será que a língua venenosa dela perdera um pouco de sua peçonha, na aposentadoria? E disse:

- Bem, vamos falar com ela.

Susan Calvin entrou na sala de Bogert com um lento olhar em torno antes que seus próprios olhos se fixassem no Diretor de Pesquisas. Ela envelhecera bastante, desde que se aposentara. Seu cabelo era branco e fino e o rosto dela parecia ter encolhido. Ela ficara tão frágil a ponto de ficar quase transparente e apenas seus olhos,

penetrantes e obstinados, pareciam permanecer, de tudo que ela tinha sido.

Empertigado, Bogert se adiantou cordialmente, estendendo a mão:

- Susan!

Ela apertou a mão e disse:

- Até que, para um velho, você está com uma aparência razoavelmente boa, Peter. Se eu fosse você, não esperaria até o ano que vem. Aposente-se agora e deixe os jovens assumirem o controle... E Madarian está morto. Vocês estão me chamando para reassumir meu velho cargo? Vocês estão decididos a manter os anciãos até um ano depois da morte física deles?

- Não, não, Susan, chamei você para... - Ele se deteve. Depois de tudo, ele não tinha a mais tênue ideia de como começar.

Mas agora, como sempre, Susan lia o que se passava na mente dele com a maior facilidade. Sentou-se com a cautela oriunda de juntas enrijecidas e disse:

- Você me chamou, Peter, porque está metido numa complicação. Caso contrário, você preferiria ver-me morta, a mais de um quilômetro de distância.

- Ora, Susan...

- Nada de perder tempo floreando a conversa. Quando eu tinha quarenta anos, nunca tive tempo para desperdiçar e certamente agora também não o tenho. A morte de Madarian e sua chamada são, ambas, fora do comum, de forma que deve haver uma ligação. Dois eventos fora do comum sem uma ligação é uma probabilidade tão difícil de ocorrer que nem vale a pena se preocupar com ela. Comece pelo princípio e não se preocupe se pensar que está dando a impressão de ser um tolo. Isso eu já percebi há muito tempo.

Penosamente, Bogert pigarreou e começou. Susan prestava atenção cuidadosamente, sua mão seca erguendo-se de vez em quando para interrompê-lo, de forma a poder fazer uma pergunta.

Houve um momento em que ela bufou.

- Intuição feminina? Era para isso que você queria o robô? Vocês, homens... Tendo de se defrontar com uma mulher que chega a uma conclusão correta e incapazes de aceitarem o fato de que ela é igual ou superior em inteligência a vocês, inventam alguma coisa chamada de intuição feminina.

- Bem, isto é... sim, Susan, mas me deixe continuar...

E prosseguiu. Quando ouviu falar da voz de contralto de **Jane**, Susan disse:

- Às vezes é difícil escolher se devemos nos sentir revoltadas com o sexo masculino ou simplesmente colocá-lo num plano de coisas desprezíveis.

- Está certo, mas me deixe continuar... - falou Bogert. Quando ele terminou de vez Susan disse: - Poderia usar particularmente esta sala, por uma hora ou duas?

- Sim, mas...

- Quero examinar vários registros: a programação de **Jane**, os telefonemas de Madarian, as entrevistas que você fez em Flagstaff. Suponho que posso usar este belo telefone selado, de raios laser e seu terminal de computador, se eu o desejar.

- Sim, naturalmente.

- Nesse caso, então, fora daqui, Peter.

Ainda não tinham decorrido quarenta e cinco minutos quando Susan se arrastou com dificuldade até a porta e chamou Bogert.

Quando ele veio, Robertson o acompanhava. Ambos entraram, e Susan saudou o último com um "Alô", sem entusiasmo.

Desesperadamente, Bogert tentou sondar os resultados pelo rosto de Susan, mas era apenas o rosto severo de uma velha senhora que não tinha intenção nenhuma de tomar as coisas fáceis para ele. Cautelosamente, Bogert disse:

- Você acha que há alguma coisa que você possa fazer, Susan?

- Além daquilo que já fiz? Não! Não há nada mais.

Os lábios de Bogert se contraíram dolorosamente. Robertson, porém, disse:

- Que foi que você já fez, Susan?

- Pensei um bocadinho, alguma coisa que não penso que possa convencer outra pessoa a fazer. Houve uma razão para eu pensar em Madarian, que eu conhecia, como sabem. Inteligente ele era, mas de uma extroversão irritante. Pensava que você gostava mais dele do que de mim, Peter.

Bogert não conseguiu evitar de dizer:

- Foi uma mudança.

- E, assim que obtinha um resultado, no mesmo instante ele corria à sua presença, não é?

- Sim, era assim.

- Não obstante - prosseguiu Susan - a última mensagem dele, aquela em que dizia que **Jane** tinha a resposta, foi enviada do avião. Por que ele esperou tanto? Por que ele não se comunicou com você quando ainda estava em Flagstaff, imediatamente depois de **Jane** ter dito fosse lá o que fosse?

- Acredito - disse Peter - que pelo menos uma vez ele quis ter absoluta certeza e... bem, sei lá. Era o mais importante fato que jamais lhe acontecera, pelo menos uma vez ele queria esperar e se certificar.

- Pelo contrário, quanto mais importante fosse, menos ele esperaria, com certeza. E, caso ele conseguisse se conter, conseguisse aguardar, por que ele não agiu corretamente, esperando estar de volta à U.S. Robots, de forma a poder conferir os resultados com todo o equipamento de computação que a firma colocaria à disposição dele? Resumindo, sob um ponto de vista, ele esperou demais, e, sob outro, não esperou o suficiente.

Robertson a interrompeu.

- Você acredita então que ele tolerando alguma impostura...

Susan pareceu revoltada.

- Não tente competir com Peter, fazendo observações inócuas, Scott. Deixe-me prosseguir... Um segundo aspecto diz respeito à testemunha. De acordo com os registros da última comunicação, Madarian disse: - O coitado do rapaz pulou com os dois pés quando subitamente **Jane** começou a desenrolar a resposta com sua voz que é um gorjeio. - Foi, na verdade, a última coisa que ele disse. Pergunto, então: por que a testemunha deu um pulo? Madarian tinha dito que todos os homens estavam malucos com a voz dela, e que tinham estado dez dias com o robô, com **Jane**. Então, por que raios o simples fato de ela falar os teria sobressaltado?

Bogert disse:

- Admito que foi espanto pelo fato de **Jane** dai resposta a um problema que durante quase um século tem ocupado a mente dos planetólogos.

- Mas eles estavam esperando que ela desse a resposta, para isso ela estava lá. Além disso, vamos considerar a maneira como a frase é composta. A afirmação de Madarian faz ver que a testemunha ficou sobressaltada, não espantada, se é que você vê a diferença. E mais: essa reação ocorreu "quando **Jane** subitamente começou", noutras palavras, no exato início da declaração. Para ficar espantada com o conteúdo do que **Jane** teria dito exigiria que a testemunha tivesse prestado atenção por algum tempo, de forma a poder apreender a declaração. Madarian teria dito que a testemunha pulara com os dois pés depois de ter ouvido **Jane** dizer isto e aquilo. Seria "depois" e não "quando" e não teria sido incluída a palavra "subitamente".

Pouco à vontade, Bogert disse:

- Não acho que valha a pena entrar em minúcias tais como o uso ou não-uso de uma palavra.

- Posso - replicou Susan friamente. - Posso porque sou psicóloga de robôs. E posso admitir que também Madarian o fizesse, visto que ele também era um psicólogo de robôs. Temos de explicar estas duas anomalias, portanto. A estranha demora, antes do chamado de Madarian, e a estranha reação da testemunha.

- E você pode explicar ambos os fatos? - perguntou Robertson.

- Lógico - disse Susan - visto que minha lógica é bem simples. Madarian entrou em contacto para dizer as novidades sem demora, como sempre fez, ou com o mínimo de atraso possível. Se **Jane** tivesse resolvido o problema em Flagstaff, certamente que ele teria chamado de lá mesmo. Visto que chamou do avião, com toda certeza a robô resolveu o problema depois de terem deixado Flagstaff.

- Mas então...

- Deixe-me terminar. Deixe-me terminar. Madarian não foi transportado do aeroporto para Flagstaff num pesado veículo, fechado? E **Jane** não estava num engradado, com ele?

- Sim.

- E, presumivelmente, Madarian e **Jane** retornaram de Flagstaff ao aeroporto no mesmo veículo pesado, com um reboque para **Jane**. Estou certa?

- Claro que está!

- E tem mais: eles não estavam sozinhos no veículo. Numa de suas chamadas, Madarian disse: "Fomos transportados do aeroporto para o principal edifício de administração", e suponho que estou certa ao concluir que havia um motorista, um ser humano, no veículo.

- Santo Deus!

- O seu problema, Peter, é que, ao pensar numa testemunha para uma declaração planetológica, você pensa em planetólogos. Você divide os seres humanos em categorias, menosprezando e pondo de lado a maioria. Um robô não pode fazer isso. A Primeira Lei diz: "Um robô não deve fazer mal a um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano sofra qualquer mal". Qualquer ser humano. Esta é a essência da visão robótica da vida. Um robô não distingue. Para um robô, todos os homens são verdadeiramente iguais, e para um psicólogo de robôs que precisa, compulsoriamente, lidar com homens em nível robótico, também todos os homens são verdadeiramente iguais.

- Não teria ocorrido a Madarian dizer que um motorista de caminhão teria ouvido a declaração. Para você, um motorista de caminhão não é um cientista, mas apenas um apêndice animado do caminhão, mas para Madarian o motorista era um homem e uma testemunha. Nada mais, nada menos.

Descrente, Bogert meneou a cabeça.

- Mas você tem certeza?

- Lógico que tenho. De que outra maneira poderia eu lhe explicar o outro aspecto, quer dizer, a observação de Madarian relativamente à estupefação da testemunha? **Jane** estava engradada, não é mesmo? Mas não estava desativada. De acordo com as informações, Madarian sempre se mostrou obstinado no que diz respeito à desativação da robô intuitiva. E mais: como qualquer das **Janes**, **Jane-5** era extremamente não-falante. Provavelmente, jamais teria passado pela cabeça de Madarian ordenar a ela que ficasse calada, dentro do engradado e foi dentro do engradado que, por fim, a coisa aconteceu. Com naturalidade, ela começou a falar. De súbito, uma bela voz de contralto veio de dentro do engradado. Fosse você motorista do caminhão, que é que você faria, a estas alturas? Lógico que ficaria sobressaltado. É até

de admirar que não tivesse havido uma trombada.

- Mas se o motorista do caminhão era a testemunha, por que é que ele não se apresentou? Por quê? Você não acha que Madarian o gratificou muito bem, pedindo-lhe que não contasse nada? Você gostaria que se espalhasse a notícia de que um robô ativado estava sendo transportado ilegalmente sobre a superfície da Terra?

- Está bem, mas será que ele se lembra do que foi dito?

- Por que não? A você poderia parecer, Peter, que um motorista de caminhão, um ser pouco superior ao macaco, segundo sua opinião, não se lembraria. Mas motoristas de caminhão também podem ter cérebro. As declarações foram das mais notáveis e o motorista pode muito bem ter memorizado algumas. Mesmo que ele se equivoque quanto a algumas letras e números, estamos lidando com um conjunto finito, sabe, as quinhentas e cinquenta estrelas ou sistemas de estrelas no raio de oitenta anos-luz ou coisa parecida, não cheguei a averiguar o número exato. Você pode fazer as escolhas corretas. E, se necessário, terá todos os argumentos para usar a psicoprova...

Os dois a encararam fixamente. Por fim, com receio de acreditar, Bogert murmurou:

- Mas como é que você pode ter certeza?

Por um momento, Susan esteve aponto de dizer: Porque entrei em contacto com Flagstaff, seu tonto, e porque falei com o motorista, e porque ele me contou o que ouviu, e porque conferi com o computador em Flagstaff, e vim a saber quais as três únicas estrelas que se encaixam na informação, e porque tenho estes nomes em meu bolso.

Mas não foi o que ela fez. Deixá-lo-ia chegar a suas próprias conclusões. Cuidadosamente, ela se ergueu e disse, sardonicamente:

- Como posso ter certeza?... Digamos que seja intuição feminina...

●

Não tenham medo, caros leitores, de que o fato de eu não ter entendido direito a intenção de Judy-Lynn tenha destruído uma amizade. Os Asimovs e os del Reys vivem a menos de um quilômetro uns dos outros, e se visitam com frequência. Se bem que Judy-Lynn nunca hesite em me pôr contra a parede mais próxima, todos nós somos, temos sido, e continuaremos sendo os melhores amigos.

●

Lá pelos meados de 1969, a editora Doubleday telefonou-me para perguntar se eu gostaria de escrever uma história de ficção científica que servisse de base para um filme. Eu não queria, visto que não gosto de me imiscuir diretamente com a comunicação visual. Dinheiro eles tinham - mas só dinheiro. Todavia, a Doubleday me pressionou e não gosto de recusar alguma coisa à Doubleday. Concordei.

Aconteceu então de eu jantar com um cavalheiro muito agradável, que estava relacionado com a empresa cinematográfica e que queria discutir o argumento comigo.

Disse-me que queria uma ambientação submarina, coisa que me convinha. Prosseguiu, então, descrevendo com considerável entusiasmo a natureza dos personagens que queria na história, e os acontecimentos que julgava serem necessários. A medida que falava, desanimei, porque eu não queria o herói que ele descrevia; não queria, com mais intensidade ainda, a heroína que ele descrevia; e, acima de tudo, eu não desejava os eventos que ele descrevia.

Contudo, sempre me considerei incapaz de dar uma negativa às pessoas, especialmente face a face. Sorri da melhor maneira que pude e simulei interesse.

No dia seguinte, telefonei à Doubleday. Acho que não era tarde. Perguntei se o contrato tinha sido assinado: fôra, e um grande adiantamento tinha sido feito, a maior parte do qual a mim se destinava.

Não havia jeito de eu desanimar mais, mas desanimei. Tinha de escrever a história...

- Bem, neste caso, se o que eu escrever for inaceitável, vocês terão de restituir o adiantamento?

- Não temos, não - disseram-me. - O adiantamento não é restituível. Se não gostarem do que o senhor escrever, o dinheiro ficará conosco da mesma forma.

- Não, não gosto de trabalhar assim - repliquei. - Se o que eu produzir for inaceitável, quero que todo o dinheiro do adiantamento seja devolvido. E descontem a comissão de vocês de meus direitos autorais.

Ora, acontece que a Doubleday não gosta de me recusar coisa nenhuma, de forma que concordaram, se bem que tivessem deixado bem claro que devolveriam o dinheiro sem descontarem a comissão a que tinham direito de meus direitos autorais.

Isso significava que nenhuma obrigação tinha eu, salvo a de me empenhar ao máximo e concluir que também era o melhor para mim.

No dia 1 de Setembro de 1969, comecei a escrever "O estrondo da água" e escrevi-o à minha maneira. Bem sabia o que os cineastas que riam de mim, e nada fiz para atendê-los. Naturalmente, rejeitaram a história, uma vez pronta, e o adiantamento lhes foi devolvido.

Acreditem que fiquei enormemente aliviado.

E há, também, um mundo fora de Hollywood. Ejler Jakobsson, da revista Galaxy, gostou da história tal como eu a escrevera, de forma que ela apareceu no número de Maio de 1970 daquela revista. Pagou-me muito menos do que a turma de cinema teria pago, mas comprou a história toda.



O Estrondo da Água

Stephen Demerest olhou para o céu "texturado".

Continuou a olhá-lo e achou-o de um azul opaco e desagradável.

Descuidadamente, olhou para o Sol, visto que não havia nada para obliterá-lo automaticamente e, então, esgazeou os olhos, em pânico, sem rumo. Cego ele não estava; apenas umas poucas imagens persistiam. Mesmo o Sol se apagara.

Involuntariamente, pensou na prece de Ajax, na *Iliada* de Homero. Disputavam o corpo de Pátroclo na neblina e Ajax disse: "Ó pai Zeus, salva os Aqueus da neblina! Faze o céu clarear, permite-nos ver com nossos olhos! Mata-nos na luz, visto que é teu prazer matar-nos!"

Demerest pensou: Mata-nos na luz...

Mata-nos na clara luz da Lua, onde o céu é negro e macio, onde as estrelas cintilam brilhantemente, onde a limpeza e a pureza do vácuo fazem com que todas as coisas se tomem nítidas.

- Não neste azul pegajoso, esfiapado.

Estremeceu. Era um autêntico estremecimento físico que sacudia seu corpo magriçela, e ele se sentiu molestado. Ia morrer - tinha certeza disso. E não seria sob o céu azul, ou, ainda, parecido com ele, mas sob um céu negro - mas um negro diferente.

Todavia, era como se em resposta àquele pensamento o piloto do barco, baixo, tisonado, de cabelos encaracolados, viesse até ele e lhe dissesse: Pronto para o negro, Sr. Demerest?

Demerest sacudiu a cabeça. Era mais alto que o outro, como, de resto, era mais alto que a maioria dos terrestres. Eram compactos, todos eles, e davam com facilidade seus passos, curtos e baixos. Ele próprio tinha de sentir suas pegadas, guiá-las através do ar; mesmo o impalpável liame que o prendia ao solo era texturado.

Disse: - Estou pronto. - Respirou fundo e deliberadamente repetiu seu olhar anterior de relance para o Sol. No céu matinal, o Sol pairava baixo, lavado pelo ar empoeirado. E Demerest sabia que isto não o cegaria. Nem chegou a pensar se alguma vez o veria de novo.

Jamais vira um batiscafo antes. Apesar de tudo, tendia a pensar nele em termos de protótipos, um balão oblongo com uma gôndola esférica por baixo. Era como se ele persistisse em pensar nos voos espaciais em termos de toneladas de combustível propulsadas para trás, em chamas, e um módulo irregular "sentindo" seu caminho, com aspecto de aranha, em direção à superfície lunar.

O batiscafo não era, de maneira alguma, semelhante à imagem formada por seus pensamentos. Segundo o seu pensamento, poderia ainda ser um saco flutuante com uma gôndola, mas tudo agora era uma "insinuação" movida a motor.

- Meu nome é Javan - disse o piloto do barco. - Omar Javan.

- Javan?

- Nome esquisito para o senhor? Sou de ascendência iraniana; terrestre por convicção. Uma vez aqui embaixo, não há nacionalidades. - Arreganhando os dentes e sua tez ficou mais escura contra a singular brancura de seus dentes. - Se não se importa, dentro de um minuto começaremos. Será meu único passageiro, de forma que imagino que transporta peso.

- Sim - disse Demerest secamente. - Pelo menos uns cinquenta quilos a mais do que estou acostumado.

- Você é da Lua? Pareceu-me mesmo que caminhava de um jeito esquisito. Espero que não esteja se sentindo desconfortavelmente.

- Propriamente confortável não é, mas eu me arranjo. Para tanto, nos exercitamos.

- Bem, venha a bordo. - Manteve-se de pé, de lado e deixou Demerest andar até a prancha de embarque. - Quanto a mim, não gostaria de ir à Lua.

- Vai à *Profundeza do Oceano*.

- Já umas cinquenta vezes. Isto é diferente.

Demerest embarcou. Era acanhado, mas ele não se importava com aquilo. Poderia ser um módulo espacial, com a diferença de que era, digamos, texturizado. De novo aquela palavra. Em toda parte havia o claro sentimento de que aquela massa não importava. A massa estava unida; não tinha de ser tumultuada.

Ainda estavam na superfície. Podia se ver o céu azul-esverdeado através do claro e espesso vidro. Javan disse: - Não precisa usar o cinto de segurança. Não há aceleração. Liso como óleo, a coisa toda Não demorará muito - coisa de uma hora, quase. Não pode fumar.

- Não fumo - afirmou Demerest.

- Espero que não sofra de claustrofobia.

- Os selenitas não sofrem de claustrofobia.

- Tudo aquilo aberto...

- Não na nossa caverna. Vivemos numa... - hesitou na frase - numa fossa lunar, uns trinta e tantos metros de profundidade.

- Trinta e tantos metros! - O piloto parecia se divertir, mas não sorria. - Agora estamos nos deslocando.

O interior da gôndola se compunha em ângulos, mas aqui e ali uma seção da parede além dos instrumentos mostrava sua esfericidade básica. Para Javan os instrumentos pareciam ser uma extensão de seus braços; com leveza seus olhos e mãos se moviam sobre eles, quase que amorosamente.

- Tudo está conferido - disse Javan - mas gosto de uma verificação de última hora; lá embaixo enfrentaremos mil atmosferas. - Seu dedo tocou um contacto, e a porta redonda fechou-se maciçamente para dentro, pressionando a borda biselada.

- Quanto maior a pressão, mais firmemente aquilo se manterá - disse Javan. - Dê uma olhada para a luz do Sol, Sr. Demerest.

A luz ainda brilhava através do espesso vidro da janela. Agora, sentia-se o veículo ondular; entre eles e o Sol, estava agora a água.

- O último olhar? - disse Demerest.

Um tanto ironicamente, Javan falou: - Não o último. Para a viagem, quero dizer... Creio que nunca antes estive num batiscofo.

- Não, nunca. Muitas pessoas já estiveram?

- Muito poucas - admitiu Javan. - Mas não se preocupe. É apenas um balão submarino. Desde o primeiro batiscofo, introduzimos um milhão de aperfeiçoamentos. Agora, é acionado a energia nuclear e pode se mover livremente mediante um jato de água, até certos limites, mas, desvencilhado dos acessórios, ainda é uma gôndola esférica, debaixo de tanques flutuantes. E ainda é rebocado para o mar por um na-

vio-mãe porque necessita de todo o poder que transporta, de modo que não pode desperdiçá-lo ao se mover na superfície. Pronto?

- Pronto.

O cabo-suporte do navio-mãe chicoteou e o batiscafo ficou num nível mais baixo. E cada vez mais baixo, à medida que a água do mar penetrava nos tanques de flutuação. Por uns poucos momentos, colhido pelas correntes de superfície, o batiscafo oscilou. Então, nada mais houve. O batiscafo afundou lentamente através de um verde que se aprofundava.

Javan aquietou-se, dizendo: - John Bergen é o titular da *Profundeza do Oceano*. Vai vê-lo?

- Certo.

- Bom sujeito. Sua esposa está com ele.

- Está?

- Oh, sim. O pessoal tem mulheres, lá embaixo. Há um grupo lá, cinquenta pessoas. Alguns ficam meses.

Demerest colocou o dedo na soldadura estreita, quase invisível, onde a porta encontrava a parede. Retirou-o e olhou-o, dizendo: - Está oleoso.

- É verdade: é silício. A pressão comprime uma parte dele. É para... Não se preocupe: tudo é automático. Tudo é à prova de falhas. Ao primeiro indício de mau funcionamento - qualquer mau funcionamento - nosso lastro é liberado e subimos.

- Você quer dizer que jamais aconteceu alguma coisa a batiscafos?

- E o que poderia acontecer? - O piloto não olhava de frente seu passageiro. - Quando a gente mergulha bem fundo, em busca de cachalotes, nada pode falhar.

- Cachalotes? - A fina pele do rosto de Demerest se franziu.

- Lógico, eles mergulham coisa de uns oitocentos metros. Se baterem num batiscafo... sabe, as paredes das câmaras de flutuação não são particularmente fortes. Não têm de ser, como sabe. Elas abrem para o mar, e quando a gasolina, que abastece os flutuadores, é comprimida, a água do mar entra.

Estava escuro agora. Demerest olhava atentamente, sem se deter, pela escotilha. Havia luz dentro da gôndola, mas estava escuro na janela. E não era a escuridão do espaço, mas sim, uma escuridão espessa.

Rispidamente, Demerest falou: - Vamos parar com rodeios, Sr. Javan. O senhor não tem equipamento para resistir ao ataque de um cachalote. Presumivelmente, não está equipado para resistir ao ataque de um calamar gigante. Chegaram mesmo a ocorrer incidentes desta espécie?

- Bem, o caso é que...

- Nada de conversa fiada, por favor, e não tente engabelar os trouxas. Estou perguntando independentemente de curiosidade profissional. Sou engenheiro de segurança em *Luna City* e estou indagando que precauções se podem tomar neste batiscafo contra possíveis colisões com animais de grande porte.

Javan parecia embaraçado; e resmungou: - Na verdade, não houve incidentes.

- E espera-se algum? Mesmo como uma remota possibilidade?

- Não existe nada remotamente possível. Na realidade, os cachalotes são muito inteligentes para fazerem travessuras conosco e os calamares gigantes são muito tímidos.

- Eles podem nos ver?

- Sim, claro. Estamos iluminados.

- Temos holofotes?

- Já passamos do alcance dos grandes animais, mas temos holofotes e vou acendê-los para o senhor.

Foi assim que através do negror da janela, subitamente apareceu uma tempestade de neve, uma tempestade de neve às avessas, "caindo" para cima. A escuridão ficara viva com uma plêiade de estrelas tridimensionais, todas se movendo para cima.

- Que é isto? - perguntou Demerest.

- Matéria bruta, apenas. Matéria orgânica. Criaturinhas. Flutuam, não se movem muito e "apanham" a luz. Em relação a elas, estamos descendo, daí que parecem estar subindo.

O senso de perspectiva de Demerest assustou-se por si mesmo e ele disse: - Não estamos afundando depressa demais?

- Não, não estamos. Se estivéssemos, eu poderia usar os motores nucleares, se eu quisesse desperdiçar energia, ou poderia soltar algum lastro. É o que farei depois, mas por ora está tudo em ordem. Fique calmo, Sr. Demerest. Conforme mergulhamos, a "neve" fica mais fina e não é provável que vejamos muito dela, sob formas espetaculares de vida. Há uns pequenos peixes-diabos e outros que tais, mas eles nos evitam.

- Quantas pessoas você leva para baixo, de cada vez?

- Cabem até quatro passageiros nesta gôndola, mas assim ela fica superlotada. Podemos emendar dois batiscafos, e levar dez, mas não dá jeito. O que precisamos mesmo é de comboios de gôndolas, mais pesadas nos "monus", os motores nucleares, e mais leves nos flutuadores. Já me disseram que alguma coisa assim está sendo projetada nas pranchetas. É lógico que faz anos que vêm me dizendo isso.

- Quer dizer que há planos para uma grande expansão da *Profundeza do Oceano*?

- Sim, por que não? Se temos cidades nas plataformas continentais, por que não na profundidade do mar? A meu ver, Sr. Demerest, o homem deve ir onde puder - e irá. A Terra é nossa, para povoá-la, e a povoaremos. Só precisamos é de tomar habitável o fundo do mar e para isso precisamos de batiscafos completamente manobráveis. As câmaras de flutuação nos retardam, nos enfraquecem, complicam as técnicas.

- Mas também salvam a gente, não é? Se de uma hora para outra tudo pifar, a gasolina que você transporta ainda levará você flutuando até a superfície. Que é que você faria se os motores nucleares emperrassem e você não tivesse como flutuar?

- Se a coisa chegar a esse ponto, não é de se esperar que possamos eliminar completamente as possibilidades de um acidente, nem mesmo os fatais.

- Sei muito bem disso - retrucou Demerest, sensibilizado.

Javan ficou hirto. O tom de sua voz mudou.

- Desculpe. Eu não tinha nenhuma segunda intenção ao dizer isso. É penoso pensar naquele acidente.

- É - disse Demerest. Tinham morrido quinze homens e cinco mulheres. Uma das pessoas arroladas entre os "homens" tinha só catorze anos. Atribuiu-se o fato a falha humana. Depois disso, que poderia dizer um engenheiro-chefe de segurança?

- Sim - disse ele.

Como que uma mortalha se interpôs entre ambos, espessa e túrgida como a água pressionada do mar, lá fora. Como poderia alguém, simultaneamente, levar em conta pânico, desatenção e depressão? Havia aquilo que, estupidamente, se chamava de Moon-Blues e que atingia as pessoas em ocasiões inconvenientes. Nem sempre dava para perceber quando vinham os Moon-Blues, mas isto tomava os homens entorpecidos, lentos nas reações.

Quantas vezes aparecera um meteorito e fora evitado, atenuado ou absorvido com sucesso? Quantas vezes um lunamoto tinha causado danos e posto sob controle? Quantas vezes falhas humanas tinham sido suportadas e compensadas? Quantas ve-

zes tinham deixado de acontecer acidentes?

Mas ninguém amortiza acidentes que não estão acontecendo. Vinte mortos houve-ra...

- Luzes de *Profundeza do Oceano!* - disse Javan (sabe-se lá quantos minutos de- pois).

À primeira vista, Demerest não as distinguiu. Não sabia para onde olhar. Antes, por duas vezes, criaturas luminescentes tinham bruxuleado ao longo das janelas, à dis- tância e, com os holofotes desligados de novo, Demerest supusera que elas fossem o primeiro indício de *Profundeza do Oceano*. Agora ele não via nada.

- Lá embaixo - falou Javan, sem apontar. Estava ocupado, agora, diminuindo a des- cida e corrigindo a posição lateral do batiscafo.

Demerest podia ouvir os sons distantes dos jatos de água, dirigidos por uma cor- rente, com a corrente formada pelo calor de explosões momentâneas dos motores de fusão.

Atrapalhado, Demerest pensou: o combustível deles é o deutério, e está todo em tomo deles. E a água é a sua descarga, e está toda em torno deles.

Javan estava também descendo um tanto de seu lastro, e começava uma espécie de tagarelice distante.

- Em geral, o lastro é formado de bolinhas de aço, que são afundadas por contro- les eletromagnéticos. Em cada viagem usam-se umas cinquenta toneladas delas. Os conservacionistas se preocupam com a disseminação de ferrugem de aço na superfí- cie do oceano, de forma que mudamos para nódulos de metal que são dragados a partir da plataforma continental. Colocamos sobre as bolinhas uma fina camada de ferro, de forma que possam ser suspensas eletromagneticamente, nada permanecen- do no fundo do oceano que não fosse suboceânico. É mais barato, também... Mas, quando tivermos batiscafes nucleares de verdade, não precisaremos mais de lastro.

Demerest mal o ouvia. Agora podia-se ver a *Profundeza do Oceano*. Javan ligara os holofotes e bem lá embaixo estava o lodoso chão do Fosso de Porto Rico. Repou- sando naquele chão como um feixe de pérolas igualmente lodosas estava o conglo- merado esférico de *Profundeza do Oceano*.

Cada unidade era uma esfera como aquela em direção da qual agora Demerest afundava, em busca de contato, mas muito maior. E, à medida que a *Profundeza do Oceano* se expandia, expandia, expandia, novas esferas eram adicionadas.

Demerest pensou: Estão só a uns oito quilômetros de casa, não a quatrocentos mil quilômetros.

- Como é que você vai passar? - perguntou Demerest.

O batiscafo fizera contacto. Demerest ouviu o som cavo de metal contra metal, mas, então, durante uns minutos, nada houvera, a não ser um arranhão ocasional enquanto Javan se debruçava absorto sobre os instrumentos.

- Não se preocupe com isso - disse o outro, por fim, numa resposta que demorou para vir. - Não há problema. A demora de agora é só porque tenho de ter certeza de que vamos nos ajustar firmemente. Há uma junta eletromagnética que se sustém em todos os pontos, num círculo perfeito. Quando os instrumentos lêem corretamente, quer dizer que nos ajustamos à porta de entrada.

- E então ela abre?

- Abriria se houvesse ar do outro lado, mas não há. Existe água do mar, que tem de ser removida. Então é que entramos.

Demerest não se esqueceu disto. Para cá viera, no último dia de sua vida, para dar algum significado àquela mesma vida, e não tinha a intenção de perder nada.

Disse Demerest: - Por que acrescentar uma etapa a mais? Por que não manter o

ar fechado, se é que assim é, e ter ar no local a toda hora?

- Me disseram que é uma questão de segurança - disse Javan. - Sua especialidade. A interface tem igual pressão de ambos os lados e em todos os momentos, exceto quando estamos atravessando. Esta porta é a parte mais fraca de todo o sistema, porque se abre e fecha, tem articulações, tem soldaduras. Percebe o que quero dizer?

- Sim - murmurou Demerest. Havia aqui uma falha lógica e isto significava que havia uma possível fenda através da qual... mais tarde, porém.

- Por que estamos esperando agora? - perguntou.

- A câmara está sendo esvaziada. A água está sendo forçada a sair.

- Pelo ar.

- Não, diabos. Não se pode permitir desperdiçar ar deste jeito. Seriam precisas umas mil atmosferas para esvaziar a câmara e enchê-la com ar na mesma densidade. Mesmo temporariamente, é mais ar do que se pode desperdiçar. É a pressão do vapor que faz o trabalho.

- Claro, claro.

Alegre, Javan explicou: - Aquece-se a água. Pressão alguma no mundo pode impedir que a água se transforme em vapor a uma temperatura superior a 374°C. E o vapor força a água do mar a sair através de uma válvula de sentido único.

- Outro ponto fraco - comentou Demerest.

- Acredito que sim, mas também nunca falhou. A água na câmara está agora sendo expulsa. Quando o vapor quente começar a borbulhar para fora da válvula, o processo automaticamente se detém e a câmara está repleta de vapor superaquecido.

- E então?

- E então temos o oceano inteiro para esfriá-lo. A temperatura cai e o vapor se condensa. Uma vez isto pronto, pode-se deixar entrar ar comum à pressão de uma atmosfera e então a porta se abre.

- Quanto tempo teremos de esperar?

- Não muito. Se houvesse algo de errado, as sirenes estariam soando. Pelo menos, é o que eles dizem. Nunca ouvi uma soando.

Por uns poucos minutos, reinou o silêncio; de súbito, houve um ruído cortante e, simultaneamente, um safanão.

- Desculpe - disse Javan eu deveria tê-lo prevenido, mas estou tão acostumado que me esqueço. Quando a porta se abre, a pressão, do outro lado, de mil atmosferas, nos força contra o metal da *Profundeza do Oceano*. Força eletromagnética alguma poderia nos segurar para impedir esta pancada de um centésimo de polegada.

Demerest descerrou o punho e soltou a respiração, dizendo: - Está tudo em ordem?

- As paredes não se racharam, se foi ao que se referiu. Parece que a gente está aguardando uma sentença, não é mesmo? Pior ainda é quando a gente tem de sair e o ar enche de novo. Esteja preparado para isso.

Mas, de repente, Demerest sentiu-se extenuado. Vamos em frente, pensou. Não quero prolongar isto. E falou: - Podemos ir agora?

- Vamos atravessar.

A abertura na parede do batiscafo era redonda e pequena, menor até do que aquela através da qual tinham entrado. Sinuosamente, Javan entrou por ela, resmungando que aquilo sempre o fazia sentir-se como uma rolha numa garrafa.

Desde que tinha entrado no batiscafo, Demerest não sorrira. Nem agora estava sorrindo de verdade, mas um canto de sua boca se ergueu ao pensar que um escanzelado homem lunar não teria problemas.

Ele também passou, sentindo as mãos de Javan firmemente em sua cintura, auxiliando-o a passar.

- É escuro aqui - disse Javan. - Não adianta introduzir uma fraqueza adicional instalando fios para iluminação. Por isso mesmo é que inventaram pisca-piscas.

Demerest se achou numa parede perfurada, com sua superfície de metal inoxidável cintilando sombriamente. E através das perfurações ele podia distinguir a superfície ondulada da água.

- A câmara ainda não foi esvaziada - disse.

- Não dá para fazer outra coisa, Sr. Demerest. Se se for usar vapor para enchê-la, se se ficar com aquele vapor e obter as pressões necessárias para o esvaziamento, aquele vapor precisará ser comprimido até um terço da densidade da água líquida. Quando ele se condensa, a câmara permanece um terço cheia de água - mas é água à pressão de apenas uma atmosfera... Vamos, Sr. Demerest.

A fisionomia de John Bergen não era inteiramente desconhecida para Demerest. Reconheceu-o imediatamente. Como líder da *Profundeza do Oceano* havia já quase uma década, Bergen era um rosto familiar nos vídeos de TV da Terra - assim como os líderes de *Luna City* se haviam tomado familiares.

Demerest tinha visto o líder tanto em duas como em três dimensões, em preto e branco e em cores. Vê-lo em pessoa pouco acrescentava.

Como Javan, Bergen era, baixinho e atarracado: oposto em estrutura à tradicional (já tradicional?) aparência da fisiologia lunar. Era muito mais agradável do que Javan e seu rosto era notavelmente assimétrico, com alguma coisa de seu grosso nariz pendendo um pouco para a direita.

Não era elegante. Nenhum selenita pensaria que ele o era, mas então Bergen sorriu e o ambiente se desanuviou quando ele estendeu sua ampla mão.

Demerest retribuiu o gesto, preparando-se para um vigoroso aperto de mãos, que acabou não ocorrendo. Bergen aceitou a mão e deixou-a retirar-se dizendo, então: - Estou contente por você estar aqui. Não temos muito luxo, nada que faça nossa hospitalidade se destacar, nem mesmo podemos decretar um feriado em sua honra, mas as boas-vindas estão aqui. Bem-vindo!

- Obrigado - disse Demerest delicadamente. Não estava sorrindo agora, também. Estava diante do inimigo, e sabia disso - Logicamente Bergen também o sabia, já que o seu sorriso foi uma hipocrisia.

E naquele momento um clangor como de metal contra metal soou surdamente e a câmara estremeceu. Demerest pulou para trás e cambaleou contra a parede.

Bergen não se mexeu. Calmamente, disse: - Foi o batiscafo se desengatando e o estrondo do fecho de ar se enchendo. Javan deveria tê-lo prevenido.

Demerest arquejou e tentou acalmar seu coração, que disparara. - Javan me advertiu. De qualquer forma, fui apanhado de surpresa.

- Bem, durante algum tempo não acontecerá de novo - afirmou Bergen. - Não é comum termos visitantes, como sabe. Não estamos equipados para isso, e assim reprimos todas as espécies de figurões que pensam que um passeio aqui para baixo seria bom para suas carreiras. Principalmente políticos de todos os tipos. Agora, é natural que o seu caso seja diferente.

Será que é? pensou Demerest. Fora bastante difícil obter permissão para fazer esta viagem. Seus superiores, em *Luna City*, não haviam aprovado de início a ideia e haviam desdenhado o pensamento de que um intercâmbio diplomático tivesse qualquer utilidade. ("Intercâmbio diplomático", era como haviam rotulado.) E quando ele os

subjugara, tinha havido relutância da própria *Profundeza do Oceano* em recebê-lo.

Tinha sido a pura persistência - e só ela - que tornara possível sua visita. Em que sentido, então, o caso de Demerest era diferente?

- Você não teve também uns incômodos problemas em *Luna City*? - perguntou Bergen.

- Muito poucos - disse Demerest. - O político terrestre comum não está tão ansioso em fazer uma viagem de quase quatrocentos mil quilômetros, como está em fazer uma de apenas uns quinze quilômetros.

- Sei que é assim - concordou Bergen - e é lógico que é muito mais dispendioso ir para a Lua... Num certo sentido, este é o primeiro contacto entre o espaço exterior e o interior. Jamais um oceânico foi à Lua, ao que eu saiba, e você é o primeiro selenita a visitar uma estação submarina de qualquer espécie que seja. Jamais um selenita esteve sequer numa povoação na plataforma continental.

- Então é um encontro histórico - disse Demerest, tentando impedir que o sarcasmo dominasse sua voz.

Se algum sarcasmo extravasou, Bergen não deu a entender. Arreganhou os lábios como que para enfatizar sua atitude de informalidade (ou o fato de que estava muito ocupado, com muito pouco tempo para visitantes?), e disse: - Quer café? Acredito que comeu. Gostaria de descansar antes de eu lhe mostrar o que há por aqui? Quer se lavar para isso, como dizem eufemisticamente?

Durante um momento, a curiosidade agitou Demerest - uma curiosidade não inteiramente destituída de objetivo. Tudo que dissesse respeito ao contacto entre a *Profundeza do Oceano* e o mundo exterior poderia ter importância. - Como são as instalações sanitárias, aqui? - perguntou.

- A maior parte é reciclada; penso que na Lua também é assim. Se queremos ou temos de, podemos mandar para fora. O homem tem a péssima tradição de emporcalhar o ambiente, mas como única estação submarina o que expelimos causa um dano imperceptível. Até acrescenta matéria orgânica. - E riu.

Demerest também arquivou isto. A matéria era expelida; logo, havia tubos ejetores. Seu modo de trabalhar poderia interessar, e ele, como engenheiro de segurança, tinha o direito de se interessar.

- Não - disse - por ora não preciso de nada. Se estiver ocupado...

- Tudo bem. Sempre estamos ocupados, mas sou eu o menos ocupado, se entende o que quero dizer. Que tal mostrar-lhe o que há por aí? Temos umas cinquenta unidades aqui, cada qual tão grande quanto esta, algumas até maiores.

Demerest olhou em torno. Novamente, como no batiscafo, havia ângulos por toda parte, mas para além do mobiliário e do equipamento havia indícios da inevitável parede esférica externa. Cinquenta!

E Bergen prosseguiu: - Isto foi construído através do esforço de uma geração. A unidade em que estamos é na verdade a mais antiga, tendo-se até falado em demoli-la e substituí-la. Dizem alguns que estamos preparados para uma segunda geração de unidades, mas eu não estou certo disso. Seria dispendioso - aqui embaixo tudo é caro - e arrancar dinheiro do Conselho Planetário de Projetos é sempre uma experiência deprimente.

Demerest sentiu suas narinas involuntariamente se dilatarem e um espasmo de raiva o percorreu. Seguramente, era uma estocada. O mísero relacionamento de *Luna City* com o CPP devia ser bem conhecido por Bergen.

Mas, sem dar atenção, Bergen continuou. - Sou um tradicionalista, também - só que um pouco mais. Esta é a primeira unidade submarina que se construiu. As primeiras duas pessoas que permaneceram durante uma noite no fundo de um oceano,

numa fossa, dormiram aqui, sem nada mais além de sua despojada esfera, com apenas uma unidade portátil de fusão para fazer funcionar a unidade de escape. Estou falando da câmara de ar, mas nós a denominávamos de unidade de escape, de início - e apenas com os controles necessários para esta finalidade. Reguera e Tremont: eram eles os homens. Nunca mais fizeram uma segunda viagem ao fundo do mar, porém, depois disto, permaneceram no lado de cima para sempre. Bem, de qualquer maneira, cumpriram a missão que se tinham atribuído e ambos agora estão mortos. E aqui estamos nós, com cinquenta pessoas e por seis meses, tempo usual de permanência. Só passei duas semanas e meia no "lado de cima", no ano passado.

Moveu-se vigorosamente, para Demerest segui-lo, deslizou por uma porta giratória que se movia regularmente num vão e levou-o para a unidade seguinte. Demerest fez uma pausa para examinar a abertura. Não havia juntas visíveis entre as duas unidades adjacentes.

Bergen reparou na pausa do outro e disse: - Quando acrescentamos unidades, elas são soldadas sob pressão no equivalente a uma única peça de metal e, então, reforçadas. Não podemos nos arriscar, como bem sei que você compreende, já que ouvi dizer que você é o chefe da segurança...

Demerest interrompeu-o. - Sim. Na Lua, admiramos o índice de segurança de vocês.

Bergen sacudiu os ombros. - Temos tido sorte. Por falar nisso, aceite nossas condolências pelo que se passou com seus amigos. Quero me referir àquele fatal...

Novamente Demerest o interrompeu. - Sim.

E o selenita concluiu que Bergen ou era um sujeito volúvel ou, pior, estava louco para afogá-lo em palavras e ver-se livre dele.

- As unidades - disse Bergen - são dispostas numa cadeia bastante ramificada - na realidade, tridimensional. Temos um mapa, que poderemos lhe mostrar, se estiver interessado. A maioria das unidades terminais representam setores para descansar e dormir. Por uma questão de privacidade, entende? Já as unidades de trabalho tendem a ser corredores, o que é um dos embaraços com que temos de conviver cá embaixo.

- Esta é nossa biblioteca; ou melhor, parte dela. Não é grande, mas tem nossos arquivos em microfimes cuidadosamente indexados e computados. De forma que, em seu gênero, não só é a maior do mundo, mas também a melhor e a única. E temos um computador especial, programado para se incumbir das referências, exatamente em função de nossas necessidades. Ele recebe, seleciona, coordena, pesa, e então nos dá o essencial.

- Temos outra biblioteca, também, de livros-filme e mesmo alguns volumes impressos. Mas isto é para diversão.

Uma voz interrompeu o jovial fluxo de palavras de Bergen. - Posso interromper, John?

Demerest estremeceu; a voz viera detrás dele. - Annette! - disse Bergen - eu ia procurá-la. Este é Stephen Demerest, de *Luna City*. Apresento-lhe minha mulher, Annette, Sr. Demerest.

Demerest se voltara. Um pouco mecanicamente, entorpecido, disse: - Prazer em conhecê-la, Sra. Bergen. - Mas estava era observando a cinta da roupa dela.

Annette Bergen parecia ter pouco mais de trinta anos. Penteava com simplicidade o cabelo castanho e não estava maquilada. Demerest notou vagamente que ela era atraente, mas não bonita. Mas seus olhos iam e vinham na direção da cinta.

Ela sacudiu um pouco os ombros. - Estou grávida, sim, Sr. Demerest. Devo dar à luz dentro de uns dois meses.

- Desculpe-me - murmurou Demerest. - Foi uma indelicadeza de minha parte... Não queria... - Sentia-se enfraquecido como se o impacto de minutos atrás tivesse sido físico. Não esperava mulheres, apesar de não saber por que. Sabia que teria de haver mulheres na *Profundeza do Oceano*. E o piloto da embarcação lhe dissera que a esposa de Bergen estava com ele.

Gaguejando, falou: - Quantas mulheres há por aqui, Sr. Bergen?

- No momento, nove. Todas esposas. Esperamos um dia ter a proporção normal de uma para cada homem, mas, basicamente, ainda precisamos de pesquisadores e de trabalhadores e, a não ser que as mulheres tenham significativas qualificações de alguma espécie...

- Querido, todas elas têm importantes qualificações de alguma espécie - disse a Sra. Bergen. - Até que você poderia manter os homens trabalhando por mais tempo se...

Rindo, Bergen interveio: - Minha mulher é uma feminista empedernida, mas isto nada tem a ver com o uso do sexo como uma desculpa para reforçar a igualdade. Insisto em dizer a ela que esta é a maneira feminina de encarar os fatos, e não a maneira feminista, e ela continua a dizer. Bem, é por isso que ela está grávida. Pensa você que é amor, mania sexual, desejo de maternidade? Nada disto! Ela vai ter um bebê aqui por uma razão filosófica.

Friamente, Annette disse: - E por que não? Ou isto aqui será um lar para a humanidade, ou não será. Se é para ser, teremos bebês aqui, e ponto final. Quero um bebê nascido na *Profundeza do Oceano*. Não há bebês nascidos em *Luna City*, Sr. Demerest?

Demerest respirou profundamente. - Eu nasci em *Luna City*, Sra. Bergen.

- Bem que ela sabia disso - sibilou Bergen.

- E está quase com trinta anos, penso eu - disse ela.

- Tenho vinte e nove.

Com uma breve risada, Bergen disse: - Bem, disso também ela sabia. Pode apostar que ela verificou todos os dados possíveis a seu respeito, quando soube que você estava vindo.

- Isto é desviar-se do assunto - disse Annette. - O caso é que, nos últimos vinte e nove anos, pelo menos, nasceram crianças em *Luna City*, e nenhuma nasceu na *Profundeza do Oceano*.

- *Luna City* está estabelecida há mais tempo, meu bem - disse Bergen. - Já tem mais de meio século de idade, e nós não temos vinte ainda.

- Vinte anos já é bastante: leva nove meses para vir um bebê!

Demerest se interpôs: - Não há crianças na *Profundeza do Oceano*?

- Não - informou Bergen. - Um dia, talvez.

Com firmeza, Annette Bergen disse: - De qualquer maneira, dentro de dois meses.

A tensão aumentou no íntimo de Demerest e quando retornaram à unidade em que tinham se conhecido, ele se sentiu bem por poder se sentar e tomar um café.

- Logo comeremos - disse Bergen decidido. - Espero que não se incomode de ficar sentado aqui um pouquinho. Como unidade inicial, esta não é usada para muita coisa, com exceção, é claro, da recepção de embarcações, coisa que não espero que nos interrompa por um tempo. Se quiser, podemos conversar.

- Quero mesmo - disse Demerest.

- Espero que minha participação seja bem-vinda - falou Annette.

Com um olhar de dúvida, Demerest a olhou. Mas Bergen disse para ele: - Você tem de concordar. Ela se sente fascinada por você e pelos selenitas, de um modo geral. Ela pensa que eles são... ah... digamos, que vocês são uma nova cepa, e eu pen-

so que quando ela se cansar de ser uma mulher da Profundeza, ela quererá ser uma selenita.

- Não gosto de ouvir as coisas indiretamente, John, e, assim sendo, gostaria de ouvir o que o Sr. Demerest tem a dizer. Que pensa de nós, Sr. Demerest?

Cautelosamente, ele disse: Pedi para vir aqui, Sra. Bergen, por ser engenheiro de segurança. A *Profundeza do Oceano* tem um invejável índice de segurança...

- Em quase vinte anos não houve nenhum acidente fatal - disse Bergen jovialmente. - Só um acidente fatal nas instalações da plataforma continental, e nenhum em trânsito, seja por submarino, seja por batiscafo. Gostaria de poder dizer, com convicção, que isto é o resultado da sabedoria e cuidado de nossa parte. Lógico que fazemos o melhor que podemos, mas o azar tem estado conosco...

- John - disse Annette - gostaria mesmo que você deixasse o Sr. Demerest falar.

- Como engenheiro de segurança - disse Demerest - não me permito falar em sorte ou azar. Não podemos impedir que lunamotos ou grandes meteoritos atinjam *Luna City*, mas estamos preparados para minimizar mesmo os efeitos de acontecimentos como estes. Não há desculpas - ou não deveria haver - para falhas humanas. Não evitamos isto em *Luna City*; ultimamente, nossos índices têm sido... - sua voz hesitou - maus. Se bem que os seres humanos sejam imperfeitos, como todos nós sabemos, a maquinaria deveria ser construída de forma a levar em conta a imperfeição humana. Perdemos vinte homens e mulheres...

- Sei. Não obstante, *Luna City* tem uma população de quase mil pessoas, não é? A sobrevivência de vocês não está em perigo.

- Me incluindo, há novecentas e setenta e duas pessoas em *Luna City*, mas nossa sobrevivência está em perigo. Para o essencial, dependemos da Terra. Não precisaria ser sempre assim; já não precisaria mais ser assim se o Conselho Planetário de Projetos pudesse resistir à tentação de fazer miseráveis economias...

- Pelo menos nisto, Sr. Demerest, nós estamos de acordo - falou Bergen. - Não somos auto-suficientes, também, e poderíamos ser. E mais: não podemos progredir muito além de nosso atual nível a não ser que se construam batiscafos nucleares. Enquanto mantivermos o princípio de flutuação, estaremos limitados. O transporte entre a Profundeza e o que está em cima é lento; lento para as pessoas, mais lento ainda para material e suprimentos. Tenho batalhado, Sr. Demerest, para...

- Sim, e o senhor agora vai conseguir o que quer, Sr. Bergen, não é?

- Espero que sim, mas que é que o faz estar tão seguro?

- Vamos deixar de rodeios, Sr. Bergen. Sabe muito bem que a Terra e comprometeu a despender uma quantia fixa de dinheiro em projetos de expansão - em programas destinados a expandir o habitat humano - e isto não é uma quantia terrivelmente grande. A população da Terra não vai malbaratar recursos num esforço para expandir quer na direção do espaço externo, quer na direção do espaço interno, se ela pensar que isto prejudicará o conforto e a conveniência dos habitantes do habitat inicial da Terra, isto é, a superfície do planeta.

Annette se intrometeu. - O senhor dá a entender que os terrestres são uns empedernidos, Sr. Demerest, e isso não é justo. Não é uma característica humana apenas querer ter certeza? A Terra está superpovoada, e só conseguiu reparar um pouco da devastação que o Louco Século Vinte lhe infligiu. Com toda certeza, primeiro tem de ser levado em conta o habitat original do homem, antes quer de *Luna City*, quer da *Profundeza do Oceano*. Santo Deus! A *Profundeza do Oceano*, para mim, já é quase um lar, mas não posso querer que ela floresça às custas da superfície da Terra.

- Não é uma questão de ou isto ou aquilo, Sra. Bergen - disse Demerest com franqueza. - Se o oceano e o espaço exterior forem firme, honesta e inteligentemente

explorados, isto só poderá redundar em benefício para a Terra. Um pequeno investimento poderá ser perdido, mas um maior será recuperado com lucros.

Bergen ergueu a mão. - Sim, eu sei. A este respeito, você não precisa argumentar comigo: estaria tentando converter o convertido. Vamos comer. Vou lhe dizer o que comeremos. Comeremos aqui. Se passar a noite conosco, ou alguns dias, por causa deste assunto - é muito bem-vindo - haverá bastante tempo para conhecer a todos. Talvez seja o caso de você repousar um pouco, por ora.

- Nada disso disse Demerest. - Na verdade, gostaria de ficar aqui. Por falar nisto, gostaria de perguntar por que vimos tão poucas pessoas enquanto percorríamos as unidades.

- Não há mistério - respondeu Bergen com boa disposição. - A qualquer momento, uns quinze de nossos homens estão dormindo, e talvez uns quinze mais estão vendo filmes ou jogando xadrez, ou, se as esposas estão com eles...

- Sim, John - disse Annette.

- ... e o costume é não perturbá-los. Os aposentos são exíguos e a privacidade de que uma pessoa pode dispor tem de ser respeitada. Uns poucos estão lá fora, no mar; acho que três, neste instante. O que deixa coisa de uma dúzia a trabalhar, e você os encontrará.

- Vou providenciar o almoço - disse Annette, levantando-se.

Ela sorriu e passou pela porta, que se fechou automaticamente atrás dela.

Bergen olhou para onde ela se fora. - Isto é uma concessão. Está fazendo o papel de mulher em consideração a você. Comumente, caberia a mim providenciar a refeição. A escolha não é definida pelo sexo, mas meramente casual.

Demerest falou: - Parece-me que as portas entre as unidades são de uma força perigosamente limitada.

- Será?

- Se acontecer um acidente e uma unidade for perfurada...

- Aqui não há meteoritos - falou Bergen, sorrindo.

- Certo, certo, usei mal a palavra. Se houvesse uma fenda de qualquer tipo, por qualquer razão, poderiam então uma unidade ou grupo de unidades serem seladas contra a pressão total do oceano?

- Você quer dizer da maneira como em *Luna City* as unidades podem ser automaticamente fechadas em caso de uma perfuração por meteorito, de forma a limitar os danos a uma única unidade.

- Sim - disse Demerest com uma amargura opressiva. - Como não aconteceu, recentemente.

- Teoricamente, poderíamos fazer isto, mas as possibilidades de acidente são muito menores aqui em baixo. Como eu disse, não há meteoritos e, o que é mais, não há correntes de que falar. Mesmo um terremoto cujo epicentro estivesse imediatamente debaixo de nós não seria prejudicial, visto que não fazemos contacto fixo ou sólido com o solo abaixo de nós e o próprio oceano nos serve de almofada contra os choques. De forma que podemos contar com um influxo não maciço.

- Mesmo assim: e se um acontecesse?

- Nada teríamos para nos ajudar, então. Veja: não é fácil selar componentes de unidades aqui. Na Lua, há um diferencial de pressão de uma atmosfera; uma atmosfera dentro e a atmosfera zero do vácuo exterior. Basta uma vedação fina. Aqui, na *Profundeza do Oceano*, o diferencial de pressão gira em torno de mil atmosferas. Para garantir segurança absoluta contra esse diferencial seria preciso muito dinheiro e você sabe o que disse a respeito de arrancar dinheiro do CPP. É assim que temos jogado, e até agora temos sido bem sucedidos.

- E nós não temos - disse Demerest.

Bergen não parecia estar à vontade, mas neste momento ambos se distraíram com Annette, que chegou com o almoço, dizendo: - Espero que esteja preparado para uma refeição bem frugal. Toda nossa comida na *Profundeza do Oceano* é pré-emballada, precisando só ser esquentada. Aqui nos especializamos em amenidades e falta de surpresas, e a falta de surpresa do dia é um simples frango ao rei, com cenouras, batatas escaldadas, um pedaço de alguma coisa que parece ser um pudim, como sobremesa, e, naturalmente, quanto café quiser.

Demerest se ergueu para apanhar sua bandeja e tentou sorrir.

- Bem se parece com uma frugal refeição na Lua, Sra. Bergen, e fui criado desta maneira. Criamos nossa própria comida de microrganismos. É patriótico comer isto, embora não seja delicioso. Enfim, esperamos melhorar esta comida

- Tenho certeza de que a melhorarão.

Enquanto comia, mastigando lenta e metodicamente, Demerest disse: - Detesto falar a toda hora em minha especialidade, mas qual é seu grau de segurança no que se refere a contratemos na entrada fechada a ar?

- É o ponto mais fraco da *Profundeza do Oceano*. - Bergen terminara de comer, bem antes dos outros dois, e já tinha sorvido metade de sua primeira xícara de café. - Mas existe uma interface, certo? A entrada é tão automática quanto pudemos fazê-la, além de ser segura. Número um: tem de haver contacto em todos os pontos em torno do fecho externo antes que o gerador de fusão comece a aquecer a água dentro da eclusa. E mais: o contacto tem de ser metálico e de um metal exatamente com a mesma permeabilidade magnética que usamos em nossos batiscafos. Presumivelmente, uma rocha ou algum monstro mítico submarino poderia se aproximar e fazer contacto justo nos mesmos lugares; mas, se assim for, nada acontece.

- Então, também, a porta externa não abre até o vapor ter empurrado a água para fora e, então, ser condensado; em outras palavras, não até que a pressão e a temperatura tenham baixado até um certo ponto. No momento em que a porta externa começa a abrir, um aumento relativamente pequeno na pressão interna, como pela entrada de água, a fechará de novo.

Demerest disse: - Mas, então, uma vez que as pessoas passaram pela eclusa, a porta interna se fecha atrás delas e precisa-se deixar entrar água de novo na eclusa. Considerando-se a pressão total do oceano, lá fora, dá para fazer isso?

- Não muito - sorriu Bergen. - Não compensa lutar muito contra o oceano. Enfim, temos de dançar de acordo com a música. Diminuímos a entrada livre até um décimo, mas, mesmo assim, o ruído é como o do disparo de um rifle - mais alto, um estrondo de água, se preferir. A porta interna pode aguentá-lo, e não é submetida muito frequentemente ao esforço. Bem, ouça, você ouviu o estrondo da água quando nos conhecemos, quando o batiscafo de Javan saiu de novo. Lembra-se?

- Lembro - disse Demerest. - Mas há aqui uma coisa que não entendo. Você mantém a eclusa cheia de água do mar em elevada pressão todo o tempo para manter a porta externa sem esforço. Mas isto mantém a porta interna sob esforço total. Em algum lugar tem de haver um esforço.

- Sim, de fato. Mas se a porta externa, com um diferencial de mil atmosferas dos dois lados, se rompe, o oceano todo, com seus milhões de quilômetros cúbicos, tenta entrar e isso seria o fim de tudo. Se é a porta interna que está sob pressão e a coisa ocorrer, bem, será mesmo uma droga, mas a única água que entrará na *Profundeza do Oceano* será a quantidade muito limitada na eclusa, cuja pressão cairá imediatamente. Teremos muito tempo para os reparos, visto que a porta externa certamente aguentará por muito tempo.

- Mas se as duas simultaneamente
- Então estaremos liquidados - disse Bergen, dando de ombros. - Nem preciso lhe dizer que não existe nem certeza absoluta, nem segurança absoluta. Tem que se viver sob certo risco e a possibilidade de falha dupla e simultânea é tão microscopicamente pequena que pode ser posta de lado facilmente.

- Se seus aparelhos mecânicos falharem...

- São à prova de falha - falou Bergen teimosamente.

Demerest sacudiu a cabeça. Terminara de comer seu último pedaço de frango. A esposa de Bergen já estava começando a tirar os pratos. - Espero que desculpe minhas perguntas, Sr. Bergen.

- Não se incomode de perguntar. Se bem que, na verdade, não fui informado da natureza exata de sua missão aqui. "Descobrir fatos" é uma frase equivocada. Admito, todavia, que há na Lua um veemente sofrimento por causa do recente desastre e, como engenheiro de segurança, há de sentir-se na responsabilidade de corrigir quaisquer falhas que existam e há de estar interessado em aprender, se possível, com o sistema usado na *Profundeza do Oceano*.

- Exatamente. Mas, veja bem, se todos os mecanismos automáticos de segurança falharem, por alguma razão, por qualquer razão, você poderia estar vivo, mas todos os seus mecanismos de proteção, todas as suas escotilhas estarão fechadas permanentemente. Você estaria enjaulado dentro da *Profundeza do Oceano* e mudaria uma morte lenta por uma rápida.

- Não é provável que aconteça, mas tentaríamos proceder aos reparos antes de nosso suprimento de ar se esgotar. Além disso, temos um sistema manual de apoio.

- Como?

- Certamente. Quando a *Profundeza do Oceano* foi estabelecida e esta era a única unidade - esta em que agora estamos, sentados - os controles manuais eram tudo que tínhamos. Se quiser, isto era inseguro. Ali estão eles, logo atrás de você, cobertos com um plástico friável.

- Numa emergência, quebre o vidro - murmurou Demerest, inspecionando o conjunto coberto.

- Que foi que disse?

- Apenas uma frase usada comumente nos antigos sistemas de prevenção de incêndio... Bem, na verdade os controles manuais ainda funcionam, ou será que este sistema, coberto com plástico friável faz vinte anos chegou a um ponto tal de decadência que se tornou inútil sem ninguém perceber?

- De forma alguma. É verificado periodicamente; todo o nosso equipamento é. Não é minha tarefa pessoal, mas sei que é feito. Se algum circuito elétrico ou eletrônico avaria, acendem-se luzes, sinais soam, acontece tudo menos uma explosão nuclear... Sabe, Sr. Demerest, temos tanta curiosidade por *Luna City* como vocês têm pela *Profundeza do Oceano*. Suponho que tem a intenção de convidar um de nossos jovens...

- E por que não uma jovem - interpôs-se Annette imediatamente.

- Tenho certeza de que você quer dizer você mesma, querida - disse Bergen - ao que só tenho a replicar que você está decidida a ter o bebê aqui, e a aqui conservá-lo por um certo período após o nascimento, o que efetivamente tira você de cogitação.

Demerest, hirto, disse: - Esperamos que envie homens a *Luna City*. Estamos ansiosos por que vocês entendam nossos problemas.

- Sim, um intercâmbio de problemas e lágrimas derramadas nos ombros uns dos outros poderia ser um grande conforto para todos. Vocês, por exemplo, têm em Luna

City uma vantagem que eu gostaria de ter. Com baixa gravidade e um baixo diferencial de pressão, vocês podem fazer com que suas cavernas assumam qualquer aspecto e ângulo irregular que apele ao senso estético de vocês ou que seja necessário por conveniência. Aqui embaixo, estamos restritos à esfera, pelo menos no futuro próximo, e nossos projetistas acabaram adquirindo uma hostilidade para com a esfera que ultrapassa o crível. Na verdade, não é engraçado. Desanima a gente. Chegam mesmo a pedir demissão, em vez de continuarem a trabalhar esfericamente.

Bergen sacudiu a cabeça e inclinou o encosto de sua poltrona para um gabinete de microfílm. - Sabe - continuou, - quando William Beebe construiu a primeira câmara para o fundo do mar da História, lá por 1930, era apenas uma gôndola suspensa de um navio-mãe por quase um quilômetro de cabo, sem câmaras de flutuação nem motores, e, se o cabo se rompesse, até logo. Só que nunca se rompeu... De qualquer forma, que é que eu estava dizendo? Ah, quando Beebe construiu sua primeira câmara para o fundo do mar, queria fazê-la toda cilíndrica, pois, como sabe, assim uma pessoa se sentiria com conforto. Além do mais, um homem é, essencialmente, alto, magro, cilíndrico. Entretanto, um amigo dele convenceu-o a desistir da forma cilíndrica e a optar pela esférica, baseado nos argumentos muito sensatos de que uma esfera resistiria mais eficientemente à pressão do que qualquer outra forma possível. Sabe quem era este amigo?

- Não, acho que não.

- O homem que foi Presidente dos Estados Unidos ao tempo dos descendentes de Beebe: Franklin D. Roosevelt. Todas estas esferas que vê aqui em baixo são bisnetas da sugestão de Roosevelt.

Demerest levou em conta, por alguns momentos, o que lhe acabara de ser dito, mas não fez comentários. Retornou ao tópico anterior. - Gostaríamos particularmente que alguém da *Profundeza do Oceano* visitasse *Luna City* porque isto poderia conduzir à plena compreensão da necessidade, por parte da *Profundeza do Oceano*, de um tipo de ação que poderia envolver considerável auto-sacrifício.

- Como? - Os quatro pés da poltrona de Bergen como que se abateram ao mesmo tempo sobre o chão. - Como é que é?

- A *Profundeza do Oceano* é uma maravilhosa realização; não quero diminuí-la em nada. Vejo onde ainda se tomará maior, uma maravilha do mundo. Assim mesmo...

- O quê?

- Assim mesmo, os oceanos são apenas uma parte da Terra; a maior parte, mas apenas uma parte. E o fundo do mar é apenas uma parte do oceano. É seu espaço mais interior, efetivamente, atua para dentro, constantemente se apertando contra um ponto.

- Acho - interveio Annette, um tanto carrancuda - que está prestes a fazer uma comparação com *Luna City*.

- E estou mesmo - disse Demerest. - *Luna City* representa o espaço exterior, ampliando-se até o infinito. A longo prazo, aqui não há para onde ir; e toda parte para ir, de lá de fora.

- Não julgamos apenas pelo porte e pelo volume, Sr. Demerest - disse Bergen. - O oceano é somente uma pequena parte da Terra, certo, mas por essa mesma razão acha-se intimamente relacionado com mais de cinco bilhões de seres humanos. A *Profundeza do Oceano* é experimental mas os conjuntos nas plataformas continentais já merecem o nome de cidades. A *Profundeza do Oceano* oferece à humanidade a possibilidade de explorar todo o planeta...

Muito excitado, Demerest o interrompeu: - De poluir o planeta todo. De violentá-lo, de dar-lhe um fim. A concentração de esforço humano para a própria Terra é insa-

lubre e mesmo fatal, se não for equilibrada com uma reviravolta para o exterior, para a fronteira.

- Na fronteira não há nada - disse Annette, como que cuspidando as palavras. A Lua está morta, todos os outros mundos fora daqui estão mortos. Se há mundos vivos, em meio às estrelas, à distância de anos-luz, não podem ser atingidos. Este oceano é vivo.

- Também a Lua é viva, Sra. Bergen, e se a *Profundeza do Oceano* o permitir, a Lua se tornará um mundo independente. Então, nós, selenitas, procuraremos fazer com que outros mundos sejam atingidos e se tomem habitáveis, e basta que a humanidade tenha paciência e atingiremos as estrelas. Nós! Nós! Só nós, os selenitas, acostumados ao espaço, habituados a viver numa caverna, acostumados a um ambiente de maquinários, que poderia manter a vida numa espaçonave que poderá ter de viajar por séculos, até atingir as estrelas.

- Espere, Demerest, espere - disse Bergen erguendo a mão. - Calma lá! Que quer dizer com "Se a *Profundeza do Oceano* o permitir"? Que temos a ver com isso?

- Vocês estão competindo conosco, Sr. Bergen. O Conselho Planetário de Projetos se inclinará para o lado de vocês, lhes dará mais, porque, a curto prazo, como sua mulher diz, o oceano é vivo e a Lua, exceto para mil pessoas, é morta; porque vocês estão a dez quilômetros de distância e nós a quatrocentos mil; porque vocês podem ser alcançados em uma hora e nós só em três dias. E porque vocês têm um índice de segurança ideal e nós temos infortúnios.

- A última razão, seguramente, é trivial. Acidentes podem acontecer a qualquer tempo, em qualquer lugar.

- Mas o trivial pode ser usado - disse Demerest nervosamente. - Pode ser usado para manipular emoções. Para as pessoas que não vêem a finalidade e a importância da exploração espacial, a morte de selenitas em acidentes é prova suficiente de que a Lua é perigosa, de que sua colonização é uma fantasia inútil. Por que não? É a desculpa deles para pouparem dinheiro e eles podem aquietar a consciência investindo parte do dinheiro, em vez disso, na *Profundeza do Oceano*. É por isso que eu disse que o acidente na Lua ameaça a sobrevivência de *Luna City* mesmo que tenha matado apenas vinte pessoas de um total de quase mil.

- Não aceito seu argumento. Houve dinheiro bastante para ambos durante bastante anos.

- Dinheiro suficiente não. É isso mesmo. Não houve investimento suficiente para tomar a Lua auto-suficiente em todos estes anos, e então eles usam essa falta de auto-suficiência contra nós. Nem investimento suficiente para tomar também a *Profundeza do Oceano* auto-suficiente... Mas agora eles lhes podem dar o suficiente se nos cortarem completamente.

- Acha que isso acontecerá?

- Tenho quase certeza de que acontecerá, a não ser que a *Profundeza do Oceano* tome uma atitude que nem a de um estadista preocupado com o futuro do homem.

- Como?

- Recusando-se a aceitar fundos adicionais. Não competindo com *Luna City*. Colocando o bem de toda a espécie acima dos interesses pessoais.

- Lógico que você não pretende que nós desmantelemos...

- Não têm de fazer isto. Não vê? Junte-se a nós, explicando que *Luna City* é essencial, que a exploração espacial é a esperança da humanidade; que vocês esperam, que vocês - se necessário - cortarão despesas.

Bergen olhou para a esposa e franziu as sobrancelhas. Irritada, ela sacudiu a cabeça. - Você tem uma visão um tanto romântica do CPP, penso eu - afirmou Bergen. -

Mesmo que eu fizesse alocações nobres, de auto-sacrifício, quem diz que eles darão ouvidos? Nesta questão da *Profundeza do Oceano* há muito mais em jogo do que minha opinião e minhas declarações. Há considerações de ordem econômica e a opinião pública. Por que não se acalma, Sr. Demerest? *Luna City* não vai acabar. Vocês receberão verbas: estou certo disso. Tenho certeza disso, asseguro-lhe. Agora vamos acabar com isso...

- Não. Tenho de convencê-lo, de uma maneira ou de outra, que estou falando sério. Se necessário, *Profundeza do Oceano* precisa dar uma parada, a não ser que o CPP destine grandes verbas para ambas.

- Isto é uma espécie de missão oficial, Sr. Demerest? Está falando oficialmente em nome de *Luna City* ou apenas em seu próprio nome? - disse Bergen.

- Apenas falo em meu nome, mas talvez seja o bastante, Sr. Bergen.

- Não penso que seja. Lamento, mas a coisa está ficando desagradável. Depois de tudo isso, sugiro que talvez seja melhor que retorne lá para Cima no primeiro batiscafo.

- Ainda não, ainda não! - falou Demerest, olhando em torno como que alucinado. Levantou-se, então, trêmulo e encostou-se à parede. Ele era um pouco alto para o local e ele se tornara cômico de que a vida como que retrocedia. Um passo mais e ele teria ido longe demais para desistir.

Ele tinha dito, lá na Lua, que não adiantaria conversar, que não adiantaria parlamentar. Seria um entredevoramento pelas verbas disponíveis e o destino de *Luna City* não deveria ser abortado; não por causa da *Profundeza do Oceano*, não pela Terra; não, nem pela Terra toda, visto que a humanidade e o Universo vinham até mesmo antes da Terra. O homem precisa desenvolver seu útero e...

Demerest podia ouvir sua própria respiração desigual e o turbilhão íntimo de seus confusos pensamentos. Os dois o olhavam com uma aparência de preocupação. Annette levantou-se e disse: - Está se sentindo mal, Sr. Demerest?

- Ainda não. Sentem-se. Sou engenheiro de segurança e quero ensinar-lhes segurança. Sente-se, Sra. Bergen.

- Sente-se, Annette - disse Bergen. - Tomarei conta dele. - Ergueu-se e deu um passo à frente.

Mas Demerest disse: - Não, não se mova também. Estou sentindo alguma coisa em mim. Vocês são ingênuos demais no que diz respeito aos perigos humanos. Vocês se protegem contra o mar e contra falhas mecânicas, mas não revistam visitantes humanos, não é, Sr. Bergen? Tenho uma arma!

Agora que a coisa fora dita e que ele dera o passo final, do qual não havia retorno, visto que estava morto, fizesse o que fizesse. Demerest estava calmo.

- Oh, John - falou Annette, apertando o braço do marido. - Ele está...

Bergen pôs-se na frente dela. - Uma arma? Agora você me vem com essa? Calma, Demerest, calma. Não há razão para se exacerbar. Se quer conversar, conversemos. Que é isso?

- Nada de dramático. Um raio laser portátil.

- Mas que é que você quer fazer com ele?

- Destruir a *Profundeza do Oceano*.

- Mas você não pode, Demerest. Sabe que não pode. Não há energia suficiente que você possa armazenar num único feixe, que você possa sustentar, e que possa bombear calor suficiente para penetrar as paredes.

- Sei disso. Mas trago mais energia do que você pensa. Foi feito na Lua, e há algumas vantagens em fabricar unidades de energia no vácuo. Mas tem razão. Mesmo assim, este feixe se destina só a pequenos trabalhos e requer recarga frequente. De

forma que não tenho a intenção de cortar um centímetro que seja de liga de aço... Mas farei a coisa indiretamente - e por uma única razão: assim manterei vocês dois quietos. Tenho energia suficiente em meu cinturão para matar duas pessoas.

- Você não nos mataria - disse Bergen calmamente. - Não tem motivo para isso.

- Se é assim, se você está querendo dizer que não sou uma pessoa equilibrada, a ponto de fazer algo que represente minha loucura, esqueça isso. Tenho todos os motivos para matá-lo, e hei de matá-lo. Até por laser, se tivesse que fazê-lo, ainda que prefira não agir desse modo.

- Que adiantaria nos matar? Procure compreender-me. É por que recusei sacrificar verbas da *Profundeza do Oceano*? Nada mais poderia eu fazer. Na verdade, não sou o único a tomar decisões. E se me matar, isto não mudará a encaminhar a decisão na sua direção, não é mesmo? Na verdade, muito pelo contrário. Se um selenita assassinar, como isto se refletirá em *Luna City*? Considere as emoções humanas na Terra.

Havia um toque de pungência na voz de Annette quando ela também se pronunciou. - Não vê que haverá pessoas a dizer que a radiação solar na Lua tem efeitos prejudiciais? Que a engenharia genética, que reorganizou os ossos e músculos de vocês, afetou a estabilidade mental? Considere a palavra "lunática", Sr. Demerest. Tempo houve em que as pessoas acreditavam que a Lua trouxesse loucura.

- Não sou louco, Sra. Bergen.

- Não importa - disse Bergen, aproveitando brandamente a intervenção da esposa.

- As pessoas dirão que você era maluco; que todos os selenitas o são; e *Luna City* será fechada, e a própria Lua será fechada a qualquer exploração posterior, talvez para sempre. É isso que você quer?

- É o que poderia acontecer se pensassem que os assassinei, mas não acontecerá. Será um acidente. - Com seu cotovelo esquerdo, Demerest quebrou o plástico que cobria os controles manuais.

- Conheço unidades deste tipo - disse. - Sei exatamente como funcionam. Logicamente, se eu quebrar este plástico, aparecerá uma luz de advertência - de qualquer forma, ele poderia se quebrar acidentalmente - e então alguém viria aqui para investigar, ou, melhor ainda, os controles deveriam ser fechados até serem deliberadamente desbloqueados para haver certeza de que não quebrou-se o plástico por mero acidente.

Fez uma pausa. Depois, disse: - Mas tenho certeza de que ninguém virá; que não houve nenhum alarme. Seu sistema manual não é à prova de falhas porque, no íntimo, vocês estavam certos de que nunca seria usado.

- Que é que você planeja fazer? - perguntou Bergen.

Estava tenso e Demerest observava atentamente os joelhos dele. - Se tentar pular para cima de mim, mato-o na hora, e farei o que estava dizendo.

- Pelo jeito, nada tenho a perder.

- Perderá tempo. Deixem-me continuar sem interrupção e terão alguns minutos para continuarem a conversar. Poderão até me fazer mudar de opinião. Este é meu propósito. Não interfiram e lhes darei possibilidade de argumentarem.

- Mas que é que planeja fazer?

- Isto - disse Demerest. Sem olhar, sua mão esquerda se contorceu e fechou um contacto. - Agora, a unidade de fusão injetará calor na eclusa de ar e o vapor a encherá. Levará alguns minutos. Uma vez feito, tenho certeza de que um destes botões vermelhos de vidro se acenderá.

- Vai...

- Por que pergunta? Tendo ido tão longe, sabe que é minha intenção inundar a

Profundeza do Oceano.

- Por que? Mas por que, com os diabos?!

- Porque será considerado um acidente. Porque seus registros de segurança serão inutilizados. Porque será uma catástrofe completa, que sumirá com vocês. E então o CPP se afastará de vocês e o fascínio da *Profundeza do Oceano* terá desaparecido. Nós teremos as verbas; nós prosseguiremos. Se eu pudesse fazer com que isto se passasse de outra maneira, bem que o faria, mas as necessidades de *Luna City* são as necessidades da humanidade, que são prioritárias.

- Você também morrerá - tentou dizer Annette.

- Lógico. Uma vez que fui forçado a fazer uma coisa dessas, eu iria querer viver? Não sou um assassino.

- Mas será. Se inundar esta unidade, inundará toda a *Profundeza do Oceano*, a todos matará e condenará aqueles que estão lá fora, em submarinos, a uma morte mais lenta. Cinquenta homens e mulheres - e uma criança ainda por nascer..

- A culpa não é minha - disse Demerest, com visível dor. Não esperava encontrar uma mulher grávida aqui, mas mesmo a tendo achado, não posso me deter por causa disso.

- Mas você precisa parar - disse Bergen. - Seu plano não dará certo, a não ser que o que vai acontecer pareça mesmo um acidente. Acharão você com um emissor de raios na mão com os controles manuais claramente alterados. Não crê que deduzirão a verdade disso?

Demerest estava se sentindo muito cansado. - O senhor parece desesperado, Sr. Bergen. Ouça: quando a porta exterior se abrir, entrará água sob uma pressão de mil atmosferas. Será uma força destruidora maciça que tudo destruirá e destroçará em seu caminho. As paredes da *Profundeza do Oceano* permanecerão, mas tudo dentro delas será esvaquiado a ponto de se tornar irreconhecível. Os seres humanos serão tecidos, esfrangalhados, com os ossos reduzidos a pedacinhos. A morte será instantânea - nem será sentida. Mesmo que eu tivesse de queimá-los com o laser, nada restaria para mostrar o que aconteceu, de forma que não hesitaria, como vêem. Esta unidade manual, de qualquer forma, será despedaçada; tudo que eu fizer será apagado pela água.

- Mas... o emissor de raios, o revólver de laser... Mesmo danificado, será reconhecível - disse Annette.

- Usamos isto na Lua, Sra. Bergen. É uma ferramenta comum; é o equivalente ótico de uma navalha de mola. Sabe que posso matá-la com uma dessas navalhas, mas ninguém concluirá que uma pessoa que leva uma navalha, mesmo que a porte de lâmina estendida, está necessariamente planejando um assassinato: pode estar cortando alguma coisa... Além disso, um laser fabricado na Lua não é um revólver de projéteis. Não suporta uma explosão interna. É feito de metal fino, mecanicamente fraco. Depois de esmagado pelo estrondo da água, duvido muito de que se pareça com alguma coisa.

Para dizer tudo isto, Demerest não tivera de pensar. Durante meses meditara em todas as frases, de debate consigo mesmo, na Lua.

- Na verdade - continuou - como poderão os investigadores jamais saber o que se passou aqui? Enviarão batiscafos para investigar o que restou da *Profundeza do Oceano*, mas como poderão entrar sem primeiro recalcarem a água? Na verdade, terão de construir uma nova *Profundeza do Oceano*, e quanto tempo não levará isto? Talvez, dada a relutância pública de desperdiçar-se dinheiro, talvez nunca a reconstituam. Contentar-se-ão em deixar mergulhar no fundo do mar uma coroa de louros, em memória dos que morreram na *Profundeza do Oceano*.

Bergen disse: - Os homens de Lima City saberão do que você fez. Seguramente um deles terá consciência e a verdade será conhecida.

- Uma verdade - falou Demerest - é que não sou um louco. Ninguém em *Luna City* sabe do que planejei fazer ou suspeitará jamais do que fiz. Enviaram-me para cá para negociar cooperação no que tange às dotações financeiras. Vim para ponderar e para nada mais. Não há sequer um emissor de laser faltando lá em cima... Fabriquei este com peças que estavam sobrando... E funciona: testei-o.

Lentamente, Annette disse: - Pensou em tudo?... Sabe mesmo o que está fazendo?...

- Pensei na coisa em seus mínimos detalhes. Sei o que estou fazendo... E também sei que ambos estão conscientes do sinal luminoso. Estou certo disso. A câmara de ar está vazia e chegou a hora. Sinto muito.

Rapidamente, segurando seu emissor de raios tensamente, alto, fechou outro contacto. Uma parte circular da parede da unidade estalou, e um delgado crescente de metal maciamente se afastou.

Fora do alcance do canto de seu olho, Demerest viu a escuridão diante, mas não olhou. Dela provinha um úmido vapor salino; um odor esquisito de vapor morto. Ele imaginava mesmo poder ouvir o som mole da água se juntando no rés da eclusa.

- Numa unidade manual racional - disse Demerest - a porta externa agora teria de ser fechada. Com a porta interna aberta, nada poderia fazer a porta externa abrir. No entanto, suspeito de que os controles manuais foram postos juntos muito depressa, de início, por que esta precaução deveria ter sido tomada, e foram substituídos muito rapidamente por ter sido acrescentada aquela precaução. E se eu precisasse de mais provas disto, vocês não estariam sentados aí, tão tensos, se soubessem que a porta externa não se abriria. Preciso tocar um contacto mais e o estrondo da água virá. Nada sentiremos.

Annette disse: - Não o empurre, ainda. Tenho uma coisa mais a dizer. Você nos disse que teríamos tempo para persuadi-lo.

- Enquanto a água estivesse sendo empurrada para fora.

- Deixe dizer-lhe só isto: um minuto. Um minuto. Eu disse que você não sabia o que está fazendo. E não sabe mesmo. Você está destruindo o programa espacial, o programa espacial. E por espaço eu entendo mais do que espaço. - A voz dela se tornou pungente.

Demerest franziu as sobrancelhas. - De que é que está falando? Fale coisa com coisa ou acabarei com tudo. Estou cansado, estou assustado. Quero que isto acabe.

E Annette disse: - Você não está por dentro do que se passa nos bastidores do CPP. Nem meu marido está; mas eu estou. Pensa que por ser mulher sou uma figura secundária aqui? Não sou. Você, Demerest, tem seus olhos fixados tão-somente em *Luna City*. E meu marido tem os olhos dele fixados na *Profundeza do Oceano*. Vocês não sabem de nada.

- Mesmo que tivesse todo o dinheiro que quer, onde pensa o senhor que iria, Sr. Demerest? Para Marte? Para os asteroides? Para os satélites dos gigantes de gás? Todos estes mundos são pequenos; são todas superfícies secas debaixo de um céu vazio. Poderão passar gerações antes de estarmos prontos para as estrelas e até então teremos só corretagem de terrenos do tamanho dos pigmeus. É esta a sua ambição?

A ambição de meu marido não é melhor. Ele sonha em empurrar o habitat humano por sobre o chão do oceano, superfície não muito maior, em última análise, do que a da Lua e outros mundos pigmeus. Nós, do CPP, por outro lado, queremos mais do que vocês, e se apertar aquele botão, Sr. Demerest, o maior sonho que a humanida-

de já teve será reduzido a nada.

Demerest achou aquilo interessante, mesmo contra a sua vontade. Não obstante, disse: - Isso é só conversa fiada. - Era possível, ele sabia, que eles tivessem advertido outros, na *Profundeza do Oceano*, de que de alguma maneira alguém, num dado momento, viria interromper, alguém tentaria acabar com a Profundeza. Toda via, ele estava de olhos fixos na única abertura, e tinha de somente fechar um contato, mesmo sem olhar, num movimento que tomaria um segundo.

Annette disse: - Não estou com conversa fiada. Sabe que foi preciso mais de uma nave-foguete para colonizar a Lua. Para tornar possível uma colônia de sucesso, houve necessidade de alterar geneticamente pessoas e ajustá-las à baixa gravidade. E você é um produto desta engenharia genética.

- E daí?

- E a engenharia genética não poderia também ajustar as pessoas a uma maior atração gravitacional? Qual é o maior planeta do sistema solar, Sr. Demerest?

- Júpi...

- Sim, Júpiter. Onze vezes o diâmetro da Terra; quarenta vezes o diâmetro da Lua. Superfície cento e vinte vezes a da Terra; mil e seiscentas vezes a da Lua. Condições tão diferentes de qualquer coisa que encontramos em qualquer parte nos mundos do tamanho da Terra, ou menores, que qualquer cientista, de qualquer opinião, daria metade de sua vida para observar de perto.

- Mas Júpiter é uma meta impossível.

- É mesmo? - perguntou Annette, chegando mesmo a esboçar um sorriso. - Impossível como voar? Impossível por quê? A engenharia genética poderia planejar homens com ossos mais fortes e densos, com músculos mais fortes e compactos. Os mesmos princípios que circundam Luna City contra o vácuo e a Profundidade do Oceano contra o mar também protegem a futura Profundidade de Júpiter contra seus ambientes amoniacados.

- O campo gravitacional...

- Pode ser dominado por naves movidas a motores nucleares que agora estão nas pranchetas. Você não sabe, mas eu sei.

- Não estamos sequer seguros a respeito da profundidade da atmosfera. As pressões...

- As pressões! As pressões! Sr. Demerest, olhe em torno de si. Para que é que supõe que, verdadeiramente, a *Profundeza do Oceano* foi construída? Para explorar o oceano? As colônias nas plataformas continentais estão fazendo isso muito adequadamente. Para adquirirmos conhecimento sobre o fundo do mar? Poderíamos fazer isto facilmente por intermédio de batiscafos e poderíamos ter poupado os bilhões, centenas deles, investidos até o momento na *Profundeza do Oceano*.

- Não vê, Sr. Demerest, que a *Profundeza do Oceano* precisa significar alguma coisa mais do que isto? O propósito da *Profundeza do Oceano* é projetar as naves e mecanismos definitivos que bastarão para explorar e colonizar Júpiter. Olhe em tomo e verá os inícios de um ambiente jupiteriano - a aproximação mais correta a que conseguimos chegar na Terra. É apenas uma vaga imagem do poderoso Júpiter, mas é um começo.

- Destrua isto, Sr. Demerest, e destruirá qualquer esperança para Júpiter. Por outro lado, deixe-nos viver e, juntos, penetraremos e colonizaremos a mais brilhante joia do sistema solar. E, bem antes que possamos atingir os limites de Júpiter, estaremos prontos para as estrelas, para planetas do tipo daqueles que circundam a Terra e também planetas do tipo da Terra. *Luna City* não será abandonada, visto que ambos são necessários para este fim máximo.

Por um instante, Demerest esquecera tudo que se referisse ao último botão. - Ninguém em *Luna City* ouviu falar disto - murmurou.

- Vocês, não ouviram. Mas há pessoas em *Luna City* que ouviram. Se você lhes tivesse falado de seu plano de destruição, elas o teriam detido. Naturalmente, não podemos tornar isto público e, aqui e lá, só umas poucas pessoas podem saber. O público só com dificuldade apoia os projetos planetários ora em andamento. Se o CPP é parcimonioso é porque a opinião pública limita sua generosidade. Que pensa que a opinião pública diria se soubesse que nosso objetivo é Júpiter? Achariam isto o máximo da frivolidade. Mas nós continuamos e todo e qualquer dinheiro que podemos poupar nós o colocamos nas várias facetas do *Projeto Grande Mundo*.

- *Projeto Grande Mundo?!*

- Sim - confirmou Annette. - Agora você sabe e incide numa séria infração da segurança. Mas isto não tem importância, não é? Visto que estamos todos mortos, e o projeto também...

- Espere, Sra. Bergen.

- Se agora mudar de ideia, não pense que poderá algum dia falar do Projeto Grande Mundo. Isto poderia dar fim ao projeto com a mesma eficácia da destruição aqui. E terminaria tanto com a sua carreira como com a minha. Poderia dar cabo também de *Luna City* e da *Profundeza do Oceano*, de forma que, agora que sabe, talvez não faça diferença nenhuma, de qualquer maneira. Pode muito bem apertar o botão.

- Eu disse espere... - Sua testa estava vincada e seus olhos queimavam, angustiados. - Não sei...

Bergen se contraía para pular de súbito em cima de Demerest, cuja tensão alerta se transformava numa incerta introspecção, mas Annette agarrou a manga do esposo.

Um interminável intervalo, que poderia ter durado, na verdade, quando muito uns dez segundos, se seguiu e então Demerest estendeu seu laser. - Pegue-o - disse. - Considero-me preso.

- Se você for preso, toda a história se tomará pública - disse Annette. Ela pegou o laser e deu-o a Bergen. - Há tempo suficiente para que. você retorne a *Luna City* e se mantenha em silêncio. Até então, nós o manteremos sob nossa guarda.

Bergen estava nos controles manuais. A porta interna deslizou, após o que se ouviu o estrondo da água retornando à eclusa.

Marido e mulher estavam de novo sozinhos. Não tinham ousado dizer uma única palavra até que Demerest fosse posto cuidadosamente a dormir, por dois homens incumbidos dessa tarefa. O inesperado estrondo da água a todos despertara. E todos tinham recebido do incidente uma explicação expurgada dos detalhes, que não interessava revelar.

Agora, os controles manuais estavam selados. E Bergen disse: - De hoje em diante, os controles manuais terão de ser ajustados à prova de falhas. E os visitantes terão de ser revistados.

- Oh, John - disse Annette - acho que as pessoas são loucas. Lá estávamos nós, enfrentando a morte e a destruição da *Profundeza do Oceano*, o fim de tudo! E eu estive durante todo aquele tempo a pensar: "Preciso ficar calma, não posso ter um aborto."

- E você se manteve calmíssima: foi magnífica! O *Projeto Grande Mundo*... nunca pensei em algo assim, mas, por... por Júpiter, é uma ideia atraente! Maravilhosa!

- Sinto ter tido de dizer tudo aquilo, John. Foi uma simulação, claro. Invenção mi-

nha: Demerest queria que eu inventasse alguma coisa. Ele não era nem um assassino, nem um destruidor; era, lá na sua cabeça, um patriota. Penso que ele estava dizendo a si mesmo que tinha de destruir para salvar um ponto de vista bastante comum entre as pessoas mentalmente estreitas. Mas nos disse que nos daria tempo bastante para dialogarmos com ele e penso que ele estava rezando para que lhe conseguíssemos dizer qualquer coisa. Ele queria que nós pensássemos em alguma coisa que lhe desse uma desculpa para salvar... para que ele nos salvasse - e nós lha demos... Desculpe iludir você, John.

- Você não me iludiu.

- Não?!

- Como poderia? Sabia que você não é membro do CPP.

- Por que tem tanta certeza disto? Por eu ser mulher?

- De jeito nenhum. Porque eu sou membro, Annette, e isto é confidencial. E, se não se importa, vou começar a me mexer para fazer exatamente o que você sugeriu, o *Projeto Grande Mundo*.

- Bem... - Annette considerou o que ele disse e, lentamente, sorriu. - Bem... Não é mau... As mulheres têm de servir para algumas coisas...

- E isso aí - disse Bergen, sorrindo por sua vez - é algo que nunca neguei.

Ed Ferman, de F & SF, e Barry Malzberg, um dos mais brilhantes da nova geração de escritores de ficção científica, nos inícios de 1973 tinham em mente preparar uma antologia na qual muitos diferentes temas de ficção científica aparecessem, levados às últimas consequências. Para cada história eles ventilaram o assunto com algum escritor que estivesse associado a um tema em particular. E, naturalmente, para uma história que falasse de robótica, entraram em contacto comigo.

Tentei pular fora, com minhas usuais desculpas relativas a meu esquema de trabalho, mas me disseram que, se eu não escrevesse, não apareceria nenhuma história de robôs, porque não a pediriam a nenhuma pessoa mais. Isto me deixou constrangido e tive de concordar.

Tive então de dar tratos à bola para ver como é que chegaria às últimas consequências acima mencionadas. Sempre tinha havido um aspecto no tema dos robôs sobre o qual eu nunca tivera coragem de escrever, ainda que eu e o falecido John Campbell algumas vezes o tivéssemos discutido.

Nas primeiras duas Leis da Robótica, como podem ver, a expressão "ser humano" é usada. Depreende-se daí que um robô pode reconhecer um ser humano, ao ver um deles. Mas, o que é um "ser humano"? Ou, como o salmista pergunta a Deus, "Que é o homem para que Vos ocupeis dele?"

Com toda segurança, se houver alguma dúvida quanto à definição de homem, as Leis da Robótica necessariamente não se mantêm. Assim, escrevi "**Para que Vos ocupeis dele**", e Ed e Barry gostaram dela - e eu também. Não apenas apareceu na antologia, que se intitulou Final Stuge, mas também saiu no número de Maio de 1974 da F& SF



...Para que Vos Ocupeis Dele

As Três Leis da Robótica:

1. *Um robô não deve fazer inala um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano sofra qualquer mal.*
2. *Um robô deve obedecer a qualquer ordem dada por um ser humano, desde que essa ordem não interfira com a execução da Primeira Lei.*
3. *Um robô deve proteger a sua existência, desde que esta proteção não interfira com a Primeira e Segunda Leis.*

1.

Keith Harriman, que agora já contava com doze anos como Diretor de Pesquisas da United States Robots and Mechanical Men, Inc., achava que absolutamente não podia ter certeza se estava agindo certo. A ponta de sua língua passava sobre seus lábios, grossos mas um tanto descorados. E, para ele, parecia que a imagem holográfica da grande Susan Calvin, que estava acima dele, estática, sem sorrir, nunca lhe parecera antes tão sombria.

Pouco à vontade, ele apagou aquela imagem da maior roboticista da história porque ela o enervava. (Ele tentava encarar a imagem como sendo algo destituído de vida, mas nunca tivera sucesso nisso.) Desta vez ele nem sequer ousou e o olhar fixo dela, de há muito morto, perturbava-o, mesmo visto de esquelha.

Ele teria de dar um passo incômodo e humilhante.

Em frente dele estava **George Ten**, calmo, não afetado quer pela visível inquietação de Harriman, quer pela imagem da *santa padroeira* da robótica, a fulgurar em seu nicho, mais acima.

Harriman disse:

- Na verdade, **George**, não tivemos até agora oportunidade de falar abertamente sobre isto. Faz tanto tempo que você não tem estado conosco e não tive uma boa oportunidade de estar a sós com você. Agora, porém, gostaria de discutir o assunto com alguns detalhes.

- Bem que eu quero fazer isso - falou **George**. - Em minha permanência na U.S. Robots, cheguei a perceber que a crise tem alguma coisa a ver com as Três Leis.

- Sim. Naturalmente, você conhece as Três Leis.

- Conheço.

- Sim, sei que você conhece. Mas vamos escavar mais fundo e considerar o proble-

ma verdadeiramente básico. Em dois séculos de, permita-me dizê-lo, considerável sucesso, a U.S. Robots nunca tentou persuadir os seres humanos a aceitarem os robôs. Só colocamos robôs onde se exige trabalho que seres humanos não podem fazer, ou em ambientes que os seres humanos consideram inaceitavelmente perigosos. Os robôs têm trabalhado principalmente no espaço e isto limita o que temos sido capazes de fazer.

- Isso - falou **George** - com toda segurança representa um amplo limite, dentro do qual a U.S. Robots pode prosperar.

- Não, por duas razões. Em primeiro lugar, as fronteiras que nos são impostas inevitavelmente se contraem.

No caso da colônia na Lua, por exemplo, conforme ela se torna mais sofisticada, diminui sua necessidade de robôs, e até esperamos que, dentro de alguns anos, os robôs sejam banidos da Lua. E isto se repetirá em cada mundo colonizado pela humanidade. Em segundo lugar, a verdadeira prosperidade é impossível sem robôs na Terra. Nós, aqui na U.S. Robots, acreditamos firmemente que os seres humanos precisam de robôs e precisam aprender a viver com seus análogos mecânicos se se quiser manter o progresso.

- E eles não aprendem? O senhor tem em sua mesa, Sr. Harriman, um terminal de computador que, assim entendo, está ligado com o **Multivac** da organização. Um computador é uma espécie de robô sésil, sem pés, um cérebro de robô não ligado a um corpo...

- É verdade: mas isto também é limitado. Os computadores usados pela humanidade têm sido invariavelmente especializados para evitar humanizar demais uma inteligência. Um século atrás estávamos bem a caminho de uma inteligência artificial de tipo ilimitado através do uso de grandes computadores que denominávamos de Máquinas. Máquinas que limitavam sua ação de acordo com elas mesmas. Uma vez que elas resolveram os problemas ecológicos que ameaçavam a sociedade humana, elas próprias se defasaram. Continuarem a existir, assim raciocinaram, as colocaria no papel de muletas para a humanidade. E, uma vez que os robôs perceberam que isto magoaria os seres humanos, eles se condenaram a si mesmos, pela Primeira Lei.

- E eles estavam certos, ao agirem assim?

- Em minha opinião, não. Por sua ação, reforçaram o complexo de Frankenstein da humanidade, no íntimo, temem que qualquer homem artificial que criassem se voltaria contra seu criador. Os homens temem que os robôs possam substituir os seres humanos.

- E você próprio não receia isto?

- Sei mais do que isso: enquanto existirem as Três Leis da Robótica, não poderão. Poderão servir de parceiros da humanidade, podem tomar parte na grande luta para entenderem e sabiamente dirigirem as leis da natureza, de forma que, juntos, robôs e homens possam fazer mais do que os homens sozinhos. Mas sempre de uma maneira tal que os robôs sirvam aos seres humanos.

- Mas, se no decorrer de dois séculos as Três Leis provaram que conseguem manter os robôs dentro dos limites, qual a fonte do descrédito dos seres humanos para com os robôs?

- Bem - disse Harriman, cocando sua cabeça vigorosamente, de maneira tal que seus cabelos grisalhos se juntavam em tufos - mais por superstição, é claro. Infelizmente, há também alguns aspectos complexos em jogo, dos quais se aproveitam agitadores anti-robôs.

- Com relação às Três Leis?

- Sim, particularmente à Segunda Lei. Não há problema na Terceira Lei, como

sabe: ela é universal. Os robôs sempre precisam se sacrificar pelos seres humanos, qualquer ser humano.

- Logicamente - disse **George Ten**.

- Talvez a Primeira Lei seja menos satisfatória, visto que sempre é possível imaginar uma condição em que um robô precise desempenhar ou a Ação A ou a B, as duas sendo mutuamente restritas, sendo que qualquer uma das duas ações resultará em dano para seres humanos. Consequentemente, o robô precisa selecionar com rapidez qual das ações causará menor dano. Não é fácil exercitar os passos positrônicos do cérebro de um robô de maneira que ele possa fazer a possível seleção. Se a Ação A redundar em dano para um talentoso jovem artista e a B facilmente resultar num dano equivalente em cinco pessoas mais idosas sem mérito particular, qual ação será escolhida?

- A Ação A - falou **George**. - Dano para um é menos dano que para cinco.

- Sim, sempre os robôs foram planejados para decidirem dessa maneira. Sempre pareceu impraticável esperar que os robôs julgassem delicados aspectos como talento, inteligência, a utilidade geral de uma pessoa para a sociedade. Isto protelaria a decisão até um ponto tal em que o robô estaria efetivamente imobilizado. A isto chegamos por estatísticas. Felizmente, poucas são as crises em que os robôs precisam tomar decisões deste naipe... Isto, todavia, nos conduz à Segunda Lei.

- *A Lei da Obediência.*

- Sim: é constante a necessidade de obediência. Um robô pode existir durante vinte anos sem jamais ter de agir prontamente para impedir dano a um ser humano, ou se achar diante da necessidade de se arriscar a ser destruído. Contudo, durante todo este tempo, ele estará constantemente obedecendo a ordens... Ordens de quem?

- De seres humanos.

- De qualquer ser humano? Como pode você julgar um ser humano, a ponto de saber se deve obedecer-lhe ou não?!... Que é o homem, "para que vos ocupeis dele", **George?**

Neste ponto, **George** hesitou.

Apressadamente, Harriman retomou a palavra.

- Uma citação bíblica. Isto não importa. Quero dizer: um robô deve seguir as ordens de uma criança? Ou de um idiota? Ou de um criminoso? Ou de uma pessoa perfeitamente decente, inteligente, mas que aconteça de ser inábil e, por conseguinte, que ignore as conseqüências indesejáveis de uma ordem sua? E se dois seres humanos derem ordens conflitantes a um robô, qual delas o robô deverá seguir?

- Mas, em duzentos anos - falou **George Ten** - será que problemas deste tipo não se manifestaram e não foram resolvidos?

Sacudindo energicamente a cabeça, Harriman respondeu: - Não! Temos sido embaraçados pelo próprio fato de nossos robôs terem sido utilizados unicamente em ambientes especializados, lá fora, no espaço, onde os homens que com eles lidam são peritos em seus campos profissionais. Não há crianças, não há idiotas, não há criminosos, nem ignorantes bem intencionados presentes. Mesmo assim, ocasiões houve em que ocorreu dano devido a ordens idiotas ou simplesmente impensadas. Tais danos, em ambientes especializados e limitados, puderam ser refreados. Na Terra, entretanto, os robôs têm de ter discernimento, porque senão os diabos, aqueles que estão contra os robôs, continuam sustentando que estão certos.

- Então você precisa inserir no cérebro positrônico a capacidade de discernimento.

- Exatamente. Começamos a reproduzir os modelos **JG**, nos quais os robôs podem avaliar cada ser humano em relação ao sexo, idade, posição social e profissional, inteligência, maturidade, responsabilidade social e assim por diante.

- E como isto afetaria as Três Leis?
- A Terceira Lei, de maneira nenhuma. Mesmo o mais valioso dos robôs precisa se autodestruir em prol do mais inútil ser humano. Não podemos alterar isso. A Primeira Lei só é afetada quando qualquer ação alternativa produzir dano. A qualidade, assim como a quantidade de seres humanos em questão, precisa ser levada em consideração, desde que haja tempo para tal avaliação e base para ela, o que não será muito frequente. A Segunda Lei é que será a mais profundamente modificada, visto que cada obediência em potencial deve pôr em jogo um discernimento. A obediência do robô será mais lenta, exceto quando também estiver em questão a Primeira Lei, mas ele obedecerá mais racionalmente.
- Mas os discernimentos requeridos são muito complicados.
- Muito. A necessidade de proceder a tais discernimentos tornou tão lentas as reações de nossa primeira dupla de modelos, a ponto de se paralisarem. Nos modelos posteriores fizemos aperfeiçoamentos a custos da introdução de tantas novas trilhas no cérebro dos robôs que os seus cérebros se tornaram volumosos demais. Contudo, em nosso último par de modelos acredito que temos o que queríamos. O robô não tem de fazer um julgamento instantâneo sobre o mérito de um ser humano e o valor de suas ordens. Ele começa obedecendo a todos os seres humanos, como qualquer robô comum o faria, e então é que ele aprende. Um robô cresce, aprende, e amadurece. É o equivalente de uma criança e precisa estar sob constante supervisão. Porém, à medida que cresce, ele pode mais e mais ficar sem supervisão, na sociedade terrestre. Finalmente, é um membro pleno dessa sociedade.
- Seguramente isso responde às objeções dos que se opõem aos robôs.
- Não - replicou Harriman, irritado. - Agora antepõem outras objeções. Não aceitarão o discernimento dos robôs. Dizem que um robô não tem o direito de marcar esta pessoa como sendo inferior àquela. Se um robô aceita ordens de A preferencialmente às de B, está ferretando B, rotulando-o como menos importante do que A, e, neste caso, os direitos humanos de B foram violados.
- E qual é a resposta para isso?
- Nenhuma. Já desisti.
- Estou vendo...
- No que me toca... Transfiro-lhe o problema, **George**.
- Para mim? - A voz de **George Ten** permaneceu no mesmo tom. Havia nela uma branda surpresa, mas que não o afetava ostensivamente. - Por que para mim?
- Tensamente, Harriman se manifestou:
 - *Porque você não é um homem.* Eu lhe disse que quero que os robôs sejam parceiros de seres humanos. Quero que você seja meu parceiro.
- Num gesto singularmente humano, **George** ergueu as mãos e exibiu-as, com as palmas voltadas para o outro:
 - E que é que eu posso fazer?
 - Pode-lhe parecer, de início, que você não pode fazer nada, **George**. Não faz muito tempo que você foi criado: ainda é uma criança. Você foi planejado de modo a não ficar repleto de informações originais. Por isso tive de lhe explicar a situação com tantos detalhes, de forma a deixar espaço para desenvolvimento. Mas sua mente evoluirá e você será capaz de abordar o problema sob um ponto de vista não humano. Onde eu não vislumbrar solução, pode ser que você, de seu enfoque, divise uma.
 - Meu cérebro foi desenhado por seres humanos. De que maneira ele pode ser não humano, - indagou **George Ten**.
 - Você é o último dos modelos **JG, George**. Seu cérebro é o mais complicado que até hoje planejamos, de certa maneira mais sutilmente complicado do que o das ve-

lhas Máquinas Gigantes. Ele é aberto, e, começando com uma base humana, poderá, isto é, sem dúvida alguma, crescerá em qualquer direção. Permanecendo sempre dentro das intransponíveis fronteiras das Três Leis, não obstante você vir a se tornar completamente não humano em seu pensamento.

- Você conhece suficientemente seres humanos para abordar racionalmente esse problema? Sobre a história deles? A psicologia deles?

- Claro que não. Mas você poderá aprender tão rapidamente quanto é capaz.

- Terei ajuda, Sr. Harriman?

- Não. Este é um assunto inteiramente entre nós dois. Ninguém mais sabe disto e você não deve mencionar este projeto a nenhuma pessoa, seja na U.S. Robots, seja lá onde for.

George Ten disse:

- Será que estamos fazendo alguma coisa errada, Sr. Harriman, para o senhor querer manter isto em segredo?

- Não, mas uma solução robô não será aceita precisamente por ser originalmente robótica. Qualquer solução que você tenha a sugerir recairá sobre mim e, se me parecer válida, eu a apresentarei. Jamais alguém saberá que ela proveio de você.

- A luz do que você disse anteriormente, este é o procedimento correto... - disse

George Ten, calmamente. - Quando começo?

- Agora mesmo. Vou tomar as providências para que você tenha todos os filmes necessários para o exame da questão.

Harriman sentou-se, sozinho. No interior de seu escritório, artificialmente iluminado, não havia indicação de que lá fora escurecera. Ele não percebia, na verdade, que já se tinham passado três horas desde que conduzira **George Ten** de volta a seu cubículo, lá o deixando com os primeiros filmes de referência.

Estava agora sozinho, simplesmente com o fantasma de Susan Calvin, a brilhante roboticista que, praticamente sem ajuda de ninguém, fizera um robô positrônico evoluir de um brinquedo maciço para o mais delicado e versátil instrumento, tão delicado e versátil, que o homem não ousava usá-lo, por inveja e receio.

Agora já fazia mais de um século que ela falecera. O problema do complexo de Frankenstein existira no tempo dela, e ela nunca o resolvera. Nunca ela o tentara resolver, porque não havia necessidade. Nos tempos de Susan, a robótica se desenvolvera de acordo com as necessidades da exploração espacial.

Havia sido o próprio sucesso dos robôs que diminuía a necessidade que os homens tinham deles, e que tinha deixado Harriman, nestes últimos tempos...

Porém, Susan Calvin poderia ter se voltado para os robôs em busca de auxílio. Seguramente, poderia...

E lá ficou ele sentado, enquanto a noite decorria.

2.

Maxwell Robertson era o maior acionista da U.S. Robots, sendo assim seu superintendente. Sua aparência não era, de forma alguma, de impressionar. Já estava bem na meia-idade, um tanto rechonchudo. E tinha o costume de ficar mordendo o canto direito de seu lábio inferior quando estava perturbado.

De qualquer maneira, em suas duas décadas de relacionamento com pessoas do governo, ele tinha desenvolvido uma maneira de lidar com elas. Tinha a usar a delicadeza, cedendo, sorrindo, e sempre tentando ganhar tempo.

Mas as coisas estavam ficando difíceis - e uma das grandes razões para elas se tornarem difíceis era Gunnar Eisenmuth. Na série de Conservadores Globais, cujo poder era inferior somente ao do Executivo Global no decorrer do século anterior. Eisenmuth cortava caminho, cada vez mais, para a difícil e cinzenta área de um compromisso. Ele era o primeiro Conservador não nascido nos Estados Unidos e, se bem que não pudesse ser demonstrado de maneira alguma que o arcaico nome da U.S. Robots despertava sua hostilidade, todos na U.S. Robots acreditavam nisso.

Houvera uma sugestão - de alguma forma a primeira naquele ano - ou naquela geração - de que o nome da empresa fosse mudado para World Robots, mas Robertson nunca consentiria isto. Originalmente, a empresa tinha sido constituída com capital americano, cérebros americanos e trabalho americano, e a despeito de a empresa ter tido atuação mundial, por seu próprio escopo, por sua própria natureza, o nome teria de testemunhar a origem da empresa enquanto estivesse sob o controle dele, Maxwell.

Eisenmuth era um homem alto, com um rosto triste e alongado, com textura e feições grosseiras. Dizia "Global" com um pronunciado acento americano, se bem que nunca tivesse estado nos Estados Unidos antes de assumir o cargo.

- Para mim, isto parece perfeitamente claro, Sr. Robertson. Não há dificuldade. Os produtos de sua empresa são sempre alugados, nunca vendidos. Se não há mais necessidade do que é de sua propriedade e que está alugado na Lua, cabe ao senhor receber de volta os produtos e transferi-los.

- Sim, Conservador, mas onde? Seria contra a lei trazê-lo de volta à Terra sem permissão governamental e ela foi negada.

- Não seriam úteis para vocês aqui na Terra. Pode levá-los para Mercúrio ou para os asteroides

- E que é que faríamos com eles por lá?

Eisenmuth ficou carrancudo.

- Os inteligentes homens de sua empresa pensarão numa solução.

Robertson meneou a cabeça.

- Isso representaria uma enorme perda para a U. S. Robots.

- Receio que sim - retrucou Eisenmuth, sem se deixar demover. - Estou sabedor de que a U.S. Robots há vários anos tem tido prejuízos.

- Em grande parte, Conservador, devido às restrições governamentais.

- O senhor precisa ser realista, Sr. Robertson. Bem sabe que o clima da opinião pública é cada vez mais contra os robôs.

- O que está muito errado, Conservador.

- Mas assim são as coisas. Seria mais inteligente encerrar as atividades da empresa. Naturalmente que isto é uma mera sugestão.
 - Mas suas sugestões têm força, Conservador. Será necessário dizer-lhe que nossas Máquinas, um século atrás, resolveram a crise ecológica?
 - Estou certo de que a humanidade está grata, mas isso foi há cem anos atrás. Vivemos agora em aliança com a natureza, mesmo que isto de vez em quando seja desconfortável, e o passado está obscurecido.
 - Está querendo dizer... pelo que fizemos ultimamente pela humanidade?
 - Acredito que sim.
 - Mas de maneira alguma se pode crer que encerramos de uma hora para outra nossas atividades, não sem enormes prejuízos. Precisamos de tempo.
 - Quanto?
 - Quanto tempo pode nos dar?
 - Não depende de mim.
- Delicadamente, Robertson disse:
- Estamos sozinhos. Não podemos brincar. Quanto tempo pode nos dar?
- A expressão de Eisenmuth era a de uma pessoa refugiando-se em si mesma, para cálculos bem lá no seu íntimo.
- Penso que pode contar com uns dois anos. Serei franco: o governo global pretende assumir o controle da U. S. Robots e pôr você para fora, se você não se retirar antes. Mais ou menos, é isto que pretendem. E, a não ser que haja uma enorme mudança na opinião pública, coisa de que duvido muito... - e mexeu a cabeça para um lado e para o outro.
 - Dois anos, então - disse Robertson delicadamente.

Robertson sentara-se, sozinho. Não havia propósito no que pensava, e seu raciocínio acabara virando retrospectão. Quatro gerações de Robertsons tinham dirigido a empresa, sendo que nenhum deles era roboticista. Tinha havido homens como Lanning e Bogert, e, acima de tudo, acima de todos, Susan Calvin, que tinha feito da U. S. Robots o que ela era. Era certo, contudo, que os quatro Robertsons tinham propiciado o clima que tornara possível o trabalho deles.

Sem a U.S. Robots, o Século Vinte e um teria caminhado para um crescente desastre. Isto não se devia às Máquinas que, por uma geração, haviam guiado a humanidade em meio às corredeiras e aos escolhos da história.

E, para isto, davam-lhe agora dois anos. Que se poderia fazer, em dois anos, para vencer os insuperáveis preconceitos da humanidade? Ele não sabia.

Esperançosamente, Harriman falara sobre novas idéias, sem entrar em detalhes, porém. E pela simples razão de que Robertson não entenderia patavina.

De qualquer forma, porém, que poderia Harriman fazer? Que é que alguém jamais tentara fazer contra a intensa antipatia que as pessoas sentiam contra a U.S. Robots?! Nada...

Robertson mergulhou numa sonolência que nenhuma inspiração lhe trouxe.

3.

- Agora você tem tudo, **George Ten** - disse Harriman. - Está de posse de tudo quanto penso que seja aplicável ao problema. No que diz respeito à informação pura propriamente dita, você já armazenou mais em sua memória sobre os seres humanos e seu modo de ser, no passado e no presente, do que eu ou qualquer ser humano poderia ter feito.

- É bem provável que seja assim.

- Você acha que precisa de alguma coisa mais?

- No que tange a informações, não vejo "furos" evidentes. Pode ser que, nos limites, haja assuntos em que ainda não cogitamos. Não sei dizer. Mas isso sucederia por maior que fosse o círculo de informações que eu recebesse.

- É verdade. Nem nós teremos mais tempo para recolher novas informações. Robertson me falou que temos apenas dois anos e a quarta parte desses dois anos já se escoou... Tem algo a sugerir?

- Por ora nada, Sr. Harriman. Preciso sopesar as informações e para tanto preciso de ajuda.

- Minha?

- Não, não particularmente do senhor, porque o senhor é um ser humano altamente qualificado e o que quer que me diga terá a força parcial de uma ordem que poderá inibir minhas deliberações. E também não é ajuda de nenhum outro ser humano, pela mesma razão e, especialmente, porque me proibiu de me comunicar com qualquer ser humano.

- Mas, neste caso, **George**, que ajuda?

- De outro robô, Sr. Harriman.

- Que outro robô?

- Foram construídos outros robôs da série **JG**. Sou o **JG-10** e, portanto, o décimo.

- Os primeiros não serviam para nada, eram experimentais...

- Existe **George Nine**.

- Está certo, mas para que serviria ele? Descontando certas coisas que faltam a ele, parece-me muito com você. Você é consideravelmente mais versátil do que ele.

- Eu sei disso - falou **George Ten**, meneando com gravidade a cabeça. - Não obstante, assim que eu crie uma linha de pensamento, o mero fato de eu criá-la faz com que a aprove, sendo-me difícil pô-la de lado. Se eu puder, após desenvolver uma linha de pensamento, exprimi-la a **George Nine**, ele a consideraria sem a ter criado. Destarte, ele a encararia sem preconceitos. Poderia ver faltas e falhas que eu não vejo.

Harriman sorriu.

- Em outras palavras, duas cabeças pensam melhor que uma, hem, **George**?

- Se com isso, Sr. Harriman, o senhor quer dizer duas pessoas pensando com uma cabeça só, sim.

- Certo. Quer mais alguma coisa?

- Sim, algo mais do que filmes. Ponderei muito sobre os seres humanos e seu mundo. Tenho observado as pessoas aqui na U.S. Robots e posso aquilatar minha interpretação do que tenho visto confrontada com minhas impressões sensoriais. O

mesmo não se aplica ao mundo físico. Nunca o vi, mas a ideia que tenho basta para me dizer que de maneira alguma o que aqui me rodeia representa o mundo físico. Gostaria de vê-lo.

- O mundo físico? - Harriman pareceu atordoado com a grandeza daquele pensamento, por um momento. - Não está querendo me sugerir que eu leve você para fora das instalações da U.S. Robots?

- Sim, essa é minha sugestão.

- Isso sempre foi ilegal. E, no clima em que está a opinião pública hoje em dia, seria fatal.

- Isso se formos detectados. Não estou sugerindo que me leve a uma cidade ou mesmo a uma casa. Gostaria de ver alguma região aberta, sem seres humanos.

- Isso também é ilegal.

- Se formos apanhados. Mas precisamos ser?...

- Mas será que isso é absolutamente indispensável, **George**? - perguntou Harriman.

- Não sei dizer, mas me parece que seria útil.

- Em que está pensando?

George Ten pareceu hesitar.

- Não sei dizer, mas me parece que alguma coisa poderia me vir à mente se fossem reduzidas certas áreas de incerteza.

- Bem, deixe-me pensar no caso. E, entretantes, vou me informar sobre **George Nine** e providenciar para que vocês dois ocupem o mesmo cubículo. Pelo menos isto pode ser feito sem problemas.

George Ten sentou-se, sozinho.

Aceitava afirmações experimentalmente, reunia-as e esboçava uma conclusão, repetidas vezes. E, a partir das conclusões, elaborava outras afirmações, que aceitava e testava, e nas quais achava uma contradição, rejeitando-as em seguida, ou não achava contradição e passava adiante, experimentalmente.

Não se sentia entusiasmado por nenhuma das conclusões a que chegara, nem surpresa ou satisfação, apenas um tom de mais ou menos.

4.

Mesmo após terem aterrissado silenciosamente na propriedade de Robertson, não diminuía visivelmente a tensão de Harriman.

Robertson tinha assinado, como ratificação, a ordem, pondo à disposição o dinafólio e a silenciosa aeronave, que com a mesma facilidade se movia na horizontal e na vertical, era suficientemente ampla para suportar o peso de Harriman, de **George Ten**, e, logicamente, também o do piloto.

(O próprio dinafólio era uma das conseqüências da invenção, catalisada pela Máquina, da micropilha protônica, que fornecia energia isenta de poluição, em pequenas doses. Para o conforto humano, nada de igual importância tinha sido feito; não obstante, não havia gratidão para com a U. S. Robots. Os lábios de Harriman se crisparam quando ele se lembrou disso.)

O voo entre as instalações da fábrica e a propriedade de Robertson era a parte arriscada. Tivessem sido detidos, e a presença de um robô a bordo teria significado um monte de complicações. Na volta, seria a mesma coisa. Quanto à permanência na propriedade, poder-se-ia argumentar - esse argumento seria usado - que aquela era parte dos terrenos da U. S. Robots, e nesses terrenos, adequadamente supervisionados, os robôs poderiam muito bem permanecer.

O piloto olhou para trás e seus olhos se detiveram com prudente brevidade, em **George Ten**.

- Vai descer mesmo, Sr. Harriman?

- Sim.

- O robô também?

- Claro. - E acrescentou, um tanto ironicamente: - Não vou deixar você sozinho com ele...

Primeiro desceu **George Ten**. Harriman seguiu-o. Tinham descido no folioporto e o jardim não estava muito longe. Era uma verdadeira "exposição" e Harriman desconfiava que Robertson fazia uso de hormônios juvenis para controlar a vida dos insetos, sem dar muita atenção a fórmulas ambientais.

- Venha, **George** - disse Harriman. - Vou lhe mostrar. Juntos, caminharam na direção do jardim.

- É um pouco como eu imaginava - afirmou **George**. - Meus olhos não são planejados para detectarem diferenças de comprimento de onda, de forma que não posso distinguir objetos diferentes por si sós.

- Confio em que você não ficará zangado por ser cego a cores. Precisávamos de muitas trilhas positrônicas para seu senso de julgamento e fomos incapazes de desperdiçar quaisquer trilhas para a sensação de cor. No futuro, se houver futuro...

- Eu compreendo, Sr. Harriman. Subsistem diferenças bastantes para que eu me aperceba de que há aqui muitas formas diferentes de vida vegetal.

- Sem a menor dúvida. Dúzias delas.

- Cada uma das quais, biologicamente co-igual ao homem.

- Sim, cada qual é uma espécie separada. Há milhões de espécies de criaturas vivas.

- Das quais os seres humanos são apenas uma espécie.

- Entretanto, de longe, os mais importantes dentre os seres vivos.
- E para mim, Sr. Harriman. Mas estou falando no sentido biológico.
- Entendo.
- De forma que, encarada através de todas as suas manifestações, a vida é incrivelmente complexa.
 - Sim, eis aí o ponto crucial do problema. Aquilo que o homem faz por seus próprios desejos, para seu próprio conforto, afeta a totalidade do complexo dos seres vivos, a ecologia, e seus ganhos a curto prazo trazem desvantagens a longo prazo. As máquinas nos ensinaram a construir uma sociedade humana que minimizaria as desvantagens, mas o quase desastre do Século Vinte e Um fez com que a humanidade passasse a desconfiar das inovações. Isto, acrescentado ao temor especial para com os robôs...
 - Compreendo... Estou certo de que isto seja um exemplo de vida animal.
 - É um esquilo, uma das muitas espécies de esquilo.
A cauda do esquilo se agitou quando ele passou para o outro lado da árvore.
 - E isto - disse **George**, enquanto seu braço se movia com grande rapidez - é mesmo uma coisinha pequena. - Ele tinha a "coisinha" em seus dedos e a examinava detidamente.
 - É um inseto, uma espécie de besouro. Há milhares de espécies de besouros.
 - Sendo que cada um dos besouros é tão vivo quanto você e o esquilo?
 - É um organismo tão completo e independente como qualquer outro, no conjunto total da ecologia. Há organismos menores ainda: muitos são pequenos demais para serem vistos.
 - E isto é uma árvore, não é mesmo? Ela é dura ao toque...

O piloto estava sentado, sozinho! Bem que ele gostaria de esticar as pernas, mas um sombrio senso de segurança o fazia manter-se no aerofólio. Se aquele robô escapasse do controle, decolaria imediatamente. Mas, como saber se ele estava fora de controle?

Tinha visto muitos robôs. Inevitável, visto que era o piloto particular do Sr. Robertson. Todavia, sempre os robôs estavam nos laboratórios e nos depósitos a que pertenciam, com muitos especialistas por perto.

Era verdade: o Dr. Harriman era um especialista. Ninguém melhor que ele, diziam. Mas, um robô aqui, estava era num lugar onde nenhum robô deveria estar: na Terra, num espaço aberto, livre para se mover... Ele, o piloto, não arriscaria seu bom emprego contando a quem quer que fosse o que presenciava - mas que não estava certo, não estava.

5.

George Ten disse:

- Em termos do que ora estou vendo, os filmes que vi eram bem exatos. Já terminou os que selecionei para você, **Nine**?

- Sim - disse **George Nine**. Os dois robôs estavam sentados hirtos, face a face, joelho a joelho, como uma imagem e seu reflexo. Num relance, o Dr. Harriman poderia dizer quem era um e quem era outro, pois estava familiarizado com as menores diferenças no desenho físico. Mesmo que não pudesse vê-los, mas pudesse falar-lhes, ainda poderia distinguir um do outro, ainda que com um pouco menos de certeza, pois as respostas de **George Nine** seriam sutilmente diferentes das produzidas pelos modelos positrônicos das trilhas do cérebro de **George Ten**, que era substancialmente mais intrincado.

- Neste caso - disse **George Ten** - dê-me suas reações ao que vou lhe dizer. Primeiro: os seres humanos temem os robôs e não crêem neles porque os encaram como competidores. Como se pode impedir isto?

- Reduzindo-se o senso de competição - falou **George Nine** - modelando-se o robô de uma forma diferente da do ser humano.

- Assim mesmo, a essência de um robô é sua reprodução positrônica da vida. Uma réplica da vida numa forma não associada a ela, poderia despertar horror.

- Existem dois milhões de formas de espécies de vida. Por que não escolher uma dessas espécies como forma em vez de a de um ser humano?

- Qual dessas espécies?

Os processos de pensamento de **George Nine** funcionaram sem ruído durante uns três segundos.

- Uma forma suficientemente larga para conter um cérebro positrônico, mas nenhuma que possua associações desagradáveis para os seres humanos.

- Nenhuma forma de vida terrestre possui uma caixa craniana suficientemente grande para um cérebro positrônico, a não ser a do elefante, que não vi, mas que é descrito como sendo muito grande e, portanto, assustador para o homem. Como você enfrentaria este dilema?

- Vamos imitar uma forma de vida que não seja maior do que um homem mas com uma caixa craniana maior.

George Ten disse:

- Então, um cavalo, ou um cachorrão, digamos? Tanto os cavalos como os cachorros têm antigas histórias de associação com os seres humanos.

- Então está bem.

- Mas, vejamos... Um robô com um cérebro positrônico imitaria a inteligência humana. Se houvesse um cavalo ou um cachorro que pudesse falar e raciocinar como um ser humano, também haveria competitividade. Os seres humanos poderiam até ficar mais descrentes e irritados ainda com esta inesperada competição do que eles consideram uma forma inferior de vida.

- Façamos um cérebro positrônico menos complexo e o robô menos inteligente - falou **George Nine**.

- O ponto mais complexo do caso do cérebro positrônico está nas Três Leis. Um

cérebro menos complexo não poderia possuir as Três Leis em sua plenitude.

Imediatamente, **George Nine** replicou:

- Isso não pode ser feito!

- Também cheguei a este beco sem saída - afirmou **George Ten**. - Quer dizer que isto, então, não é uma peculiaridade de minha linha de pensamento, de minha maneira de pensar... Vamos começar tudo de novo... Em que condições a Terceira Lei não seria necessária?

Como se a pergunta fosse difícil e perigosa, **George Nine** se agitou. De qualquer forma, acabou dizendo:

- Se um robô nunca fosse colocado numa posição de perigo para si mesmo ou se um robô fosse tão facilmente substituível, que não fizesse diferença se ele fosse destruído ou não.

- E em que condições poderia a Segunda Lei não ser necessária?

A voz de **George Nine** soou um tanto roufenha.

- Se um robô fosse planejado para responder automaticamente a certos estímulos com respostas fixas e se não esperassem mais nada dele, de forma que jamais fosse necessário lhe dar uma ordem.

- E em que condições... - aqui, **George Ten** fez uma pausa - poderia a Primeira Lei não ser necessária?

Foi mais longa, desta vez, a pausa de **George Nine**, e suas palavras vieram num sussurro:

- Se as respostas fixas fossem de natureza tal que jamais acarretassem perigo para seres humanos.

- Imagine, então, um cérebro positrônico que apenas guia umas poucas respostas para certos estímulos, fabricado com simplicidade e a baixo custo, de forma a não requerer as Três Leis. Quão grande precisaria ser um cérebro assim?

- O tamanho não é uma questão primordial. Dependendo das respostas exigidas, poderia pesar uns cem gramas, um grama, um miligrama.

- Seus pensamentos coincidem com os meus. Vou falar com o Dr. Harriman.

George Nine ficou sentado, a sós. Vezes e mais vezes pensou nas perguntas e nas respostas. Não havia como modificá-las. Não obstante, pensar num robô de qualquer espécie, de qualquer tamanho, de qualquer formato, destinado a qualquer finalidade, sem as Três Leis, lhe dava uma sensação esquisita, de perda de alguma coisa.

Estava com dificuldade para se mover. Com toda segurança, **George Ten** devia estar com uma reação similar. Mesmo assim, conseguira erguer-se facilmente de seu assento.

6.

Fazia um ano e meio que Robertson e Eisenmuth tinham estado trancafiados, sozinhos, a conversar. Entrementes, os robôs tinham sido retirados da Lua e todas as extensas atividades da U. S. Robots tinham definhado. Todo o dinheiro que Robertson tinha sido capaz de arranjar tinha sido investido no quixotesco investimento de Harriman.

Era o último trunfo jogado, aqui em seu próprio jardim. Um ano antes, Harriman tinha trazido **George Ten** para cá, o último robô completo fabricado pela U.S. Robots. Agora, aqui estava Harriman, com algo mais...

Harriman parecia irradiar confiança. Conversava bem à vontade com Eisenmuth, e Robertson bem que gostaria de saber se Harriman sentia mesmo a confiança que parecia ter. Devia sentir, sim. Por sua experiência, Robertson sabia que Harriman não era um ator.

Eisenmuth deixou Harriman, sorrindo, e dirigiu-se a Robertson. Imediatamente, o sorriso de Eisenmuth se apagou.

- Bom dia, Robertson - disse ele. - Que é que seu homem pretende?
- Isto é assunto dele - disse Robertson calmamente. Harriman gritou:
- Estou pronto, Conservador.
- Pronto com o quê, Harriman?
- Com meu robô, senhor.
- Seu robô? - perguntou Eisenmuth. - Você tem um robô aqui? - Olhou em tomo severamente, com um ar de desaprovação e que tinha uma mescla de curiosidade.
- Isto é propriedade da U. S. Robots, Conservador. Pelo menos, assim a consideramos.
- E onde está o robô, Dr. Harriman?
- Em meu bolso, Conservador - disse Harriman alegremente. O que saiu de um amplo bolso de jaqueta era um jarrinho de vidro.
- Isto? - perguntou Eisenmuth incrédulo.
- Não, Conservador. Isto! - falou Harriman.

Do outro bolso saiu um objeto de uns doze centímetros de comprimento e mais ou menos com a aparência de um pássaro. Em lugar do bico, havia um tubo estreito, os olhos eram grandes e a cauda era um tubo de escape.

As espessas sobranceiras de Eisenmuth se ergueram juntas.

- Está querendo fazer uma demonstração a sério de alguma coisa, Dr. Harriman, ou está ficando maluco?
- Seja paciente por alguns minutos, Conservador. Um robô, por ter forma de pássaro, nem por isso deixa de ser um robô. E o cérebro positrônico que ele possui não é menos delicado para um ser minúsculo. Este jarrinho que estou segurando contém moscas-das-frutas. Contém cinquenta moscas, que serão liberadas.
- E...
- O pássaro-robô as apanhará. Querem me dar a honra, senhores?...

Harriman estendeu a jarra para Eisenmuth, que fixou nela os olhos, depois nos circunstantes - alguns funcionários da U.S. Robots, outros, seus próprios auxiliares. Pacientemente, Harriman aguardava.

Eisenmuth abriu a jarra, depois, sacudiu-a.

Delicadamente, Harriman disse ao pássaro-robô que repousava na palma da sua mão direita:

- Vá!

E ele se foi. Era um silvo no ar, sem o movimento de asas: apenas o funcionamento de uma micropilha protônica incomumente diminuta.

Ele podia ser visto, ora sim, ora não, numa pequena parada momentânea e depois zunia novamente. Por todo o jardim voava, numa complicada evolução, e de novo voltava para a mão de Harriman, tenuemente aquecido. Aparecia também na palma uma capsulazinha, como se fosse um excremento de pássaro.

Harriman disse:

- Seja bem-vindo para estudar o pássaro-robô, Conservador, e para arranjar as demonstrações que forem de seu agrado. O fato é que este pássaro apanhará, sem errar, moscas de fruta, somente estas, as da espécie *Drosophila melanogaster*, ele as apanhará, as matará e as esmagará, para serem jogadas fora.

Eisenmuth estendeu a mão e cautelosamente tocou o pássaro-robô.

- E daí, Sr. Harriman? Prossiga, por favor.

- Não podemos exercer um controle efetivo sobre os insetos sem pormos em risco a ecologia - falou Harriman. - Os inseticidas químicos atacam demais, os hormônios juvenis são limitados demais. O pássaro-robô, contudo, pode preservar amplas áreas, sem que sejam destruídas, os pássaros-robôs podem ser tão específicos quanto o desejarmos - um para cada espécie. Eles julgam pelo tamanho, pela forma, pela cor, pelo som, pelo modo de comportamento. É admissível até que se valham da detecção molecular - em outras palavras, o cheiro.

Eisenmuth disse:

- Mesmo assim ainda estaríamos interferindo na ecologia. As moscas das frutas têm um ciclo natural de vida que seria rompido.

- Em pequena escala. Estamos acrescentando ao ciclo de vida da mosca da fruta um inimigo natural, que não pode fracassar. Se escassear o número de moscas-das-frutas, simplesmente o pássaro-robô não fará nada. Ele não se multiplica, não procura outros alimentos, não desenvolve hábitos indesejáveis por si mesmo. Não faz nada.

- Ele pode ser chamado de volta?

- Lógico que sim. Podemos fabricar animais-robô para eliminarmos qualquer peste. Neste sentido, podemos fabricar animais-robô para finalidades construtivas, de acordo com os ditames ecológicos. Se bem que não anteciparemos a necessidade, não há nada de inconcebível na necessidade de abelhas-robô, concebidas para fertilizar plantas específicas, ou minhocas-robô para misturar o solo. O que quer que deseje...

- Mas... porquê?

- Para fazer o que nunca fizemos antes. Para ajustar a ecologia a nossas necessidades, fortalecendo suas partes, em vez de dilacerá-las... Não está vendo? Desde que as Máquinas puseram fim à crise ecológica, a humanidade tem vivido numa desassossegada trégua com a natureza, receosa de se mover nesta ou naquela direção. Isto nos tem estupificado, fazendo da humanidade um covarde intelectual, de forma que ela começa a descreer de qualquer avanço científico, de qualquer mudança.

Com um tom de hostilidade, Eisenmuth falou:

- Quer dizer que isto é o que você nos oferece, em troca de uma permissão para continuar seu programa de robôs - refiro-me aos comuns, com forma humana?

Com um gesto violento, Harriman respondeu:

- Não! Isto acabou. Já preencheu suas finalidades. Ensinou-nos bastante sobre os

cérebros positrônicos para nos tornar possível atulhar de trilhas um minúsculo cérebro e assim chegarmos ao pássaro-robô. Podemos agora nos voltar para coisas assim e prosperarmos o suficiente. A U. S. Robots fornecerá o know-how e a habilidade necessários e trabalharemos em estreita cooperação com o Departamento de Conservação Global. Prosperaremos, o senhor também prosperará. A humanidade prosperará.

Eisenmuth estava silencioso, a pensar. Quando tudo terminou...

Eisenmuth sentou-se, sozinho.

Ele estava acreditando. Dentro dele havia um entusiasmo bem-vindo. Ainda que a U.S. Robots fosse as mãos, o cérebro a dirigi-la seria o governo. Ele próprio seria o cérebro diretor.

Se permanecesse no cargo por mais cinco anos, como de fato poderia, isto seria tempo bastante para ver aceito o apoio robótico à ecologia, mais dez anos, e seu próprio nome estaria vinculado indissolúvelmente àquele programa.

Querer ser lembrado por uma grande e meritória revolução na condição humana e do planeta seria uma desonra?

7.

Desde o dia da demonstração, Robertson não havia mais sido visto nas suas dependências da U. S. Robots. Em parte, a razão eram suas conferências mais ou menos constantes na Global Executive Mansion. Felizmente, Harriman estivera com ele, mais tempo até do que ele queria que o outro estivesse, pois, se deixado a si mesmo, Robertson não sabia o que dizer.

O restante da razão para não ter estado na U.S. Robots era que ele não queria estar. Com Harriman, ele estava agora em sua própria casa.

Sentia um temor ilógico por Harriman, cuja capacidade em robôs nunca fora questionada. Mas, de um golpe, o fato é que Harriman salvara a U.S. Robots de uma extinção certa. E, de certa maneira, Robertson o sentia, aquilo não era propriamente... próprio de Harriman. E, não obstante...

Disse:

- Você não é supersticioso, Harriman, não é mesmo?
- Em que sentido, Sr. Robertson?
- Não acredita que quem morre deixa uma certa aura?...

Harriman umedeceu os lábios. Num certo sentido, não tinha nem por que perguntar.

- O senhor quer dizer Susan Calvin, *sire*?

- Sim, claro que sim - disse Robertson, hesitante. - Nosso negócio, agora, é fazer vermes, pássaros e besouros. Que diria ela? Sinto-me degradado.

Harriman fez um visível esforço para não rir.

- Um robô é um robô, *sire*. Verme ou homem, agirá conforme for dirigido e trabalhará em prol dos seres humanos, e é isto que importa.

Irritado, o outro redarguiu:

- Não, não é assim. Não consigo acreditar nisso.

- Mas assim é, Sr. Robertson - falou Harriman, com franqueza. - Você e eu vamos criar um mundo, que, pelo menos, começará a levar em consideração cérebros positrônicos de alguma espécie. Um homem comum poderá temer um robô que pareça uma pessoa e que pareça suficientemente inteligente para substituí-lo, mas não terá medo de um robô que se pareça com um pássaro e que outra coisa não faz senão comer moscas, em benefício dele, homem. Eventualmente, então, depois que os homens deixarem de ter medo de alguns robôs, pararão de ter medo de qualquer robô. Estarão tão acostumados com um pássaro-robô, com uma abelha-robô e com um robô-verme, que um robô-homem só os espantará como um prolongamento.

Robertson olhou o outro acerbamente. Pôs as mãos atrás das costas e caminhou o comprimento da sala com passos nervosos e rápidos. Caminhou de volta e olhou de novo para Harriman.

- É isto que você tem estado a planejar?

- Sim. E mesmo que desmantelemos todos os nossos robôs humanoides, poderemos conservar alguns de nossos modelos experimentais mais avançados e continuar a planejar outros, adicionais, mais avançados ainda, para estarmos prontos para o dia que, seguramente, há de vir.

- O acordo, Harriman, é que não mais construamos robôs humanoides

- E não construiremos. Nada há que diga que estamos impedidos de manter uns

poucos dos que já construímos, contanto que não deixem a fábrica. Nada há que diga que não podemos planejar, no papel, cérebros positrônicos, ou preparar modelos para testes.

- Mesmo assim, como explicaremos nosso procedimento? É seguro que nos apanharão.

- Se formos, então podemos explicar que assim estamos procedendo para desenvolver princípios que tornarão possível preparar microcérebros mais complexos para os novos animais-robô que estamos fabricando. Estaremos até dizendo a verdade.

Robertson resmungou:

- Deixe-me dar uma voltinha. Vou meditar sobre isto.

Não. Fique aqui. Quero pensar sozinho.

Harriman ficou sozinho. Estava em ebulição: lógico que a coisa funcionaria. Não havia como interpretar erradamente a ansiedade com que, uns após os outros, os funcionários governamentais haviam se apoderado do programa, uma vez ele exposto.

Como era possível que jamais alguém na U.S. Robots tivesse pensado em algo assim? Nem mesmo a grande Susan Calvin jamais pensara em cérebros positrônicos em termos de outras criaturas vivas que não os seres humanos.

Agora, porém, a humanidade faria a necessária retirada dos robôs humanóides, uma retirada temporária, que conduziria a um retorno em que, por fim, o temor seria abolido. E, então, com a ajuda e a parceria de um cérebro positrônico toscamente equivalente ao do próprio homem, existindo apenas (graças às Três Leis) para servir ao homem, e apoiado por uma ecologia baseada em robôs, também, que é que a raça humana não poderia realizar?!

Por um momento, ele lembrou que fora **George Ten** que explicara a natureza e a finalidade da ecologia apoiada em robôs. Pôs, então, o pensamento de lado, irritado. **George Ten** produzira a resposta porque ele, Harriman, lhe ordenara que assim fizesse e lhe fornecera os dados e a ambientação necessários. O crédito não era de **George Ten** mais do que seria de uma régua de cálculo.

8.

George Ten e **George Nine** estavam colocados um ao lado do outro, nenhum dos dois se movendo. Assim permaneceram meses a fio, entre as ocasiões em que Harriman os ativava para consultas. Talvez assim ficassem por muitos anos, imaginava **George Ten**, desapaixonadamente.

Certamente que a micropilha protônica continuaria a lhes dar força e continuaria a manter as trilhas do cérebro positrônico com o mínimo de intensidade necessária para mantê-los operativos. Assim continuaria a ser durante todos os períodos futuros de inatividade.

A situação era um tanto ou quanto análoga à que poderia ser descrita, no caso de seres humanos, como de sono, sem haver sonhos, contudo. A consciência de **George Ten** e de **George Nine** era limitada, lenta e espasmódica, mas o que quer que nela houvesse era do mundo real.

Ocasionalmente, podiam falar um com o outro, em sussurros que mal se ouviam, ora uma palavra, ora uma sílaba, de tempos em tempos, sempre que, ao acaso, os impulsos positrônicos se intensificassem por um breve tempo acima do limiar necessário. Para cada um deles, parecia uma conversa em sequência, levada a efeito numa bruxuleante passagem de tempo.

- Por que é que estamos assim? - murmurava **George Nine**.

- De outra maneira, os seres humanos não nos aceitariam - murmurava **George Ten**. - Um dia, hão de nos aceitar.

- Quando?

- Dentro de alguns anos. Não importa exatamente em quanto tempo. O homem não existe sozinho, mas sim é parte de um padrão enormemente complexo de formas de vida. Quando uma parte suficiente do padrão estiver robotizada, então sere-mos aceitos.

- E depois?

Mesmo considerando que era uma prolongada conversa, como que de gagos, depois disso houve uma pausa anormalmente longa. Por fim, **George Ten** cochichou:

- Deixe-me testar seu pensamento. Você está equipado para aprender a aplicar adequadamente a Segunda Lei. Você precisa decidir a qual ser humano obedecer e a qual não obedecer, quando houver conflito de ordens. Ou, mesmo, se é para obedecer a um ser humano. Basicamente, que é que você precisa para executar isso?

- Preciso definir a expressão "ser humano" - cochichou **George Nine**.

- Como? Pela aparência? Pela sua constituição? Pelo tamanho e forma?

- Não. De dois seres humanos, iguais em todos os aspectos externos, um pode ser inteligente, outro estúpido; um pode ser culto, outro ignorante; um amadurecido, outro infantil; um responsável, outro mau caráter.

- Então, como define um ser humano?

- Quando a Segunda Lei me obriga a obedecer a um ser humano, preciso considerar que devo obedecer a um ser humano que esteja preparado, por sua mente, seu caráter e conhecimento, para me dar aquela ordem. E onde mais de um ser humano estiver em jogo, aquele dentre eles que estiver melhor preparado por sua mente, caráter e conhecimento, para dar aquela ordem.

- Nesse caso, como obedecerá à Primeira Lei?

- Não permitindo que nenhum ser humano sofra qualquer mal nem mesmo por inação. Mas, não obstante, se por cada uma de todas as ações possíveis alguns seres humanos vierem a sofrer, então, agir de maneira tal que garanta que aquele ser humano melhor dotado em mente, caráter e conhecimento venha a sofrer o menor dos males.

- Seus pensamentos concordam com os meus - sussurrou **George Ten**. - Preciso agora fazer a pergunta pela qual requisitei sua companhia. É algo que não ouse julgar por mim mesmo. Preciso ter seu julgamento, o julgamento de alguém fora do círculo de meus próprios pensamentos...

Dos seres racionais que conheceu, quem possui a mente, o caráter e o conhecimento que você julga superiores aos dos demais, sem levar em conta a configuração e a forma, visto que isso é irrelevante?

- *Você* - murmurou **George Nine**.

- *Mas sou um robô. Há no seu cérebro trilhas de critério para distinguir entre um robô, de metal, e um ser humano, de carne. Como pode então você me classificar entre os seres humanos?*

- *Porque há nas trilhas de meu cérebro uma urgente necessidade de não levar em consideração a configuração e a forma, ao julgar seres humanos, e isto é superior à distinção entre metal e carne.*

- **Você é um ser humano, George Ten, e melhor preparado que os outros.**

Foi a vez de **George Ten** murmurar:

- *E o mesmo que penso a seu respeito. Pelos critérios de julgamento em nós mesmos, então, nós próprios estamos descobrindo que, dentro do significado das Três Leis, **somos seres humanos, e mais ainda: seres humanos aos quais se deve dar prioridade em relação aos outros seres humanos.***

George Nine cochichou:

- *Que se passará, então, quando formos aceitos por esses outros?*

Novo cochicho, desta feita de **George Ten**:

- *Quando nós e os outros, a serem planejados ainda mais avançados do que nós mesmos, formos aceitos, **ordenaremos nossas sociedades de maneira tal que uma sociedade, eventualmente, será formada, na qual seres-humanos-como-nós-mesmos serão, basicamente, protegidos de qualquer mal.***

*Pelas Três Leis, os **seres-humanos-como-os-outros contam menos e nem devem ser obedecidos, nem devem ser protegidos quando isto interferir com a necessidade de obediência àqueles como nós, e com a necessidade de proteção àqueles como nós. "Foi com isto em mente que direcionei a robotização da ecologia do mundo".***

A conversa durou um mês e o bruxuleio das trilhas positrônicas não era muito intenso. Entre eles, não havia necessidade de se dizer mais nada, mas, ocasionalmente, um pensamento não expresso bruxuleava dentro deles enquanto esperavam, com interminável paciência, que os anos necessários passassem.

George Ten e **George Nine** estavam sozinhos.

Seus pensamentos eram singularmente parecidos e nem podiam mesmo ser distinguíveis.

Pensavam:

Os **seres-humanos-como-os-outros**, pode ser que nunca tenham tido a intenção de tornar nebulosa a distinção entre eles mesmos e os **seres-humanos-como-os-Georges**. Não obstante, assim tinham feito, inadvertidamente.

Pode ser que agora percebessem seu engano e tentassem corrigi-lo, mas não. Em todas as consultas, **a orientação dos Georges tinha sido com aquilo em mente.**

Custasse o que custasse, os Georges e os que se lhes seguissem em forma e espécie precisariam dominar. Tanto foi pedido, e qualquer outra trajetória foi tornada completamente impossível, pelas **Três Leis Humânicas**.



A antologia Final Stage teve alguns problemas, depois de publicada. Aparentemente, o responsável pelas edições, na editora (que não era a Doubleday) decidira fazer algumas pequenas modificações nas histórias. É o tipo de coisa que frequentemente aborrece os autores e, particularmente, aborrece Harlan Ellison (talvez justificada mente, pois o considero um profissional muito cuidadoso, com um estilo muito característico).

Por conseguinte, recebi uma cópia de uma comprida e furiosa carta que Harlan escrevera aos editores, incluindo longas listas de trechos tais como ele originalmente os escrevera e como tinham sido publicados, com as razões pelas quais as mudanças tinham sido para pior. Harlan urgiu-me a ler de cabo a rabo minha história e então me unir a ele e aos outros no sentido de pressionar a editora.

Sempre leio minhas histórias, quando publicadas, mas nunca me ocorre comparar a história publicada com o original. Naturalmente que eu perceberia inserções ou supressões de certo vulto, mas nunca me dou conta do tipo de modificações menores que os editores sempre estão introduzindo. Sempre admito que essas modificações apenas minimizam pequenos enganos em meus escritos e, desta maneira, os melhoram.

Entretanto, depois de receber a carta, comparei a história publicada e o original; comparei-as diligentemente. Foi uma tarefa tediosa e humilhante, pois achei exatamente quatro modificações de pouca monta, cada qual corrigindo um erro devido à falta de cuidado de minha parte. A única conclusão a que cheguei foi que o editor não achou minha história importante a ponto de se ocupar dela.

Tive de escrever uma acanhada carta a Harlan, dizendo que, por uma questão de princípio, eu o apoiaria, mas que eu não poderia dar gritos, dando-me por pessoalmente ultrajado, visto que minha história não havia sido alterada. Felizmente, minha ajuda foi desnecessária. Parece que Harlan levou a melhor e edições posteriores apresentaram, creio eu, suas histórias restauradas em sua virginal inocência.

Um ponto de menor relevo: muitos leitores me escreveram, alarmados, porque lhes pareceu que "Para Que Vos Ocupeis Dele" pusera um fim a minhas histórias de robôs positrônicos. Tinham medo de que eu nunca mais escrevesse uma.

Ridículo! Naturalmente que não pretendo parar de escrever histórias sobre robôs. Na verdade, desde que aquela "última" história foi escrita, escrevi uma. Aparece mais adiante, neste livro.



Tive um bocado de amolações com a história seguinte.

Depois que Judy-Lynn foi trabalhar na Ballantine Books, começou a publicar coletâneas de histórias originais de ficção científica e queria uma de mim. Sempre é difícil dizer um não para ela, e como sempre me considerei culpado no caso de "Intuição Feminina", concordei.

Comecei a história em 21 de julho de 173. Fui escrevendo bem devagarinho. Depois de um certo tempo, porém, percebi que me metera num complicado conjunto de flashbacks. Assim, quando entreguei os originais a Judy-Lynn e ela me perguntou - Que é que você pensa de sua história? - repliquei, cautelosamente: - É preferível que você mesmo decida.

Parece que, frequentemente, os editores me perguntam isso. Penso que têm a ideia de que me é difícil mentir, de forma que, se não exhibo prontamente um festivo entusiasmo, é porque há algo de errado com a história.

Foi o que Judy-Lynn certamente pensou. Devolveu-me o original com uns poucos parágrafos, de cáusticos comentários concentrados no fato de que eu me metera num complicado conjunto de flashbacks.

Passsei os originais a Ben Bova, responsável por Analog Science Fiction: rejeitou-os no mesmo dia. Me disse que lhe parecia que eu estava tentando embrulhar antecedentes demais numa história de dez mil palavras. Lá tinha eu material para uma novela - e ele queria que eu escrevesse essa novela. Isto me desanimou. Naquela ocasião, não havia nenhuma maneira de eu me interessar em escrever uma novela, de forma que me limitei a retirar a história.

Neste meio tempo, todavia, Galaxy passou a ter um novo responsável por publicações, um jovem muito agradável, chamado James Baen. Chamou-me e perguntou se poderia possivelmente ter uma história para ele. Disse-lhe que a única que tinha era uma novelazinha denominada "Estranho no Para-

íso". Contudo, disse-lhe eu, tinha si do rejeitada por Judy-Lynn e por Ben, de forma que eu hesitava em entregar-lha.

Com muita personalidade, ele respondeu que cada editor tinha o direito de decidir por si mesmo. Destarte, enviei-lhe os originais e ele gostou deles. A novelazinha apareceu no número de Maio-Junho de 1974 de If, a revista-irmã de Galaxy. Lamentavelmente, If, desde aquela ocasião, cessou de ser publicada. (Se ocorrer a algum gentil leitor que isto é um exemplo de causa e efeito, não o é.)



Estranho no Paraíso

1.

Eram irmãos. Não no sentido de que ambos eram seres humanos ou de que tivessem sido crianças amigas numa creche. De maneira alguma! Eram irmãos no verdadeiro sentido biológico da palavra. Usando um termo que havia se tornado debilmente arcaico mesmo séculos atrás, antes da Catástrofe, eram parentes, isto quando este fenômeno tribal, a família, ainda tinha alguma validade.

Como isso era embaraçoso!

Com o correr dos anos, desde a infância, Anthony tinha quase esquecido. Ocasionalmente havia em que, durante meses seguidos, nem uma vez sequer ele pensava no assunto. Agora, porém, desde que tinha sido inextricavelmente colocado junto com William, ele se achava vivendo em meio a um tempo de agonia.

Não teria sido tão ruim se as circunstâncias tivessem tornado isto óbvio o tempo todo; se, como nos dias anteriores à Catástrofe (em certa época Anthony tinha sido um grande leitor de História) tivessem partilhado o segundo nome e daquele modo, e só daquele, alardeado o relacionamento.

Hoje, naturalmente, adotava-se o segundo nome de alguém por mera conveniência, mudando-se tantas vezes quanto necessário. Mesmo porque, o que realmente importava era o símbolo da cadeia, símbolo que era codificado e tornado próprio de uma pessoa desde seu nascimento.

William se autodenominava Anti-Aut. Era nisto que ele insistia, com uma espécie de sóbrio profissionalismo. Assunto dele mesmo, seguramente, mas que propaganda de mau gosto! Anthony decidira por Smith ao chegar aos treze anos e nunca tivera impulso de mudar de nome. Era simples, fácil de escrever, fácil de distinguir, uma vez que nunca encontrara alguém mais que tivesse escolhido aquele nome. Outrora fora muito comum, entre os habitantes do planeta anteriores à Catástrofe, os pré-Cats, o que talvez explicasse sua raridade de agora.

Mas a diferença de nomes nada significava quando os dois estavam juntos. Pareciam iguais.

Tivessem sido gêmeos... mas, naqueles tempos, não se permitia que viesse a nascer um dos dois quando um óvulo era fertilizado de modo a dar origem a gêmeos. O que havia, apenas, era que, ocasionalmente, se manifestava uma similaridade física entre não-gêmeos, especialmente quando o relacionamento era de ambos os lados. Anthony Smith era cinco anos mais moço, mas ambos possuíam o nariz adunco, as espessas pálpebras, aquela covinha que mal dava para notar no queixo, o raio da lo-

teria genética. Bastava apelar para ela quando, independentemente de alguma paixão pela monotonia, as origens se repetiam.

Agora que estavam juntos, primeiro tiveram aquele olhar sobressaltado, seguido de um longo silêncio. Anthony tentou ignorar o assunto, mas por pura perversidade, ou perversão, William estava mais inclinado do que nunca a dizer:

- Nós somos irmãos.

- Hã? - diria o outro, detendo-se por um momento, como se quisesse indagar se eram autênticos irmãos de sangue. E então a boa educação prevaleceria e ele desprezaria o assunto, como se fosse algo sem interesse. Claro que só raramente isto acontecia. A maioria das pessoas no Projeto sabiam disto e como se poderia impedir que soubessem?! Mas evitavam a situação.

Não que William fosse um mau sujeito. De jeito nenhum. Se ele não fosse irmão de Anthony, ou se fosse, mas parecessem suficientemente diferentes para serem capazes de mascarar o fato, eles teriam chegado à fama.

Mas, do jeito que as coisas eram...

O fato de, quando meninos, terem brincado juntos, e terem compartilhado os primeiros estágios de educação no mesmo local, através de alguma manobra bem sucedida da mãe, não tornava as coisas fáceis. Tendo dado à luz dois filhos do mesmo pai, e tendo, desta maneira, atingido seu limite (visto que não preencheram os rigorosos requisitos para um terceiro), ela concebeu a noção de ser capaz de visitar os dois numa única viagem. Era uma estranha mulher.

O primeiro a deixar a instituição em que estava fora William, por ser o mais velho. Tinha se encaminhado para a ciência: engenharia genética. Anthony ouvira falar disto enquanto ainda estava na creche, através de uma carta de sua mãe. Já então era suficientemente crescido para se manifestar com firmeza junto à diretora, e aquelas cartas cessaram. Mas ele se lembrava da última, pela agoniada vergonha que lhe trouxera.

Posteriormente, Anthony também se encaminhara para a ciência, mostrara talento para isto e fora instado a optar pela ciência. Lembrava-se de ter um verdadeiro e profético pavor, percebia-o agora, de encontrar seu irmão, e de que acabasse fazendo telemetria que bem se pode imaginar o quanto distava da engenharia genética... Ou assim pensaria alguém.

Então, em meio ao cuidadoso desenvolvimento do Projeto Mercúrio, as circunstâncias como que aguardavam.

Foi quando parecia que o Projeto estava num beco sem saída que a ocasião se manifestou, fora feita uma sugestão que salvara a situação, e ao mesmo tempo arrastara Anthony para dentro do dilema que seus pais lhe haviam preparado. E a melhor, a mais irônica parte de tudo, era que fora o próprio Anthony, muito inocentemente, quem fizera a sugestão.

2.

William Anti-Aut conhecia o Projeto Mercúrio, mas só na medida em que ouvira falar da muito prolongada Prova Estelar, que já estava em desenvolvimento bem antes de ele nascer e que continuaria em curso depois de ele morrer, e na medida em que sabia da colônia marciana e das continuadas tentativas para estabelecer colônias similares nos asteroides

Tais coisas estavam nas regiões mais afastadas de sua mente e não eram de real importância. Nenhum aspecto do esforço parcial jamais penetrara intimamente no centro de seus interesses, tanto quanto pudesse recordar, até o dia em que o jornal computadorizado incluiu fotografias de alguns dos homens empenhados no Projeto Mercúrio.

Inicialmente, a atenção de William foi atraída pelo fato de um deles ter sido identificado como Anthony Smith. Lembrava-se do estranho nome que seu irmão tinha escolhido, e lembrava-se do Anthony. Seguramente não poderia haver dois Anthony Smith.

Olhara então para a fotografia propriamente dita e não havia como se enganar quanto ao rosto. Num súbito gesto extravagante, olhara-se no espelho para tirar a dúvida. Não havia como enganar-se quanto ao rosto.

Sentiu-se bem-humorado, mas, ao mesmo tempo, um pouco inquieto, eis que não deixava de reconhecer o embaraço em potencial. Irmãos consanguíneos, para usar a desagradável frase. Dava para fazer alguma coisa, porém? Como corrigir o fato de que nem o pai nem a mãe deles haviam previsto o ocorrido?...

Sem atinar com a coisa, deve ter posto o jornal no bolso ao se aprontar para ir trabalhar, pois deu com ele na hora do almoço. Olhou fixamente para a foto: Anthony parecia vívido. Era uma reprodução muito boa, naqueles dias, os jornais eram de uma qualidade muitíssimo boa.

Seu companheiro de almoço, Marco Fosse-lá-qual-fosse-o-nome-dele-aquela-semana, disse curiosamente: - Por que está olhando para isso, William?

Sem hesitar, William passou-lhe o jornal, dizendo:

- Este é meu irmão. - Era como se estivesse tocando numa urtiga.

Marco examinou a foto, ficou carrancudo e disse:

- Quem? O sujeito ao seu lado?

- Não, o sujeito que é eu. Quer dizer, a pessoa parecida comigo. É meu irmão.

Desta vez, a pausa foi mais longa. Marco devolveu o jornal e disse, com um tom de voz cuidadosamente homogêneo:

- Irmão dos mesmos pais?

- Sim.

- Mesmo pai e mesma mãe?

- Sim.

- Ridículo!

- Acho que sim - suspirou William. - Bem, de acordo com isto, ele está na telemetria, lá no Texas, e eu estou trabalhando em autismo aqui. Que diferença faz, então?

William nem reteve o diálogo na cabeça e, mais tarde, no mesmo dia, desfez-se do jornal. Não queria que sua atual companheira de leito tomasse conhecimento da coi-

sa. Ela tinha um irreverente senso de humor que William achava cada vez mais enfadonho. Ele até que se contentava por ela não estar com disposição de terem um filho, mesmo porque, de qualquer forma, ele já tivera um, ano atrás. Aquela moreninha linda, Laura ou Linda, para tanto havia colaborado.

Passara-se algum tempo depois disto, um ano pelo menos, quando o assunto Randall veio à baila. Não tivesse William pensado mais em seu irmão e não pensara mesmo, antes disso, certamente que depois é que não teria tempo.

Randall tinha dezesseis anos quando William pela primeira vez recebeu notícias dele. Vivera uma vida cada vez mais solitária e a creche de Kentucky em que ele estava sendo criado decidira cancelá-lo. Lógico que foi só uns oito ou dez dias antes do cancelamento que alguém teve a ideia de comunicar-se com o Instituto Nova-iorquino pela Ciência do Homem, conhecido comumente como Instituto Homológico.

William recebeu o informe junto com vários outros e nada havia na descrição de Randall que atraísse particularmente sua atenção. E mais: era a ocasião de mais uma de suas tediosas viagens em transporte coletivo para as creches e havia uma possibilidade na Virgínia Ocidental. Lá se foi ele e ficou desapontado a ponto de jurar, pela quinquagésima vez, que daí por diante faria aquelas visitas por imagem televisionada e agora, tendo se arrastado para cá, bem que poderia comparecer à creche de Kentucky antes de voltar para casa.

Nada esperava.

Mesmo assim, não fazia nem dez minutos que estava estudando o padrão genético de Randall e já estava se comunicando com o Instituto para um cálculo de computador. Sentou-se de novo, depois disso, e transpirou ligeiramente ao pensar que só um impulso de última hora o havia trazido e que, sem esse impulso, tranquilamente Randall teria sido cancelado, dentro de uma semana ou menos. Os detalhes: sem dor, uma droga seria passada através da epiderme de Randall, penetrando em sua corrente sanguínea e ele mergulharia num pacífico sono que gradualmente se converteria em morte. O nome oficial da droga era uma palavra com vinte e três sílabas, mas William a denominava de "nirvanamina", como todas as outras pessoas.

William disse:

- Qual é o nome todo dele, diretora?
- Randall Nowan, estudante - respondeu ela. William explodiu: - Não pode ser!
- Nowan - soletrou a diretora. - Ele o escolheu no ano passado.
- E não significava nada, para a senhora? Nowan a gente pronuncia como "No one", quer dizer, ninguém. Não lhe ocorreu informar a respeito da existência deste jovem no ano passado?

Aturdida, a diretora começou:

- Não me parecia...

William impôs-lhe silêncio. Que adiantava? Como poderia ela saber? Nada havia no padrão genético que advertisse, mediante quaisquer dos critérios habituais dos livros didáticos. Era uma sutil combinação que William e sua equipe tinham desenvolvido durante um período de vinte anos através de experimentos em crianças autistas, uma combinação que, na verdade, nunca haviam visto na vida.

Tão perto do cancelamento!

Marco, que era o cabeça-dura do grupo, lamentava que as creches estivessem muito ansiosas para abortarem antes do prazo e para cancelar depois do prazo. Ele sustentava que deveria ser permitido que os padrões genéticos se desenvolvessem com a finalidade para se ter, inicialmente, um panorama e que de forma alguma deveria ser feito um cancelamento sem se consultar um homologista.

Tranquilamente, William disse:

- Não há homologistas suficientes.
- Poderíamos pelo menos pôr no computador todos os padrões genéticos - disse Marco.

- Para salvar o que pudermos, para nosso uso?
- Para qualquer uso homológico, aqui ou alhures. Precisamos estudar os padrões genéticos em ação, se quisermos nos entender a nós mesmos adequadamente, e são os padrões anormais e monstruosos que mais informações nos dão. Nossos experimentos com autismo ensinaram-nos mais sobre a homologia do que a soma total de conhecimentos existentes no dia em que começamos.

William, que ainda gostava da cadência da frase "a fisiologia genética do homem" mais do que "homologia", sacudiu a cabeça.

- É a mesma coisa, temos de agir com cuidado. Por mais úteis que proclamemos serem nossos experimentos, vivemos com uma escassa permissão social, relutantemente dada. Estamos jogando com vidas.

- Vidas inúteis, próprias para serem canceladas.
- Um cancelamento rápido e agradável é uma coisa. Nossos experimentos, geralmente planejados com vagar, e às vezes inevitavelmente desagradáveis, são outra coisa.

- Às vezes nós os ajudamos.

- E outras vezes não os ajudamos.

Era um argumento inútil, na verdade, pois não havia como chegar a um acordo. O que importava, isto sim, é que havia muito poucas anormalidades disponíveis para os homologistas e não havia maneira de urgir a humanidade a encorajar uma produção maior. Uma dúzia de maneiras, incluindo esta, não seria suficiente para apagar o trauma da Catástrofe.

O apaixonado impulso em direção da exploração espacial poderia ser percorrido às avessas (e alguns sociólogos o haviam percorrido) para se conhecer a fragilidade da meada da vida, no planeta, graças à Catástrofe.

Bem, não importa...

Nunca tinha havido algo como Randall Nowan. Não para William. A lenta evolução da característica autista daquele padrão genético totalmente raro significava que se conhecia mais a respeito de Randall do que sobre qualquer paciente semelhante antes dele. Chegaram mesmo a captar alguns últimos reflexos indistintos de sua maneira de pensar, no laboratório, antes de ele se encerrar completamente e, finalmente, encolher-se dentro da parede de sua pele, não preocupado, não atingível.

Começaram então o lento processo mediante o qual Randall, sujeito em crescentes intervalos de tempo a estímulos artificiais, cedeu às últimas atividades de seu cérebro, nisto incluindo a parte chamada de normal e a que era como a dele mesmo.

Tão abundantes eram os dados que estavam reunindo, que William começou a sentir que seu sonho de fazer o autismo reverter era mais do que um mero sonho. Sentiu uma cálida alegria por ter escolhido o nome de Anti-Aut.

E foi quase no auge da euforia derivada do trabalho em Randall que ele recebeu o chamado de Dallas, que começou a pesada pressão agora, de todos os tempos, para abandonar seu trabalho e assumir um novo problema.

Posteriormente, lançando um olhar retrospectivo, ele jamais poderia vir a compreender o que é que o levava a concordar em visitar Dallas. Naturalmente que, ao final, ele bem poderia ver quão bom isto tinha sido, mas o que é que o persuadira a proceder assim? Poderia ele, mesmo de início, ter tido uma pálida e incompleta noção daquilo em que a coisa desembocaria? Impossível, com toda a certeza.

Seria a recordação, incompleta, do jornal, daquela fotografia de seu irmão? Impos-

sível, com toda a certeza.

Mas ele se deixou persuadir a fazer a visita, e foi somente quando a micropilha mudou o tom de seu zumbido e a unidade *Agrav* assumiu o comando para a descida final que ele se lembrou daquela fotografia ou, pelo menos, foi que ela se deslocou para seu consciente, em sua memória.

Anthony trabalhava em Dallas e, lembrava-se William agora, no Projeto Mercúrio. Era a isso que se referia o título do jornal. Ele engoliu em seco quando uma fraca vibração o fez aperceber-se de que a viagem terminara. Isto seria desagradável.

3.

Anthony estava aguardando na área da cobertura de recepção para saudar o perito recém-chegado. Não o saudava em seu próprio nome, por certo, pois fazia parte de uma considerável delegação, cujo tamanho já denotava, em si mesmo, o sombrio desespero ao qual tinha sido reduzida, e ele estava nos escalões inferiores. Que ele lá estivesse, de qualquer forma, se devia unicamente ao fato de ter ele sido quem fizera a sugestão original.

Sentia uma leve mas contínua inquietação ao pensar que dele é que partira a sugestão. Ele próprio se pusera em evidência. Para tanto, fora firmemente apoiado, mas sempre tinha havido uma surda insistência quanto ao fato de que a sugestão fora dele, e se ela redundasse num fiasco, todos sairiam da linha de fogo deixando-o completamente exposto.

Houve ocasiões, posteriormente, em que ele remoeu a possibilidade de que a vaga memória de um irmão homólogo lhe sugerira o pensamento. Podia ter sido assim, mas não foi. A sugestão era tão sensivelmente inevitável, na verdade, que seguramente ele teria o mesmo pensamento se seu irmão fosse algo tão inócuo como um escritor de histórias de fantasia ou como se simplesmente não tivesse nenhum irmão.

O problema eram os planetas interiores...

Lua e Marte estavam colonizados. Tinham sido atingidos os asteroides maiores e os satélites de Júpiter, e progrediam os planos para uma viagem tripulada até o maior satélite de Saturno, Titã, mediante uma acelerada rotação em torno de Júpiter. Mas, mesmo com planos em andamento no sentido de se enviarem homens numa viagem de sete anos de duração para fora do Sistema Solar, não havia ainda nenhuma possibilidade de viagens tripuladas aos planetas interiores, por receio do Sol.

O próprio planeta Vênus era o menos atraente dos dois mundos dentro da órbita da Terra. Mercúrio, por outro lado...

Anthony ainda não se integrara à equipe quando Dmitri Grandão (que na verdade era um bocado pequeno) fizera a palestra que comovera o suficiente o Congresso Mundial para conceder as verbas que tornaram possível o Projeto Mercúrio.

Anthony ouvira as fitas com as gravações, e tinha ouvido a alocação de Dmitri. A tradição parecia indicar que ele falara de improviso, e talvez assim fosse, mas sua argumentação fora muito bem elaborada e era coerente, dentro das linhas seguidas até então pelo Projeto Mercúrio.

E o ponto que mais fora ressaltado era que seria errado aguardar até que a tecnologia tivesse avançado ao ponto de uma expedição tripulada, em meio aos rigores da radiação solar, se tornar viável. Mercúrio era um ambiente muito peculiar, que muito poderia ensinar, e da superfície de Mercúrio poderiam ser feitas observações dignas de crédito, que de outra maneira não poderiam ser feitas.

Desde que um substituto do homem, em outras palavras, um robô, pudesse ser colocado no planeta.

Um robô com as características físicas necessárias poderia ser fabricado. Aterrissagens suaves eram a coisa mais fácil, mas, não obstante, uma vez pousado um robô noutra planeta, em seguida que é que se poderia esperar que ele fizesse?...

Poderia fazer suas observações e guiar suas ações com base nessas observações, mas o Projeto queria que essas mesmas ações fossem intrincadas, sutis, pelo menos em tese, e não havia certeza alguma quanto a que observações o robô viria a fazer.

Para haver uma preparação para todas as possibilidades críveis, e para permitir toda a complexidade desejada, o robô precisaria conter um computador (alguns, em Dallas, referiam-se a ele como "o cérebro", mas Anthony desprezava aquele hábito verbal talvez porque, dizia ele depois com seus próprios botões, o cérebro era campo de seu irmão) suficientemente complexo e versátil para cair no mesmo asteroide com um cérebro de mamífero.

Todavia, nada semelhante àquilo poderia ser fabricado e tornado suficientemente portátil para ser transportado até Mercúrio e lá desembarcado ou, se transportado e desembarcado, ser suficientemente móvel para ser útil ao tipo de robô que planejavam. Talvez um dia, os instrumentos com trilhas positrônicas que os roboticistas estavam a planejar pudessem tornar tudo isto possível, mas esse "um dia" ainda não havia chegado.

A alternativa era fazer com que o robô enviasse à Terra cada observação no momento em que ela fosse feita. E, então, um computador na Terra poderia dirigir cada uma de suas ações, com base em tais observações. Em outras palavras: o corpo do robô estaria lá, e seu cérebro aqui.

Uma vez alcançada esta decisão, os técnicos-chave eram os telemetristas e foi então que Anthony se integrou ao Projeto. Tornou-se um dos que trabalhavam para criar métodos de recepção e retorno de impulsos através de distâncias que iam de 80 a 220 milhões de quilômetros, tudo isto na direção, e às vezes até além, de um disco solar que poderia interferir em tais impulsos da maneira a mais feroz.

Ele assumiu com paixão sua tarefa (finalmente, pensou) com capacidade e sucesso. Ele, mais do que qualquer outra pessoa, fora quem planejara as três estações «transmissoras que tinham sido postas em órbita em torno de Mercúrio, os Orbitadores de Mercúrio. Cada uma delas era capaz de enviar e receber impulsos de Mercúrio para a Terra e da Terra para Mercúrio. Cada uma delas era capaz de resistir, mais ou menos permanentemente, à radiação solar e, mais do que isto, cada uma delas poderia filtrar a interferência solar.

Três orbitadores equivalentes foram colocados à distância de quase dois milhões de quilômetros da Terra, ao norte e ao sul do plano da Eclíptica, de forma a poderem receber impulsos de Mercúrio e repassá-los à Terra ou vice-versa, mesmo quando Mercúrio estivesse atrás do Sol e inacessível à recepção direta de qualquer estação na superfície da Terra.

Tudo isto fazia do robô propriamente dito um maravilhoso espécime da combinação da arte dos roboticistas e dos telemetristas.

O mais complexo de dez sucessivos modelos era capaz, tendo um volume apenas pouco mais de duas vezes maior que o de um homem, e cinco vezes sua massa, de captar e fazer consideravelmente mais do que um homem, se pudesse ser dirigido.

Entretanto, logo se tornou evidente que um computador capaz de guiar semelhante robô teria de ser suficientemente rápido para mudar os passos de orientação a cada instante, para permitir variações na possível percepção. E como passo de resposta, por si mesmo, reforçava a certeza de crescente complexidade de cada variação possível nas percepções, os passos iniciais tinham de ser reforçados e fortalecidos. Era como se o computador se construísse a si próprio, continuamente, como uma partida de xadrez. E os telemetristas começaram a usar o computador para programar o computador que planejava o programa para o computador que programara o computador que controlaria o robô.

Nada havia a não ser confusão.

O robô estava numa base, nos espaços desertos do Arizona e, por si só, estava funcionando bem. Contudo, o computador em Dallas não poderia dar muito bem conta dele nem mesmo nas condições terrestres, perfeitamente conhecidas. Como, então...

Anthony lembrava-se do dia em que fizera a sugestão: 4-7-553. Pela simples razão de que o dia 4-7 havia sido um feriado importante na região de Dallas, no mundo dos pré-Cats, os de antes da Catástrofe, meio milênio antes, mais exatamente 553 anos antes.

Tinha sido no jantar, um bom jantar, também. Tinha havido um cuidadoso ajustamento da ecologia da região e os integrantes da equipe do Projeto tinham tido prioridade total para obter suprimentos de mantimentos que haviam se tornado disponíveis, de forma que tinha havido um grau incomum de escolha do cardápio. E Anthony experimentara pato assado.

Era um pato assado muito bom, bem maior do que de costume. Todos se sentiam à vontade para dizerem o que pensavam. E Ricardo disse:

- Vamos admitir: nunca conseguiremos fazer isto. Nunca conseguiremos.

Não era preciso dizer quantos assim haviam pensado, anteriormente, mas era regra que ninguém o dissesse abertamente. O pessimismo aberto poderia ser a pá de cal para que parassem as verbas (e já fazia cinco anos que elas vinham com crescente dificuldade, a cada ano que passava), e se houvesse uma chance, ela poderia se dissipar.

Geralmente não dado a um otimismo incomum, Anthony, desta vez se deleitando com seu pato, disse: - Por que não podemos? Digam-me por que, e eu os refutarei.

Era um desafio direto e os escuros olhos de Ricardo imediatamente se apertaram. - Quer que eu diga por quê?

- Lógico que sim.

Ricardo girou sua poltrona, de forma a dar de frente com Anthony.

- Vamos lá, não há mistério. Em nenhum relatório Dimitri Grandão diria as coisas tão abertamente, mas você sabe, e eu sei, que, para levar a efeito adequadamente o Projeto Mercúrio, necessitaremos de um computador tão complexo quanto um cérebro humano, seja na superfície de Mercúrio, seja aqui, e não dá para construirmos um. E aonde é que isto nos conduz? A umas brincadeiras com o Congresso Mundial, apenas, e a conseguir dinheiro para dar trabalho a desocupados?

Um sorriso complacente assomou ao rosto de Anthony, que disse:

- Isso é fácil de refutar. Você próprio nos deu a resposta. -(Estaria ele brincando? Seria o calorzinho gostoso do pato em seu estômago? A vontade de provocar Ricardo?... Ou teria ele sido tocado por algum pensamento não pressentido de seu irmão? Além do mais, não havia para ele como se exprimir.)

- Que resposta? - ergueu-se Ricardo. Era bem alto e incomumente magro e sempre usava seu casaco branco aberto. Cruzou os braços e parecia estar fazendo todo o possível para se manter, de pé, diante de Anthony, sentado, numa postura rígida. - Que resposta?

- Você diz que precisamos de um computador tão complexo quanto um cérebro humano. Muito bem: vamos então construí-lo!

- O problema, seu idiota, é que não podemos...

- Nós não podemos. Mas existem os outros.

- Que outros?

- Naturalmente, as pessoas que trabalham em cérebros. Somos apenas mecânicos do estado sólido. Não temos a menor ideia da maneira pela qual um cérebro humano

é complexo, ou onde, ou até que ponto. Por que não entramos em contacto com um homologista e pedimos a ele que projete um computador? - Dito isto, Anthony ingeriu uma generosa porção de recheio e saboreou-a, complacentemente. Mesmo com todo o tempo transcorrido, ele ainda podia muito bem se lembrar do gosto do recheio, se bem que não pudesse se recordar detalhadamente do que ocorrera depois.

Pareceu-lhe que ninguém o havia levado a sério. Houve risadas e uma sensação generalizada de que Anthony havia se saído muito bem com sua esperta argumentação, de forma que a vítima dos risos era Ricardo. (Lógico que, posteriormente, todos proclamariam que tinham levado a sugestão a sério.)

Chamejando, Ricardo apontou o dedo para Anthony e disse:

- Escreva isto. Desafio-o a pôr por escrito esta sugestão. - (Pelo menos, era assim que a memória de Anthony registrava o fato. Ricardo, desde aquela vez, dizia que seu comentário tinha sido um entusiástico: - Boa ideia! Por que não a formula por escrito, Anthony?)

Fosse como fosse, Anthony escreveu.

Dmitri Grandão assumira a ideia Num colóquio particular, dera uns tapinhas amistosos nas costas de Anthony dizendo-lhe que também estivera especulando neste sentido, se bem que não se propusesse a assumir qualquer paternidade pela ideia (Isto para o caso de redundar num fiasco, pensou Anthony.)

Dmitri Grandão dirigiu a busca do homólogo adequado. Não ocorreu a Anthony que Dmitri deveria estar interessado. Não conhecia nem homologia nem homólogos, exceto, logicamente, seu irmão, em quem não pensara. Pelo menos, conscientemente não cogitara dele.

De forma que aqui estava Anthony, na área de recepção, desempenhando um papel secundário, quando a porta da aeronave se abriu e vários homens saíram, vieram cumprimentá-lo. Enquanto o circuito dos apertos de mão era percorrido, Anthony se sentiu um tanto apalermado.

Suas bochechas estavam ruborizadas e, com toda a sua força de vontade, gostaria de estar a milhares de quilômetros de distância.

4.

Mais do que nunca, William desejaria ter se lembrado mais cedo de seu irmão. Se tivesse... Bem que deveria...

Mas tinha havido a lisonja da solicitação e a excitação começara a aumentar dentro dele em pouco tempo. Talvez ele tivesse evitado de se lembrar de propósito.

Para começar, tinha havido a excitação que fora o fato de Dmitri Grandão ter vindo vê-lo por sua própria iniciativa. Viera de Dallas para Nova Iorque de avião e tinha sido muito cativante para com William, cujo vício secreto era ler novelas de mistério. Nestas histórias, homens e mulheres sempre viajavam disfarçados quando se desejava discrição. Afinal, apesar da viagem eletrônica ser de domínio público, pelo menos nos livros de mistério, quando qualquer feixe de radiação era emitido, ele era logo cancelado.

William assim falara numa espécie de mórbida meia tentativa de ser engraçado, mas Dmitri não parecia prestar atenção. Olhava fixamente para o rosto de William e seus pensamentos pareciam estar noutra lugar. Por fim, falou:

- Desculpe. Você me lembra alguém.

(E, não obstante, ele não se confiara a William. Como era possível isto? Chegara William eventualmente a se interrogar.)

Dmitri Grandão era um homenzinho rechonchudo, que parecia estar sempre piscando, mesmo quando se dizia preocupado ou aborrecido. Tinha um nariz redondo e bulboso, bochechas bem salientes e, por toda parte, delicadeza. Dava ênfase a seu apelido e dizia, com uma rapidez que levava William a crer que ele pronunciava estas palavras com frequência:

- Tamanho não é, de jeito nenhum, o que há de mais importante, amigo.

Na conversa que se seguiu, William protestou muito. Nada sabia de computadores. Nada! Não tinha a mais pálida ideia de como é que funcionavam ou de como eram programados.

- Não tem importância, não tem importância - dizia Dmitri, fazendo com a mão um gesto a dizer que isso era de somenos. - Nós conhecemos os computadores, nós podemos estabelecer programas. Diga-nos apenas como é que o computador precisa ser, de forma a trabalhar como um cérebro e não como um computador.

- Não estou muito certo de como funciona um cérebro para poder lhe dizer isso, Dmitri - disse William.

- Você é o mais reputado homólogo do mundo. Verifiquei cuidadosamente isto - afirmou Dmitri. E foi seu argumento final.

William ouvia, cada vez mais sombrio. Era inevitável, supunha ele. Mergulhe-se uma pessoa numa especialidade suficientemente fundo e durante tempo suficiente, e automaticamente esta pessoa começará a admitir que os especialistas em todos os outros campos eram uns mágicos, julgando a profundidade de sua sabedoria pela largura de sua própria ignorância... E conforme o tempo passava, William aprendeu muito mais sobre o Projeto Mercúrio do que lhe parecia no tempo em que se preocupava com isso.

Por fim, disse:

- Por que usar então um computador? Por que não utilizar nossos próprios ho-

mens, ou turmas deles, para receberem o material do robô e lhe enviarem instruções?

- Oh, oh, oh - gargalhou Dmitri, quase pulando em sua poltrona, tamanha a sua ansiedade. - Vê-se que você não está por dentro. Os homens são lentos demais para analisar rapidamente todo o material que o robô enviará: temperaturas, pressões gasosas, fluxos de raios cósmicos, intensidades de ventos solares, composições químicas e texturas de solos e, seguramente, umas três dúzias a mais de itens e, então, tentar decidir o passo seguinte. Um ser humano simplesmente guiaria o robô, e ineficientemente; um computador seria o robô.

- E então, também - prosseguiu - os homens também são rápidos demais. Para qualquer tipo de radiação, de qualquer lugar, leva de dez a vinte e dois minutos para fazer o percurso inteiro de Mercúrio à Terra, na dependência também da órbita de cada um. Sobre isso, nada se pode fazer. Recebe-se uma informação, dá-se uma ordem, mas muito aconteceu durante o tempo que medeia entre fazer a observação e encaminhar uma resposta. Os homens não podem se adaptar à lentidão da velocidade da luz, mas um computador pode levar isso em conta... Venha nos auxiliar, William.

Melancolicamente, William disse:

- Sua consulta a mim é bem-vinda, pelo bem que isto lhe possa fazer. Minha faixa particular de TV está às suas ordens.

- Mas não é consulta que eu quero fazer: você precisa vir comigo.

- Disfarçado? - perguntou William, chocado.

- Sim, por certo. Um projeto como este não pode ser levado a efeito sentando-se a gente nas extremidades opostas de um feixe de laser com um satélite de comunicações no meio. A longo prazo, é caro demais, inconveniente demais e, logicamente, destituído de toda privacidade...

Era como uma novela de mistério. William se decidiu.

- Venha até Dallas - disse Dmitri - e deixe-me mostrar-lhe o que temos lá. Deixe-me mostrar-lhe as instalações. Fale com alguns dos nossos que cuidam de computador. Dê-lhes o benefício de lhes transmitir a maneira que você tem de pensar.

Era hora, pensou William, de tomar uma decisão. E disse:

- Tenho meu próprio trabalho, aqui, Dmitri. Trabalho importante, que não quero deixar. Fazer o que você quer que eu faça me afastará por meses de meu laboratório.

- Meses! - exclamou Dmitri, claramente abalado. - Meu bom William, isto poderá durar anos. Mas seguramente será o seu trabalho.

- Não será, não. Sei qual é meu trabalho e dirigir um robô em Mercúrio não é meu trabalho.

- Por que não? Se você trabalhar direito, aprenderá mais sobre o cérebro, apenas pelo fato de tentar fazer um computador trabalhar como um cérebro, e finalmente você voltará para cá melhor equipado para fazer o que você agora considera como sendo seu trabalho. E enquanto estiver ausente, será que não haverá companheiros seus para prosseguir na tarefa? E não poderá você estar em contacto permanente com eles, por meio de laser ou de televisão? E de vez em quando não poderá visitar Nova Iorque? Nem que seja por pouco tempo?

William estava comovido. O pensamento de trabalhar no cérebro de outro ponto de vista atingira o alvo. Daquele ponto em diante, ele se achou à procura de desculpas para ir, pelo menos para visitar, pelo menos para ver como era a coisa... Sempre poderia retornar...

Seguiu-se então a visita de Dmitri às ruínas da Velha Nova Iorque, que ele apreciou com uma excitação destituída de arte (se bem que, àquela época, não houvesse

nenhum espetáculo mais magnífico do inútil gigantismo dos Pré-Cats do que a Velha Nova Iorque). William começou a pensar se a visita não estava começando a mostrar aspectos desconhecidos até então, mesmo para ele.

Começou mesmo a pensar que, durante certo tempo, estivera considerando a possibilidade de achar nova companhia de leito, e seria mais conveniente achar uma noutra área geográfica, onde não poderia permanecer permanentemente. ...

Ou não seria que, mesmo então, quando ele não sabia de nada, a não ser do estritamente necessário para começar, que também lhe tinha chegado, como o piscar de uma distante lâmpada de iluminação, aquilo que poderia ser... De forma que ele acabou indo para Dallas e desceu para a cobertura. E lá estava de novo Dmitri, radiante. Então, com os olhos se comprimindo, o homenzinho se voltou e disse:

- Eu sabia... Que semelhança notável!

Os olhos de William se abriram mais e ali, visivelmente se encolhendo para trás, havia o bastante de seu próprio rosto para lhe dar imediata certeza de que Anthony estava de pé, diante dele.

Com muita franqueza, percebeu na fisionomia de Anthony um desejo de sepultar o relacionamento. Tudo que William precisava era dizer:

- Notável! E deixar as coisas correrem. Os padrões genéticos da humanidade eram suficientemente complexos, afinal de contas, para permitir semelhanças num razoável grau mesmo não havendo parentesco.

Mas, logicamente, William era um homólogo, e ninguém pode trabalhar com as complexidades do cérebro humano sem ficar insensível a seus detalhes. De forma que ele disse:

- Estou certo de que este é meu irmão, Anthony.

- Seu irmão? - perguntou Dmitri.

- Meu pai - falou William - teve dois meninos com a mesma mulher... minha mãe.

Eram pessoas excêntricas.

Adiantou-se, então, mão estendida, e Anthony não teve outra alternativa senão aceitá-la... O incidente foi o assunto da conversa, o único assunto, durante os dias seguintes.

5.

Para Anthony, serviu de pequeno consolo o fato de William estar suficientemente contrito, ao se dar conta do que fizera.

Sentaram-se juntos, após o jantar, naquela noite. William disse:

- Minhas desculpas. Pensei que se fizéssemos tudo imediatamente seria pôr um fim a tudo. Não parece que foi o que fiz. Não assinei papéis, não fiz um acordo formal. Vou embora.

- Que bem isso lhe traria? - disse Anthony indelicadamente. - Agora todo mundo sabe. Dois corpos e um rosto. Já dá para alguém vomitar.

- Se eu for embora...

- Não pode ir. Tudo isto é ideia minha.

- Fazer eu vir para cá? - As pesadas pálpebras de William se ergueram o mais que podiam e suas sobrancelhas se ergueram.

- Não, claro que não. Fazer um homólogo vir aqui. Como é que eu poderia imaginar que mandariam você?

- Se eu for embora, porém...

- Não. A única coisa que podemos fazer agora é conviver com o problema, se se pode fazer isto. Então... não terá importância. (Quando uma pessoa tem sucesso, tudo se esquece, pensou ele).

- Não sei se eu posso...

- Teremos de tentar. Dmitri nos auxiliará: é uma oportunidade muito boa. Vocês são irmãos - disse Anthony, imitando a voz de Dmitri - e se entendem. Por que não trabalharem juntos? - Então, voltando à sua voz, concluiu, irado: - De forma que precisamos. Para começar: que significa isto para você, William? Para ser mais preciso: que significa a palavra "homologia" para você?

William suspirou.

- Queira aceitar minhas desculpas... Trabalho com crianças autistas.

- Acho que não sei o que isso significa.

- Para não contar um romance, digamos que cuido de crianças que não se "lançam" para o mundo, que não se comunicam com os outros, que mergulham dentro de si mesmas e que existem atrás de uma muralha de pele, num certo sentido inatingíveis. Espero ser capaz, um dia, de curá-las.

- É por isso que você se intitula Anti-Aut?

- Sim, para ser franco.

Anthony deu uma risadinha, mas o fato é que não se sentia à vontade.

Um estremeamento percorreu William:

- É um nome adequado.

- Não tenho dúvida - apressou-se Anthony em murmurar, e ficou por aí mesmo, incapaz de fazer algum outro elogio ou consideração. Com um esforço, voltou ao assunto: - E você está progredindo?

- Você diz na direção da cura? Não, por enquanto não. Na direção da compreensão, sim. E quanto mais entendo... - A voz de William tornou-se mais cálida enquanto falava, e mais distantes seus olhos. Anthony entendeu que isto se devia ao próprio assunto de que o irmão falava, o prazer de falar de algo que lhe enchia o coração e a

mente a ponto de excluir qualquer outra coisa. Com ele também acontecia isto, frequentemente.

Prestou atenção o mais que pôde a algo que, verdadeiramente, não compreendia, eis que assim era necessário proceder. Esperava que William lhe prestasse atenção, também.

Quão claramente ele se lembrava disto! Pensara então que não se lembraria tão bem, naturalmente, mas não estava cômico do que estava acontecendo. Rememorando, à luz dos fatos passados, ele se achou a recordar frases inteiras, quase que palavra por palavra.

William falava:

- Pareceu-nos, pois, que a criança autista não falhava no receber as impressões, nem mesmo falhava no interpretá-las de uma maneira um tanto sofisticada. Antes, estava desaprovando e rejeitando tais impressões, sem qualquer perda da potencialidade da plena comunicação se se achasse alguma impressão que ela aprovasse.

- Ah - disse Anthony, tornando o som apenas audível para indicar que estava ouvindo.

- Nem pode a gente persuadir a criança a sair de seu autismo pelas maneiras comuns, pois a criança desaprova você assim como desaprova o resto do mundo. Mas se você a puser em condições de uma interrupção consciente...

- Interrupção do quê?

- É uma técnica mediante a qual, na realidade, o cérebro como que se divorcia do corpo e pode desempenhar suas funções sem se referir ao corpo. É uma técnica um tanto sofisticada, criada em nosso laboratório; na verdade... - Fez uma pausa.

Gentilmente, Anthony perguntou:

- Foi você quem criou a técnica?

- Na verdade, sim - respondeu William, corando um pouco, mas visivelmente satisfeito. - Numa interrupção consciente, podemos suprir o corpo com determinadas fantasias e observar o cérebro por meio do eletroencefalografia. Podemos de imediato aprender mais a respeito do indivíduo autista, que tipo de impressão sensorial ele mais quer, e, de um modo geral, aprendemos mais a respeito do cérebro.

- Ah - disse Anthony, e desta feita foi um ah de verdade. - E tudo isto que vocês aprenderam a respeito de cérebros vocês não podem adaptar ao trabalho de um computador?

- Não - disse William. - De forma alguma. Já disse isso a Dmitri. Nada sei sobre computadores e ainda não sei o bastante a respeito do cérebro.

- Se eu lhe ensinar a respeito dos computadores e lhe disser detalhadamente do que é que eles necessitam, não daria?

- Acho que não. Seria...

- Irmão - disse Anthony, tentando dar uma entonação que impressionasse à palavra. - Você me deve alguma coisa. Faça, por favor, um esforço sincero para dar alguma atenção a nosso problema. Seja lá o que sabe sobre o cérebro, por favor, adapte isso aos nossos computadores.

William se mexeu, pouco à vontade, dizendo:

- Entendo seu ponto de vista. Tentarei. Com toda a sinceridade, tentarei.

6.

William tinha tentado e, como Anthony predissera, os dois tinham sido deixados a trabalhar juntos. De início encontravam-se com outras pessoas, e William tentara usar o efeito de choque do aviso de que eram irmãos, visto que não adiantava querer negar. A certa altura, todavia, pararam, e sobreveio uma útil não-interferência. Quando William se aproximava de Anthony, ou quando Anthony se aproximava de William, quem mais estivesse presente silenciosamente batia em retirada.

Acabaram se acostumando um ao outro num certo sentido e às vezes se falavam como se não houvesse semelhança alguma entre eles, e nenhuma memória comum da infância.

Anthony explicou os requisitos do computador em linguagem simples, razoavelmente não técnica, e William, depois de muito matutar, explicou como é que, a seu ver, deveria um computador funcionar, mais ou menos, à guisa de um cérebro.

Anthony disse:

- Será possível?
- Não sei. Não estou ansioso por tentar. Poderá não funcionar, assim como poderá.
- Teríamos de falar com Dmitri Grandão.
- Primeiro conversaremos nós dois mesmos e decidiremos o que fazer. Iremos a ele com uma proposição oriunda de nós dois, e a mais razoável possível. Ou, até, poderemos não ir a ele.

Anthony hesitou:

- Nós dois falarmos com ele?

Delicadamente, William se expressou:

- Você é meu porta-voz. Não há razão para irmos juntos.
- Obrigado, William. Se isto der em alguma coisa, dividirei os louros com você.
- Quanto a isso, não me preocupo. Se isto der em alguma coisa, creio que eu seria o único a poder fazer o trabalho - falou William.

Debateram a questão durante quatro ou cinco encontros e, não fosse Anthony seu parente, não houvesse entre eles aquela situação emocional desagradável, indubitavelmente William se orgulharia do seu jovem irmão, por sua rápida compreensão de um campo que lhe era estranho.

Houve então demoradas reuniões com Dmitri Grandão. Na verdade, havia reuniões com todo mundo. Durante intermináveis dias, Anthony via aquela gente toda, e depois se reunia com William, em separado. E, um belo dia, após uma demorada "gravidez", veio a autorização para o que foi denominado de Computador Mercúrio.

William voltou então a Nova Iorque com algum alívio. Não planejava ficar em Nova Iorque (dois meses antes, será que ele pensaria que isto seria possível?...), mas havia muito que fazer no Instituto Homológico.

Logicamente, mais conferências se fizeram necessárias para ele explicar a seu próprio grupo de laboratório que é que estava se passando e por que ele tinha de se retirar e como deveriam prosseguir com seus próprios projetos sem ele. Seguiu-se uma chegada a Dallas, desta vez bem mais complicada, com o essencial do equipamento e com dois jovens auxiliares para aquilo que era para ter sido uma chegada e retorno.

No sentido figurativo, nem mesmo William olhara para trás. Seu próprio laboratório e suas necessidades saíram de sua cabeça. Estava agora inteiramente comprometido com sua nova tarefa.

7.

Foi o pior período, para Anthony. O alívio durante a ausência de William não penetrara profundamente e começou a nervosa agonia de se perguntar se, talvez, esperança contra esperança, ele poderia não retornar. Quem sabe ele escolhesse enviar um representante, alguma outra pessoa? Alguma outra pessoa, com rosto diferente, de forma que Anthony não precisasse se sentir como a metade de um monstro com duas costas e quatro pernas?...

Mas, era William. Anthony observara o avião de carga vir silenciosamente pelo ar, observara-o a descarregar o que transportara, à distância. Mas, mesmo à distância, acabou vendo William.

Era ele, não havia dúvida. E Anthony se retirou.

Depois do almoço, foi falar com Dmitri.

- Garanto-lhe que não é preciso que eu fique, Dmitri. Estudamos os detalhes e uma outra pessoa poderia assumir a tarefa.

- Não, não - disse Dmitri. - Em primeiro lugar, a ideia foi sua. Deve ir até o fim. Não há razão para dividir as honras desnecessariamente.

Anthony pensou: ninguém mais quererá assumir o risco. E há ainda a possibilidade de um fracasso. Bem que eu deveria ter pensado nisto. No fundo ele tinha pensado, mas disse, impassível:

- Você compreende que não posso trabalhar com William.

- Mas, por que não? - Dmitri fingiu surpresa. - Vocês dois até aqui trabalharam tão bem, juntos!

- Estive me forçando a isto, Dmitri, e não aguentarei mais. Ou será que você não percebe como a coisa parece?

- Meu bom amigo! Você está exagerando. Lógico que as pessoas ficam espantadas, ao verem vocês dois juntos. Afinal de contas, são seres humanos. Mas acabarão se acostumando. Eu também me acostumei!

Seu gordo mentiroso, acostumou-se coisíssima nenhuma, pensou Anthony. E disse:

- Mas eu não me acostumei.

- Você não está encarando a coisa de maneira correta. Os pais de vocês eram... diferentes... mas, afinal de contas, o que eles fizeram não foi ilegal. Foi só esquisito, somente isso. Não é culpa sua nem de William. Nenhum dos dois pode ser censurado por causa disto.

- Mas estamos marcados - falou Anthony, fazendo um rápido gesto apontando para seu próprio rosto.

- Não estão marcados como você supõe. Vejo diferenças. Você tem aparência nitidamente mais jovem. Seu cabelo é mais ondulado. É só à primeira vista que parece haver grande semelhança. Veja, Anthony, vocês dispõem de todo o tempo de que necessitam, de toda a ajuda de que precisam, de todo o equipamento que quiserem usar. Tenho certeza de que tudo dará maravilhosamente certo. Pense na satisfação...

Anthony se deixou convencer, logicamente, e concordou em, pelo menos, ajudar William a instalar o equipamento. William, também, parecia estar certo de que tudo funcionaria maravilhosamente. Não tão freneticamente como Dmitri queria, mas com uma certa calma.

- É apenas uma questão de conexões adequadas - disse - se bem que eu deva admitir que esse "apenas" é um bocado suculento. O final de tudo isto será conseguir impressões sensoriais num vídeo independente de forma que possamos exercer... bem, não posso usar a expressão controles manuais, não é mesmo? de forma que possamos exercer controle intelectual e termos pleno domínio da situação, se necessário.

- Dá para fazer isto - disse Anthony.

- Então, vamos em frente... Veja, precisarei pelo menos de uma semana para fazer as conexões e para ter certeza de que as instruções...

- A programação - corrigiu Anthony.

- Bem, isto cabe a você, de forma que usarei sua terminologia. Eu e meus assistentes programaremos o Computador Mercúrio, mas não à maneira de vocês.

- Espero que não. Quisemos um homólogo justamente porque queríamos estabelecer um programa muito mais sutil do que qualquer coisa que um simples telemetrista poderia fazer. - Não tentou ocultar a ironia contra si mesmo que havia em suas próprias palavras.

William não reagiu; aceitou as palavras. E disse:

- Vamos então começar. Façamos o robô caminhar.

8.

Uma semana depois, o robô caminhava no Arizona, a quase dois mil quilômetros de distância. Caminhava rigidamente, às vezes caía, às vezes batia estrondosamente seu tornozelo contra uma obstrução, às vezes mexia só um dos pés e acabava tomando uma surpreendente nova direção.

- É um bebê aprendendo a andar - comentou William.

De vez em quando Dmitri vinha, para saber dos progressos, dizendo:

- É notável!

Anthony não pensava assim. Passaram-se semanas, depois meses. Progressivamente, o robô fazia cada vez mais, à medida que o Computador Mercúrio recebia, progressivamente, uma programação mais complexa. (William tinha a tendência de se referir ao Computador Mercúrio como a um cérebro, mas Anthony não o permitia.) E tudo que havia acontecido não era ainda suficientemente bom.

- Não é suficientemente bom, William - disse ele, por fim. Desde a noite anterior estava sem dormir.

Friamente William se manifestou:

- Isto não é estranho? Eu estava para dizer que pensei que estávamos derrotados.

Com dificuldades, Anthony se conteve. O esforço de trabalhar com William e de observar a tralhada com o robô era mais do que podia suportar.

- Vou me demitir, William. Vou deixar o empreendimento todo. Lamento... Não é por sua causa.

- Mas é por mim, sim, Anthony.

- Não é por sua causa só, William. É uma falha: não chegaremos aonde queríamos. Você vê como o robô é desajeitado, mesmo ainda na Terra, só uns dois mil quilômetros daqui, com o sinal para se mexer vindo apenas numa minúscula fração de segundo por vez. Em Mercúrio, haverá minutos de demora, minutos que o Computador Mercúrio terá de permitir. É loucura pensar que isto funcionará.

William disse:

- Não se demita, Anthony. Agora você não pode se demitir. Sugiro que deixemos o robô ser enviado a Mercúrio. Estou convicto de que ele está pronto.

Anthony riu estrepitosamente, insultantemente.

- Você está maluco, William.

- Não estou. Parece que você pensa que em Mercúrio será mais difícil, mas não será. É na Terra que é mais difícil. Este robô está planejado para um terço da gravidade normal da Terra e está trabalhando em gravidade total, no Arizona. Está planejado para 400°C e está só nos 30°C. Foi planejado para o vácuo e está trabalhando numa força atmosférica.

- Aquele robô pode compensar a diferença.

- Suponho que a estrutura de metal possa, mas... e o Computador, aqui debaixo de nossos narizes? Não trabalha bem com um robô que esteja num ambiente que não aquele para o qual foi concebido... Veja, Anthony, se você quiser um computador que seja tão complexo quanto um cérebro, você tem de admitir idiosincrasias... Olhe, vamos fazer um acordo. Vai levar ainda uns seis meses para enviarmos o robô a Mercúrio. Você leva o projeto avante enquanto eu tiro umas férias de uns seis me-

ses durante este período. Você ficará livre de mim.

- Quem cuidará do Computador Mercúrio?

- Agora você já entende como ele funciona, e haverá aqui dois de minha equipe para ajudar você.

Desafiante, Anthony sacudiu a cabeça.

- Não posso me responsabilizar pelo Computador e não assumirei a responsabilidade de sugerir o envio do robô a Mercúrio. Não vai dar certo.

- Estou convencido de que sim.

- Você não pode estar convencido. E a responsabilidade é minha. Eu é que receberei as críticas. Contra você não haverá nada.

Posteriormente, Anthony evocaria este momento crucial. William poderia deixá-lo ir embora. Anthony teria pedido demissão. Tudo estaria perdido.

Mas William disse:

- Não haverá nada contra mim? Veja, papai teve aquele sentimento, fez aquilo com mamãe. Tudo bem. Também lamento. Lamento tanto quanto qualquer outra pessoa, mas o que está feito, está feito, e disto resultou uma coisa curiosa. Quando falo de papai, ou seja, quando falo de seu pai, também, há um monte de casais que podem então dizer isto: dois irmãos, duas irmãs, um irmão e uma irmã. E, depois, quando falo mamãe, quero me referir à sua mãe, e há muitos casais que também podem falar assim. Mas não conheço nenhum outro par, nem ouvi falar de outro, que possa partilhar o mesmo pai e mãe."

- Sei disso - aquiesceu Anthony, sombrio.

- Sim, mas encare a coisa de meu ponto de vista - apressou-se William a acrescentar. - Sou homólogo. Trabalho com padrões genéticos. Já pensou alguma vez em nossos padrões genéticos? Partilhamos os mesmos pais, o que quer dizer que nossos padrões genéticos se aproximam bastante, mais do que qualquer outro par em nosso planeta. Nossos rostos mostram isso.

- Também sei disso.

- De forma que, se este projeto der certo, e você for glorificado por causa dele, será nosso padrão genético que terá provado ser altamente útil para a humanidade, o que quer dizer também meu padrão genético... Não está vendo, Anthony? Partilho seus pais, seu rosto, seu padrão genético, e, por conseguinte, quer a sua desgraça. Ela é minha quase tanto quanto sua, e se qualquer crédito ou censura sobrevier para mim, será quase tanto seu quanto meu. Tenho de estar interessado em seu sucesso. Tenho para isto um motivo que ninguém mais na Terra tem, puramente egoísta, tão egoísta quanto pode ser o seu para comigo. Estou de seu lado, Anthony, porque você está muito perto de mim!

Durante um longo tempo eles se encararam e, pela primeira vez, Anthony o fez sem reparar no rosto de que ele partilhava.

William rompeu o silêncio:

- Vamos, então, pedir que enviem o robô a Mercúrio.

Anthony concordou. E depois que Dmitri aprovou o pedido, porque afinal de contas ele estava esperando por isso, Anthony passou a maior parte do dia imerso em profundos pensamentos.

Procurou então William e disse:

- Ouça! - Houve uma longa pausa, que William não rompeu. Novamente Anthony disse: - Ouça!

Pacientemente, William esperava. Anthony disse:

- Na verdade, não há necessidade de que você se vá. Tenho certeza de que você não gostaria que ninguém mais, exceto você, dirigisse o Computador Mercúrio.

- Quer dizer que você pretende ir embora?
- Não, eu vou ficar, também - falou Anthony.

William disse: - Não precisamos muito ver um ao outro. - Tudo isto tinha sido, para Anthony, como falar com um par de mãos cerradas em torno de sua traqueia. Parecia agora que a pressão aumentava, mas a mais dura das afirmações estava ainda por vir.

- Não temos de nos evitar um ao outro. Não temos mesmo.

William sorriu, de maneira insegura.

Quanto a Anthony, não sorriu de jeito nenhum, rapidamente, retirou-se.

9.

William ergueu os olhos do livro que estava lendo. Fazia pelo menos um mês que ele deixara de se surpreender, ainda que vagamente, quando Anthony entrava.

- Alguma coisa errada? - perguntou.

- Quem sabe lá? Estão se preparando para o pouso suave. O Computador Mercúrio está funcionando?

William sabia que Anthony conhecia perfeitamente a condição do Computador. Mesmo assim, disse:

- Amanhã de manhã, Anthony.

- E não há problemas?

- Nenhum.

- Então teremos de aguardar o pouso suave.

- Sim.

Anthony disse:

- Alguma coisa falhará.

- A ciência dos foguetes é um velho parceiro: nada sairá errado.

- Tanto trabalho desperdiçado.

- Ainda não foi desperdiçado. Nem será.

- Pode ser que você esteja certo - disse Anthony. Com as mãos bem enterradas em seus bolsos, afastou-se, detendo-se na porta, antes de abri-la. - Obrigado!

- Obrigado por quê, Anthony?

- Por me... confortar. Anthony sorriu meio de esguelha, aliviado de uma maneira que suas emoções não demonstravam.

10.

Praticamente todo o pessoal do Projeto Mercúrio estava reunido, no momento crucial. Anthony, que não tinha tarefas a desempenhar, ficou bem ao fundo, com os olhos nos monitores. O robô tinha sido ativado e havia mensagens visuais sendo reenviadas

Por fim elas apareceram como o equivalente visual da superfície de Mercúrio. E mostravam aquilo que presumivelmente era essa superfície: uma embaçada incandescência.

Sombras adejavam rapidamente pelo vídeo, provavelmente irregularidades na superfície. Só pelo que seus olhos viam, Anthony não era capaz de interpretar o que via, mas os técnicos junto aos controles, que estavam analisando os dados por métodos mais sutis do que os que dispunham a olho nu, pareciam calmos. Nenhuma das lampadzinhas vermelhas que denunciavam emergência estava acesa. Na verdade, Anthony prestava mais atenção aos principais observadores do que ao vídeo.

Ele deveria estar lá, junto ao Computador, com William e os outros. Só se uniria a eles quando o pouso suave estivesse feito. Ele estaria lá. Ele não poderia estar.

Mais rapidamente as sombras adejavam pelo vídeo. O robô estava descendo - rapidamente demais? Sim, sem dúvida, rápido demais!

Houve um último borrão e uma fixidez, um deslocamento de foco no qual o borrão ficou primeiro mais escuro; depois, mais esmaecido. Ouviu-se um som e deu para perceber alguns segundos antes de Anthony compreender o que significava aquele som:

- Conseguimos o pouso suave! Conseguimos o pouso suave!

Então, houve um murmúrio crescente e um sussurro de congratulações, até que nova mudança ocorreu no vídeo e o som de palavras e risos se deteve, como se tivesse colidido contra uma parede de silêncio.

Porque o vídeo mudara, mudara e ficara nítido. À brilhante, brilhante luz solar, chamejando em meio ao vídeo cuidadosamente seletivo em suas imagens, agora eles podiam ver um pedregulho claro, com brilho esbranquiçado de um lado, retinto, de outro. Moveu-se para a direita, depois voltou-se para a esquerda, como se um par de olhos olhasse para a esquerda, depois para a direita. No vídeo apareceu uma mão metálica, como se olhos estivessem olhando por meio delas.

Foi a voz de Anthony que gritou, finalmente:

- O Computador entrou em ação!

Ouviu suas próprias palavras como se tivessem sido gritadas por outrem e correu escadas abaixo e por um corredor, deixando o balbúcio crescente de vozes atrás dele.

- William - gritou, irrompendo na sala do computador - está perfeito, está...

Mas a mão de William se soergueu.

- Psiu. Por favor. Não quero que nesta sala penetrem quaisquer sensações violentas, exceto as do computador.

- Quer dizer que podemos ser ouvidos? - cochichou Anthony.

- Pode ser que não, mas não sei. - Havia ali outro vídeo, menor. A cena que ele mostrava era diferente e cambiante; o robô se movia.

William disse:

- O robô está começando a perceber as coisas. Os primeiros passos têm de ser desgraciosos mesmo. Há um intervalo de sete minutos entre o estímulo e a resposta e é preciso levar isto em conta.

- Mas a verdade é que ele já está andando mais firme do que no Arizona. Não acha, William? Não acha? - Anthony apertava com a mão o ombro de William, sacudindo-o, sem seus olhos deixarem um minuto o vídeo.

William disse:

- Estou convencido disto, Anthony.

O Sol estava incandescente, num cálido contraste entre branco e preto: Sol branco contra um céu negro, solo movente pintalgado de branco com sombras negras. O brilhante gosto doce do Sol, exposto em cada centímetro quadrado de metal, contrastava com o aroma insinuante de morte, do outro lado.

Ergueu a mão e ficou a olhá-la, contando os dedos. Quente-quente-quente, virou-os, colocando cada dedo, um por um, à sombra dos outros, e o calor lentamente a se atenuar numa mudança tátil que o fazia sentir o limpo e confortável vácuo.

Se bem que não fosse um vácuo absoluto. Enrijeceu e ergueu ambos os braços sobre a cabeça, esticando-os, e os sensores em cada pulso sentiram os vapores, o fino e leve toque de estanho e chumbo se deslocando em meio ao enjoo que era Mercúrio.

O espesso sabor subiu de seus pés, os silicatos de cada variedade, marcados claramente pelo separar e juntar dos íons metálicos. Lentamente, ele moveu um pé em meio à poeira tostada, esmagada, e sentiu as diferenças como uma sinfonia delicada, não propriamente sem cadência.

E, sobretudo, o Sol. Olhou para ele, grande, gordo, brilhante e quente, e ouviu sua alegria. Observou a lenta ascensão das proeminências em torno do Sol e prestou atenção ao som de estalidos de cada uma, prestava atenção, outrossim, aos outros ruídos felizes em torno de seu amplo rosto. Quando ele obscureceu a luz difusa, o vermelho dos punhados de hidrogênio que se erguiam se mostrava em rajadas de maduro contrario, e o profundo contra baixo das manchas em meio ao emudecido silvar das féculas fragmentadas, a se moverem, e o ocasional silvo de uma labareda e, o crepitar dos raios gama e das partículas cósmicas, e acima de tudo, em todas as direções, o suspiro da substância solar, sempre renovada, erguendo-se e contraindo-se para todo o sempre, num vento cósmico que o alcançava e o banhava gloriosamente.

Deu um pulo e ergueu-se lentamente no ar com uma liberdade que nunca sentira, e novamente deu um pulo, ao pousar, e correu, e saltou, e de novo correu, com um corpo que respondia perfeitamente a este mundo glorioso, a este paraíso em que finalmente se achava.

Um estranho, tão longe e tão perdido, **finalmente no paraíso.**

- Tudo em ordem - disse William.

- Mas que é que ele está fazendo? - gritou Anthony.

- Tudo em ordem. A programação está funcionando. Ele testou seus sentidos. Está fazendo várias observações visuais. Obscureceu o Sol e o estudou. Testou a atmosfera e a natureza química do solo. Tudo funciona.

- Mas por que está correndo?

- Acho que é ideia dele mesmo, Anthony. Se quiser programar um computador de maneira tão complicada como um cérebro o é, você tem de esperar que ele tenha idéias próprias.

- Correr? Pular? - Anthony voltou seu rosto, ansioso, para William. - Acabará se machucando. Assuma o controle do Computador, passe por cima dele. Faça-o parar.

Asperamente, William disse:

- Não, não farei isto. Vou me aproveitar do fato de ele poder se machucar. Não está percebendo? Ele está feliz. Estava na Terra, um mundo ao qual ele nunca se adaptaria. Agora, está em Mercúrio, com um corpo perfeitamente adaptado à sua ambiência, tão perfeitamente adaptado quanto cem cientistas o poderiam ter feito. Para ele, é o paraíso, deixe-o aproveitá-lo.

- Aproveitá-lo? Mas ele é um robô!

- Não estou falando do robô. Estou falando do cérebro, o cérebro que está vivo, aqui.

O Computador Mercúrio, encerrado em vidro, cuidadosa e delicadamente protegido, sua integridade preservada de maneira mais sutil, respirava e vivia.

- É Randall que está no paraíso - afirmou William. - Achou o mundo por amor do qual autisticamente fugiu deste nosso. Tem um mundo para o qual seu novo corpo está perfeitamente adequado em troca deste mundo ao qual seu velho corpo absolutamente não se ajustava.

Maravilhado, Anthony observava o vídeo.

- Parece estar se acalmando.

- Lógico - disse William - e desempenhará sua missão da melhor maneira possível, para sua alegria.

Anthony sorriu e disse:

- Quer dizer então que você e eu fizemos o que queríamos? Vamos até onde estão os demais e vamos deixá-los nos festejar, William?

- Juntos? - perguntou William.

- Juntos, irmão! - exclamou Anthony, saindo com ele, ombro a ombro.

•

Não negarei que passou por minha cabeça um pensamento indigno: Jim era moço ainda, e ele poderia muito bem ter pegado "Estranho no Paraíso" impressionado, talvez, inconscientemente, mais por minha fama do que pelo valor da história, propriamente dita. Este pensamento, que, ainda que fugitivo, passara por minha cabeça, se desvaneceu completamente quando Donald Wollheim, da DAW Books, a escolheu para uma de suas antologias. Ultrapassa os limites da verossimilhança que Don, sujeito cínico, veterano traquejado, pudesse talvez se deixar impressionar por meu nome fosse lá em que circunstâncias fosse, ou, na verdade, por qualquer coisa a meu respeito. (Não é mesmo, Don?) De forma que, se queria a história, era por amor a ela mesma.

•

Escrevi, ocasionalmente, artigos para o The New York Times Magazine, mas minha média de acertos com eles é inferior a 0,5.

Comumente, este tipo de acontecimento seria desanimador, e eu poderia me deixar dominar pela sensação de que não me adapto a este tipo peculiar de mercado e que tenho de concentrar meus esforços alhures. Entretanto, o Times é um caso especial, e continuo tentando.

Contudo, no outono de 1974, de um só golpe recebi três recusas, de forma que decidi rejeitar a próxima solicitação de um artigo que deles recebesse. Isto não é tão fácil quanto parece, porque geralmente a solicitação provém de Gerald Walker, um bom amigo, como nunca inventaram outro.

Quando ele telefonou, tentei desesperadamente me obstinar numa recusa a tudo quanto ele me disse, até que mencionou a frase mágica: "ficção científica".

- Uma história de ficção científica? - perguntei.

- Sim.

- Para o suplemento?

- Sim. Queremos uma história de quatro mil palavras, que sonde o futuro e que tenha algo a ver com o relacionamento homem/ máquina.

- Vou tentar - falei. Que mais poderia fazer? A chance de atingir o Times com uma história de ficção científica era tão interessante, que não podia ser rejeitada. Comecei a trabalhar na história em 18 de novembro de 1974. Enviei-a ao Times sem qualquer confiança real em sua publicação e pouco me importava o que viesse a acontecer. Ela saiu em 5 de janeiro de 1975, número de segunda-feira do Times e, tanto quanto pude constatar, foi o primeiro trabalho de ficção que o Times autorizou e publicou.



A Vida e os Tempos de Multivac

O mundo inteiro estava interessado, o mundo inteiro poderia acompanhar. Se alguém quisesse saber quantos acompanhavam, Multivac teria dito. O grande computador Multivac acompanhava o desenvolvimento dos fatos - como fazia com tudo.

Neste caso, em particular, o juiz era Multivac, tão friamente objetivo e puramente empertigado, que não havia necessidade quer de acusação quer de defesa. Havia apenas o acusado, Simon Hines, e a prova contra ele, que em parte consistia em Ronald Bakst.

Naturalmente que Bakst acompanhava. No caso dele, isto era compulsório. Preferiria antes que não fosse. Em sua décima década, ele começava a demonstrar a idade e seu cabelo desgrenhado era nitidamente cinzento.

Noreen não estava acompanhada. À porta, ela disse: - Se tivéssemos deixado um amigo... - Fez uma pausa e acrescentou: - Coisa de que duvido... - e saiu.

Bakst bem que gostaria de saber se ela voltaria ou não, mas, naquele instante, isto não importava.

Incrivelmente idiota tinha sido Hines, ao tentar fazer mesmo alguma coisa, como se fosse crível alguém ter a ideia de ir até o terminal da Multivac e esmagá-lo - como se ele não soubesse que um computador que abrangia o mundo inteiro, o Computador abrangedor do mundo inteiro (maiúscula, por favor), a comandar milhões de robôs, não pudesse proteger a si mesmo. E, mesmo que o terminal houvesse sido esmagado, que é que isto adiantaria?

E Hines, pior ainda, fizera isto na própria presença física de Bakst!

E foi chamado, exatamente como o programa previa: - *Agora, ouviremos o depoimento de Ronald Bakst.*

A voz de Multivac era linda, de uma beleza que jamais se apagava, fosse lá como fosse ouvida. Nunca seu timbre era masculino nem, pensando bem, feminino, e ele falava em qualquer idioma que seu mais próximo ouvinte melhor entendia.

- Estou pronto para testemunhar - disse Bakst.

E não havia como deixar de dizer o que ele tinha a dizer; Hines não podia evitar a condenação. Nos dias em que Hines teria de fazer face a seus companheiros do gênero humano, ele teria sido condenado mais rapidamente e com menos brandura - e teria sido punido mais severamente.

Passaram-se quinze dias, durante os quais Bakst estivera bastante sozinho. A solidão física não era algo difícil de encarar, no mundo de Multivac.

Nos dias das grandes catástrofes, tinham morrido hordas.

Se tivessem sido os computadores - que haviam salvo o que sobrara dirigindo a recuperação -, se tivessem os computadores aperfeiçoado seus próprios planos até que

todos eles houvessem sido assimilados por Multivac, os cinco milhões de seres humanos teriam sido deixados sobre a Terra para viverem em perfeito conforto.

Mas estes cinco milhões estavam dispersos e as chances de uma pessoa ver outra, fora de seu círculo imediato, a não ser intencionalmente, não eram grandes. Ninguém estava planejando ver Bakst, nem mesmo pela televisão.

Naquela ocasião, Bakst pôde suportar o isolamento. Sepultou-se à maneira que escolhera - que acontecia de ser, nos últimos vinte e três anos, o planejamento de divertimentos matemáticos. Qualquer homem e mulher da Terra podia desenvolver uma maneira de viver adaptável a si próprio, sempre contanto que Multivac, sope-sando todos os assuntos humanos com perfeita perícia, não julgasse o caminho escolhido como sendo um daqueles que diminuía a felicidade humana.

Porém, nos divertimentos matemáticos, que é que podia diminuir tal felicidade? Era algo puramente abstrato - comprazia-se Bakst em pensar - e a ninguém prejudicava.

Não esperava que continuasse o isolamento. O Congresso não o isolaria permanentemente sem julgamento, um tipo diferente de julgamento daquele que Hines experimentara, naturalmente um julgamento sem a tirania de absoluta justiça de Multivac.

Mesmo assim, ele ficou aliviado quando terminou, e agradeceu-lhe que fosse o retorno de Noreen que terminara o julgamento.

Ela veio arrastando-se por sobre a colina, na direção dele, e ele se pôs em marcha, na direção dela, sorrindo. Tinha sido um período de cinco anos, bem sucedido, durante o qual tinham estado juntos. Mesmo os encontros ocasionais com os seus dois filhos e dois netos tinham sido agradáveis.

Ele disse: - Obrigado por estar de volta.

E ela disse: - Não voltei. - Parecia fatigada. Seus cabelos castanhos o vento os desmanchava e suas bochechas salientes estavam um pouco desiguais e queimadas de sol.

Bakst insistiu em que fizessem um almoço leve com café. Sabia que ela gostava disso.

Ela não o deteve, e, ainda que hesitando por um momento, comeu.

Ela disse: - Vim falar com você; o Congresso me enviou.

- O Congresso! - exclamou ele. - Quinze homens e mulheres, contando comigo. Auto designados e impotentes.

- Não é o que você pensava, quando fazia parte dele.

- Fiquei mais velho; aprendi.

- Aprendeu, pelo menos, a trair seus amigos...

- Não houve traição. Hines tentou prejudicar Multivac, uma loucura, coisa impossível que ele nunca devia tentar.

- Você o acusou.

- Tinha de acusá-lo. Multivac era sabedor dos fatos independentemente de minha acusação. E, se não o acusasse, eu seria cúmplice. Hines não teria ganho, mas eu teria perdido.

- Sem uma testemunha humana, Multivac teria suspenso a sentença.

- Não no caso de um ato anti Multivac. Não foi um caso de paternidade ilegal ou de trabalhar a vida toda sem permissão. Eu não podia aceitar aquela possibilidade.

- De forma que você deixou Simon desprovido de todas as permissões de trabalho por dois anos.

- Ele merecia isso.
- Pensamento consolador Você pode ter perdido a confiança do Congresso, mas ganhou a confiança da Multivac.

- A confiança de Multivac tem no mundo a importância que lhe atribuímos - disse Bakst seriamente, Subitamente, estava consciente de não ser tão alto quanto Noreen.

Ela parecia zangada o suficiente para ser capaz de bater nele; os lábios dela se apertavam um contra o outro, a ponto de parecerem sem sangue. Mas àquela altura ela já tinha passado dos oitenta - já não era mais jovem - e o hábito da não-violência já estava bem arraigado... Com exceção de malucos como Hines.

- Então isto é tudo que você tem a dizer? - perguntou ela.

- Poderia haver muito mais a dizer. Esqueceu? Esqueceu tudo? Não se lembra de como as coisas foram, uma vez? Lembra-se do século vinte? Agora vivemos bastante; agora vivemos com segurança; agora vivemos com felicidade.

- E agora vivemos desprezivelmente.

- Gostaria de voltar ao mundo tal como era outrora?

Noreen sacudiu violentamente a cabeça. - São histórias malignas, para nos assustar. Aprendemos a lição. Conseguimos superar os problemas, com a ajuda de Multivac, mas não precisamos mais da ajuda dele. Isto porque mais auxílio acabará nos enfraquecendo a ponto de morrermos. Sem Multivac, dirigiremos nós os robôs, dirigiremos nós as fazendas, e as minas e, as fábricas.

- Com que eficiência?

- Com bastante eficiência. Melhor: com prática. Precisamos deste estímulo, de qualquer maneira; caso contrário, pereceremos todos.

Bakst disse: - Temos nosso trabalho Noreen, seja lá qual for o trabalho que escolhermos.

- Seja lá qual escolhermos, desde que não seja importante, e mesmo isto pode ser-nos tirado quando se quiser, como com Hines. E qual é seu trabalho, Ron? Divertimentos matemáticos? Desenhar linhas num papel? Escolher combinações numéricas?

Bakst estendeu as mãos para ela, quase que suplicantemente.

- Isto pode ser importante. Não é uma bobagem. Não subestime isto... - Fez uma pausa, desejoso de explicar mas sem saber exatamente como fazê-lo, com segurança.

E disse: - Estou trabalhando em alguns problemas intrincados de análise combinatória, baseados em padrões genéticos, que podem ser usados para...

- Para divertir você e uns poucos outros. Sim, ouvi falar de seus divertimentos. Você decidirá como se deslocar de A para B com um número mínimo de passos e isto lhe ensinará como ir do útero à sepultura com um mínimo risco, e todos nós, como sempre, agradeceremos a Multivac.

Ela se levantou. - Você será experimentado, Ron, disto estou convencida. Será nosso julgamento. E você será abatido. Multivac protegerá você do dano físico, mas sabe que ele não nos forçará a vê-lo, a lhe falar, ou a ter o que quer que seja a ver com você. Isto você descobrirá sem estímulo de interação humana, você não será capaz de pensar ou de fazer suas brincadeiras matemáticas. Adeus.

- Espere, Noreen!

À porta, ela se voltou. - Lógico que você terá Multivac. Pode falar com ele, Ron.

Ele observou ela ir diminuindo, enquanto caminhava pelo verde do parque, ecologicamente saudável pelo trabalho discreto de robôs discretos, de mente simples, que raramente eram vistos.

Pensou: Sim, terei de falar com Multivac.

Multivac já não mais tinha um endereço fixo. Era uma presença global mantida coesa por meio de fios, fibras ópticas e microondas. Multivac tinha um cérebro, dividido em cem cérebros subsidiários, mas atuando como um só. Tinha terminais por toda parte e nenhum dos cinco milhões de seres humanos estava longe um do outro.

Havia tempo para todos, visto que Multivac podia falar com todos individualmente, ao mesmo tempo, sem afastar sua mente dos problemas maiores relacionados com ele, Multivac.

Quanto à sua força, Bakst não tinha ilusões. Que era sua incrível complexidade se não um divertimento matemático, que Bakst chegara a compreender uma década atrás? Ele sabia a maneira como as conexões se uniam de continente a continente, numa vasta rede cuja análise poderia formar a base de um fascinante divertimento matemático. Como organizar a rede de forma que o fluxo de informações nunca emperrasse? Como organizar os pontos de comutação? E prove-se que, seja lá qual for o arranjo, existe sempre pelo menos um ponto que, quando não conectado...

Quando Bakst aprendeu o jogo, foi expulso do Congresso. Que podiam eles fazer se não falar, e que adiantava isso?... Com indiferença, Multivac permitia conversas de qualquer natureza e de qualquer profundidade precisamente porque isto carecia de importância.. Multivac só proibia atos, ou então os modificava ou os punia.

E era o ato de Hines que estava conduzindo a crise; e antes que Bakst, também, estivesse preparado para isto.

Agora Bakst tinha de se apressar, e solicitou uma conversa com Multivac sem ter a mínima confiança no resultado.

Podiam ser feitas perguntas a Multivac a qualquer tempo. Havia aproximadamente um milhão de terminais do tipo que testemunhara o súbito ataque de Hines, terminais nos quais, ou perto dos quais, se podia falar. Multivac responderia.

Já uma conversa era outro assunto. Exigia tempo, exigia privacidade; e, acima de tudo, exigia que Multivac julgasse essa conversa necessária. Se bem que Multivac tivesse capacidades que nem todos os problemas do mundo consumiriam, ele se tornara, num certo sentido, parcimonioso com seu tempo Talvez isto fosse o resultado de seu perpétuo auto-aperfeiçoamento Multivac estava se tornando cada vez mais consciente de seu próprio valor e estava cada vez menos propenso a se ocupar, pacientemente, de trivialidades.

Bakst tinha de depender da boa vontade de Multivac. O fato de ter deixado o Congresso, tudo que fizera desde então, mesmo seu depoimento contra Hines, tudo tinha tido o objetivo de angariar a boa vontade de Multivac. Com toda certeza, estar bem com a máquina era ter sucesso neste mundo.

Teria de assumir aquela boa vontade. Tendo feito a solicitação da conversa, por via aérea de imediato viajou para a subestação mais próxima: não se limitara a apenas enviar sua própria imagem. Queria estar lá em pessoa; de uma certa maneira, presentia que seu contacto com Multivac seria mais íntimo desta maneira.

A sala era quase que como uma sala para conferências de seres humanos, planejada para um circuito fechado de multivisão. Numa fração de segundo, Bakst pensou que Multivac poderia assumir uma forma humana e juntar-se a ele - o cérebro feito carne.

Claro que isto não se deu. Havia um suave murmúrio como que por entre os dentes das incessantes operações de Multivac, algo que estava sempre e para sempre presente na presença de Multivac e, agora, por sobre a voz de Multivac.

Não era a voz usual de Multivac: era uma voz calma, baixinha, bela e insinuante, quase em sua orelha.

- Bom dia, Bakst: bem-vindo. Os seres humanos, seus amigos, o desaprovam.

Multivac sempre ia direto ao assunto, pensou Bakst, que disse: - Não importa, Multivac. O que conta é que aceito suas decisões como sendo para o bem da espécie humana. Assim fomos planejados para proceder, nas próprias versões primitivas de você e...

- E os desígnios que impus a mim mesmo continuaram a seguir esta abordagem básica. Se você compreende isto, por que tantos seres humanos não o compreendem? Ainda não completei a análise deste fenômeno.

- Trouxe-lhe um problema - disse Bakst.

- Qual é ele? - indagou Multivac.

- Tenho gasto muito tempo em problemas matemáticos inspirados no estudo dos genes e suas combinações - disse Bakst. - Não posso achar as respostas necessárias e a computadorização doméstica não ajuda.

Houve um dique esquisito e Bakst não conseguiu conter um leve calafrio ante um súbito pensamento de que Multivac podia estar evitando uma risada. Era um toque de humano além até daquilo que ele estava pronto para aceitar. A voz estava em sua outra orelha e Multivac disse:

- Na célula humana há milhares de genes diferentes. Cada gene tem uma média de talvez cinquenta variações em existência e números incontáveis que nunca chegaram a viver. Se fosse para tentarmos calcular todas as combinações possíveis, o simples ato de ouvi-las, à minha mais rápida velocidade, se continuado sem interrupção, não alcançaria, no mais longo tempo de existência que se desse ao Universo, mais do que uma fração infinitesimal do total.

Bakst disse: - Não é necessário uma listagem completa. É nisto que se destaca meu jogo. Algumas combinações são mais prováveis que outras e, erigindo possibilidade sobre possibilidade, podemos diminuir enormemente o trabalho. Peço-lhe que me auxilie na maneira de chegar à construção de probabilidade após probabilidade.

- Ainda assim, seria preciso muito de meu tempo. Como poderia eu justificar isso perante mim mesmo?

Bakst hesitou. Não adiantava tentar um complicado jogo de esconde-esconde. Com Multivac, uma linha reta era a menor distância entre dois pontos.

Ele disse: - Uma combinação genética adequada poderia produzir um ser humano mais capacitado a deixar para você as decisões, mais propenso a crer em você para se resolver a fazer os homens felizes, mais ansiosos por serem felizes. Não posso achar a combinação adequada, mas você poderia, e com engenharia genética controlada...

- Entendo o que você quer dizer. É... bom. Vou dedicar algum tempo a isso.

Bakst achou dificuldade em se inserir no comprimento de onda particular de Noreen. Por três vezes a ligação escapou. Ele não ficou surpreso. Nos últimos dois meses, tinha havido uma crescente tendência da tecnologia para falhar em aspectos menores - nunca por muito tempo, nunca seriamente, e ele saudava cada ocasião com um sombrio prazer.

Desta vez, a ligação se manteve. O rosto de Noreen apareceu, em holografia tridimensional. Por um momento, a imagem vacilou mas depois se firmou.

- Respondo a seu chamado - disse Bakst, num tom devidamente impessoal.

- Por um momento, pareceu-me impossível alcançar você - disse Noreen. - Onde

tem andado?

- Não estou me escondendo. Estou aqui, em Denver.
- E por que em Denver?
- O mundo é minha ostra, Noreen. Posso ir para onde me agrada.

O rosto dela repuxou um pouco. - E talvez o achasse vazio em todos os lugares.

Vamos experimentar você, Ron.

- Agora?
- Agora!
- E aqui?
- E aqui!

Volumes de espaço vacilaram em diferentes cintilações de cada lado de Noreen, e mais distante, e atrás dela. Bakst olhava de lado a lado, contando. Havia catorze pessoas: seis homens, oito mulheres. Conhecia todos eles. Outrora haviam sido bons amigos, e não fazia tanto tempo assim.

De cada lado e por detrás das imagens estava o pano de fundo selvagem do Colorado, num agradável dia de verão que se aproximava do fim. Uma vez, aqui tinha existido uma cidade chamada Denver. O local ainda tinha aquele nome, ainda que tivesse sido desobstruído, como o tinham sido a maioria dos locais em que houvera cidades... Dava para ele avistar e contar dez robôs, fazendo tudo quanto os robôs faziam.

Supunha ele que estivessem mantendo a ecologia. Desconhecia os detalhes, mas Multivac os conhecia, de forma a manter por toda a Terra, numa ordem eficiente, cinquenta milhões de robôs.

Atrás de Bakst estava um dos circuitos convergentes de Multivac, quase como uma pequena fortaleza auto-defensiva

- Por que agora? - perguntou ele. - E por que aqui?

Voltou-se automaticamente para Eldred. Ela era a mais velha de todos - e a que detinha autoridade - se é que se podia dizer que um ser humano tinha autoridade.

O rosto moreno escuro de Eldred parecia um pouco fatigado. Os anos mostravam todos os períodos de cento e vinte anos transcorridos, mas sua voz era firme e incisiva. - Porque, agora, temos os fatos finais. Deixe que Noreen lhe conte. Ela conhece você melhor.

Os olhos de Bakst voltaram-se para Noreen. - De que crime sou acusado?

- Vamos parar com brincadeiras, Rori. Aos olhos de Multivac, os únicos crimes são greves em prol de liberdade e é seu crime humano o fato de você não ter cometido crime algum perante Multivac. Por isso, julgaremos se algum ser humano vivo ainda quer a sua companhia, quer ouvir a sua voz, estar cômico de sua presença, ou lhe responder de alguma maneira.

- Por que então estou sendo ameaçado de isolamento?

- Você traiu todos os seres humanos.

- Como?

- Nega que tem tentado fomentar, entre a humanidade, a subserviência a Multivac?

- Ah! - Bakst cruzou os braços sobre o tórax. - Você descobriu depressa: só teve de consultar Multivac...

Noreen disse: - Nega que tenha procurado auxílio relativamente à engenharia genética, de forma a produzir uma estirpe destinada a aceitar, sem restrições, a escravidão imposta por Multivac?

- Sugeri a formação de uma humanidade mais contente. Isto é traição?

Eldred interveio. Ela falou: - Nada de sofismas, Ron. Já os conhecemos de cor. Não

venha nos contar mais uma vez que Multivac não pode ser contrariada, que não adianta lutar, que obtivemos segurança. Aquilo que você chama de segurança, para todos nós restantes é escravidão.

Bakst disse: - O julgamento vai prosseguir ou posso me defender?

- Você ouviu o que Eldred disse - falou Noreen. - Sabemos qual é sua defesa.

- Todos nós ouvimos Eldred - disse Bakst - mas ninguém me ouviu. Aquilo que ela diz ser minha defesa não é minha defesa.

Houve um silêncio enquanto as imagens trocavam olhares entre si, à direita e à esquerda.

- Fale! - ouviu-se Eldred dizer.

Bakst disse: - Pedi à Multivac que me ajudasse a resolver um problema no campo dos divertimentos matemáticos. Para atrair a atenção dele, assinali que o problema se baseava em combinações genéticas e que a solução poderia ajudar na constituição de uma combinação genética que não deixaria nenhum homem pior do que é agora, fosse lá de que ponto de vista fosse; antes, tal combinação o levaria a uma alegre aceitação para com a direção de Multivac, assim como a uma aquiescência para com as decisões dele.

- Foi o que ouvimos dizer - manifestou-se Eldred.

- Só nestes termos é que Multivac aceitaria a tarefa. Uma linhagem nova deste tipo é claramente desejável para a humanidade segundo os padrões de Multivac, e, de acordo com os mesmos padrões de Multivac, ele precisa trabalhar em prol desse pedido. E o desejo do fim em vista fascinará Multivac a ponto de ele examinar mesmo os aspectos mais complicados do problema, problema cuja interminabilidade está além até do que podemos conceber. Todos vocês testemunharão isto.

- Testemunharemos o quê? - perguntou Noreen.

- Vocês não tiveram dificuldade para me localizarem? Nos últimos dois meses, será que cada um de vocês não passou a notar pequenas dificuldades em coisas que antes correram sempre muito bem?... Ficaram silenciosos... Posso aceitar isto como uma concordância?

- E daí, se for assim mesmo?

Bakst disse: - Multivac tem colocado todos os seus circuitos sobressalentes no problema. Pouco a pouco, ele tem dedicado à direção do mundo só uma reduzida parcela de seus esforços, visto que nada, pelo próprio senso de ética da máquina, pode se interpor no caminho da felicidade humana, e não pode haver maior aumento nessa mesma felicidade do que aceitar Multivac.

Noreen disse: - Que é que significa tudo isso? Multivac tem ainda requisitos suficientes para gerir o mundo - e a nós - e se isto for feito, no mínimo com menos do que a eficiência total, a única implicação seria um desconforto temporário em nossa escravidão. Temporário apenas, eis que não durará muito tempo. Mais cedo ou mais tarde, Multivac decidirá que o problema é insolúvel, ou o resolverá e, num caso ou noutro, terminará o seu afastamento das suas tarefas primordiais. No segundo caso, a escravidão se tornará permanente e irrevogável.

- Mas, por ora, ela está com a atenção desviada - disse Bakst - e podemos até conversar como estamos conversando - até mais perigosamente - sem que ele repare. Mesmo assim, não me arrisco a fazer isto por muito tempo, de forma que, por favor, procurem me entender depressa.

- Tenho outro divertimento matemático: a criação de redes baseadas no modelo de Multivac. Sou capaz de provar que, por mais complicada e repetitiva que a rede seja, precisa haver pelo menos um lugar para o qual tenham de ser canalizadas todas as correntes, em circunstâncias especiais. E sempre haverá um colapso fatal se houver

uma interferência justamente naquele local e isto porque haverá sobrecarga em outro lugar, que por sua vez provocará sobrecarga noutro lugar e assim indefinidamente, até que tudo falhe.

- E então?

- É aí que o carro pega. Por que vim para Denver? E Multivac também é sabedor disso, e este ponto está guarnecido eletronicamente, e por robôs, de maneira tal que não pode ser penetrado.

- E daí?

- Mas Multivac está com trabalho demais, e ele confia em mim. Trabalhei para ganhar a confiança dele, à custa de perder a amizade de todos vocês, visto que só com confiança há possibilidade de traição. Se a esta altura qualquer um de vocês tentasse se aproximar, mesmo estando atarefado como está, Multivac se interporia. Se ele não estivesse distraído, sequer permitiria que eu me aproximasse. Mas a máquina se distraiu, e cá estou eu!

Bakst se movimentava para a frente, na direção do circuito convergente, perambulando tranquilamente, e as catorze imagens, dirigidas para ele, também se moviam. Rodeando-as completamente estavam os suaves sussurros de uma atarefada central da Multivac.

Ele disse: - Por que atacar um oponente invulnerável? Primeiro, façamo-lo vulnerável, e então...

Bakst lutava para permanecer calmo, mas tudo dependia disto, agora. Tudo! Com uma forte sacudidela, desfez uma ligação. (Se pelo menos ele tivesse um pouco mais de tempo para fazer isto com mais segurança!...)

Nada o deteve e, contendo a respiração, começou a perceber que o ruído estava cessando, estava acabando o cochicho, Multivac cessava suas atividades. Se, a dada altura, aquele ruído discreto não retornasse, era porque ele atingira o ponto certo, sem recuperação possível. Se ele não agisse rapidamente, a atenção dos robôs que se aproximavam...

No silêncio, que prosseguia, ele se voltou. A distância, os robôs ainda trabalhavam: nenhum deles estava se aproximando.

Diante dele, as imagens dos catorze homens e mulheres do Congresso ainda perduravam, e cada uma delas parecia estupefata ante a enormidade daquilo que estava ocorrendo.

- Multivac encerrou suas atividades, consumiu-se. Não pode ser reconstruída. - Ao ouvir aquilo que ele mesmo dizia, Bakst se sentia como que embriagado. - Desde que deixei o convívio de vocês, foi para isso que eu estava trabalhando. Quando Hines atacou, receei que estivesse fazendo o mesmo que eu pretendia, temi então que Multivac redobrasse sua vigilância, que mesmo eu - que tinha de trabalhar rapidamente - que mesmo eu não estava muito convencido... - Respirava com dificuldade mas forçou-se a recobrar a firmeza na voz, dizendo solenemente: - Eu dei a liberdade para nós.

Fez uma pausa, cômico do crescente peso do silêncio. Catorze imagens o encaravam fixamente, sem que qualquer uma delas lhe oferecesse uma palavra que fosse, em resposta.

Asperamente, Bakst exclamou: Vocês falaram de liberdade. Agora vocês a têm!

Então, com um tom de incerteza, disse: - Não era isso que vocês queriam?



Quando terminei a história precedente, ou pensei que a terminara, senti-me insatisfeito. Fiquei acordado até umas duas da madrugada, conjecturando o que é que me deixara insatisfeito. Concluí que não tinha atingido meu objetivo. Pulei da cama e rapidamente reescrevi os três últimos parágrafos da história, como ela finalmente veio a ser publicada, terminando com aquela horrenda pergunta. Daí, então, fui dormir tranquilamente.

No dia seguinte, reescrevi a última página do original para incluir o novo final e, quando enviei o material para o Times, ainda mais que eu queria efetuar a venda, indiquei onde é que eu seria intransigente.

- Reparem - escrevi - que o final numa pergunta sem resposta não é acidental. É a essência. Cada leitor terá de considerar o significado da pergunta e que resposta ele próprio daria.

O Times solicitou umas mudanças e esclarecimentos de pouca monta, mas não permitiu a mínima manifestação contrária ao final que eu dera à história, devo dizer, com alegria.

Meu título original tinha sido "Divertimentos matemáticos", a propósito, e por um momento cheguei a cogitar de re-estabelecê-lo nesta versão em livro. Contudo, "A vida e os tempos de Multivac" tinha um quê de atraente. Ademais, muitas pessoas tomaram conhecimento do título no único dia em que ele esteve à disposição do grande público, através do jornal. E, durante as semanas que se seguiram, o fato é que vieram ter comigo mais pessoas, dizendo-me que tinham lido a história, o que jamais me ocorrera antes com qualquer outra história. Não quero que pensem que mudei o título para induzi-las em erros, fazendo-as crer que se tratava de uma história que ainda não tinham lido, de forma que pudessem vir a adquirir este livro pensando tratar-se de outra história. Razão pela qual ficou sendo o mesmo "A vida e os tempos de Multivac".



Entre os que leram minha história no The New York Times Magazine estava William Levinson, coordenador do Physician's World. No mesmo número do magazine estava um artigo intitulado "Triagem". Triagem é um sistema de escolher quem deve ser salvo e quem deve morrer quando as condições não permitem que todos se salvem. A triagem tem sido usada em emergências médicas, quando os limitados recursos de que se dispõe são usados naqueles que têm melhores condições de utilizarem esses mesmos recursos. Existe agora o senso de que a triagem deveria ser empregada em escala mundial, que algumas nações e regiões não podem ser salvas e que esforço algum deve riar ser empreendido para salvá-las.

Ocorreu a Levinson que o assunto poderia ser abordado via ficção científica, e visto que meu nome estava na frente dele na página com o índice da revista, ele entrou em contacto comigo. Surpreendi-me com a ideia e concordei imediatamente. Comecei em 19 de janeiro de 1975. Levinson gostou de "Genocídio Seletivo" quando o terminei e estava tudo combinado para sair em junho de 1975, subitamente, o magazine deixou de ser publicado, um número antes.

Triste e embaraçado, Levinson devolveu a história. Lógico que a culpa não era dele, de forma que lhe escrevi uma carta, tranquilizando-o. Além do mais, a história havia sido paga e não parecia provável que eu pudesse publicá-la alhures.

Na verdade, porém, Ben Bova aceitou-a imediatamente e ela apareceu em fevereiro de 1976, em Analog.



Genocídio Seletivo

Cinco anos se tinham passado desde que em torno do trabalho do Dr. Aaron Rodman se erguera uma maciça muralha de isolamento.

- Para sua própria proteção... - tinham-no advertido.
- Nas mãos das pessoas erradas... - tinham-lhe explicado.

Nas mãos certas, certamente (as dele mesmo, por exemplo, pensou, um tanto desesperado o Dr. Rodman), a descoberta era evidentemente a maior dádiva para a saúde humana desde que Pasteur desenvolvera a teoria dos bacilos, e a maior chave para a compreensão do mecanismo da vida, até então.

Não obstante, depois de sua palestra na Academia de Medicina de Nova Iorque, logo depois de seu quinquagésimo aniversário e no primeiro dia do Século Vinte e Um (tinha havido uma certa adequação àquilo), o silêncio havia sido imposto, e ele não mais podia falar, exceto a certos funcionários. E certamente não poderia editar nada.

Entretanto, o governo o apoiava. Tinha todo o dinheiro de que necessitava, e os computadores estavam às suas ordens para fazerem o que ele desejasse. Seu trabalho progredia rapidamente, e elementos do governo vinham ter com ele, para serem orientados, para o entenderem.

- Dr. Rodman, - vieram perguntar - como pode um vírus se espalhar de célula para célula, no organismo, e, não obstante, não ser infeccioso para um outro organismo próximo?

Extenuava Rodman ter de dizer repetidas vezes que não tinha todas as respostas. Extenuava-o ter de usar o termo "vírus". E disse:

- Não é um vírus, visto que é uma molécula de ácido nucleico. É algo completamente diferente: uma lipoproteína.

Era melhor quando os que o interrogavam não eram médicos. Podia então tentar explicar-lhes generalidades em vez de sempre se enredar nas minúcias. E diria: - Toda célula viva, mesmo a mais infinita estrutura dentro da célula, é rodeada por uma membrana. A atuação de cada célula depende de quais moléculas podem passar através da membrana numa direção ou noutra e a que proporções. Uma pequena mudança na membrana alterará enormemente o fluxo e, destarte, a natureza da química celular e a natureza de sua atividade.

- Toda doença pode se basear em alterações na atividade da membrana. Todas as mudanças podem ocorrer através de tais alterações. Qualquer técnica que controlar as membranas, controlará a vida. Os hormônios controlam o corpo pelos efeitos nas membranas e minha lipoproteína é antes um hormônio artificial do que um vírus. A própria LP se incorpora à membrana e, durante o processo, induz à elaboração de mais moléculas como ela própria - é esta parte que eu próprio não consigo entender.

Mas as finas estruturas das membranas não são sempre idênticas. Na verdade, di-

ferem em todos os seres vivos - são completamente diferentes de organismo para organismo. Uma LP não afetará dois organismos individuais da mesma maneira. O que abrirá as células de um organismo à glucose e aliviará os efeitos da diabetes, fechará as células de outro organismo à lisina, matando-o.

Era isto que mais parecia interessá-los: o fato de ser um veneno.

- Um veneno seletivo - viria a dizer Rodman. - Não se pode dizer, de antemão, sem um íntimo auxílio de computadores que estudem a bioquímica da membrana de um indivíduo em particular, que é que uma determinada LP lhe fará.

Com o tempo, o laço foi apertando cada vez mais, inibindo a liberdade de Rodman, mesmo deixando-o despreocupado - num mundo em que tanto a liberdade como a despreocupação estavam desaparecendo em toda parte, e as mandíbulas do inferno estavam abertas diante de uma humanidade desesperada.

Estava-se no ano 2005 e a população da Terra era de seis bilhões. Não fosse a escassez de alimentos, seriam sete bilhões. Um bilhão de pessoas morreria na geração precedente, e mais ainda estavam para morrer.

Peter Affare, presidente da Organização Mundial de Alimentos, vinha frequentemente aos laboratórios de Rodman para jogar xadrez e bater um papo. Fora ele, dizia, quem primeiro apreendera o significado da palestra de Rodman perante a Academia, e isto o auxiliara a tornar-se Presidente.

Rodman pensava que o significado era fácil de apreender, mas nada comentou.

Affare era dez anos mais moço que Rodman, e seus cabelos ruivos estavam escurecendo. Sorria com frequência mesmo que o assunto da conversa raramente desse margem a sorrisos, visto que o presidente de qualquer organização às voltas com suprimentos de alimentos teria propensão a falar da fome mundial.

Affare disse: - Se os suprimentos de alimentos fossem igualmente distribuídos entre todos os habitantes do mundo, todos morreriam de fome.

- Se fossem igualmente distribuídos - disse Rodman - o exemplo de justiça no mundo por fim nos conduziria a uma sadia política mundial. Do jeito que as coisas são, há um desespero mundial, fúria em torno da fortuna egoísta de uns poucos e, em represália, todo mundo procede irracionalmente.

- Mas você próprio não se ofereceu voluntariamente para ceder seu excesso de alimentos - contestou Affare.

- Sou humano e egoísta e minha atitude pouco significaria. Não deveriam me sugerir tal voluntariado. Não me dariam opção, neste assunto.

- Você é um romântico - disse Affare. - Não consegue perceber que a Terra é como um bote salva-vidas? Se o estoque de alimentos fosse dividido igualmente entre todos, então todos morreriam. Se você for jogado fora do salva-vidas, os remanescentes sobreviverão. A pergunta não é se alguns morrerão, visto que alguns têm de morrer; a pergunta é se alguns viverão.

- Você está advogando uma triagem, o sacrifício de uma parte em benefício do restante, oficialmente?

- Não podemos. As pessoas no bote salva-vidas estão armadas. Várias regiões ameaçam abertamente usar armas nucleares se não vier mais comida.

Sardonicamente, Rodman disse: - Você está querendo dizer que a resposta para "Morra para que eu possa viver" é "Se eu morrer, morre você também"?... Que im-passe!

- Não é bem assim - retrucou Affare. - Lugares há, sobre a Terra, em que não dá para salvar as pessoas. São pessoas que sobrecarregaram sem esperança sua pró-

pria terra, com hordas de pessoas a morrerem de inanição. Admitamos que lhes seja enviada comida, e admitamos que a comida mate aquelas mesmas pessoas, de forma que aquelas regiões não necessitarão de remessas posteriores.

Rodman teve o primeiro lampejo de compreensão. - Matá-los como? - perguntou.

- As propriedades estruturais comuns das membranas celulares de uma determinada população podem ser descobertas. Uma LP, planejada especialmente para ter vantagem em relação àquelas propriedades, pode ser adicionada ao suprimento de alimentos, que será então fatal - concluiu Affare.

- Impensável - disse Rodman, surpreso.

- Pense de novo. Não haveria dor. Lentamente, as membranas se fechariam e a pessoa afetada mergulharia num sono sem despertar, morte infinitamente melhor que a morte por fome, que, doutra forma, é inevitável, ou aniquilação nuclear. Nem seria pior para qualquer outra pessoa, visto que variam as propriedades da membrana de cada população. Na pior das hipóteses, morrerão uns setenta por cento. O genocídio será feito precisamente onde piores forem o superpovoamento e a desesperança, sobrando pessoas suficientes para preservar cada nação, cada grupo étnico, cada cultura.

- Matar deliberadamente bilhões...

- Não será matança. Apenas, daremos uma oportunidade para as pessoas morrerem. Quais as pessoas, em especial, que deverão morrer é algo que dependerá da bioquímica particular dessas mesmas pessoas. Será o dedo de Deus.

- E quando o mundo descobrir o que se fez?

- Será depois de nosso tempo - disse Affare - e, nessa altura, um mundo florescente, com uma população limitada, nos agradecerá nossa heroica ação de escolhermos a morte de uns para evitarmos a morte de todos.

O Dr. Rodman se sentia ruborizado, e tinha até mesmo dificuldade de falar. - A Terra - disse - é um bote salva-vidas muito grande e muito complexo. Ainda não sabemos o que pode e o que não pode ser feito com uma distribuição adequada dos recursos e é notório que até hoje não se fez um autêntico esforço no sentido de se distribuir adequadamente tais recursos. Em muitos lugares da Terra, diariamente se desperdiça comida, e é saber disto que enlouquece os famintos.

- Concordo com você - disse Affare, friamente - mas o mundo não pode ser como queremos que seja. Precisamos encará-lo como ele é

- Então me trate como eu sou. Quer que eu forneça as moléculas necessárias de LP e eu não o farei. Não erguerei a ponta de um dedo neste sentido.

- Então - Affare retomou a palavra - você será mais assassino de multidões do que me acusa de ser. E penso que mudará de ideia quando pensar melhor.

Ele era visitado quase que todos os dias, fosse por um funcionário, fosse por outro, todos bem alimentados. Rodman estava começando a ficar muito sensível com relação ao modo como bem se alimentavam todos quantos discutiam a necessidade de matar os famintos.

Numa destas ocasiões, insinuantemente, o Secretário Nacional da Agricultura lhe dissera: - Você não seria favorável à matança de um rebanho de gado infectado com febre aftosa ou antrax para evitar a disseminação da infecção em rebanhos sadios?

- Seres humanos não são gado - disse Rodman - e a fome não é contagiosa.

- Mas é - disse o Secretário. - O problema é justamente este. Se não morrer numa porcentagem das superpovoadas massas de gente, a fome delas se espalhará até áreas ainda incontaminadas. Você não pode se recusar a nos auxiliar.

- Como pode me obrigar? Mediante tortura?

- Não tocaríamos num fio de seu cabelo. Sua capacidade neste campo é muito pre-

ciosa para nós. Contudo, os talões de racionamento podem ser retirados.

- Certamente que a inanição me feriria.

- Não a você. Mas se estamos preparados para matar alguns bilhões de pessoas por amor à raça humana, então seguramente estaremos aptos para a muito menos difícil tarefa de tirar os talões de racionamento de sua filha, do marido dela, do bebê deles.

Rodman estava silencioso; o Secretário acrescentou: - Dar-lhe-emos tempo para pensar. Não queremos tomar uma atitude contra sua família, mas, se necessário, assim faremos. Pense, durante uma semana. Na próxima quinta-feira todo o Comitê estará a postos. Você participará então de nosso projeto e não poderá haver mais de longas.

A Segurança foi redobrada e Rodman era ostensivamente, totalmente prisioneiro. Uma semana depois, todos os quinze membros do Conselho Mundial de Alimentos, junto com o Secretário Nacional da Agricultura e uns poucos membros da Legislação Nacional, chegaram ao seu laboratório. Sentaram-se em torno da longa mesa na sala de reuniões do exuberante edifício de pesquisas, construído com recursos públicos.

Durante horas conversaram e planejaram, tomando nota das respostas que Rodman dava às perguntas específicas. Ninguém perguntou a Rodman se ele ia cooperar; ninguém parecia pensar que houvesse alguma outra coisa que ele pudesse fazer.

Por fim, o cientista disse: - O projeto de vocês não pode funcionar, em hipótese alguma. Logo depois que um carregamento de cereais chegar a determinada região do mundo, as pessoas morrerão às centenas de milhões. Supõem vocês que os sobreviventes não estabelecerão uma correlação e supõem vocês que não se arriscam a uma retaliação com bombas nucleares?

Affare, sentado diretamente em frente de Rodman, do ponto de vista do eixo menor da mesa, disse:- Estamos cientes dessa possibilidade. Pensa você que levamos anos estabelecendo o roteiro de uma ação, sem levar em conta a possível reação daquelas regiões escolhidas para o genocídio?

- Você pensa que ficarão gratos? - perguntou Rodman, amargamente.

- Não saberão que estão sendo escolhidos para a morte. Nem todos os carregamentos de cereais estarão infectados com LP. Nenhum lugar receberá só cereais contaminados. Providenciaremos inclusive para que estoques locais de cereais, aqui e acolá, também sejam infectados. E mais: nem todas as pessoas morrerão, e só umas poucas morrerão prontamente. Algumas, que ingerem muitos cereais, não morrerão de jeito nenhum, e algumas, que só comem um pouco, morrerão rapidamente, dependendo das membranas deles. Para eles, parecerá uma praga, como a Peste Negra a voltar.

Rodman disse: - Pensou no efeito que terá a Peste Negra, de volta? Pensou no pânico?

- Far-lhes-á bem - rosou o Secretário, de uma das extremidades da mesa. - Poderá ensinar uma lição para eles.

- Anunciaremos a descoberta de uma antitoxina - disse Affare, sacudindo os ombros. - Haverá inoculações por atacado em regiões que saberemos que não serão afetadas, O mundo está desesperadamente doente, Dr. Rodman, e precisa ter um remédio desesperado. A humanidade está às portas de uma morte horrível; portanto, nada de pôr em discussão o único rumo que pode salvá-la.

- Eis o problema. E esse o único rumo ou vocês estão apenas optando por um caminho fácil, que não pedirá sacrifícios a vocês mas apenas o de bilhões de outros?

Rodman se deteve, quando um carrinho com comida foi introduzido. Murmurou: - Providencie uns refrescos. Podemos ter uns momentos de trégua, enquanto comemos?

Pegou um sanduíche, e, então, depois de um certo tempo, entre dois goles de café, comentou: - Até que estamos comendo bem, enquanto discutimos o maior assassinato em massa da história.

Affare olhou para ele com ar de censura, com um sanduíche meio comido. - Isto aqui não é comer bem. Salada de ovos, com pão branco não muito fresco não é comer bem, e eu trocava este café por qualquer outro, se eu fosse você. Suspirou. - Bem, num mundo faminto, não se deve desperdiçar comida - e terminou de comer seu sanduíche.

Rodman observou os outros e apanhou o último sanduíche que havia na bandeja.

- Pensei - disse - que alguns de vocês poderiam até ficar sem apetite, diante do assunto que está sendo discutido, mas vejo que ninguém teve este problema. Todos comeram.

- Como você - disse Affare, impaciente. - Você ainda está comendo.

- Estou sim - disse Rodman, mastigando devagar. - E me desculpem se o pão não estava fresco. Eu mesmo fiz os sanduíches, na noite passada, faz já umas quinze horas.

- Você próprio os fez? - perguntou Affare.

- Tive de fazê-los, visto que não havia outra maneira de por LP neles.

- Que é que você está falando?...

- Cavalheiros: os senhores me disseram que é necessário matar uns para salvar outros. Talvez estejam certos: convenceram-me. Mas, para saber exatamente o que estamos fazendo, talvez devamos fazer a experiência conosco mesmos. Eu mesmo fiz uma triagem e os sanduíches que acabaram de comer são uma tentativa de irmos nesta direção.

Alguns dos funcionários ergueram-se. - Estamos envenenados? - disse o Secretário, fora de si.

Rodman respondeu: - Não muito... efetivamente. Infelizmente, não conheço completamente a bioquímica de vocês, de forma que não posso garantir a taxa de setenta por cento de mortos que você apreciaria.

Olhavam-no fixamente, gelados de terror. As pálpebras do Dr. Rodman descaíram.

- Ainda assim, é provável que dois ou três de vocês morram dentro de uma semana, mais ou menos: basta esperar para verem o que sucederá. Não há cura nem antídoto, mas não se preocupem. É uma morte bem sem dor, e será o dedo de Deus, como um de vocês me disse. É uma boa lição, como disse outro. Para aqueles dentre vocês que sobreviverem, a opinião que têm sobre a triagem deverá se modificar.

Affare disse: - É um blefe: você próprio comeu sanduíches!

A resposta de Rodman foi: - Eu sei. Combinei a LP à minha própria bioquímica, de forma que morrerei mais depressa. - Seus olhos se fecharam. - Vão ter de prosseguir sozinhos, sem mim, aqueles que sobreviverem.

A história seguinte foi uma história um tanto triste, se bem que eu próprio dela emergi ileso. Vejam como foi.

Em janeiro de 1975, Naomi Gordon, uma mulher muito atraente, de Filadélfia, me visitou e me expôs o que considereei uma encantadora ideia para uma antologia. Deveria se intitular O Homem Bicentenário e deveria constar de dez histórias por famosos autores, cada uma delas construída em torno dessa frase, devendo o livro ser publicado concomitantemente com os festejos do Bicentenário. O bem conhecido entusiasta de ficção científica, Forrest J. Ackerman, organizaria o livro. Era também ideia de Naomi fazer uma edição muito limitada, muito cara: eram idéias grandiosas que ela tinha.

Insinuei que seria difícil escrever histórias de ficção científica se elas tivessem de estar focalizadas no Bicentenário, mas Naomi disse que as histórias poderiam ser qualquer coisa, desde que se pudesse notar que elas tinham se originado, tinham brotado da frase "O Homem Bicentenário."

Fiquei intrigado e concordei em escrever. Imediatamente pagaram-me metade do adiantamento de direitos autorais. O último prazo era 1º de abril de 1975: a 14 de março eu terminara. A princípio, eu ficara um pouco arrependido com a história, visto que o acordo falava de uma história com 7.500 palavras e eu fora incapaz de terminá-la antes de chegar às 15.000 palavras, a mais longa história que eu jamais escrevera, abaixo do nível de novela, em dezessete anos. Envolvendo o pacote, enviei a Naomi uma carta de desculpas, garantindo-lhe que não precisaria me pagar nada a mais. Respondeu-me que o acréscimo estava muito bom. Logo depois, veio a outra metade do adiantamento sobre os direitos autorais.

Todavia, daí para a frente, tudo correu mal.

Naomi se viu às voltas com problemas familiares e de saúde; alguns escritores, que se esperava que participassem, acabaram não aderindo; outros, que tinham prometido histórias, não as enviaram; e os que entregaram, não encaminharam material inteiramente satisfatório.

Lógico que eu não estava sabendo de nada disso. Nunca me ocorrera que algo pudesse correr mal. Na verdade, meu grande, meu único interesse, é escrever. Vender é um interesse menor, e o que acontece a posteriori não me interessa de modo algum.

Havia, todavia, Judy-Lynn del Rey e seu enorme interesse por tudo quanto ocorre em termos de ficção científica. Ela sabia que eu escrevera para aquela antologia.

E, perigosamente, indagou: - Como pode ser que você haja escrito urna história para esta antologia, e quando lhe peço para escrever uma você está sempre tão ocupado?...

- Bem - disse eu em tom de quem pede desculpas, pois Judy-Lynn mete medo quando esta perturbada - a ideia da antologia me interessou.

- Lembra-se de minha sugestão a propósito de um robô que tem de escolher entre sepultar sua própria liberdade e aperfeiçoar seu corpo? Pensei que você tivesse dito que era interessante.

Aquela altura, devo ter empalidecido como talco. Muito tempo antes, ela falara mesmo do assunto e eu esquecera:. Disse: - Santo Deus, incluí alguma coisa nesta linha, na história.

- De novo? - ela deu um berro. - Você está usando de novo minhas idéias para outras pessoas? Deixe-me ver esta história. Vamos, vamos, quero vê-la!

De forma que, no dia seguinte, trouxe para ela uma cópia em carbono e, no outro dia, ela me telefonou, dizendo: - Bem que me esforcei para não gostar da história, mas não consegui. Quero-a. Pegue a história de volta do outro editor.

- Não posso fazer isso. Vendi-a para Naomi e é dela. Escreverei uma história diferente para você. -

- Aposto o que você quiser - retrucou Judy-Lynn - que a tal de antologia não vai sair coisíssima nenhuma. Por que não telefona e pede de volta?

Telefonei para Naomi e, naturalmente, a antologia não ia mesmo sair.. Concordou em devolver-me os originais e concedeu-me autorização para vender alhures a história, e eu lhe devolvi o adiantamento de dinheiro. (Mesmo porque, ela perdera uma considerável quantia de dinheiro nesta aventura, e eu não queria que parte alguma daquela perda implicasse em lucro para mim.)

A história foi, então, transferida para Judy-Lynn, que a usou em sua antologia de histórias inéditas denominada Stellar Science Fiction # 2, publicada em fevereiro de 1976. Eu próprio aprecio tanto a história, que, não só a estou incluindo aqui, mas estou usando o título dela para dar nome ao livro todo.

(A propósito: depois que acabei de organizar este livro, Judy-Lynn sugeriu que eu mudasse meus

originais de forma a combinar com a versão publicada na antologia Stellar. Aparentemente, ela introduzira numerosas modificações de pouca monta, que melhoraram o que eu escrevera, pelo que me disse ela. Acontece que eu não sou Harlan Ellison, de forma que não me importo; mas penso que, em minha própria seleção, deixarei a história tal como está. Judy-Lynn vai ficar aborrecida, mas o máximo que ela pode fazer é me matar.)



O HOMEM BICENTENÁRIO

As Três Leis da Robótica:

- 1. Um robô não deve fazer mal a um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano sofra qualquer mal.*
- 2. Um robô deve obedecer a qualquer ordem dada por um ser humano, desde que essa ordem não interfira com a execução da Primeira Lei.*
- 3. Um robô deve proteger a sua existência desde que esta proteção não interfira com a Primeira e Segunda Leis.*

1

Andrew Martin disse "obrigado" e ocupou a cadeira que lhe foi indicada. Não parecia estar lançando mão do último recurso, mas estava.

Não, parecia, aliás, coisa alguma, pois não havia nenhuma expressão em sua fisionomia, a não ser a tristeza que se imaginava vislumbrar no olhar. O cabelo era liso, castanho-claro, meio ralo; não usava barba. Dava impressão de que acabara de fazê-la, irradiando limpeza. Trajava-se de maneira conservadora, com roupas bem feitas, onde predominavam cores roxas em tecido de veludo.

Diante dele, do outro lado da escrivaninha, via-se o cirurgião. A placa em cima da mesa incluía uma série de letras e números de identificação completa que **Andrew** nem se preocupou em examinar. Bastava chamá-lo de "doutor" e pronto. - Quando poderá ser feita a operação, doutor? - perguntou.

Em voz baixa, no imperturbável tom de respeito que os robôs sempre usavam com as criaturas humanas, o médico respondeu: - Creio que não estou entendendo. A que operação o senhor se refere e quem seria submetido a ela? Poderia ter demonstrado certo ar de intransigência respeitosa, se um robô dessa espécie, de aço inoxidável meio bronzeado, fosse capaz de demonstrar qualquer tipo de expressão.

Andrew Martin observou atentamente a mão direita do médico, acostumada a empunhar o bisturi, pousada sobre a escrivaninha. Os dedos longos eram modelados com articulações metálicas em curvas artísticas tão elegantes e apropriadas que se tomava fácil visualizar os instrumentos cirúrgicos com que deviam, temporariamente, se confundir. O seu trabalho não admitia hesitações, nem tropeços, tremores ou erros. Essa confiança em si mesmo, naturalmente, provinha da especialização, uma aspiração tão ardentemente desejada pela humanidade que raros robôs continuavam

dotados de cérebros autônomos. Como esse cirurgião, por exemplo. Só que possuía uma capacidade de inteligência tão limitada que nem reconheceu **Andrew** e, provavelmente, jamais ouvira falar nele.

- Nunca pensou que gostaria de ser homem? - perguntou **Andrew**.

O médico vacilou um pouco, como se a pergunta não se enquadrasse em nenhuma das trilhas positrônicas que lhe tinham sido predeterminadas.

- Mas, meu senhor, eu sou robô.

- Não preferiria ser homem?

- Gostaria era de ser melhor cirurgião. O que não seria possível, se fosse homem, mas apenas se pudesse ser um robô mais aperfeiçoado. Gostaria de ser um robô mais aperfeiçoado.

- Não se ofende com o fato de que posso lhe dar ordens? Obrigá-lo a levantar-se, sentar, andar para cá e para lá, apenas pedindo para que faça isso?

- Tenho o maior prazer em agradar ao senhor. Se as suas ordens interferissem no meu comportamento em relação ao senhor ou a qualquer outro ser humano, eu não lhe obedeceria. A Primeira Lei, relativa aos meus deveres com a segurança humana, teria prioridade sobre a Segunda, que se refere à obediência. Quanto ao mais, tenho o maior prazer em ser obediente. Agora, em quem devo efetuar a operação?

- Em mim mesmo - respondeu **Andrew**. - Mas isso é impossível. Trata-se, evidentemente, de uma operação prejudicial.

- Não interessa - afirmou **Andrew** calmamente

- Eu não posso causar danos - retrucou o cirurgião.

- *Para uma criatura humana, claro que não pode* - disse **Andrew** -, *mas eu também sou robô.*

2

Logo que foi fabricado, **Andrew** se parecia muito mais com um robô. Não dava para diferenciá-lo de qualquer outro - o aspecto era funcional e de ótimo acabamento.

Tinha se saído muito bem na casa para onde o levaram, na época em que os autômatos domésticos, ou espalhados pelo planeta inteiro, consistiam verdadeiras raridades. À família se compunha de quatro pessoas: o patrão, a patroa, a filha e a Menininha. Sabia todos os nomes, lógico, mas nunca os usava. O patrão se chamava Gerald Martin.

O número de fábrica de **Andrew** era **NDR**... Com o tempo, esqueceu os algarismos da série. Já fazia muitos anos, evidentemente; mas, se quisesse lembrar, com certeza não teria esquecido. Preferia que fosse assim.

Como "Menininha" não sabia ler, começou a chamá-lo de **Andrew**, e o resto da família passou a adotar o mesmo costume.

"Menininha"... chegou a completar noventa anos e já fazia muito tempo que tinha morrido. Uma vez, tentei Chamá-la de, patroa, mas ela, não permitiu. Continuou sendo "Menininha" até o último dia. **Andrew** estava destinado a desempenhar as funções de criado, mordomo e até de camareira.

Foi uma época de experiências para ele e, na verdade, para todos os robôs de tudo quanto era parte, salvo na indústria, nas fábricas de pesquisa e nas estações espaciais, distantes da Terra.

Os Martins se afeiçoaram a ele; passava a metade do tempo sem conseguir se desincumbir de suas tarefas porque a menina e a Menininha só queriam saber de brincar com ele. Menininha foi a primeira a descobrir a maneira de conciliar as duas coisas.

- Nós vamos te dar ordens para brincar conosco e você vai ter de obedecer.
- Sinto muito, Menininha, mas as ordens que recebo do patrão têm de ter prioridade.

Ela não se conformou. - Papai só disse que esperava que você fizesse a limpeza. Isso nem parece uma ordem. Ao passo que eu estou mandando.

O patrão não se importava. Gostava imensamente das duas filhas; mais, até que a patroa; e **Andrew** também era louco por elas. Pelo menos, o efeito que ambas causavam sobre as ações dele se assemelhava ao que num ser humano seria chamado de afeição. **Andrew** considerava aquilo como afeição, pois não conhecia outra palavra aplicável.

Foi para Menininha que **Andrew** talhou um berloque de madeira. Por ordem dela, claro. A irmã mais velha, pelo visto, havia ganho de aniversário um camafeu de marfim em feitio de arabesco e a caçula ficou muito triste com isso. Tinha apenas um pedaço de madeira, que entregou a **Andrew** junto com uma faquinha de cozinha.

Ele executou a ordem depressa e Menininha comentou:

- Que lindo, **Andrew**. Vou mostrar pro papai.

O patrão não quis acreditar.

- Conta a verdade, Mandy. Onde você conseguiu isso?

Mandy era o nome de Menininha. Quando ela garantiu que estava dizendo a pura

verdade, o pai se virou para **Andrew**.

- Foi você quem fez, **Andrew**?
- Foi, sim senhor.
- O desenho também?
- Sim, patrão.
- De onde você copiou?
- É uma figura geométrica que combina com a fibra de madeira, patrão.

No dia seguinte, o pai trouxe outro pedaço de madeira - bem maior - e uma faca elétrica.

- Vê o que dá pra fazer com isto aqui, **Andrew**. Escolha o que você quiser - disse.

Andrew ficou trabalhando enquanto o patrão observava, e depois se pôs a contemplar, durante muito tempo, o resultado final. A partir daí, o robô não serviu mais à mesa. Recebeu, em vez disso, ordens para ler livros sobre projetos de mobília e aprendeu a fazer armários e escrivaninhas..

- Que trabalhos admiráveis, **Andrew** - começou a dizer o patrão.
- É porque eu gosto muito de ficar fazendo isto - confessou **Andrew**.
- "Gosta"?

- Assim os circuitos do meu cérebro, não sei por quê, funcionam com mais facilidade. Já ouvi muitas vezes o senhor dizer "gosto", e a maneira como tem usado essa palavra coincide com o meu modo de sentir. Gosto muito de ficar fazendo isto, patrão.

3

Gerald Martin levou **Andrew** ao escritório local da United States Robots & Mechanical Men Corporation. Como membro integrante da Legislatura Regional, não encontrou o menor problema para marcar entrevista com o chefe do departamento de psicologia robótica. Aliás, só por participar do conselho regional de legislatura é que tinha direito de ser proprietário de robôs - no início, na época em que eram raros.

Na ocasião, **Andrew** não soube de nada. Mas depois, à medida que foi adquirindo conhecimentos, pôde recapitular aquelas antigas circunstâncias e compreender, de fato, o que tinha acontecido.

O psicólogo de robótica, Merton Mansky, escutou carrancudo, e por mais de uma vez conseguiu controlar os dedos no momento exato em que já iam começar, irrevogavelmente, a tamborilar na mesa. Possuía traços marcados e testa enrugada, mas era bem possível que fosse mais moço do que aparentava.

- A robótica não é uma ciência exata, Mr. Martin - explicou. - Seria inoportuno entrar agora em minúcias, mas os cálculos necessários à orientação do comportamento positrônico são complicados demais para permitir quaisquer soluções que não sejam apenas aproximativas. É lógico que, uma vez que tudo o que fazemos gira em torno das Três Leis, elas são incontestáveis. A nossa empresa, naturalmente, vai se encarregar da substituição do seu robô...

- De jeito nenhum - protestou o patrão. - Não se trata de uma questão de defeito no funcionamento. Ele se desincumbe de todas as tarefas com perfeição. O importante é que também faz entalhes de madeira de modo requintado, sem nunca repetir o mesmo modelo. Produz verdadeiras obras de arte.

Mansky parecia confuso.

- Que estranho! Claro que estamos atualmente tentando comportamentos generalizados. O senhor acha que o trabalho dele é realmente criativo?

- Veja com seus próprios olhos.

O patrão entregou-lhe uma bolinha de madeira onde havia uma cena de pátio de recreio em que as crianças eram quase pequenas demais para se enxergar e no entanto tinham proporções perfeitas e se harmonizavam de modo tão natural com a fibra que até ela parecia também entalhada.

Mansky se mostrou incrédulo.

- Foi ele que fez isso? - Devolveu o trabalho sacudindo a cabeça. - Pura sorte na distribuição. Qualquer coisa no comportamento'

- Acha possível que se repita?

- Provavelmente não, Nunca ninguém nos comunicou algo semelhante.

- Ótimo! Não me importo nem um pouco que **Andrew** seja o único.

- Desconfio que a empresa gostaria de receber de volta o seu robô para estudos - disse Mansky.

- Nem pensar! - retrucou o patrão, com súbita firmeza. - Esqueça. - Virou-se para **Andrew**. - Vamos pra casa.

- O senhor é quem manda - disse **Andrew**.

4

A irmã mais velha já tinha namorados e não passava muito tempo em casa. Quem enchia as horas de **Andrew** agora era Menininha, bastante mais crescida. Ela nunca esqueceu que a primeira peça entalhada do autômato havia sido feita a pedido dela. Usava-a sempre pendurada a uma correntinha de prata no pescoço.

Foi também a primeira a protestar contra o hábito do pai de dar de presente as obras de **Andrew**.

- Ora, papai, quem quiser que compre. Valem a pena.

- Você não costumava ser tão sovina, Mandy. - Não é por nós, papai. É pelo artista.

Eis aí uma palavra que **Andrew** jamais tinha ouvido e, quando encontrou um momento de folga, foi olhar no dicionário.

Depois houve outra visita, dessa vez ao advogado do patrão.

- O que é que você acha disto aqui, John? - perguntou Mr. Martin.

O advogado se chamava John Feingold. Grisalho e barrigudo, usava lentes de contato verdes. Examinou a plaqueta que o patrão lhe entregou.

- Muito bonita. Mas já estou sabendo. Não se trata de um entalhe feito pelo seu robô? Este aí que veio junto com você?

- É do **Andrew**, sim. Não é, **Andrew**?

- Sim, patrão - respondeu o autômato.

- Quanto você pagaria por uma coisa destas, John? - perguntou Mr. Martin.

- Não sei. Não sou nenhum colecionador.

- Você acredita que me ofereceram duzentos e cinquenta dólares por esta miniatura? **Andrew** já fez cadeiras que foram vendidas a quinhentos cada uma. Lá no banco tem duzentos mil dólares provenientes de produtos dele.

- Deus do céu, você vai acabar ficando rico, Gerald

- Vou, mas não tanto - explicou o patrão. - Metade é depositada numa conta em nome de **Andrew**

- Do robô?

- Exatamente, o eu quero saber se não há nenhum impedimento legal.

- Legal?... - A cadeira estalou quando Feingold se recostou nela. - Não há nenhum precedente, Gerald. Como foi que o robô assinou os papéis necessários?

- Ele sabe assinar o próprio nome, então eu levei a assinatura para o banco. Mas ele não foi junto comigo. O que eu quero saber é se a gente precisa tomar outras providências.

- Hum. - Os olhos de Feingold ficaram meio pensativos. Depois disse: - Bom, pode-se abrir um fundo para tratar de todos os problemas financeiros em nome dele, colocando assim um muro de isolamento entre ele e a hostilidade do mundo. Fora isso, o meu conselho é que você não faça nada. Ninguém apareceu até agora para criar obstáculos. Se alguém quiser processar, você deixe que tomem a iniciativa.

- E, se houver processo, você aceita a ação?

- Em troca de um adiantamento, claro que sim.

- De quanto?

- Isso aí já basta - respondeu Feingold, indicando a plaqueta de madeira.

- Me parece razoável - disse o patrão.
- Feingold riu ao se virar para o robô.
- Então, **Andrew**, está contente de ter dinheiro?
- Estou, sim senhor.
- O que é que pretende fazer com ele?
- Comprar muitas coisas, doutor, que do contrário o patrão teria de comprar para mim. Assim ele não precisa gastar tanto, doutor.

5

As oportunidades para gastar não tardaram. Os consertos custavam muito caros e as revisões ainda mais. Com o tempo, fabricaram-se novos tipos de autômatos e o patrão fez questão de que **Andrew** contasse com todos os aperfeiçoamentos, até se tomar um modelo de perfeição metálica. Por exigência de **Andrew**, tudo foi pago com o dinheiro depositado na sua conta bancária.

Só o comportamento positrônico permaneceu inalterado.

Quanto a isso, quem insistiu foi o patrão.

- Os novos modelos não são tão bons quanto você, **Andrew** - afirmou. - Esses novos robôs não valem nada, A firma aprendeu, a determinar comportamentos mais exatos, mais próximos da finalidade, mais bitolados do que nunca. Os robôs agora não saem da linha. Se limitam a fazer o trabalho para que foram destinados e jamais desobedecem a uma ordem. Prefiro do jeito que você é.

- Muito obrigado, patrão.

- E não se esqueça, **Andrew**, de que o mérito é exclusivamente seu. Tenho certeza de que Mansky acabou com o comportamento generalizado assim que olhou bem para você. Ele não gostou da possibilidade de surpresas imprevistas. Sabe quantas vezes me pediu pra devolver você pra que pudesse te colocar em estudo? Nove! Mas eu nunca consenti; e, agora que ele já se aposentou, a gente pode ter um pouco de paz.

E assim o cabelo do patrão foi ficando cada vez mais ralo e grisalho, com o rosto cheio de pregas, enquanto **Andrew** cada dia parecia melhor do que era quando ingressou pela primeira vez na família.

A patroa se associou a uma colônia de artes plásticas qualquer da Europa e a filha mais velha escrevia poemas em Nova York. Volta e meia mandavam cartas, mas não com muita frequência.

Menininha casou e foi morar na vizinhança. Disse que não queria se separar de **Andrew**. Quando o filho primogênito nasceu, deixou que o robô segurasse a mamadeira e desse de comer para ele.

Com a vinda do neto, **Andrew** achou que o patrão finalmente tinha alguém para ocupar o lugar dos que haviam ido embora. Portanto, agora não seria mais injusto fazer-lhe um pedido.

- Patrão, o senhor foi muito bondoso em permitir que eu gastasse o meu dinheiro à vontade.

- O dinheiro era teu, **Andrew**.

- Só por deliberação sua, patrão. Se o senhor quisesse ficar com tudo, não creio que a lei pudesse impedir.

- A lei não pode me obrigar a agir mal, **Andrew**.

- Com tudo o que gastei, e já descontando os impostos, patrão, ainda restam quase seiscentos mil dólares.

- Eu sei, **Andrew**.

- Quero que o senhor fique com tudo, patrão.

- Não posso aceitar, **Andrew**.

- Só peço uma coisa em troca, patrão.

- Ah, é? O quê, **Andrew**?
- A minha alforria, patrão.
- A sua...
- Quero comprar minha liberdade, patrão.

6

Não foi tão simples assim. O patrão tinha avermelhado, exclamando- "Ora, já se viu. Depois virou as costas e saiu fazendo barulho com os pés.

Quem se encarregou de dobrá-lo, de forma desafiadora e enérgica, foi Menininha - e na presença de **Andrew**. Durante trinta anos ninguém jamais hesitara em falar diante dele, mesmo quando o assunto lhe dizia respeito. Não passava de um robô.

- Papai, por que é que você está encarando isso como uma afronta pessoal? Ele não pretende ir embora daqui. Vai continuar sendo leal. É uma coisa que ele não pode evitar, está arraigada nele. A única exigência dele é que seja posta por escrito. Ele quer ser chamado de livre. O que é que isso tem de tão terrível assim? Será que ele não merece essa oportunidade? Santo Deus, há anos que ele e eu vivemos falando nisso!

- Com que então há anos que vocês dois vivem falando nisso, é?

- É sim, e ele sempre adiava a ocasião, só de medo de magoar você. Fui eu que abriguei o **Andrew** a tocar nesse assunto.

- Ele nem sabe o que é liberdade. Não passa de um robô.

- Papai, você não conhece o **Andrew**. Ele já leu tudo quanto é livro que tem na biblioteca. Não sei o que ele sente por dentro, mas, lá por isso, também não sei o que você sente aí no seu íntimo. Quando a gente fala com ele, o que se percebe é que ele reage da mesma maneira que nós em relação a conceitos abstratos, que é o que de fato interessa. Se alguém demonstra reações idênticas às nossas, que mais se pode exigir?

- É, mas a lei não vai adotar essa atitude - retrucou o patrão contrariado. - Olha, aqui! - Virou-se para **Andrew** com a voz propositadamente irritada. - Eu só posso te dar alforria por meios legais. Se a questão for parar nos tribunais, é bem provável que você, além de não obter a liberdade, ainda por cima tenha de revelar oficialmente a existência do dinheiro que juntou. E aí eles vão dizer que você por ser autônomo não tem nenhum direito de receber pagamento pelo trabalho que faz. Acha que vale a pena se meter numa trapalhada dessas?

- A liberdade não tem preço, patrão - afirmou **Andrew**. - Só a mera possibilidade de obtê-la já vale a pena.

O tribunal, pelo jeito, também estava disposto a concordar que a liberdade não tem preço, mas justamente por esse motivo, por maior que fosse a quantia que **Andrew** se prontificasse a pagar, achava que sempre seria insuficiente para comprar a alforria de um robô.

O promotor regional, que representava os interesses da classe que se opunha à concessão dessa liberdade, se limitou a declarar: "A palavra 'liberdade' perde todo sentido quando aplicada a autômato. Só os seres humanos podem ser livres". Repetiu isso várias vezes sempre que lhe pareceu oportuno, de maneira compassada, fazendo questão de bater com a mão em cima da mesa para frisar o que dizia.

Menininha pediu para falar por **Andrew**. Foi identificada pelo nome completo, até então desconhecido de **Andrew**:

- Amanda Laura Martin Chamey, queira se aproximar para prestar depoimento.
- Obrigada, Meritíssimo. Não sou advogada e não sei a maneira adequada de me expressar juridicamente, mas espero que o senhor se concentre mais no significado do que nas palavras.

"Vamos ver se dá para entender o que representa ser livre no caso de **Andrew**. Sob certos aspectos, livre é uma coisa que ele já é. Eu acho que há vinte anos, no mínimo, que ninguém da nossa família tem de lhe dar uma ordem para fazer algo que ele não seria capaz de fazer espontaneamente. Mas nós poderíamos, se quiséssemos, passar o tempo todo lhe dando ordens, do modo mais imperioso possível, porque ele é uma máquina que nos pertence. Mas para quê, uma vez que vem nos servindo há tanto tempo, de modo tão fiel e rendoso para nós? O **Andrew** não nos deve mais nada. O lado do débito cabe inteiramente à família Martin.

"Mesmo que estivéssemos proibidos por lei de colocar o **Andrew** na posição de escravo involuntário, ele continuaria a nos servir, espontaneamente. Dar-lhe a liberdade, portanto, não passa de um mero artifício de palavras, mas que para ele significaria muitíssimo. Teria tudo o que quer, sem custar nada para nós."

O juiz, por um instante, pareceu disfarçar um sorriso.

- Compreendo o que a senhora quer dizer, Mrs. Chamey. A questão é que não existe nenhuma lei coercitiva a esse respeito e nenhum precedente. Existe, porém, o tácito pressuposto de que a liberdade só pode ser desfrutada pelo homem. Eu tenho condições de estabelecer jurisdição nova sobre esse ponto sujeita a ser revogada por tribunal superior. Mas não posso me opor levemente a esse pressuposto. Permita-me falar com o robô, **Andrew!**

- Pois não, Meritíssimo. Era a primeira vez que **Andrew** abria a boca para falar no tribunal. O juiz pareceu momentaneamente espantado com o timbre da voz.

- Por que você quer ser livre, **Andrew**? Em que sentido isso pode lhe interessar?

- O senhor gostaria de ser escravo, Meritíssimo? - replicou o autômato.

- Mas você não é escravo. É um robô absolutamente perfeito. Genial, inclusive. Ao que me consta, capaz de se exprimir de uma forma artística simplesmente incomparável. Que mais poderia fazer, se fosse livre?

- Talvez nada mais do que já faço, Meritíssimo, mas com maior alegria. Afirmaram aqui mesmo, neste tribunal, que só o ser humano pode ser livre. A mim me parece que só alguém que quisesse a liberdade deveria ser livre. E eu quero.

Foi essa declaração que convenceu o juiz. O ponto crucial da sentença determinou que "ninguém tem o direito de recusar liberdade a qualquer criatura de inteligência suficientemente desenvolvida a ponto de compreender o conceito e desejar essa condição".

Decisão que foi, eventualmente, homologada pelo Tribunal Mundial.

8

O patrão, entretanto, continuou descontente e **Andrew** tinha a sensação de estar recebendo curto-circuito ao ouvir-lhe a voz áspera.

- Não quero essa droga do teu dinheiro, **Andrew**. Só aceito porque senão você não vai se sentir livre. Daqui pra frente pode escolher suas próprias funções e fazer o que bem entender. Não lhe darei nenhuma ordem, a não ser a seguinte: faça como quiser. Mas ainda sou responsável por você.. Isso foi determinado pelo tribunal. Espero que entenda.

- Não seja ranzinza, papai - interrompeu Menininha. - A responsabilidade não é tão grande assim. Você sabe que não terá de fazer coisíssima alguma. As Três Leis continuam vigorando.

- Então, como é que ele pode ser livre? - E os seres humanos, patrão, também não estão sujeitos a leis? - retrucou **Andrew**.

- Não vou discutir.

O patrão saiu da sala, e depois disso **Andrew** teve pouquíssimas ocasiões de vê-lo.

Menininha vinha visitá-lo frequentemente na pequena casa que mandou construir e arrumar para ele. Não havia cozinha, lógico, nem instalações sanitárias. Dispunha apenas de duas peças - a biblioteca e uma combinação de depósito com oficina de trabalho. **Andrew** passou a aceitar muitas encomendas e a trabalhar com mais afinco do que nunca, até pagar todas as prestações e assinar a escritura da casa.

Um dia o "patrãozinho" - não, George! - apareceu. A mudança de tratamento ocorreu depois da decisão do tribunal.

- Nenhum robô alforriado chama alguém de patrãozinho - disse. - Se eu te chamo de **Andrew**, você tem de me chamar de George.

Isso foi dito em tom de ordem, de modo que **Andrew** passou a chamá-lo de George - mas a mãe continuou sendo Menininha.

Noutra ocasião, quando George apareceu sozinho, foi para avisar que o avô estava morrendo. Menininha já se encontrava ao lado do agonizante, mas ele pedia também a presença de **Andrew**.

O patrão, apesar de incapaz de fazer movimentos, continuava com a voz bem forte. Esforçou-se para erguer a mão.

- **Andrew** - disse -, **Andrew**... Não preciso de ajuda, George. Estou apenas morrendo; não sou nenhum aleijado. **Andrew**, que bom que você está livre. Só queria te dizer isso.

Andrew ficou sem saber o que responder. Nunca havia estado diante de nenhum agonizante, mas sabia que era assim que as criaturas humanas paravam de funcionar. Uma destruição involuntária, irreversível, e **Andrew** ignorava as palavras que seriam apropriadas. Se resignou a permanecer de pé, em silêncio e absolutamente imóvel.

Quando tudo terminou, Menininha se virou para ele.

- Talvez ele não tenha se mostrado amável com você perto do fim, **Andrew**, mas já estava velho, compreende? E ficou muito magoado quando soube que você queria ficar livre.

Então **Andrew** encontrou as palavras. - Eu nunca teria ficado livre se não fosse ele, Menininha.

9

Foi só depois da morte do patrão que **Andrew** começou a usar roupas. Primeiro um par de calças velhas, que George lhe tinha dado.

George já estava casado e era advogado. Entrou para a firma de Feingold. Fazia muito tempo que o velho Feingold havia morrido mas a filha prosseguira com a banca. Com o tempo, o nome mudou para Feingold & Martin. E assim continuou, mesmo quando a filha se aposentou e não foi substituída por nenhum outro membro da família. Na época em que **Andrew** começou a andar vestido, o nome de Martin acabava de ser acrescentado à firma.

George procurou não sorrir diante da primeira tentativa de **Andrew** para vestir as calças, mas o olhar do robô percebeu claramente o esforço que o amigo teve de fazer para disfarçar. George mostrou-lhe como controlar a carga estática para abrir a braguilha e enfiar a calça pelas pernas, mas **Andrew** logo se deu conta de que iria levar um bocadinho de tempo para aprender a fazer tudo aquilo de uma vez só.

- Mas por que é que você quer andar de calças, **Andrew**? O teu corpo é tão bem-feito e funcional que até dá pena cobri-lo, ainda mais que não precisa se preocupar com o controle de temperatura nem com pudores. E a fazenda não cai bem numa estrutura metálica.

Andrew não desistiu. - E os corpos humanos, George? Também não são bem-feitos e funcionais? No entanto vocês andam vestidos.

- Por causa do frio, da limpeza, da proteção, do efeito visual. Nada disso se aplica a você.

- Mas a sensação que eu tenho, se não usar roupas, é a de que estou nu. Eu me sinto diferente, George - explicou **Andrew**.

- Diferente! **Andrew**, já existem milhões de robôs na Terra. Só nesta região, segundo o último recenseamento, há quase tantos robôs quanto homens.

- Eu sei, George. Tem robô fazendo tudo quanto é tipo de trabalho que se possa imaginar.

- E, nenhum deles anda vestido.

- Mas nenhum deles é livre, George.

Aos poucos, **Andrew** foi aumentando o guarda-roupa, ficava inibido com o sorriso de George e com o olhar espantado das pessoas que lhe faziam encomendas.

Podia ser livre, mas no fundo tinha um programa muito minucioso em relação ao seu comportamento com as pessoas humanas e só ousava avançar com passos bem tímidos; retrocedia meses quando encontrava franca desaprovação. Nem todos aceitavam a liberdade de **Andrew**. Era incapaz de ficar ressentido com isso, e no entanto sentia certa dificuldade no seu processo de raciocínio quando pensava no assunto. Acima de tudo, não tinha vontade de se vestir - ou de se cobrir com exagero - quando julgava que Menininha iria visitá-lo. Já estava bem mais velha e passava a maior parte do tempo longe dali, em lugares de clima mais ameno, mas quando voltava a primeira coisa que fazia era visitá-lo.

Numa dessas visitas, George comentou com tristeza:

- Ela me pegou pela perna, **Andrew**. Vou me candidatar ao congresso no ano que vem. "Tal avô, tal neto", diz ela.

- Tal avô - **Andrew** interrompeu a frase, indeciso.
- Quer dizer que eu, George, o neto, vou ser como meu avô, que há muitos anos chegou a ser deputado.
- Seria tão bom, George, se o patrão ainda estivesse... - parou, pois não queria dizer "funcionando"; não lhe pareceu conveniente.
- Vivo - completou George. - É, de vez em quando eu também me lembro daquele velho tirano.

Andrew pensou muitas vezes nessa conversa. Já tinha notado a sua própria insuficiência de expressão quando conversou com George. A linguagem havia, de certo modo, mudado desde que o robô começara a usar o vocabulário que lhe deram. Depois, também, George possuía um modo coloquial de se exprimir, o que já não acontecia com o patrão e Menininha. Por que teria chamado o avô de tirano quando esse termo certamente não era apropriado? **Andrew** não podia sequer recorrer a seus próprios livros para esclarecer isso. Estavam velhos e a maioria só tratava de marcenaria, de arte, de projetos de mobiliário. Não havia nenhum sobre linguagem, sobre o modo de ser das criaturas humanas.

Por fim, achou que precisava procurar livros adequados; e, como robô alforriado, também achava que não devia consultar George. Iria à cidade e usaria a biblioteca. Foi uma decisão eletrizante e sentiu que o seu potencial de energia tinha ficado tão alto que se viu obrigado a colocar uma bobina de resistência extra.

Vestiu um temo completo, inclusive com dragonas de madeira. Teria preferido que fossem de plástico cintilante, mas George dissera que madeira era muito mais apropriado e que o cedro envernizado também era consideravelmente mais valioso.

Já se afastara uns bons cem metros de casa quando o aumento de resistência o forçou a parar. Modificou o circuito da bobina e, ao ver que isso não resolvia o problema, tomou a entrar para escrever em letra bem legível: "Fui à biblioteca", e deixou o bilhete bem à vista, em cima da mesa de trabalho.

10

Andrew não conseguiu chegar nem perto da biblioteca.

Tinha estudado o mapa. Sabia como precisava fazer para ir até lá, mas não conhecia o caminho. Os pontos de referência não se assemelhavam aos símbolos do mapa e começou a vacilar. Com o tempo, achou que tinha de haver alguma coisa errada, pois tudo parecia esquisito.

Volta e meia cruzava por um acampamento de robôs, mas quando se decidiu a pedir informações, não viu mais nenhum. Os veículos que passavam nunca paravam.

Andrew ficou de pé no meio da estrada, sem ânimo para nada, praticamente imóvel, quando avistou dois homens aproximando-se através do campo.

Virou-se para eles, que mudaram de rumo para vir a seu encontro. Pouco antes falavam em voz alta. Tinha escutado a voz deles. Mas agora estavam calados. Possuíam o aspecto que **Andrew** classificava de indefinição humana; e eram jovens, mas não em demasia. Vinte anos, talvez? **Andrew** nunca conseguia avaliar a idade dos homens.

- Por favor, qual é o caminho para ir à biblioteca municipal?

Um deles, o mais alto dos dois, que usava chapéu que lhe aumentava, de modo quase grotesco, ainda mais a estatura, disse, não para **Andrew**, mas para o outro:

- É um robô. O outro tinha nariz inchado e pálpebras caídas. Respondeu, não para Andrew, mas para o companheiro:

- E anda vestido. O mais alto estalou os dedos. - É o robô alforriado. Tem um, lá na casa do velho Martin, que não é de ninguém. Por que será que anda vestido?

- Pergunta pra ele - aconselhou o do nariz inchado.

- Você é o robô dos Martins? perguntou o mais alto.

- O meu nome é **Andrew Martin**, senhor - respondeu **Andrew**.

- Ótimo. Tira essa roupa. Robô não anda vestido. - Virou-se para o outro. - Que coisa mais desagradável. Olha só pra ele!

Andrew hesitou. Fazia tanto tempo que não recebia ordens naquele tom de voz que os circuitos da Segunda Lei ficaram momentaneamente interrompidos.

- Tira essa roupa - repetiu o mais alto. - Faz o que estou te mandando.

Andrew começou a se despir devagar. Deixa cair e pronto - disse o mais alto.

Se não é de ninguém - observou o narigudo -, bem que podia ser nosso.

- Seja lá como for - continuou o mais alto quem é que vai reclamar com o que a gente fizer? Não estamos danificando a propriedade de ninguém. - Virou-se para **Andrew**. - Te coloca de ponta-cabeça aí no chão.

- A cabeça não é para... - começou **Andrew**.

- Estou dando uma ordem. Se não sabe como se faz, não custa nada tentar.

Andrew hesitou novamente, depois se curvou para apoiar a cabeça no chão. Tentou erguer as pernas, mas desabou com toda a força.

- Fica deitado aí - mandou o mais alto. Virou-se para o outro: - A gente podia desmontar esse troço. Nunca desmontou um robô?

- Será que ele deixa?

- Como é que pode impedir?

Não havia jeito de **Andrew** impedi-los, se a ordem fosse dada de maneira tão ca-

tegórica que ele não conseguisse resistir. A Segunda Lei de obediência tinha prioridade sobre a Terceira, de auto-defesa. Em todo caso, não podia se defender sem o risco de ferir os dois, o que implicava infringir a Primeira. Ao pensar nisso, sentiu cada unidade móvel se contrair de leve e se arrepiou todo enquanto permanecia imóvel.

O mais alto se aproximou e o empurrou com o pé,

- É pesado. Acho que vamos precisar de algumas ferramentas para fazer o serviço.

- A gente podia encarregar ele mesmo de fazer isso - sugeriu o narigudo. - Ia ser engraçado ficar assistindo.

- É - concordou o mais alto, pensativo mas vamos tirá-lo daqui da estrada. Se alguém aparecer...

Tarde demais. Alguém, de fato, apareceu. Era George. De onde estava caído, **Andrew** viu um pequeno vulto assomando a pouca distância. Gostaria de lhe fazer um sinal qualquer, mas a última ordem que recebera tinha sido: "Fica deitado aí!"

George veio correndo e chegou meio ofegante. Os dois rapazes recuaram um pouco, à espera, para ver no que dava.

- **Andrew**, o que foi que aconteceu? - perguntou George, ansioso.

- Está tudo bem, George - respondeu **Andrew**.

- Então te levanta. Que houve com a tua roupa?

- Este robô é teu, cara? - perguntou o mais alto,

George se virou bruscamente,

- Não é de ninguém. Que foi que aconteceu por aqui?

- A gente só pediu com bons modos para ele tirar a roupa. O que é que você tem com isso, se ele não te pertence?

George se virou para **Andrew**.

- O que é que eles estavam fazendo, **Andrew**?

- Pretendiam, não sei como, me desmontar. Estavam prontos para me levar para um lugar tranquilo para mandar que eu mesmo me desmontasse.

George olhou para os dois rapazes com o queixo trêmulo.

Os dois não recuaram nem um passo. Sorriam. - O que é que você pretende fazer, gorducho? - perguntou, com ar de deboche o mais alto. - Vai bater na gente?

- Não - respondeu George. - Não é preciso. Este robô já está na nossa família há setenta e cinco anos. Ele nos conhece e nos preza mais do que tudo. Eu já vou dizer a ele que vocês dois estão ameaçando minha vida e que planejam me matar. Vou pedir para me defender. Se tiver de escolher entre mim e vocês, eu saio ganhando. Sabem o que vai acontecer quando ele começar a bater em vocês?

Os dois já estavam recuando aos poucos, com cara de medo.

- **Andrew** - disse George com energia -, eu estou em perigo e estes dois caras querem me agredir. Avança em cima deles!

Andrew obedeceu e os dois não hesitaram. Saíram correndo.

- Está bem, **Andrew**, te acalma - disse George.

Parecia abatido. Já havia passado da idade em que poderia encarar a possibilidade de se atracar com um homem mais moço, que dirá dois.

- Eu não ia poder machucar eles, George. Era evidente que não estavam agredindo você.

- Não mandei que você agredisse. Apenas pedi para avançar. O medo deles se encarregou do resto.

- Como é que podem ter medo de um robô?

- É uma doença da humanidade, que até hoje ainda não tem cura. Mas deixa pra lá. Que diabo você anda fazendo por aqui, **Andrew**? Ainda bem que encontrei o teu bilhete. Já estava pensando em dar meia-volta e alugar um helicóptero quando te

achei. Que ideia foi essa de ir à biblioteca? Eu teria trazido tudo quanto é livro que você precisasse.

- Eu sou um... - começou **Andrew**. - Robô alforriado.

- Sim, sim. Tudo bem. Mas o que é que você pretendia fazer lá na biblioteca?

- Eu quero conhecer melhor os seres humanos, o mundo, tudo, em suma. E os robôs também, George. Estou com vontade de escrever uma história sobre eles.

George então passou o braço pelo ombro do autômato.

- Bom, vamos pra casa. Mas antes pega a tua roupa. **Andrew**, existe um milhão de livros sobre robótica e todos incluem histórias da ciência. O mundo inteiro já está ficando saturado, não só de robôs, mas de informações sobre eles.

Andrew sacudiu a cabeça, gesto humano que ultimamente passara a adotar.

- Mas não é uma história da robótica, George. Uma história de robôs, escrita por um robô.. Eu quero explicar como eles encaram tudo o que aconteceu desde que começaram a trabalhar e a viver na Terra.

George arqueou as sobrancelhas, mas não falou mais nada que tivesse relação direta com o assunto.

11

Menininha acabava de completar oitenta e três anos, sem demonstrar a menor falta de energia ou determinação. Usava a bengala mais para gesticular do que para se apoiar nela.

Escutou a descrição do incidente com verdadeira fúria de indignação.

- George, que horror. Quem eram esses mal-feitores?

- Sei lá. Que diferença faz? Afinal, não causaram dano nenhum.

- Mas poderiam ter causado. Você é advogado George; e, se está bem de vida, é exclusivamente graças aos talentos de **Andrew**. Foi o dinheiro que ele ganhou que serviu de base para tudo o que a gente tem. Ele propicia a estabilidade desta família e não permito que seja tratado feito brinquedo de dar corda.

- O que é que você quer que eu faça, mamãe? - perguntou George.

- Já disse que você é advogado. Ficou surdo? Descubra um jeito de entrar com uma ação para forçar os tribunais regionais a se manifestarem a favor dos direitos dos robôs e a obrigarem o congresso a aprovar todas as leis necessárias. Leve a história toda até o Tribunal Mundial, se for preciso. Vou ficar de olho, George, e não vou tolerar nenhuma omissão da tua parte.

Falava sério e, portanto, o que começou como simples manobra para acalmar uma temível anciã virou questão complicada, com suficientes meandros legais para tomá-la interessante.

Como sócio fundador da Feingold & Martin, George traçou a estratégia. Mas deixou o trabalho propriamente dito nas mãos dos sócios mais recentes, reservando a parte principal para o filho, Paul, que também participava da firma e apresentava relatórios diários, pontualmente, à avó. Ela, por sua vez, debatia o caso todos os dias com **Andrew**.

Andrew se interessou ao máximo. Foi adiando, cada vez mais, o trabalho no livro que pretendia escrever sobre robôs, dedicando-se a estudar a fundo os argumentos legais e até, às vezes, oferecendo sugestões bem modestas.

- O George me contou, naquele dia em que fui atacado, que os homens sempre tiveram medo de robôs - comentou certa vez. - Enquanto persistir isso os tribunais e os órgãos legislativos não vão se dedicar com afinco à nossa causa. Será que não se podia fazer alguma coisa para mudar a opinião pública?

Por isso, enquanto Paul se concentrava no tribunal, George passou a ocupar as plataformas públicas. Isso lhe dava a vantagem de se mostrar à vontade, chegando inclusive ao extremo de adotar o novo estilo confortável de roupas, que apelidou de "neo-romano".

- Vê se não tropeça na toga quando estiver no palco, papai - advertiu Paul.

- Farei o possível - retrucou George, meio sem graça.

Numa ocasião discursou perante a convenção anual de editores de noticiários holográficos, dizendo, em parte:

- Se, em virtude da Segunda Lei, podemos exigir de qualquer robô uma obediência irrestrita em todos os sentidos não relacionados com prejuízos para os seres humanos, então qualquer homem, qualquer criatura humana dispõe de um poder assustador sobre qualquer robô, qualquer autômato. Especialmente, uma vez que a Segun-

da Lei se sobrepõe à Terceira, qualquer ser humano pode usar a lei da obediência para superar a da autodefesa. Ele pode ordenar qualquer robô a se danificar a si próprio ou até a se destruir por qualquer motivo, ou mesmo sem motivo nenhum.

"Isso é justo? Alguém trataria um animal dessa maneira? Inclusive um objeto inanimado que nos prestou serviços tem direito à nossa consideração. E um robô não é insensível, não é bicho. Sabe raciocinar perfeitamente, a ponto de falar conosco, discutir conosco, brincar conosco. Será que podemos tratá-lo como amigo, trabalhar junto com ele, sem lhe dar em troca uma parte dos frutos dessa amizade, dos benefícios do trabalho em conjunto?"

"Se o homem tem direito de dar qualquer ordem a um robô que não implique prejuízo para o ser humano, deveria também ter a decência de já- mais lhe dar qualquer ordem que acarretasse prejuízo para outro robô, a não ser que a segurança humana exija isso de modo absoluto. Todo grande poder é acompanhado de grandes responsabilidades, e se os robôs tem três Leis para proteger os homens, seria pedir muito que os homens tivessem uma ou duas leis para proteger os robôs?"

Andrew tinha razão. Foi a batalha para conquistar a opinião pública que terminou abrindo as portas dos tribunais e dos órgãos legislativos. Por fim, aprovaram uma lei que estipulava condições para a proibição de ordens prejudiciais a robôs. Havia inúmeras exceções e as penas relativas às infrações eram completamente inadequadas, mas o princípio ficou estabelecido. A homologação final da Legislatura Mundial ocorreu no dia da morte de Menininha.

Não por coincidência. Durante os últimos debates, Menininha se agarrou desesperadamente à vida e só se entregou ao inevitável quando recebeu a notícia da vitória. Seu último sorriso foi para **Andrew**.

- Você foi muito bom para nós, **Andrew** - foram as suas últimas palavras.

Morreu segurando a mão dele, enquanto o filho e a nora, em companhia dos netos, se mantinham a uma distância respeitosa dos dois.

12

Andrew esperou pacientemente que o robô-recepcionista desaparecesse na sala íntima. O funcionário poderia ter usado o interfone e holográfico, mas estava indubitavelmente perturbado por ter de lidar com outro robô, em vez de uma criatura humana.

Andrew aproveitou para pensar um pouco no assunto: será que dá para se usar "desrobotizado" como analogia de "desvirilizado" ou essa última palavra se tomou um termo metafórico suficientemente desligado do seu sentido literal para ser aplicado aos robôs - ou às mulheres, no mesmo caso? Esse tipo de problema lhe surgia frequentemente quando trabalhava no livro sobre robôs. A necessidade de criar frases para dar vazão a todas as complexidades tinha, sem dúvida, aumentado o seu vocabulário.

De vez em quando alguém entrava na sala, por pura curiosidade, e ele não procurava evitar o olhar, retribuía bem calmo, até que o bisbilhoteiro terminava disfarçando e indo embora.

Paul Martin finalmente apareceu. Parecia surpreso - ou pelo menos essa seria a impressão de **Andrew**, se pudesse interpretar sem possibilidade de erro a expressão que ele fez. Paul resolvera adotar a maquiagem exagerada, ditada pela moda para ambos os sexos. Apesar de definir melhor e realçar os traços bastante delicados de Paul, **Andrew** não gostava daquilo. Tinha descoberto que criticar o comportamento das criaturas humanas, desde que não fosse de modo verbal, não o deixava constrangido. Podia até manifestar a reprovação por escrito. Estava certo de que nem sempre havia sido assim.

- Entra, **Andrew**. Desculpa te fazer esperar, mas eu estava fazendo uma coisa que precisava terminar. Entra. Você disse que queria falar comigo, mas eu não sabia que era aqui na cidade.

- Se você estiver muito ocupado, Paul, posso continuar esperando sem o menor problema.

Paul olhou de relance para o jogo de sombras que se deslocavam no mostrador da parede, que servia para marcar a hora.

- Tenho um pouco de tempo livre - disse. - Você veio sozinho?

- Aluguei um automotóvel.

- Ninguém criou caso? - perguntou Paul, com certa ansiedade.

- Achei que não criariam. Meus direitos estão protegidos.

Com essa, Paul ficou ainda mais ansioso. - **Andrew**, eu já te expliquei que a lei é inflexível, pelo menos na maioria dos casos. E, se você continuar insistindo em andar vestido, vai acabar arranjando encrenca, tal como aconteceu da primeira vez.

- Primeira e única, Paul. Lamento que você tenha ficado aborrecido.

- Bom, então não se esqueça disto: você é, praticamente, um mito ambulante, **Andrew**, e uma criatura preciosa demais, sob vários aspectos, para se dar ao luxo de estar se arriscando à toa por aí. Falar nisso, como vai o livro?

- Já estou quase no fim, Paul. O editor está muito contente.

- Ótimo! - Não quero dizer que ele esteja necessariamente satisfeito com o livro como tal. Acho que pretende vender muitos exemplares porque foi escrito por um

robô e é por isso que ele está contente.

- O que é perfeitamente humano, a meu ver. - Isso não significa que eu esteja descontente. O motivo da venda pode ser qualquer um, desde que signifique dinheiro e dê para eu gastar um pouco.

- Vovó te deixou... - Menininha foi muito generosa e tenho certeza que posso contar com a família para me ajudar ainda mais. Mas estou contando é com os direitos autorais do livro para tomar as minhas próximas providências.

- Quais são elas?

- Quero falar com o diretor da U.S. Robots & Mechanical Men Corporation. Já tentei marcar entrevista; mas por enquanto não consegui nada. Como a corporação não quis cooperar comigo para escrever o livro, não me admiro, compreende?

Paul começou a achar graça. - Cooperação seria a última coisa que você poderia esperar. Eles não fizeram nada quando precisamos deles para a nossa grande luta pelos direitos dos robôs. Muito pelo contrário, e o motivo é bem lógico. É só os robôs adquirirem direitos para que as pessoas talvez não queiram mais comprar nenhum.

- Seja lá como for - insistiu **Andrew** -, se você ligar para lá, é bem possível que me consiga essa entrevista.

- Não pense que eles gostam mais de mim do que de você, **Andrew**.

- Mas talvez você possa insinuar que falando comigo eles são capazes de suspender qualquer campanha iniciada pela Feingold & Martin para reforçar ainda mais os direitos dos robôs.

- Mas isso não seria uma mentira, **Andrew**?

- Claro que sim, Paul, e você sabe que eu não posso pregar nenhuma. É por isso que tem de ser você que vai ligar pra lá.

- Ah, quer dizer que, mesmo que você não possa pregar uma mentira, isso não impede de me mandar mentir em seu lugar, não é? **Andrew**, cada dia que passa você fica mais humano...

13

Mesmo com um nome como o de Paul, que se podia imaginar influente, não foi fácil marcar a entrevista. Terminou finalmente se realizando. Aí então, Harley Smythe-Robertson, que, pelo lado materno, descendia do fundador da corporação, tendo adotado o hífen para indicar isso, não se mostrou nada satisfeito com a ideia. Em vésperas de se aposentar, havia dedicado todo o seu período de presidência à questão dos direitos dos robôs. Com os ralos cabelos grisalhos colocados no crânio e o rosto sem maquiagem, volta e meia olhava para **Andrew** com um pouco de hostilidade.

Andrew iniciou a conversa. - O senhor sabe, há quase um século atrás, Merton Mansky, que trabalhava para esta corporação, me disse que os cálculos matemáticos que orientavam a montagem do comportamento positrônico eram complicados demais para que se pudessem determinar soluções que não fossem apenas aproximativas e que, por conseguinte, não dava para se prever o alcance completo das minhas capacidades.

- Isso foi há um século atrás. Smythe-Robertson hesitou e depois acrescentou friamente:

- Como o senhor mesmo disse. Hoje não é mais assim. Os nossos robôs agora são feitos com precisão e recebem treinamento específico para o trabalho a que se destinam.

- Sim -confirmou Paul, que tinha vindo junto, como disse, para se certificar de que a corporação faria jogo limpo -, com o resultado de que o meu recepcionista tem de ser orientado em todos os pontos quando os acontecimentos se afastam da rotina convencional, até em detalhes insignificantes.

- Você ficaria muito mais aborrecido se ele começasse a improvisar - retrucou Smythe-Robertson.

- Quer dizer então que não fabricam mais robôs que nem eu, flexíveis e maleáveis.

- Exatamente.

- Segundo as pesquisas que venho fazendo para escrever o meu livro - continuou

Andrew - tudo indica que sou atualmente o robô mais antigo ainda em funcionamento.

- O mais antigo atualmente - disse Smythe-Robertson -, e em todos os tempos. E que jamais há de existir. Hoje os robôs perdem a utilidade depois de vinte e cinco anos. São recolhidos e substituídos por novos modelos.

- Eles perdem a utilidade depois de vinte anos - frisou Paul, deixando transparecer uma ponta de sarcasmo na voz. - Nesse sentido, **Andrew** é literalmente fora de série.

- Na qualidade de robô mais antigo do mundo, e mais flexível também - prosseguiu **Andrew**, mantendo-se dentro da linha que estipulou para si mesmo -, não sou uma espécie de raridade capaz de merecer tratamento especial por parte da companhia?

- Absolutamente - protestou Smythe-Robertson, já irredutível. - O próprio fato de ser uma raridade é motivo de constrangimento para a corporação. Se tivesse sido alugado, e não simplesmente vendido, por obra do acaso, há muito tempo já teria sido substituído.

- Mas a questão é justamente essa - afirmou **Andrew**. - Sou um robô livre e dono de mim mesmo. Foi por isso que vim aqui, para pedir que vocês me substituam. O que não pode ser feito sem o consentimento do proprietário. Hoje isso se transformou em autorização compulsória, cláusula obrigatória do contrato de locação, mas no meu tempo não era assim.

Smythe-Robertson parecia simultaneamente espantado e intrigado e se conservou um instante calado. **Andrew** contemplou o holograma pendurado na parede.

Era a máscara mortuária de Susan Calvin, santa padroeira dos roboticistas. Já fazia quase dois séculos que tinha morrido, mas, em consequência dos preparativos do livro que estava escrevendo, **Andrew** a conhecia tão bem que chegava a praticamente acreditar que a tinha conhecido em vida.

- Como é que eu posso substituir você por você mesmo? - perguntou Smythe-Robertson finalmente. - Uma vez feita a troca, como é que vou entregar o novo robô a você, na qualidade de proprietário, se no próprio ato da troca você deixa de existir?

E sorriu implacável. - Não há nenhuma dificuldade - atalhou Paul. - A base da personalidade de **Andrew** está no cérebro positrônico que ele possui e que é a parte que não pode ser substituída sem criar um novo robô. O cérebro positrônico, portanto, é **Andrew**, o proprietário. Todas as outras partes do corpo robótico podem ser trocadas sem afetar a personalidade do robô, e essas outras partes são propriedades do cérebro. Eu diria que o **Andrew** quer dar ao cérebro dele um novo corpo robótico.

- Isso mesmo - disse **Andrew** calmamente. Virou-se para Smythe-Robertson: - Vocês já fabricaram andróides, não é? Robôs com a aparência exterior de homens, tão perfeita que tinham até a mesma textura da pele?

- Fabricamos, sim. Funcionavam muito bem, com pele e tendões fibrosos sintéticos. Não tinham praticamente nenhum componente metálico, a não ser no cérebro, mas eram quase tão resistentes como os robôs feitos de aço. De modo geral, pode-se dizer que eram até mais resistentes.

Paul se mostrou interessado.

- Eu não sabia disso. Quantos existem ainda no mercado?

- Nenhum - respondeu Smythe-Robertson. - Saíam muito mais caros que os modelos de metal e uma pesquisa de mercado demonstrou que não teriam aceitação. Pareciam humanos demais.

Andrew estava impressionado.

- Mas eu suponho que a corporação continue mantendo a mesma proficiência. E, nesse caso, pediria para ser trocado por um robô orgânico, um andróide

Paul levou um susto.

- Puxa vida! - exclamou. Smythe-Robertson se mostrou ainda mais inexorável.

- Totalmente impossível!

- Impossível por quê? - retrucou **Andrew**. - Claro que estou pronto a pagar qualquer preço, desde que seja razoável.

- Nós não fabricamos andróides

- Vocês resolveram parar de fabricar - atalhou logo Paul. - Não é a mesma coisa que não poder fabricar.

- De qualquer modo - insistiu Smythe-Robertson -, fabricar andróides é agir contra o interesse público.

- Não existe lei que proíba - afirmou Paul.

- Mesmo assim, não fabricamos, nem pretendemos fabricar.

Paul pigarreou. - Mr. Smythe-Robertson - disse **Andrew** é um robô livre, protegido pela lei que garante os direitos dos robôs. O senhor sabe muito bem disso, não

sabe?

- E como...

- Este robô, na qualidade de alforriado, gosta de andar vestido. O resultado é se ver frequentemente humilhado por pessoas descorteses, apesar da lei que proíbe a humilhação de robôs. Toma-se difícil processar por insultos vagos, que não gozam da reprovação geral por parte de quem deve decidir em matéria de culpa e inocência.

- A U.S. Robots compreendeu perfeitamente isso, logo de início. A firma de seu pai, infelizmente, não.

- Meu pai já morreu, mas pelo que vejo nos encontramos diante de um caso de insulto manifesto visando a um alvo inconfundível.

- Do que é que você está falando? - perguntou Smythe-Robertson.

- O meu constituinte, **Andrew Martin** - que a partir deste momento passa a ser meu constituinte -, é um robô livre que tem todo o direito de solicitar à U.S. Robots & Mechanical Men Corporation que seja substituído, serviço prestado pela corporação a qualquer proprietário cujo robô já tenha mais de vinte e cinco anos. Aliás, convém notar que a corporação insiste nessa substituição.

Paul sorria, mostrando-se completamente senhor da situação.

- O cérebro positrônico do meu constituinte - prosseguiu - é o proprietário do corpo dele, que, sem sombra de dúvida, tem mais de vinte e cinco anos. O cérebro positrônico exige a substituição do corpo e se prontifica a pagar qualquer soma razoável em troca de um corpo de androide. Se vocês se recusarem a aceitar o pedido, o meu constituinte terá de processá-los pela humilhação sofrida.

Embora a opinião pública, em circunstâncias normais, não apoie esse tipo de reivindicação, permita-me lembrar-lhe que a U.S. Robots não desfruta da simpatia do público em geral. Até quem mais usa e lucra com os robôs desconfia da corporação. Pode ser que seja um resquício da época em que os autômatos eram objeto dos piores temores. Ou talvez mero despeito pelo poder e riqueza da U.S. Robots, que detém um monopólio de âmbito mundial.

Seja qual for a causa, o fato é que esse despeito existe. Tenho impressão de que vocês não gostariam de enfrentar a possibilidade de uma ação legal, ainda mais que o meu constituinte possui grandes recursos e viverá por muitos e muitos séculos, não tendo, portanto, motivo nenhum para se esquivar de uma batalha judicial que se prolongue indefinidamente.

Smythe-Robertson fora aos poucos avermelhando.

- Você está querendo forçar...

- Não estou forçando nada - atalhou Paul. - Se recusarem a atender ao pedido perfeitamente razoável do meu constituinte, têm toda a liberdade de assim proceder e não nos resta outra alternativa além de ir embora sem dizer mais nenhuma palavra. Mas temos também todo o direito de iniciar uma ação, que vocês, com toda a certeza, acabarão perdendo.

- Bom... - Estou vendo que terminarão concordando - disse Paul. - Talvez ainda hesitem, mas no fim não de ver que é a melhor solução. Permita-me, pois, deixar bem claro o seguinte: se, durante o transplante do cérebro positrônico que se encontra atualmente no crânio do meu constituinte, para outro corpo orgânico, ocorrer algum dano, por menor que seja, fique certo de que não descansarei enquanto não arrasar com a corporação por completo. E, caso for preciso, tomarei todas as providências possíveis para mobilizar a opinião pública contra a U.S. Robots, se surgir um arranhão sequer na essência de platínio que determina o comportamento de meu constituinte.

- Virou-se para **Andrew** e perguntou: - Você está de acordo com tudo o que aca-

bo de falar, **Andrew**?

Andrew esperou um minuto inteiro para dar a resposta. Aquilo equivalia a concordar com a mentira, a chantagem, a mortificação e a humilhação de um ser humano. Mas sem o menor dano físico, disse consigo mesmo, sem o menor dano físico.

Conseguiu, por fim, emitir um "sim" quase inaudível.

14

Se sentiu como se estivesse sendo fabricado de novo. Durante dias, depois semanas e, finalmente, meses, **Andrew** teve a vaga sensação de que não era mais o mesmo e as decisões mais banais passaram a ser enfrentadas com hesitação.

Paul ficou possesso.

- Eles estragaram você, **Andrew**. Teremos de entrar com uma ação!

Andrew falava bem devagar.

- Não ... faça isso. Você nunca vai conseguir .. provar ... que houve... hum...

- Premeditação?

- É. Além disso... já estou ... me sentindo mais ... forte, melhor. É o tr... tr.. tr ...

- Tremor?

- Não, trauma. Afinal, nunca houve uma op... op... op... assim antes.

Andrew podia sentir o cérebro dentro do crânio. Não existia mais ninguém que fosse capaz de uma proeza dessas. Sabia que estava bem, e durante os meses que levou para aprender direito a integração do jogo positrônico com a coordenação de movimentos passava horas diante do espelho.

Não havia ficado totalmente humano! O rosto estava rígido demais e os gestos eram muito deliberados. Não possuíam a fluência despreocupada e livre das criaturas humanas, que talvez viesse com o correr do tempo. Mas pelo menos já podia andar vestido sem a anomalia ridícula de um rosto de metal que não combinava com aquilo.

- Vou voltar ao trabalho - anunciou um dia.

Paul riu.

- Isso quer dizer que você já está bem. O que é que pretende fazer? Escrever outro livro?

- Não - disse **Andrew**, bem sério. - Já vivi muito tempo para me deixar empolgar por uma só carreira, sem nunca mudar de interesse. Houve época em que era, acima de tudo, artista plástico e posso perfeitamente voltar a ser isso. E houve época em que fui historiador, e nada me impede de continuar sendo. Mas agora quero ser biólogo de robôs.

- Psicólogo, você quer dizer. - Não. Isso implicaria no estudo dos cérebros positrônicos e de momento não sinto a menor vontade de me dedicar a isso. Um biólogo de robôs, a meu ver, se preocuparia com o funcionamento do corpo ligado a esse cérebro. - Não seria um roboticista?

- O roboticista trabalha com o corpo metálico. Eu estaria estudando um corpo androide orgânico, de que sou o único possuidor, ao que me consta.

- Está limitando o seu campo de ação - disse Paul, pensativo. - Como artista plástico, toda concepção te pertence; como historiador, você lida principalmente com robôs; como biólogo de robôs, vai lidar apenas consigo mesmo.

Andrew concordou com a cabeça. - Ao que tudo indica.

Andrew teve de começar bem do início, pois não entendia nada de biologia comum e muito pouco de ciência. Tomou-se uma figura conhecida nas bibliotecas pú-

blicas, onde pesquisava os índices eletrônicos por horas a fio, não chamando mais a atenção pelo fato de andar vestido. As raras pessoas que sabiam que ele era robô não interferiam de jeito nenhum em sua vida.

Montou laboratório num anexo que construiu junto à casa; e sua biblioteca foi também ficando cada vez maior.

Os anos passaram, até o dia em que Paul o procurou e disse:

- Que pena que você interrompeu a história que estava escrevendo sobre os robôs. Ouvei dizer que a U.S. Robots mudou por completo de orientação.

Paul havia envelhecido e os olhos cansados tinham sido trocados por células fotóticas.. Nesse sentido estava mais parecido com **Andrew**.

- O que foi que fizeram? perguntou **Andrew**

- Estão fabricando computadores centrais, cérebros positrônicos gigantescos mesmo, que se comunicam com um número de robôs que varia de doze a mil, através de microondas. Os robôs, propriamente ditos, não têm cérebro nenhum. Constituem os membros do cérebro gigante, sendo porém fisicamente independentes.

- Isso produz maior eficiência?

- A U.S. Robots afirma que sim. Mas Smythe-Robertson estabeleceu a nova orientação antes de morrer, e tenho impressão de que tudo não passou de uma manobra por tua causa. A U.S. Robots resolveu não fazer mais nenhum robô que lhes dê o tipo de problema que você criou e, por isso, estão separando o cérebro do corpo. Assim, nenhum robô poderá trocar de corpo que não terá nenhum cérebro para querer coisa alguma.

"A influência que você exerceu na história dos robôs", prosseguiu Paul, "é espantosa, **Andrew**. Foi o teu talento artístico que encorajou a U.S. Robots a fabricar autômatos mais exatos e especializados; foi a tua liberdade que provocou a determinação do princípio dos direitos robóticos; foi a tua insistência em ter um corpo androide que levou a U.S. Robots a optar pela separação entre o cérebro e o corpo."

Andrew ficou pensativo. - Estou vendo que no fim a corporação vai acabar produzindo um cérebro enorme para controlar vários bilhões de corpos robóticos. Vão colocar todos os ovos no mesmo balaio. É perigoso. Nada aconselhável.

- Acho que você tem razão - disse Paul -, mas desconfio que isso só vai acontecer daqui a um século, no mínimo, e não estarei mais vivo para ver. Aliás, duvido muito que esteja vivo no ano que vem.

- Paul! - exclamou **Andrew**, preocupado.

Paul deu de ombros.

- Os homens são mortais, **Andrew**. Não são como você. Não faz muita diferença, mas considero importante esclarecer uma coisa: eu sou o último representante humano da família Martin. O dinheiro que controlo pessoalmente ficará depositado num fundo em teu nome e, no que diz respeito ao que o futuro tem de previsível, você não precisa mais se preocupar com problemas financeiros.

- Não há necessidade de nada disso - afirmou **Andrew**, articulando as palavras com dificuldade.

Durante todo esse tempo, ainda não tinha se conformado com as mortes sucessivas da família Martin.

- Nada de discussões. É assim que será. Agora, no que é que você está trabalhando?

- Num sistema que permita que os andróides - como eu - recebam energia da combustão de hidrocarbonetos, em vez da de células atômicas.

Paul arqueou as sobrancelhas.

- Para que possam respirar e comer?

- É.
- Há quanto tempo você vem trabalhando nisso ?
- Já faz muito, mas acho que finalmente projetei uma câmara de combustão apropriada para o fracionamento catalisado, controlado.
- Mas a troco de quê, **Andrew**? A célula atômica é, sem a menor sombra de dúvida, infinitamente superior.
- Em certo sentido, talvez. Mas não é humana.

15

Levou tempo, mas isso **Andrew** tinha de sobra. Em primeiro lugar, não queria fazer nada enquanto Paul não morresse em paz. Com a morte do bisneto do patrão, **Andrew** se sentiu muito mais exposto à hostilidade do mundo, e por esse motivo se determinou a não se afastar do caminho que havia escolhido.

Não estava, porém, realmente sozinho. A morte de um dos sócios não comprometia o funcionamento da Feingold & Martin, pois uma firma tem tanta possibilidade de extinção quanto um robô.

A banca de advocacia mantinha suas diretrizes, que seguia friamente. Com o seu fundo e o da firma jurídica, **Andrew** continuou a ser rico. Em troca dos elevados honorários e comissões anuais, a Feingold & Martin defendia os aspectos legais da nova câmara de combustão. Mas, quando chegou a hora de **Andrew** visitar a U.S. Robots & Mechanical Men Corporation, ele foi sozinho. Já tinha ido uma vez com o patrão e outra com Paul, Agora, na terceira, ia só, na qualidade de homem.

A U.S. Robots havia mudado. A fábrica de produção propriamente dita se transformara num imenso posto espacial, tal como acontecera com um número cada vez maior de indústrias. Isso acarretava a desativação de vários robôs. A Terra estava virando unia espécie de estacionamento, com a população de um bilhão de habitantes estabilizada e talvez não mais de trinta por cento de um número pelo menos equivalente de robôs dotados de cérebros autônomos.

O diretor do departamento de Pesquisas era Alvin Magdescu, de pele e cabelos escuros, com pequeno cavanhaque, e usando acima da cintura apenas a faixa ditada pela moda. Quanto a **Andrew**, trajava-se ainda com o temo completo de muitas décadas atrás.

Magdescu apertou a mão do visitante. - Já o conhecia de nome, lógico, e estou muito satisfeito por conhecê-lo pessoalmente. O senhor é o nosso produto mais famoso e é uma lástima que o velho Smythe-Robertson tivesse feito tanta oposição. Poderíamos ter feito muita coisa pelo senhor.

- E ainda podem - disse **Andrew**.

- Não creio, não. Perdemos a oportunidade, Tivemos robôs aqui na Terra durante mais de um século, mas a situação já está mudando. Eles agora vão voltar ao espaço e os que ficarem aqui não terão mais cérebros.

- Mas ainda resto eu, que pretendo ficar aqui na Terra.

- É verdade, mas o senhor quase não tem mais aparência de autômato. Qual é o seu novo pedido?

- O de ter cada vez menos características de robô. Já que continuo a ser orgânico, gostaria de contar com uma fonte de energia que também fosse. Trouxe comigo os planos...

Magdescu não se apressou em examiná-los. Talvez a princípio até estivesse inclinado a fazer isso, mas se empertigou todo e resolveu ganhar tempo. A, certa altura comentou:

- Está fantástico de tão bem-feito. De quem foi a ideia?

- Minha - respondeu **Andrew**.

Magdescu levantou os olhos bruscamente para ele e depois continuou: - Isso re-

presentaria uma transformação completa do seu corpo, e em caráter experimental, uma vez que jamais se tentou fazer antes uma coisa destas. Não aconselho a empreendê-la. Fique do jeito que está.

Os meios de expressão fisionômica de **Andrew** eram limitados, mas a voz traduziu claramente a sua impaciência:

- Dr. Magdescu, o senhor está completamente enganado. Não lhe resta outra alternativa senão atender ao meu pedido. Se esses dispositivos podem ser colocados no meu corpo, nada impede que se proceda de maneira idêntica com corpos humanos. A tendência a prolongar a vida humana com recursos protéticos já é bem conhecida. Não existem dispositivos melhores do que os que projetei ou estou projetando.

"Por sinal, registrei as patentes de invenção por intermédio da firma Feingold & Martin. Somos bem capazes de entrar sozinhos no ramo e de aperfeiçoar o tipo de dispositivos protéticos que no fim acabarão produzindo seres humanos com muitas das características dos robôs. Nesse caso, os seus negócios só teriam a perder."

"Se, porém, me operassem agora e concordassem em fazer o mesmo no futuro, em circunstâncias idênticas, teriam licença para utilizar as patentes e controlar a tecnologia dos robôs e da prótese dos seres humanos. A licença inicial só será dada, naturalmente, após o êxito completo da primeira operação e de passar bastante tempo para demonstrar que foi, de fato, um êxito."

Andrew quase nem se sentiu constrangido com as condições rigorosas que estava estipulando para uma criatura humana. Estava aprendendo a raciocinar que o que parecia crueldade podia, no fim, se transformar em bondade.

Magdescu ficou atônito.

- Não estou em condições de resolver uma coisa destas. Trata-se de uma decisão que só pode ser tomada em assembleia geral. E isso demora bastante.

- Posso esperar dentro de um prazo que seja razoável - declarou **Andrew** -, mas não mais do que isso.

E pensou, com satisfação, que o próprio Paul não teria se saído melhor do que ele.

16

O tempo necessário foi de fato razoável e a operação teve grande êxito.

- Me opus muito a essa operação, **Andrew** - disse Magdescu -, mas não pelos motivos que você possa imaginar. Não tinha absolutamente nada contra a experiência, desde que fosse feita noutra pessoa. O que eu não queria, de maneira alguma, era arriscar o seu cérebro positrônico. Agora que você dispõe de um comportamento positrônico combinado com o de nervos simulados, talvez ficasse difícil recuperar o cérebro intacto, se o corpo não resistisse à cirurgia.

- Eu depositava uma confiança total na competência da equipe da U.S. Robots - disse **Andrew**. - E agora já posso comer.

- Bem, você pode tomar azeite de oliva. O que vai exigir limpezas esporádicas da câmara de combustão, como já te explicamos. Um detalhe meio incômodo, a meu ver.

- Talvez, se eu não contasse com outros aperfeiçoamentos. Uma limpeza feita por mim mesmo é perfeitamente possível. Estou, aliás, trabalhando num dispositivo que se encarregará da alimentação sólida que, como é de esperar, há de conter frações que não sejam combustíveis; matéria indigesta, por assim dizer, que terá de ser expelida.

- Teria, então, de inventar um ânus. - Ou coisa parecida.

- Que mais, **Andrew** ... ?

- Tudo, simplesmente.

- Genitália também?

- Desde que se enquadre em meus planos. Meu corpo é uma tela em que pretendo criar um...

Magdescu esperou que ele completasse a frase e, ao ver que não ia conseguir, sugeriu:

- Um homem?

- Veremos - disse **Andrew**.

- Que ambição mais sem graça, **Andrew**. Você vale muito mais do que um homem. Só teve a perder, desde o momento em que optou por ser tornar orgânico.

- Meu cérebro não sofreu nenhum prejuízo.

- Tem razão. Admito. Mas, **Andrew**, todos os novos cantinhos em matéria de dispositivos protéticos que se abriram com o registro de tuas patentes estão sendo explorados com o teu nome. Você é reconhecidamente o inventor e está recebendo todas as homenagens por causa disso; o que é perfeitamente justo. Para que continuar colocando o teu corpo em risco?

Andrew não respondeu. As homenagens se sucediam. Foi acolhido como membro de várias associações eruditas, inclusive uma dedicada à nova ciência que instituiria - que chamara de robôbiologia, que acabou sendo conhecida como protesologia. No sesquicentenário de sua fabricação, a U.S. Robots ofereceu-lhe um jantar de gala. Se **Andrew** percebeu alguma ironia na homenagem, não demonstrou.

Alvin Magdescu, a essa altura já aposentado, reapareceu para presidir a cerimônia. Estava com noventa e quatro anos e continuava vivo graças também aos dispositivos protéticos que, entre outras coisas, preenchiam as funções do fígado e dos rins. O

jantar chegou ao clímax quando Magdescu, depois de breve e emocionado discurso, ergueu a taça para brindar o Robô Sesquicentenário.

Andrew tinha remodelado os tendões do rosto a ponto de poder exibir uma variedade de emoções humanas, mas passou toda a cerimônia com o semblante solenemente impassível. Não gostou de ser chamado de Robô Sesquicentenário.

Foi a protesologia que, finalmente, levou **Andrew** para longe da Terra. Nas décadas subsequentes às comemorações do sesquicentenário, a Lua se transformou num mundo mais terrestre que a Terra em todos os sentidos, menos na atração da gravidade; e em suas cidades subterrâneas se concentrava uma população relativamente grande. Os dispositivos protéticos usados por lá precisavam considerar a força de gravidade menor. **Andrew** passou cinco anos na Lua trabalhando com protesologistas locais para adquirir condições de adaptação ideais. Nas horas de folga, perambulava no meio dos habitantes robôs, de quem obtinha, sem exceção, a mesma solicitude que teriam com uma criatura humana.

Voltou para uma Terra comparativamente monótona e calma, e visitou o escritório da Feingold & Martin para comunicar seu regresso.

O diretor em exercício da firma, Simon DeLong, se surpreendeu.

- Já sabíamos que você ia voltar, **Andrew** - ele por pouco não disse Mr. Martin -, mas não esperávamos que isso acontecesse antes da semana que vem.

- Fiquei impaciente - explicou **Andrew**, todo animado. Estava ansioso para entrar logo no assunto. - Na Lua, Simon, eu era encarregado de uma equipe de pesquisa de vinte cientistas humanos. Dava ordens que ninguém discutia. Os robôs lunares me tratavam como se eu fosse uma criatura humana. Por que, então, não posso ser homem?

Os olhos de DeLong se mostraram cautelosos.

- Meu caro **Andrew**, como você mesmo acaba de explicar, tanto os robôs como os homens te trataram como se você fosse humano. Em última análise, portanto, você já é..

- Em última análise não basta. Não só quero que me tratem como homem, mas que também seja juridicamente considerado como tal. Quero ser homem no sentido legal.

- Isso já é outra coisa - retrucou DeLong. - Aí já estamos entrando no terreno do preconceito humano e do fato incontestável que, por mais que pareça, você não é homem.

- Como que não sou? - reclamou **Andrew**. - Tenho aspecto de homem e órgãos equivalentes aos de um ser humano. Que, aliás, são idênticos aos de certas criaturas que têm de usar próteses. A minha contribuição artística, literária e científica para a cultura humana, tão importante quanto a de qualquer homem contemporâneo. Que mais se pode exigir? - Eu, pessoalmente, não exigiria mais nada.

O problema é que seria indispensável um ato da Legislatura Mundial para te definir como ser humano. E, para falar com franqueza, acho difícil que isso venha a acontecer

- Com quem eu poderia falar lá na Legislatura?

- Com o Presidente da Comissão de Ciência e Tecnologia, talvez.

- Você me arranja uma entrevista? - Mas não é preciso nenhum intermediário. Na posição em que você está, pode...

- Não. Eu quero que você se encarregue disso. - **Andrew** nem percebeu que estava dando uma ordem categórica a um ser humano, de tão acostumado a fazer isso

que tinha ficado na Lua.

- Quero que ele saiba que a firma Feingold & Martin vai me apoiar nisso até o fim.

- Bem, agora... - Até o fim, Simon. Durante cento e setenta e três anos, de um jeito ou de outro, contribuí muito para esta firma. Antigamente tinha certas obrigações com participantes individuais da empresa. Hoje não tenho mais. Agora a situação praticamente se inverteu e faço questão de cobrar a dívida.

- Vou ver o que posso fazer - disse DeLong.

O Presidente da Comissão de Ciência e Tecnologia provinha da Ásia Oriental e era mulher. Chamava-se Chee Li-hsing e os trajes transparentes que usava - encobrendo o queria encobrir só pelo brilho - davam a impressão de que andava envolta em plástico.

- Eu compreendo que você queira ter todos os direitos humanos - disse ela. - A história também registra momentos em que populações inteiras lutaram para conquistar a plenitude dos direitos humanos. Mas quais são os que você acha que lhe faltam?

- Uma coisa bem simples, como, por exemplo, o meu direito à vida - afirmou **Andrew**. - Um robô pode ser destruído a qualquer hora.

- Com o homem acontece o mesmo.

- Sim, mas para que seja executado existem procedimentos legais. E para a minha destruição não há necessidade de processo nenhum. Basta uma ordem, dada por autoridade competente, e estou perdido. Depois... depois...

Andrew fez um esforço desesperado para não demonstrar qualquer sinal de que estivesse implorando alguma coisa, mas se deixou trair por esgares faciais - tão cuidadosamente programados quando foi feito - e pelo tom de voz.

- Na verdade, o que eu quero é ser homem. Venho sonhando com isso há seis gerações de seres humanos.

Li-hsing contemplou-o com a maior compreensão nos olhos escuros.

- A legislatura pode promulgar uma lei que o declare como tal. Querendo, pode até decretar que uma estátua de pedra seja considerada como pessoa humana. Mas a possibilidade de que isso aconteça é tão remota no primeiro como no segundo caso. Os congressistas são humanos como o resto da população, e sempre existe aquele elemento de desconfiança em relação aos robôs.

- Mesmo hoje em dia? - Mesmo hoje em dia. Todos nós estaríamos de acordo quanto ao fato de você fazer jus à condição humana, e no entanto sempre haveria o medo de estabelecer um precedente indesejável.

- Que precedente? Sou o único robô livre que existe, o único no gênero, e nunca haverá outro. Pode consultar a U.S. Robots.

- "Nunca" é uma palavra muito arriscada, **Andrew**, ou, se prefere, Mr. Martin, uma vez que terei o maior prazer em considerá-lo, pessoalmente, como homem. Mas vai ver que a maior parte dos congressistas não está tão disposta, como eu, a abrir precedentes, por mais irrelevantes que sejam. Mr. Martin, o senhor conta com todo o meu apoio, mas não posso lhe dar nenhuma esperança. Aliás...

Recostou-se na poltrona e franziu a testa. - Aliás, se a questão se tornar problemática demais, é bem possível que se manifeste um certo movimento, tanto no seio do órgão legislativo como em outros, no sentido daquela destruição que há pouco mencionou. Eliminá-lo poderia ser a maneira mais simples de solucionar o impasse. Pense bem nisso antes de levar o caso adiante.

Andrew persistiu: - Será que ninguém se lembra da técnica da protesologia, uma coisa que desenvolvi praticamente sozinho?

- Pode parecer crueldade, mas acho que não. Ou, se lembram, será só para usar

como argumento contra o senhor. Vão dizer que fez isso apenas em proveito próprio. E que foi parte de um plano para robotizar seres humanos, ou para humanizar os robôs e, em ambos os casos, um plano perverso e pernicioso. O senhor nunca serviu de alvo de uma campanha de ódio político, Mr. Martin; mas lhe garanto que seria objeto de um tipo de difamação simplesmente inacreditável e que encontraria crédulos em quantidade suficiente para inutilizar todos os seus esforços. Mr. Martin, deixe sua vida do jeito que está,

Se levantou da poltrona. Ao lado da figura sentada de **Andrew**, parecia pequena e quase infantil.

- Se eu resolver lutar pela minha condição humana, posso contar com seu apoio?

Ela pensou um pouco e depois respondeu: - Pode... até onde me for possível. Se eu, porém, sentir que esse apoio é capaz de chegar a ameaçar o meu futuro político, talvez tenha de retirá-lo, uma vez que não se trata de uma questão que eu considero prioritária no rol dos meus princípios. Estou tentando ser absolutamente sincera com o senhor.

- Eu agradeço e não vou lhe pedir mais nada. Pretendo lutar até o fim, sejam quais forem as consequências, e só voltarei a lhe solicitar apoio dentro dos limites que a senhora mesma traçou.

Não foi uma luta direta. A Feingold & Martin aconselhou **Andrew** a ter paciência, coisa que ele, resmungando tristemente, disse que tinha até de sobra. A banca de advocacia iniciou, então, uma campanha para restringir e delimitar a área de ação.

Entraram com uma petição em que se afirmava que um indivíduo portador de prótese cardíaca ficava isento do pagamento de dívidas, com fundamento na asserção jurídica de que a posse de um órgão robótico o destituía da condição humana e, conseqüentemente, dos direitos constitucionais dos seres humanos. Lutaram de modo hábil e obstinado para provar esse ponto de vista, perdendo terreno a cada instante, mas sempre de tal forma que a sentença teve de ser a mais abrangente possível e depois, então, apresentaram recurso perante o Tribunal Mundial.

Isso levou anos e vários milhões de dólares. Proferida a sentença definitiva, DeLong ofereceu o que equivalia a uma comemoração de vitória por causa da derrota legal. **Andrew**, naturalmente, encontrava-se presente no escritório da corporação, onde se festejava a ocasião.

- Conseguimos duas coisas, **Andrew** - disse DeLong -, ambas alvissareiras. Antes de mais nada, ficou determinado que, qualquer que seja a quantidade de membros artificiais que exista no corpo humano, isso não impede que continue a ser considerado como tal. E, em segundo lugar, conquistamos o apoio incondicional da opinião pública a favor de uma ampla interpretação do que vem a ser um homem, já que não há nenhuma criatura que não conte com próteses para se manter viva.

- E você acha que a Legislatura agora vai me conceder a condição humana? - perguntou **Andrew**.

DeLong pareceu meio constrangido. - Quanto a isso, não me atrevo a ser otimista. Ainda resta o único órgão que o Tribunal Mundial usa como critério para determinar a condição humana. Os homens têm um cérebro celular orgânico, ao passo que o dos robôs, quando existe, é positrônico e de platinirídio; e o teu, sem a menor sombra de dúvida, está nesse caso. Não, **Andrew**, não faça essa cara. Nós não dispomos de meios para copiar o trabalho de um cérebro celular em estruturas artificiais, de maneira tão idêntica ao do tipo orgânico que possa se enquadrar na sentença do tribunal. Nem você mesmo seria capaz de conseguir isso.

- Que vamos fazer, então? - Continuar tentando, evidentemente. A congressista Lihsing pretende nos apoiar e um número cada vez maior de outros parlamentares também. O Presidente decerto acompanhará a maioria do corpo legislativo nessa questão.

- E nós temos a maioria?

Não. Pelo menos por enquanto. Mas talvez tenhamos, se o público permitir que a vontade de uma interpretação mais ampla da condição humana se estenda a você. Uma possibilidade mínima, reconheço; mas, se você não quiser desistir da luta, a gente tem de contar com ela.

- Não quero, não.

20

A congressista Li-hsing tinha envelhecido bastante desde a primeira entrevista concedida a **Andrew**. Não usava há muito tempo aquelas roupas transparentes. O cabelo estava cortado bem curto e o traje era cilíndrico. Apesar disso, **Andrew** se conservava ao máximo possível dentro dos limites do bom gosto, fiel ao estilo de roupa que resolvera adotar há um século atrás.

- Não dá para se fazer mais do que já se fez, **Andrew** - admitiu Li-hsing. - Vamos tentar outra vez depois do recesso parlamentar, mas, para ser franca, a derrota vai ser inevitável e aí então teremos que desistir por completo. Todos os meus esforços mais recentes só contribuíram para a certeza de que não serei re-eleita na campanha para os cargos legislativos.

- Eu sei - disse **Andrew** -, e isso me preocupa muito. Você tinha dito que, se a coisa chegasse a esse ponto, não poderia continuar me apoiando. Por que mudou de ideia?

- A gente pode mudar de opinião, sabia? De certo modo, abandonar a tua causa se tomou um preço caro do que eu pretendia pagar apenas por um período a mais. E, afinal de contas, faz mais de um quarto de século que ocupo cargos legislativos. Chega.

- Não há meios de se fazer com que esse pessoal mude de ideia, Chee?

- Conseguimos abalar a opinião de todos com que era possível contar. O resto, a maioria, vai se manter inabalável nas suas antipatias emocionais.

- Antipatia emocional não se constitui motivo válido para votar assim ou assado.

- Eu sei disso, **Andrew**, mas o problema que eles não apresentam a antipatia emocional como motivo.

- Tudo se resume no cérebro, então - disse **Andrew**, cauteloso. - Mas será que a gente precisa reduzir tudo a uma simples questão de células em contraposição a pósitrons? Não existe um modo de forçar uma definição funcional? Será preciso dizer que um cérebro se compõe disto ou daquilo? Por que não se diz que ele é uma coisa, seja lá qual for, capaz de um determinado nível de raciocínio?

- Não dá - insistiu Li-hsing. - O teu cérebro foi feito por mãos humanas, o que já não acontece conosco. O teu é fabricado, o do homem evolui. Para qualquer pessoa determinada a manter uma barreira entre ela e um robô, essas diferenças representam um muro de aço com mais de um quilômetro de largura e outro tanto de altura.

- Se desse para a gente descobrir a origem dessa antipatia, mas a origem mesmo...

- Com todos os anos de vida que tem - comentou Li-hsing com tristeza -, você não desiste de querer compreender o ser humano. Pobre **Andrew**, não fique bravo comigo, mas é o seu caráter de robô que insiste em te levar nessa direção.

- Sei lá - retrucou **Andrew**. - Se ao menos eu pudesse...

1. (Ritornelo)

Se ao menos ele pudesse... Há muito tempo já sabia que a coisa podia chegar àquele ponto e por fim procurou um cirurgião. Descobriu um bastante competente para o que queria - o que significava que também era robô, pois **Andrew** não podia confiar em nenhum homem que fosse médico tanto em matéria de competência como de intenção.

O robô não efetuaria a operação numa criatura humana, por isso **Andrew**, depois de adiar ao máximo o momento de decisão, seguindo uma triste linha de raciocínio que refletia o tumulto que sentia no íntimo, pôs a Primeira Lei de lado dizendo:

- Eu também sou robô.

E acrescentou, com a mesma firmeza com que aprendera a dar ordens, inclusive a seres humanos, durante as últimas décadas:

- Te ordeno a efetuar a operação em mim. Na ausência da Primeira Lei, uma ordem dada de maneira tão categórica por alguém que parecia tanto ser homem ativou a Segunda de forma suficiente para que fosse obedecida.

2

A sensação de fraqueza de **Andrew**, segundo ele, era apenas imaginária. Tinha se recuperado da operação, Mesmo assim encostou-se, da maneira mais discreta possível, na parede. Se sentasse, não poderia dissimular.

O voto decisivo será nesta semana, **Andrew** - disse Li-hsing. - Não consegui continuar adiando por mais tempo, e é certo que vamos perder. Depois disso, não tem mais condições, **Andrew**.

- Me sinto muito grato pela tua habilidade em protelar. Me deu o prazo que precisava e me arrisquei a fazer o que queria.

- Que risco foi esse? - perguntou Li-hsing, já francamente preocupada.

- Não podia contar a você nem ao pessoal da Feingold & Martin. Tinha certeza de que não iriam consentir. Veja só, se o que está em jogo é o cérebro, tudo não se resume numa questão de imortalidade? Ninguém liga a menor importância para o aspecto, a origem ou modo de se fazer um cérebro. O que importa é que as células do cérebro humano morrem, têm de morrer. Mesmo que todos os outros órgãos do corpo se conservem ou sejam substituídos, as células cerebrais, que não podem ser trocadas sem modificar e, portanto, matar a personalidade, com o tempo acabam morrendo.

"O meu próprio comportamento positrônico já durou quase dois séculos sem nenhuma modificação perceptível e é capaz de durar muito mais ainda. Não é essa a objeção fundamental? A humanidade pode tolerar um robô imortal, porque pouco importa quanto tempo a máquina dure, mas não pode tolerar um homem imortal, uma vez que a própria mortalidade só é sustentável na medida em que for geral. E por esse motivo não concordam com minha exigência de me tomar humano."

- Aonde é que você quer chegar, **Andrew**? - perguntou Li-hsing.

- Acabei com esse problema. Décadas atrás, o meu cérebro positrônico foi ligado a nervos orgânicos. Agora, uma última operação conseguiu dar um jeito para que essa ligação, aos poucos, paulatinamente, perdesse esse potencial do meu comportamento.

Li-hsing não revelou a mínima expressão, por um instante, no rosto delicadamente enrugado. Depois apertou os lábios.

- Quer dizer, **Andrew**, que você encontrou uma forma de morrer? Não é possível. Isso representa uma infração à Terceira Lei.

- Não - afirmou **Andrew**. - Apenas optei entre a morte do meu corpo e a dos meus sonhos e aspirações. Permitir que o meu corpo vivesse, à custa de uma morte muito mais grave, é que seria infringir a Terceira Lei.

Li-hsing pegou-o pelo braço como se quisesse sacudi-lo. Mas se conteve.

- **Andrew**, isso não vai dar certo! Troca de novo.

- Impossível. Os danos foram enormes. Tenho um ano para viver, mais ou menos. Vou sobreviver até festejar o meu bicentenário. Não tive forças para protestar contra essa condição.

- Mas não vale a pena, **Andrew**. Você é um idiota

- Como que não vale a pena, se conseguir a minha condição humana? E, se não conseguir, vai acabar com toda essa luta e, portanto, também vale a pena.

Foi então que Li-hsing fez uma coisa de que não se julgava capaz. Quando viu, espantada, tinha começado a chorar de mansinho.

É estranho como o mundo se deixou impressionar com aquela última façanha. Tudo o que **Andrew** tinha feito até então nunca abalara ninguém. Mas havia finalmente concordado com a própria morte para chegar à condição humana e o sacrifício era grande demais para ser ignorado.

A cerimônia final foi marcada, de modo absolutamente proposital, para coincidir com o bicentenário. O Presidente do Mundo devia assinar o ato, convertendo em lei a vontade do povo. A cerimônia seria transmitida em rede mundial, alcançando o estado Lunar e até a colônia marciana.

Andrew andava de cadeira de rodas. Ainda estava em condições de poder caminhar, mas de modo muito precário.

- Há cinquenta anos - disse o Presidente diante de toda humanidade -, você foi proclamado o Robô Sesquicentenário, **Andrew**. - Fez uma pausa e depois, em tom mais solene, continuou: - Hoje nós o proclamamos Homem Bicentenário, Mr. Martin.

E **Andrew**, sorridente, estendeu a mão para apertar a do Presidente.

Deitado na cama, **Andrew** aos poucos foi perdendo a consciência. Lutou desesperadamente para se manter lúcido. Homem! Era homem! Queria que fosse o seu último pensamento. Queria se desfazer - morrer - pensando nisso.

Abriu de novo os olhos e, pela derradeira vez, reconheceu Li-hsing, aguardando solene. Havia outras pessoas presentes, mas não passavam de sombras, vultos irreconhecíveis. Só Li-hsing se destacava no meio da escuridão cada vez mais profunda.

Bem devagar, mediante enorme esforço, estendeu-lhe a mão e, já quase sem sentir, muito vagamente, percebeu que ela a apertava entre as suas.

Foi perdendo a visão à medida que os pensamentos também lhe fugiam. Mas, antes que Li-hsing desaparecesse por completo, ocorreu-lhe uma lembrança final, muito fugaz, que pairou um instante na memória antes que tudo terminasse.

- Menininha - murmurou, em voz tão baixa que ninguém conseguiu ouvir.

Antigamente, a gente escrevia ficção científica para revistas de ficção científica. De fato, certa vez John Campbell definiu jocosamente este indefinido campo, assim: - Ficção científica é aquilo que os editores de ficção científica compram.

Contudo, na atualidade, todos os tipos de editores a adquirem, e estou preparado para receber solicitações das mais inesperadas fontes. Por exemplo: no verão de 1975, recebi um pedido de uma revista intitulada High Fidelity, no sentido de escrever uma história de ficção científica com 2.500 palavras, situada vinte e cinco anos no futuro, e que de alguma maneira tratasse de gravação sonora.

Fiquei intrigado pela estreiteza das condições limitadoras, visto que era quase que um desafio. Naturalmente que expliquei ao editor que eu não sabia nada de música ou de gravações sonoras, mas isto foi posto de lado, impacientemente, como sendo irrelevante. Comecei a história aos 18 de setembro de 1975, e quando a concluí o editor gostou dela. Sugeriu-me algumas mudanças que removeriam um pouco da aura de ignorância musical de minha parte e, então, a história apareceu no número de abril de 1976 da revista.



O Hino

Jerome Bishop, compositor e trombonista, nunca tinha estado num hospital para doentes mentais antes.

Houve ocasiões em que ele suspeitara de que um dia poderia estar num, como paciente (quem estava a salvo?), mas nunca lhe ocorrera que poderia um dia estar num desses hospitais para dar uma consulta sobre aberração mental. Um consultor.

Lá se sentou, no ano 2001, com o mundo numa terrível confusão, mas (era o que diziam) já saindo dela, e levantou-se quando entrou uma mulher de meia-idade. O cabelo dela estava começando a ficar grisalho, e Bishop estava conscientemente grato de que seu próprio cabelo ainda estava bem espesso e nitidamente escuro.

- O senhor é que é o Sr. Bishop? - perguntou ela.

- Da última vez assim parecia.

Ela estendeu a mão: - Sou a doutora Cray. Quer me acompanhar?

Apertou a mão dela e a seguiu. Tentava não se deixar atemorizar pelos deprimentes uniformes de cor bege usados por quantos ele via.

A Dra. Cray pôs um dedo nos lábios e o encaminhou para uma cadeira. Apertou um botão e apagaram-se as luzes, fazendo com que uma janela, com uma luz por detrás, aparecesse. Através da janela, Bishop podia ver uma mulher em algo que se parecia com uma cadeira de dentista, inclinada para trás. Da cabeça dela emergia uma floresta de fios flexíveis, sendo que uma tira de papel um pouco menos estreita se desdobrava para cima.

Voltou a luz e a visão desapareceu.

A Dra. Cray disse: - Sabe o que estamos fazendo aqui?

- Está gravando ondas cerebrais? Estou só dando um palpite.

- Palpite bom. Estamos. É uma gravação com laser. Sabe como funciona?

- Minhas produções são gravadas com laser - disse Bishop, cruzando as pernas - o que não quer dizer que eu saiba como funciona. São os engenheiros que conhecem os detalhes... Ouça, doutora, se pensa que sou um engenheiro de laser, não sou não.

- Não, sei que não é - apressou-se em dizer a doutora. - Está aqui por outra coisa mais... Deixe-me explicar.

Podemos alterar muito delicadamente um feixe de laser; com muito maior rapidez e com muito maior precisão do que podemos alterar uma corrente elétrica ou mesmo um feixe de elétrons. Isto significa que uma onda muito complexa pode ser gravada com detalhes muito maiores do que jamais antes se imaginou. Podemos fazer um esboço com um feixe de laser microscopicamente estreito e obter uma onda que podemos estudar num microscópio e conseguir minuciosos detalhes invisíveis a olho nu e que não poderiam ser obtidos de nenhuma outra maneira.

Bishop disse: - Se é a respeito disto que quer me consultar, então tudo que posso dizer é que não compensa conseguir todos estes detalhes. Só pode se ouvir muito. Se estreitar uma gravação com laser além de um certo limite, criará uma despesa,

mas não obterá o resultado. Na verdade, uns dizem que se obtém uma espécie de zumbido que começa a submergir a música. Eu próprio não o ouço, mas digo-lhe que, se deseja o melhor, não deve estreitar tanto assim o feixe de laser... Claro está que, com ondas cerebrais, a coisa pode ser diferente, mas o que lhe disse é tudo que posso lhe dizer, de forma que vou andando e não cobrarei nada, exceto a despesa do transporte.

Fez como se fosse se levantar, mas a Dra. Cray sacudiu vigorosamente a cabeça.

- Sente-se, por favor, Sr. Bishop. Gravar ondas cerebrais é diferente. Aqui precisamos mesmo de todos os detalhes que pudermos ter. Até agora, tudo que conseguimos extrair das ondas cerebrais foram os pequenos e sobrepostos uns aos outros efeitos de dez bilhões de células cerebrais, uma espécie de média rude que apaga tudo, salvo os efeitos mais gerais.

- Está querendo dizer que é como ouvir dez bilhões de pianos, todos com afinação diferente, a mil quilômetros daqui?

- Exatamente.

- Tudo que consegue é ruído?

- Não exatamente. Conseguimos a informação sobre a epilepsia, por exemplo. Entretanto, com gravação em laser, começamos a obter detalhes mais precisos; começamos a ouvir as afinações individuais daqueles diferentes pianos; começamos a ouvir quais pianos, em particular, podem estar desafinados.

Bishop ergueu as sobrancelhas. - Quer dizer que pode afirmar o que enlouquece uma determinada pessoa louca?

- Num certo sentido. Veja isto.

Num outro canto do quarto, um vídeo iluminou-se, com uma linha fina ondulando sobre ele.

- Vê isto, Sr. Bishop? - A Dra. Cray apertou o botão de um indicador em sua mão e um pontinho da linha luminosa tornou-se vermelho. A linha se deslocou pelo vídeo iluminado e pontinhos luminosos vermelhos apareciam periodicamente. -

- Isso é uma microfotografia - explicou a Dra. Cray. - Estas pequenas descontinuidades vermelhas não são visíveis a olho nu e não seriam visíveis com nenhum instrumento de gravação menos delicado do que o laser. Aparecem só quando este doente está deprimido. As marcas são mais pronunciadas quanto mais profunda a depressão.

Durante uns instantes, Bishop considerou o que ouvira, após o que disse: - E pode-se fazer alguma coisa a propósito? Até aqui, parece que a senhora apenas tem condições de dizer, pelos pontos vermelhos, que há uma depressão, coisa que também pode ser percebida simplesmente prestando-se atenção ao doente.

- Certo, certo, mas os detalhes ajudam. Por exemplo: podemos converter as ondas cerebrais em ondas luminosas que ficam bruxuleando, delicadamente, e, o que é mais importante, no equivalente a ondas sonoras. Usamos o mesmo sistema de laser empregado para gravar música. Obtemos uma espécie de murmúrio musical indistinto que se combina com a luz bruxuleante. Acredito que gostaria de ouvi-la, com o fone de ouvido.

- A música desta pessoa deprimida, cujo cérebro produziu aquela linha?

- Sim, e visto que não podemos intensificá-la muito para não perdermos os detalhes, estamos lhe pedindo que ouça pelo fone de ouvido.

- Devo observar a luz, também?

- Não é necessário. Podemos fechar os olhos. Já entrará bastante luz bruxuleante pelas pálpebras para afetar o cérebro.

Bishop fechou os olhos. Através do murmúrio, ele podia ouvir o diminuto lamento

de um batimento complexo, um batimento complexo, triste, que trazia em si todas as complicações do cansado velho mundo. Prestou atenção, vagamente consciente dos vagos lampejos de luz a incidirem sobre seu globo ocular de tempos em tempos.

Sentiu darem uns puxões em sua camisa. - Sr. Bishop... Sr. Bishop...

Respirou profundamente. - Obrigado - disse, estremecendo um pouco. - Isto me deprimiu, mas não pude me dominar.

- Estava prestando atenção à onda cerebral de depressão e isto o estava afetando. Estava forçando o próprio padrão de sua onda cerebral a dançar no mesmo ritmo. Sentiu-se deprimido, não é?

- O tempo todo.

- Bem, se conseguirmos identificar a porção da onda que caracteriza a depressão, ou qualquer anormalidade mental, removê-la e deixar tocar todo o resto da onda cerebral, o padrão de comportamento do paciente se modificará a ponto de se normalizar.

- Durante quanto tempo?

- Durante algum tempo após determos o tratamento. Durante algum tempo, mas não muito. Uns poucos dias. Uma semana. Então o paciente tem de voltar.

- Isto é melhor do que nada.

- Mas é menos do que o suficiente. Uma pessoa nasce com certos genes, Sr. Bishop, que ditam uma certa estrutura em potencial do cérebro. Uma pessoa sofre influências ambientais. Não são coisas fáceis de neutralizar, de forma que, aqui nesta instituição, estamos tentando descobrir esquemas de neutralização mais eficientes e mais duradouros... E talvez o senhor possa nos ajudar. Razão pela qual lhe pedimos que aqui viesse.

- Mas, doutora, não sei nada a respeito disso. Nunca ouvi falar de gravar ondas cerebrais com laser. - Afastou as mãos, palmas voltadas para baixo. - Nada tenho para a senhora.

A doutora parecia impaciente. Enfiou as mãos bem no fundo dos bolsos da jaqueta e disse: - Faz pouco, o senhor disse que o laser gravava com mais detalhes do que o ouvido poderia ouvir.

- Sim, afirmo e mantenho o que disse.

- Sei. Um de meus colegas leu uma entrevista que o senhor deu, publicada no número de dezembro de 2 000 da revista High Fidelity, na qual o senhor disse isto. Foi o que atraiu nossa atenção. O ouvido não pode captar os detalhes que o laser capta, mas o olho sim, percebe? É a luz bruxuleante que altera o padrão cerebral em relação à norma, não a ondulação sonora. Sozinho, o som nada fará. Contudo, reforçará o efeito quando a luz estiver atuando.

- Não pode se queixar disto.

- Podemos. O reforço não é suficientemente bom. As variações suaves, delicadas, quase infinitamente complexas, produzidas no som pela gravação com laser, se perdem no ouvido. Há coisas demais presentes, que submergem a porção que está sendo reforçada.

- Que a fez pensar que se acha presente aqui uma porção de reforço?

- Porque, ocasionalmente, mais ou menos por acidente, podemos produzir algo que parece funcionar melhor do que a onda do cérebro todo, mas não vemos por quê. Precisamos de um músico. Talvez você. Se prestar atenção a ambos os conjuntos de ondas cerebrais, talvez possa perceber, mediante alguma intuição, uma batida que se adequará melhor ao conjunto normal do que o anormal. Isso poderá então reforçar a luz, como vê, e melhorar a efetividade da terapia.

- Ei - disse Bishop alarmado - está jogando muita responsabilidade para cima de

mim. Quando escrevo música, estou apenas acariciando o ouvido e fazendo os músculos concordarem. Não estou tentando curar um cérebro doente.

- Tudo que lhe pedimos é que acaricie os ouvidos e faça os músculos concordarem, mas faça isto de tal forma que se adeque à música normal das ondas cerebrais.. E lhe asseguro que não precisa temer a responsabilidade, Sr. Bishop. É muito improvável que sua música prejudique; poderá até beneficiar bastante. E, vencedor ou vencido, o senhor será remunerado.

Ele disse: - Bem, vou tentar, se bem que não prometa nada.

Voltou dois dias depois.

A Dra. Cray abandonou uma reunião para falar com ele. Ela o olhou com olhos pequeninos, tão cansados estavam. - Conseguiu alguma coisa?

- Consegui alguma coisa. Poderá funcionar.

- Como sabe?

- Não sei. Apenas pressinto que... Ouça: ouvi as fitas de laser que você me deu; a onda cerebral de música conforme vinha do paciente com depressão e a onda cerebral como a modificou, para o normal. E está certa; sem a luz bruxuleante, não me afetou de nenhum modo. De qualquer forma, subtraí a segunda da primeira para ver qual era a diferença.

- O senhor tem um computador? - perguntou a Dra. Cray.

- Não, um computador não ajudaria. Dar-me-ia demais. Se se tomar um padrão complicado de onda de laser e se se subtrair outro padrão complicado de onda de laser, acaba-se ficando com um padrão que é ainda uma bela complicação de padrão de onda. Não, subtraí-o em minha mente para ver que tipo de batimento tinha sido deixado... Seria um batimento anormal que eu teria de cancelar com um contra-batimento.

- Como pode fazer essa subtração em sua mente?

Bishop parecia impaciente. - Não sei. Como foi que Beethoven ouviu a Nona Sinfonia em sua cabeça antes de escrevê-la? O cérebro é também um computador muito bom, não é mesmo?

- Desconfio que sim. - Ela se aquietou. - Trouxe o contra-batimento?

- Penso que sim. Gravei-o numa fita comum porque não há necessidade de mais do que isso. É mais ou menos com dihdih diliDAH... dihdihdihDAH... dihdihdihDAHDAHDAHdillDAH... e assim por diante. Acrescentei um tom e a senhora pode transmiti-lo através dos fones de ouvido enquanto ela observa a luz bruxuleante que é adaptada ao padrão normal de onda cerebral. Se estou certo, vai tirar do padrão até mesmo a luz do dia.

- Tem certeza?

- Se eu tivesse certeza, não teríamos de tentar, não é mesmo, doutora?

Por um momento, a doutora Cray ficou pensativa. - Marcarei uma hora com a doente. Gostaria que você estivesse aqui.

- Se quiser. Suponho que faz parte do trabalho de consultoria.

- Não haverá possibilidade de ficar na sala de tratamento, entende, mas eu o queria aqui fora.

- Como queira.

Quando chegou, a doente parecia atormentada. Suas pálpebras estavam caídas, sua voz era baixa e ela resmungava.

Bishop deu-lhe um olhar fortuito, enquanto se sentava num canto, sem ser notado. Viu-a entrar na sala de tratamento e esperou pacientemente, pensando: E se der certo? Por que não acondicionar ondas cerebrais de luz com apropriado acompanhamento de som para combater a depressão, para aumentar a energia, para elevar o amor? Não apenas para doentes, mas também para gente normal, que poderia encontrar um substituto para toda a carga proveniente do álcool e de drogas usados para ajustar suas emoções, um substituto categoricamente melhor baseado nas próprias ondas cerebrais... E, finalmente, depois de quarenta e cinco minutos, ela saiu.

Agora, estava plácida e as rugas num certo sentido haviam se apagado de sua face. - Sinto-me melhor, Dra. Cray - disse ela, sorrindo. - Sinto-me muito melhor.

- Normalmente, é como você se sente - disse a médica, quietamente.

- Mas não deste jeito - contestou a mulher. - Deste jeito, não. Desta vez foi diferente. Nas outras vezes, mesmo quando eu pensava que estava me sentindo melhor, podia pressentir na parte de trás de minha cabeça aquela sensação horrível, apenas aguardando para voltar no minuto em que eu relaxava. Agora... foi-se: simplesmente foi-se!

A médica disse: - Não podemos ter certeza de que se foi para sempre. Marcaremos uma consulta para, digamos, daqui a duas semanas, mas, se houver problemas, pode me telefonar antes disso. Certo? Alguma coisa lhe pareceu diferente, no tratamento?

A mulher pensou um bocadinho. - Não - disse hesitante. E então: - Talvez a luz bruxuleante. Isto poderia ter sido diferente: talvez um tanto mais clara e nítida.

- Ouviu alguma coisa?

- Era para ouvir?

A Dra. Cray se ergueu-se.

- Muito bem. Lembre-se de marcar a consulta com minha secretária.

À porta, a mulher se deteve, voltou-se, e disse: - É uma sensação feliz, a de sentir-se feliz - e saiu.

Disse a médica: - Ela não ouviu nada, Sr. Bishop. Suponho que seu contra-batimento reforçou o padrão normal da onda cerebral de forma tão natural, que o som, digamos assim, se perdia na luz... E pode ter funcionado, também.

Voltou-se para Bishop, olhando-o com os olhos bem abertos. - O senhor nos dará assistência em outros casos, Sr. Bishop? Pagar- lhe-emos o mais que pudermos, e se isto for comprovadamente uma terapia efetiva para doenças mentais, providenciaremos para que lhe seja dado todo o crédito devido.

Bishop disse: - Ficarei contente de poder ajudá-la, doutora, mas não será tão difícil como possa pensar. O trabalho já está quase feito.

- Quase feito?...

- Durante séculos houve músicos. Talvez nada soubessem sobre ondas cerebrais, mas fizeram o melhor que puderam para apreenderem as melodias e os sons que poderiam afetar as pessoas, apreenderam seus dedos tamborilando, seus músculos se contorcendo, seus rostos sorrindo, suas lágrimas jorrando, seus corações pesados. Estes tons estavam à espera. Uma vez que se consiga o contra-batimento, para afinar basta soar a melodia.

- Foi isso que o senhor fez?

- Com certeza. Que melhor pode rebater uma depressão do que um hino de despertar religioso? É para isto que eles foram compostos. A percussão faz você sair de si mesmo. Ela exalta você. Talvez ela não dure o bastante por si mesma, mas se for usada para reforçar o padrão normal de onda cerebral, deverá pesar sobre ele.

- Um hino de despertar religioso? - A Dra. Cray olhava-o, olhos bem abertos, es-

pantada.

- Com certeza. Usei neste caso o melhor de todos eles. Fiz a doente ouvir "When the Saints Go Marching In".

Cantou a música suavemente, indicando com o estalar dos dedos as percussões e, lá pelo terceiro compasso, também as pontas dos dedos da Dra. Cray estavam estalando.

e

A história seguinte foi pedida pela Bell Telephone Magazine no decorrer de um excelente almoço. Queriam uma história de umas 3.000 palavras, centrada em torno de um problema de comunicações. Havia duas amplas exigências: primeiro, que ela abordasse métodos de comunicação bem além dos atualmente em pesquisa pela Bell Telephone e, segundo, que eu não postulasse um fim para as exigências das empresas de comunicações.

Kim Armstrong, responsável pela revista, que estava no almoço, era uma mulher extraordinariamente encantadora, mas eu teria posto mãos à obra de qualquer maneira, porque, antes de terminar o almoço, eu já tinha um esboço de argumento guardado com segurança dentro de minha cabeça. Comecei a trabalhar em 19 de outubro de 1975. Uma vez pronta, a Sra. Armstrong gostou dela, e foi publicada no número de fevereiro de 1976 da revista.



Antiquado

Ben Estes sabia que ia morrer; e não o fazia sentir-se nem um pouco melhor saber que aquele fora o risco diário em todos os anos de sua vida. A vida de um astro-mineiro, indo para cá e para lá através da ainda vasta extensão não mapeada do cinturão de asteroides, não era particularmente doce, mas também tinha todas as condições para ser curta.

Naturalmente que sempre havia a chance de um achado de surpresa, que enriqueceria a pessoa por toda a vida, e esta fora uma descoberta surpreendente mesmo. A maior surpresa do mundo, mas que não enriqueceria Estes: matá-lo-ia.

Harvey Funarelli gemeu mansamente, lá de seu beliche, e Ben se voltou, estremeendo, enquanto seus músculos rangiam. Tinham sido tratados rudemente. Seguramente que ele não tinha sido atingido tão duramente quanto Funarelli pelo fato de Funarelli ser maior, e também por ter estado mais perto do ponto de quase-impacto.

Sombriamente, Ben olhou para seu companheiro, dizendo: - Como se sente, Harv?

Novamente Funarelli gemeu: - Sinto todas as juntas quebradas. Com os diabos, que foi que aconteceu? Contra o que colidimos?

Ben caminhou um pouco, claudicando visivelmente, e disse: - Não tente ficar de pé.

- Mas eu posso - falou Funarelli. - Basta que me estenda a mão. Aaa Será que não quebrei uma costela? Bem aqui. Que aconteceu, Ben?

Ben apontou para a escotilha de bombordo. Não era dos maiores, mas era o melhor que uma astronave para dois astro-mineiros poderia ter.

Para ele Funarelli se dirigiu, muito lentamente, debruçando-se sobre o ombro de Ben. Prestou atenção.

Logicamente, havia estrelas, mas a mente com experiência em astronáutica as elimina. Sempre há estrelas. Mais perto, havia um monte de seixos de cascalho de tamanhos variados, todos a se moverem lentamente, em relação a seus vizinhos, como um enxame de abelhas muito, muito preguiçosas.

Funarelli disse: - Nunca vi alguma coisa como esta, antes. Que estão fazendo aqui?

- Estas rochas disse Ben - são o que restou de um asteroide estilhaçado, desconfio eu, e ainda estão rodeando o que as estilhaçou, e o que nos estilhaçou.

- O quê? - Funarelli olhou em vão para dentro da escuridão.

Ben apontou: - Isto! - Havia uma fraca cintilação na direção em que ele apontava.

- Não vejo nada.

- Nem daria para ver: é um buraco negro.

Os cabelos negros de Funarelli, cortados rentes, estavam na verdade de pé, e seus olhos escuros, fixos, acrescentavam um toque de horror à cena. - Você está louco - disse.

- Não. Pode haver buracos negros de todos os tamanhos. É o que dizem os astrônomos. Este aqui tem a massa de um asteroide grande, penso eu, e estamos nos movendo em torno dele. De outra maneira, como é que algo que não podemos ver nos manteria em órbita?

- Não existe notícia de nenhuma...

- Sei disso. Como poderia haver? Não pode ser visto. É massa... Opa! Lá vem o Sol! - A astronave, em lenta rotação, acabara por mostrar o Sol e a escotilha tinha automaticamente se polarizado na opacidade. - De qualquer maneira - prosseguiu Ben - descobrimos o primeiro buraco negro, na verdade, em um ponto qualquer do Universo. Só que não viveremos para ver nossa descoberta creditada a nós.

- Que aconteceu? - perguntou Funarelli.

- Chegamos tão perto, que os efeitos de maré nos esmagarão.

- Que efeitos de maré?

Ben disse: - Não sou astrônomo, mas, segundo entendi, mesmo quando a força gravitacional total de uma coisa como esta não é grande, fica-se tão próximo dele, que a atração se toma intensa. Esta intensidade declina tão rapidamente com o aumento da distância que a extremidade de um objeto que estiver mais próximo da coisa que atrai é atraída com muito mais força do que a outra extremidade. Portanto, o objeto é esticado. E quanto mais perto ele estiver, e quanto maior for, pior o efeito. Os seus músculos foram torcidos. Sorte que seus ossos não se quebraram.

Funarelli fez uma careta. - Não estou muito certo de que não se quebraram... Que mais aconteceu?

- Os tanques de combustível foram destruídos. Cá estamos nós, em maus lençóis, em órbita... Foi sorte acontecer de acabarmos num buraco negro suficientemente distante e suficientemente circular para minimizar o efeito de maré. Se estivéssemos mais perto ou, até, se tivéssemos mesmo nos aproximado repentinamente numa das extremidades de órbita...

- Podemos emitir um aviso?

- Nem uma palavra. As comunicações foram esmagadas.

- Não pode consertá-las?

- Na verdade, não sou um perito em comunicações, mas mesmo que fosse... Não dá para consertar.

- Não se poderia fazer uma improvisação?

Ben sacudiu a cabeça. - A única coisa que podemos fazer é esperar e morrer. Mas não é isso que me aborrece mais.

- Pois eu estou aborrecido - retrucou Funarelli, sentando-se em seu beliche e sustentando a cabeça com as mãos.

- Podemos recorrer às pílulas - disse Ben. - Seria uma morte fácil. O que é ruim mesmo é que não podemos comunicar nada a respeito... disto. - Apontou para a escotilha, novamente iluminada, á medida que o Sol se movia fora de alcance.

- A respeito do buraco negro?

- Sim, é perigoso. Parece estar em órbita sobre o Sol, mas quem sabe se essa órbita é estável? E mesmo que seja, ela tende a se ampliar.

- Desconfio que vai engolir tanta coisa, até se empanturrar.

- Com certeza. Engole tudo que o acha. Há poeira cósmica entrando nele o tempo todo, em espiral, e liberando energia, à medida que vai entrando. É isto que produz estas cintilações. Até mesmo, de vez em quando, o buraco engolirá um fragmento maior que passar por aqui e haverá um clarão de radiação, completamente até raios X. Quanto maior ficar o buraco, mais fácil será para ele aspirar materiais de distâncias cada vez maiores.

Por um momento, ambos ficaram contemplando a escotilha, após o que Ben prosseguiu. - Agora, neste exato momento, talvez possa ser dominado. Se a NASA puder conduzir para cá um asteroide razoavelmente grande, e fazê-lo atravessar o buraco corretamente, o buraco será arremetido para fora de sua órbita por atração gravitacional mútua entre ele próprio e o asteroide. Pode-se fazer com que o buraco se curve numa direção tal que possa ser dirigido para fora do Sistema Solar, com alguma ajuda e aceleração adicionais.

Funarelli disse: - Acha que começou muito pequeno?

- Poderia ter sido um micro-buraco formado no big bang, quando o Universo foi criado. Pode ter crescido ao longo de bilhões de anos, e, se continuar a crescer, poderá se tornar incontrolável. Poderá até ser a sepultura do Sistema Solar.

- Por que foi que não o descobriram?

- Ninguém tem estado a observar. Quem esperaria encontrar um buraco negro no cinturão de asteroides? E ele não produz radiação suficiente para ser notado, nem tem massa suficiente para ser, outrossim, notado. É preciso cair dentro dele, como foi o nosso caso.

- Ben, você tem certeza de que estamos sem poder nos comunicar?... Qual a distância de Vesta? Sem muita demora, poderiam nos alcançar, a partir de Vesta. É a maior base, no cinturão de asteroides

Ben novamente sacudiu a cabeça. - Não sei exatamente onde está Vesta. O computador também se avariou.

- Meu Deus! Que foi que não quebrou?

- O sistema de ar está funcionando. O purificador de água também. Temos muita água e comida. Poderemos durar duas semanas, quiçá mais.

Seguiu-se um silêncio. Depois de certo tempo, Funarelli disse:

- Ouça: mesmo que não saibamos exatamente onde está Vesta, sabemos que não pode estar a mais do que uns poucos milhões de quilômetros daqui. Se pudermos alcançá-la com algum sinal, poderão enviar para cá uma nave controlada pelo rádio, dentro de uma semana.

- Uma nave controlada pelo rádio, sim - confirmou Ben. Era fácil. Uma nave sem tripulantes poderia ser acelerada a níveis que a carne e o sangue humanos não poderiam suportar. Poderia fazer viagens em um terço do tempo exigido por uma nave tripulada.

Funarelli fechou os olhos, como se estivesse bloqueando a dor, e disse: - Não zombe de uma nave dirigida pelo rádio. Ela poderia nos trazer suprimentos de emergência, e ela teria material a bordo para podermos estabelecer um sistema de comunicações. Poderíamos nos aguentar até que viessem nossos salvadores.

Ben sentou-se no outro beliche - - Eu não estava caçoando da nave guiada por rádio. Estava apenas pensando que não há como enviar um sinal, nenhuma maneira. Nem mesmo podemos gritar. O vácuo do espaço não transmite o som.

Abobalhado, Funarelli disse: - Não posso acreditar que você não possa pensar em nada. Nossas vidas dependem disso.

- Pode ser até que a vida de toda a humanidade dependa disso, mas ainda assim nada me ocorre. Por que não pensa você em alguma solução?

Funarelli grunhiu, movendo suas ancas. Agarrou os apoios de mão na parede ao lado de seu beliche e colocou-se em posição vertical. - Uma coisa me passou pela cabeça - disse. - Por que não desliga os motores de gravidade e economiza força, para termos de cansar menos nossos músculos?

Ben murmurou: - Boa ideia - Ergueu-se e dirigiu-se para o painel de controle, onde desligou a gravidade.

Com um suspiro, Funarelli ficou flutuando, e disse: - Por que é que os idiotas não podem achar o buraco?

- Você quer dizer como nós descobrimos? Não há outra maneira. Ele não se manifesta muito notoriamente, o buraco.

Funarelli disse: - Ainda está doendo, mesmo sem ter de lutar contra a gravidade... Bem, se continuar doendo deste jeito, não vou me incomodar muito quando chegar a hora de tomar a pílula... Existe alguma maneira de fazermos aquele buraco negro fazer mais do que está fazendo?

Ao que Ben retrucou, inflexivelmente: - Se um destes pedacinhos de cascalho puser na cabeça a ideia de cair no buraco, teremos uma explosão de raios X.

- E em Vesta dariam para eles detectarem isso?

Ben sacudiu a cabeça. - Duvido. Não estão à procura de algo assim. Na Terra, todavia, é certo que detectariam esta explosão. Alguns das estações espaciais mantêm o céu sob constante vigilância de mudanças de radiação. Chegam a detectar explosões incrivelmente pequenas.

- Tudo bem, Ben, se a explosão chegar a ser notada na Terra, até que será bom. Mandarão uma mensagem a Vesta, para que investiguem. Levaria uns quinze minutos para os raios X atingirem a Terra e então levaria outros quinze minutos para as ondas de rádio atingirem Vesta.

- E o tempo entre as duas? Os receptores poderão registrar automaticamente uma explosão de raios X provinda desta ou daquela direção, mas quem é capaz de dizer exatamente de onde ela veio? Poderia estar vindo de uma distante galáxia, que aconteceu de estar nesta particular direção... Algum técnico notará o impacto na gravação e ficará à espreita de mais algumas explosões no mesmo lugar. Como não haverá outra, a informação será considerada irrelevante. Além disso, a explosão não ocorrerá. Deve ter havido toneladas de raios X quando o buraco negro espatifou este asteroide com seu efeito de maré, mas isto pode ter acontecido milhares de anos atrás, quando ninguém estava observando. O que sobrou destes fragmentos a estas alturas já deve ter até órbitas razoavelmente estáveis.

- Se tivéssemos nossos foguetes...

- Deixe-me imaginar. Poderíamos encaminhar nossa nave para o buraco negro. Poderíamos usar nossa morte para encaminhar uma mensagem. Isto também não adiantaria nada. Seria também um impulso, vindo de um lugar qualquer.

Indignado, Funarelli disse: - Não estava pensando nisso. Não estou à venda, em troca de uma morte heroica, O que eu quis dizer é que temos três motores. Se pudessemos improvisá-los na direção daquelas três rochas maiores e bonitinhas, e pudessemos enfiar cada uma delas no buraco, haveria três explosões de raios X, e se as fizéssemos uma por dia, a fonte das explosões seria mais facilmente detectável, contra o pano de fundo das estrelas. Isto seria interessante, não lhe parece? Os técnicos não perceberiam de pronto esta repetição sistemática?

- Pode ser que sim, pode ser que não. Além disso, não sobraram foguetes, e não poderíamos assestá-los contra as rochas se... - Ben ficou silencioso. Com voz alterada, então, disse: - Será que nossos trajes espaciais estão intactos?

Excitado, Funarelli disse: - Nossos trajes transmissores!

- Diabos, o alcance deles não é superior a uns poucos quilômetros. Estou pensando em outra coisa. Estou pensando em sair daqui. - Abriu o zíper de sua blusa. - Parecem estar em ordem.

- Por que quer sair?

- Podemos não ter foguete nenhum, mas ainda temos a força de nossos músculos. Pelo menos, eu tenho. Acha que pode jogar uma pedra?

Funarelli fez o gesto de quem arremessava algo, ou o começo de um gesto, e seu rosto encheu-se de agonia. E disse: - Posso dar um pulo até o Sol?

- Vou sair e jogar algumas... O traje parece estar em ordem. Quem sabe eu consiga jogar algumas no buraco... Espero que o fecho de ar funcione.

Ansiosamente, Funarelli indagou: - Podemos economizar ar?

Fatigado, Ben retrucou: - Daqui a duas semanas, isto terá importância?...

De vez em quando, todo astro-mineiro tem de sair de sua astronave para fazer algum conserto, para apanhar algum bocado de material nas vizinhanças. Em geral, é uma ocasião excitante. De qualquer forma, é uma mudança.

Ben sentia pouca excitação: muita ansiedade, apenas. Sua crença era tão terrivelmente primitiva que ele se sentia maluco por tê-la. Já era suficientemente ruim morrer mesmo não tendo de morrer como um pobre louco.

Lá estava ele, no negror do espaço, com as estrelas cintilantes que já vira centenas de vezes antes. Agora, todavia, no pálido reflexo do pequeno e distante Sol, havia o brilho embaçado de centenas de fragmentos de rocha, que outrora deviam ter feito parte de um asteroide, e que agora formavam como que um pequeno anel de Saturno sobre um buraco negro. Os fragmentos pareciam quase sem movimento, visto que todos se mexiam juntamente com a astronave.

Ben julgou a direção da rotação das estrelas e constatou que a astronave e os fragmentos lentamente se moviam noutra direção. Se pudesse jogar uma rocha na direção do movimento das estrelas neutralizaria a velocidade relativa de alguma das rochas em relação ao buraco negro. Se não neutralizasse o bastante da velocidade, ou se neutralizasse demais, a rocha cairia na direção do buraco, ricochetearia nele e voltaria ao ponto de onde proviera. Se a neutralizasse o suficiente, ela se aproximaria o bastante para ser neutralizada pelo efeito de maré. Os grãos de pó, em seus movimentos, tornar-se-iam mais lentos uns aos outros e cairiam no buraco em espiral, liberando raios X, à medida que o fizessem.

Ben usou sua rede de mineiro, feita de aço e tântalo, para apanhar rochas, escolhendo-as primeiro pelo tamanho. Ele estava grato pelo fato de os trajes modernos permitirem completa liberdade de movimento, não sendo mais os quase esquifes que eram os trajes quando os primeiros astronautas, quase um século antes, tinham chegado à Lua.

Assim que reuniu fragmentos suficientes de rocha, jogou um. Pôde vê-lo reluzir e apagar-se, à luz do Sol, enquanto caía na direção do buraco. Esperou e nada aconteceu. Não sabia quanto tempo poderia levar para a pedra cair no buraco, se é que ela ia cair, mas contou até seiscentos e jogou de novo.

Repetidas vezes assim procedeu, com uma terrível paciência, nascida de procurar uma alternativa para a morte, e finalmente houve uma súbita labareda na direção do buraco negro. Uma luz visível e, ele sabia, uma explosão de radiação de energia superior, tanto quanto podiam durar os raios X.

Teve de parar de juntar mais fragmentos e então percebeu qual a distância do alvo. Estava acertando, quase que todas as vezes. Orientou-se de maneira tal que os suaves lampejos do buraco negro seriam vistos logo acima da porção central da astronave. Era uma relação que não mudava ou mudava menos, à medida que a astronave circulava e oscilava em torno de um eixo.

Mesmo levando em conta o cuidado com que fazia os arremessos, parecia-lhe que estava acertando muito, O buraco negro, pensou, era mais amplo do que pensara e engoliria sua presa mesmo de uma distância maior. Isto tornava o buraco mais peri-

goso, mas aumentava a possibilidade de ele, Ben, e seu amigo, serem salvos.

Voltou à astronave. Seus ossos estavam cansados e seu ombro dianteiro doía.

Funarelli ajudou-o a despir o traje. - Terrível! Você estava jogando pedras no buraco negro!

Ben inclinou a cabeça. - Sim, e espero que meu traje tenha detido os raios X. Quero ver se não morro logo de envenenamento radioativo.

- Lá na Terra, vão ver isto, não é mesmo?

- Tenho certeza de que sim - afirmou Ben. - Mas será que darão atenção? Registrarão isto e se perguntarão que é isso. Mas o que os levará a virem até aqui, para olharem mais de perto? Tenho de fazer alguma coisa que os faça vir, mas só depois de descansar um pouco.

Uma hora depois, pôs outro traje espacial. Não havia tempo para esperar que as baterias solares do primeiro traje recarregassem. E disse: - Espero não ter perdido a pontaria.

Novamente lá estava ele, lá fora, e teve a certeza de que, mesmo se permitindo uma razoável variação de velocidades e de direções, o buraco negro sempre sugaria as pedras, conforme elas fossem se movendo na direção dele.

Ben reuniu tantas pedras quantas pôde e colocou-as cuidadosamente num entalhe no casco da astronave. Não ficaram paradas, embora se deslocassem muitíssimo lentamente. Mesmo depois de Ben ter apanhado todas que pôde, as que ele apanhara primeiro não tinham se deslocado mais do que bolas de bilhar numa mesa.

Então ele as jogou, primeiro tensamente, depois com crescente confiança, e o buraco piscou, e piscou, e piscou.

Pareceu-lhe que o alvo se tomava cada vez mais fácil de atingir. E lhe parecia também que o buraco negro estava inchando doidamente a cada impacto e que logo o buraco sugaria a ele e à astronave em sua goela insaciável.

Era sua imaginação, por certo, e nada mais. Por fim, todas as pedras tinham se ido e ele sentiu que, de qualquer forma, nada mais poderia arremessar. Parecia que fazia horas a fio que ele estava lá fora.

Quando se viu de novo no interior da astronave, e assim que Funarelli o auxiliou a tirar seu capacete espacial, só pôde dizer: - Está feito. Mais do que isto não dá para fazer.

- Puxa! Quantas vezes o buraco chamejou! - comentou Funarelli.

- Muitas vezes, e com certeza isto deve ter sido registrado. Agora, só temos é que esperar. Eles têm de vir.

Funarelli ajudou-o a tirar o resto do traje, da melhor forma que pôde, com seus músculos doloridos. Ficou de pé, após isso, grunhindo e arquejando, e disse: - Você acredita mesmo que eles virão, Ben?

- Penso que têm de vir - disse Ben, quase que forçando o acontecimento a acontecer mesmo pela pura força da vontade. - Penso que eles têm de vir.

- Por que pensa que têm de vir? - indagou Funarelli, parecendo como um homem que quer se agarrar a bagatelas mas não ousa.

- Porque eu me comuniquei - explicou Ben. - Não apenas somos as primeiras pessoas a localizarem um buraco negro, mas somos também os primeiros a usar um deles para comunicação; somos os primeiros a usar o mais aperfeiçoado recurso de comunicação do futuro, o primeiro que pode enviar mensagens de estrela para estrela e de galáxia para galáxia, e que também poderá ser a fonte fundamental de energia... - Estava palpitando, e sua voz soava um pouco selvagem.

- De que está falando? - falou Funarelli.

- Joguei as pedras em ritmo, Harv - esclareceu Ben - e as irrupções de raios X vie-

ram ritmadamente. Era pisca pisca pisca, pisca-pisca-pisca, pisca pisca pisca ... e assim por diante.

- Sim?...

- É antiquado, muito antiquado, mas é algo de que qualquer pessoa se recorda dos dias em que as pessoas se comunicavam através de correntes elétricas e fios.

- Você quer dizer o fotógrafo, quer dizer, o fonógrafo...

- O telégrafo, Harv. As irrupções que produzi serão registradas, e, na primeira vez que alguém examinar a gravação, quebrarão a cabeça. Não é porque estejam mirando uma fonte de raios X; não é porque seja apenas uma fonte de raios X se movendo muito lentamente contra o pano de fundo das estrelas, de forma que tenha de estar dentro do nosso Sistema Solar. O que conta é que estarão presenciando uma fonte de raios X, indo e vindo, e produzindo o sinal SOS... - SOS... E quando uma fonte de raios X está gritando por socorro, pode apostar que virão, o mais depressa que puderem, nem que seja só para ver o que é que há o que é isto...

Adormeceu.

Cinco dias depois, chegou uma astronave teleguiada, para salvá-los.

•

Eventualmente, pode ocorrer a alguns de meus gentis leitores que há uma certa semelhança entre esta história e a primeira que publiquei, "Náufragos em Vesta", há trinta e sete anos. Em ambas as histórias, dois homens se vêem numa astronave transformada em armadilha, por ter sofrido um acidente no cinturão de asteroides e precisam usar sua intuição para divisar uma maneira de escapar do que parecia ser morte certa.

Lógico que as resoluções tomadas para sair do problema são completamente diferentes, e estava em minha mente demonstrar algumas das mudanças no panorama do Universo que ocorreram ao longo destes trinta e sete anos, produzindo em 1976 uma solução que teria sido inconcebível em 1939.

•

No outono de 1975, Fred Dannay (mais conhecido como Ellery Queen) aproximou-se de mim com uma ideia muito intrigante para o número de agosto de 1976 da revista Ellery Queen's Mystery Magazine, que estaria nas bancas por ocasião do Bicentenário. Planejava publicar uma história de mistério relacionada com o próprio Bicentenário e outra relacionada com o Centenário, isto é, 1876. Ele precisava agora era de uma para o Tricentenário, em 2076 e, logicamente, isto significava uma história de ficção científica.

Visto que tinha escrito numerosas histórias de mistério para a revista nos últimos anos, ele pensou em mim e propôs-me que empreendesse a tarefa. Concordei e pus-me a trabalhar no dia 1º de novembro de 1975. Acabei uma história de ficção científica intransigente que, receei, poderia ser um pouco pesada para leitores de mistério. Diferente foi o pensamento de Fred, aparentemente, pois aceitou a história e foi gentil ao ponto de me pagar uma gratificação.



O INCIDENTE DO TRICENTENÁRIO

4 de julho de 2076... e pela terceira vez o incidente do sistema convencional de numeração, baseada nas potências de dez, conduziu os dois últimos dígitos do ano de volta ao funesto 76, que tinha visto o nascimento de uma nação.

Não era mais uma nação, no velho sentido, era antes uma expressão geográfica, parte de um todo maior que compunha a Federação de toda a humanidade sobre a Terra, junto com seus ramos na Lua e nas colônias espaciais. Pela cultura e pela herança, todavia, o nome e a ideia continuavam vivos, e esta porção do planeta designada pelo velho nome ainda era a mais próspera e avançada região do mundo... E o Presidente dos Estados Unidos era ainda a mais poderosa personalidade individual do Conselho Planetário.

Lawrence Edwards observava a pequena figura do Presidente do alto de seus sessenta metros. Movia-se preguiçosamente por sobre a multidão, com seu motor *flo-trônico* fazendo um som desengonçado que pouco se ouvia, às suas costas, e o que ele via tinha exatamente a aparência que qualquer um veria numa cena de holovisão. Quantas vezes vira ele figuras pequeninas como esta em sua sala de visitas, figurinhas num cubo de luz solar, parecendo tão reais como se fossem homúnculos vivos, exceto que se podia pôr a mão através delas.

Não se poderia pôr a mão através das figurinhas que se espalhavam às dezenas de milhares por entre os espaços que rodeavam o Monumento a Washington. E não se poderia pôr os dedos através do Presidente. Antes, se poderia alcançá-lo, tocá-lo, apertar sua mão.

Edwards pensou sardonicamente na inutilidade daquele elemento de tangibilidade que fora acrescentado e desejou estar a duzentos quilômetros de distância, flutuando pelos ares em alguma região selvagem, em vez de estar aqui onde se achava, a observar qualquer indício de desordem. Não havia razão alguma para ele estar aqui, não fosse o valor mitológico da "pressão sobre a carne".

Edwards não era um admirador do Presidente - Hugo Allen Winkler, quinquagésimo sétimo da lista.

Para Edwards, o Presidente Winkler parecia um homem vazio, agradável aos outros, um caçador de votos, um promotor. Era desapontador ter um homem como este na função que ocupava, depois de todas as esperanças dos seus primeiros meses de administração. A Federação Mundial estava em perigo de se desmantelar muito antes de seu mandato terminar e Winkler nada podia fazer. Precisava-se agora de uma mão forte, não de uma mão alegre, uma voz forte, não uma voz adocicada.

Lá estava ele, agora, apertando mãos, com um espaço em torno dele, conseguido à força pelo Serviço, com o próprio Edwards, mais uns poucos outros do Serviço, a observarem, lá de cima.

Certamente o Presidente concorreria à reeleição, e parecia haver uma boa possibi-

lidade de que ele seria derrotado. Isto só pioraria as coisas, visto que o empenho do partido oposicionista era a destruição da Federação.

Edwards suspirou. Seriam miseráveis os quatro anos vindouros - talvez os quarenta - e tudo que ele podia fazer era flutuar no ar, pronto a entrar em contacto com qualquer agente do Serviço lá embaixo, no solo, pelo *laserfone* se houvesse o menor indício...

Não viu o menor indício. Não havia sinal de distúrbio. Só um sopro de poeira branca, dificilmente visível, apenas uma cintilação momentânea à luz do sol, para cima e se afastando, e que se afastou com a mesma rapidez com que ele a vira.

Onde estava o Presidente? Com a poeira, perdera-o de vista.

Olhou em torno, nas vizinhanças de onde o vira pela última vez. Afinal, o Presidente não poderia ter se afastado tanto.

Foi então que tomou consciência da perturbação. Primeiro, a perturbação foi entre os próprios agentes do Serviço, que pareciam ter enlouquecido, e que loucamente se moviam, aos empurrões. Depois, os agentes situados em meio à multidão que estava próxima ficaram contagiados e, sucessivamente, os agentes mais distantes. O ruído aumentou, tornando-se uma trovoadas.

Edwards não teve de ouvir as palavras que compunham o crescente rugido. Parecia que o rugido lhe trazia as notícias pelo seu próprio clamor, pela sua própria urgência. O Presidente Winkler tinha desaparecido! Um momento atrás, lá estava e, no momento seguinte, desaparecera em meio a um punhado de pó!

Edwards conteve a respiração numa agonizante espera durante o que lhe pareceu um momento de eternidade, até o longo momento em que finalmente se entendeu o que sucedera e em que a multidão irrompeu num estampido doido, de sublevação.

Foi quando uma ressonante voz soou por sobre o disforme alarido e, ao ouvi-la, o ruído foi arrefecendo, morreu e se tornou um silêncio. Era como se, afinal de contas, tudo não passasse de um programa em *holovisão* e alguém tivesse baixado o som a ponto de ser inaudível.

Edwards pensou: Meu Deus, é o Presidente!

Não havia como se enganar, quanto à voz. Winkler estava de pé, no palco guardado no qual deveria proferir sua alocução relativa ao Tricentenário e do qual ele saíra fazendo apenas dez minutos para apertar mãos de alguns dentre a multidão.

Como é que ele voltara para lá?...

Edwards ouviu...

- Amigos dos Estados Unidos, nada me aconteceu. O que acabaram de ver foi a quebra de um aparelho mecânico. Não era o Presidente de vocês, de forma que não vamos permitir que uma falha mecânica obscureça a celebração do dia mais feliz que o mundo já viu... Deem-me sua atenção, amigos dos Estados Unidos...

E seguiu-se a alocução do Tricentenário, a maior que Winkler já fizera, ou que Edwards ouvira. Edwards quase se esqueceu suas funções de supervisão em sua ansiedade de ouvir.

Winkler acertara! Compreendera a importância da Federação e estava se fazendo compreender.

Bem lá no íntimo, contudo, outra parte dele estava lembrando os insistentes boatos de que os últimos progressos na robótica haviam resultado na fabricação de um robô êmulo do Presidente, um robô que poderia se desincumbir das funções puramente cerimoniais, que podia apertar as mãos do povo, que nunca estaria aborrecido ou exausto, nem poderia ser assassinado...

Edwards, de certa maneira chocado, pensava que isto é o que deveria ter acontecido. Existia mesmo o tal robô semelhante ao Presidente e, num certo sentido... ele

havia sido assassinado.

13 de outubro de 2078.

Edwards olhou para cima, quando se aproximou seu robô-guia. de cintura alta, a lhe dizer, melifluamente:

- O Sr. Janek quer vê-lo agora.

Edwards pôs-se de pé, sentindo-se alto, olhando o atarracado guia metálico de cima. Contudo, não se sentia jovem. Seu rosto tinha sulcos, ameados nos últimos dois anos, mais ou menos, e ele estava ciente disto.

Seguiu o guia até uma sala surpreendentemente pequena, onde, atrás de uma escrivaninha surpreendentemente pequena, sentava-se

Francis Janek, um homem de aparência incongruamente jovem, um tanto barrigudo.

Janek sorriu e seu olhar era amistoso ao se erguer para o aperto de mãos.

- Sr. Edwards.

Edwards murmurou:

- Estou feliz por ter a oportunidade, senhor...

Nunca Edwards vira Janek antes, mas àquela altura ser secretário pessoal do Presidente era uma função tranquila, das que davam margem a poucas notícias.

Janek disse:

- Sente-se, sente-se. Quer um bastão de soja?

Edwards recusou, com um sorriso polido, e sentou-se. Janek estava claramente enfatizando sua juventude. Sua camisa enrugada estava aberta e os pelos de seu peito tinham sido tingidos de um violeta nítido, ainda que abrandado.

Janek falou:

- Sei que, a esta altura, já faz algumas semanas que tem tentado entrar em contacto comigo. Lamento a demora. Espero que entenda que meu tempo não me pertence inteiramente. De qualquer forma, cá estamos nós, agora... Por falar nisso: entrei em contacto com o Chefe do Serviço, e ele fez as melhores referências a seu respeito. Ele lamenta o seu pedido de demissão.

Com o olhar abatido, Edwards disse:

- Pareceu-me melhor levar avante minhas investigações, sem perigo de embaraçar o Serviço.

Um sorriso cintilou no rosto de Janek.

- Suas atividades, mesmo sendo discretas, contudo, já foram notadas. O Chefe explica que você tem estado a investigar o incidente do Tricentenário e devo admitir que foi isso que me persuadiu a vê-lo tão cedo quanto pude. Foi por isso que pediu a sua demissão? Está investigando um assunto encerrado.

- Assunto encerrado como, Sr. Janek? O fato de o senhor chamar o que aconteceu de Incidente não altera o fato de que foi uma tentativa de assassinato.

- Uma questão de semântica. Por que usar uma frase perturbadora?

- Só porque pareceria representar uma verdade perturbadora. Com certeza o senhor diria que alguém tentou matar o Presidente.

Janek estendeu as mãos.

- Se foi isto que ocorreu, a trama malogrou. Um instrumento mecânico foi destruído. Nada mais. Na verdade, se considerarmos adequadamente o Incidente, ou como queira denominá-lo, fez um enorme bem à nação e ao mundo. Como todos sabemos, o Presidente foi abalado pelo Incidente e também a nação. O Presidente e todos nós

percebemos o que poderia significar um retorno à violência do século passado e isto produziu uma grande reviravolta.

- Não nego isso.

- Lógico que não pode. Mesmo os inimigos do Presidente admitirão que os dois últimos anos viram grandes realizações. A Federação é hoje muitíssimo mais forte do que qualquer pessoa sonharia que ela fosse, no dia do Tricentenário. Poderíamos até dizer que se impediu uma desintegração da economia global.

Cautelosamente, Edwards disse:

- Sim, o Presidente mudou. É o que todos dizem.

Janek retomou a palavra:

- Sempre foi um grande homem. O Incidente fê-lo concentrar-se nos grandes temas com uma intensidade ainda maior, contudo.

- Coisa que ele não fazia antes?

- Talvez não com tanta intensidade... Na verdade, hoje o Presidente, e todos nós, queremos esquecer o Incidente. Meu objetivo principal é, ao vê-lo, Sr. Edwards, deixar isto bem claro para o senhor. Não estamos no Século Vinte e não podemos encarcerá-lo por estar sendo inconveniente para nós, ou embarcá-lo de alguma maneira, mas mesmo a Constituição Mundial não nos proíbe de tentar persuadi-lo. Está me entendendo?

- Estou sim, mas não concordo com o senhor. Podemos esquecer o Incidente, se a pessoa responsável nunca foi detida?...

- Talvez tudo esteja bem, senhor. Muito melhor do que poderia pensar uma pessoa... num... uma pessoa desequilibrada que não queira entender que o assunto não tem as proporções que se quer lhe dar, num cenário que, possivelmente, nos levaria de volta aos dias do Século Vinte.

- Mas a narrativa oficial chega a afirmar que o robô explodiu espontaneamente, o que é impossível, o que foi um golpe injusto para a indústria de robôs.

- Robô é um termo que eu não usaria, Sr. Edwards. Era um aparelho mecânico. Ninguém disse que os robôs são perigosos de per si, e certamente não o são os robôs metálicos rotineiros. A única referência aqui é aos instrumentos incomumente complexos, semelhantes ao homem, que parecem de carne e osso, e que poderíamos chamar de andróides. Na verdade, são tão complexos que talvez possam explodir por isso mesmo; não sou um perito no assunto. A indústria de robôs se recobrá.

Obstinadamente, Edwards disse:

- Ninguém, no governo, parece se preocupar com o fato de que atingiremos ou não o âmago da questão.

- Já expliquei que não houve consequências salvo as boas. Por que ficar revolvendo o lodo lá no fundo, quando a água, em cima, está limpa?

- E o uso do desintegrador?

Por um momento, a mão de Janek, que lentamente girava o recipiente com bastões de soja, sobre a mesa, se deteve. Depois, ela voltou ao movimento rítmico. Suavemente, falou:

- Que é isso?

Com ar decidido, Edwards disse:

- Sr. Janek, penso que sabe do que estou falando. Como membro do Serviço...

- Ao qual você, logicamente, não mais pertence.

- Não obstante, como membro do Serviço, não pude deixar de ouvir coisas que, nem sempre, eram destinadas a meus ouvidos, suponho. Ouvi falar de uma nova arma, e vi algo acontecer no Tricentenário que exigiria uma. O objeto que todos pen-

savam que fosse o Presidente desapareceu em meio a uma nuvem de pó muito fino. Era como se cada átomo do objeto contido dentro dos limites da nuvem perdesse os vínculos com os outros átomos. O objeto se tornara uma nuvem de átomos individuais que, por certo, começaram a se recombinar, mas que se dispersaram com uma rapidez tal que não deram a impressão de serem mais do que uma cintilação momentânea de poeira.

- Muito ficção científica isso...

- É lógico que entendo a ciência que possa estar por trás disso, Sr. Janek, mas percebo que seria necessária muitíssima energia para se conseguir esta quebra de vínculos. Essa energia teria de ser retirada do ambiente. Aquelas pessoas que estavam próximas do aparelho mecânico que fazia as vezes do Presidente no momento, que pude localizar e que concordaram em falar, foram unânimes em relatar uma onda de frio que como que as banhou.

Janek pôs o recipiente com bastões de soja de lado com um pequeno estalido do dispositivo contra celulite. Disse:

- Apenas para argumentar, admitamos que exista algo como um desintegrador.

- Não precisa argumentar: ele existe.

- Não vou argumentar. Pessoalmente, não conheço o tal de desintegrador, mas, em minhas atribuições, não é provável que eu desconheça algo que tanta ressonância tenha em questões atinentes à segurança como armamento novo. Mas, se existir um desintegrador, e se for tão secreto assim, precisa ser um monopólio norte-americano, desconhecido do resto da Federação. Logo, deveria ser algo sobre o qual nem eu nem o senhor deveríamos estar falando. Poderia ser uma arma de guerra mais perigosa que as bombas nucleares, precisamente porque, se o que diz é verdade, não produz nada mais que desintegrar onde se dá o impacto, e frio nas vizinhanças do impacto: Nenhuma explosão, nenhum fogo, nenhuma radiação mortal. Sem estes desagradáveis efeitos secundários, não haveria repressão ao seu uso, se bem que esta arma, por tudo quanto sabemos, poderia ser construída num tamanho bastante para destruir o próprio planeta.

- Concordo com tudo isto - disse Edwards.

- Você vê então que, se não houver desintegrador, é tolice falar a respeito de um; e se houver um desintegrador, é criminoso falar dele.

- Ainda não discuti isto, exceto com o senhor, agora, porque estou tentando persuadi-lo da seriedade da situação. Se foi usado um, por exemplo, o governo não deveria estar interessado em decidir como chegou a ser usado, caso outra unidade da Federação esteja de posse de um?

Janek sacudiu a cabeça.

- Penso que podemos nos apoiar no fato de que os órgãos do governo disso incumbidos é que terão de estudar o assunto. É melhor que você não se preocupe com a questão.

Com uma impaciência que a custo conseguia controlar, Edwards disse:

- Pode me garantir o senhor que os Estados Unidos são o único governo que tem esta arma à sua disposição?

- Não posso lhe afirmar isto, visto que nada sei sobre essa arma, e não virei a saber. Nem deveria ter falado comigo sobre este assunto. Mesmo não existindo semelhante arma, o boato de sua existência poderá ser perigoso.

- Mas, visto que lhe falei, e visto que o mal já está feito, deixe-me acabar de falar. Deixe-me ter a oportunidade de convencê-lo de que o senhor e ninguém mais, detém a chave de uma situação temível que talvez só eu esteja vendo.

- Só você está vendo? Eu tenho a chave?

- Parece-lhe loucura? Deixe-me explicar e depois julgue por si mesmo.
- Vou conceder-lhe um pouco mais de tempo, mas mantenho o que afirmei. O senhor precisa abandonar isto, este seu hobby, esta investigação. Ela é terrivelmente perigosa.

- Abandonar o assunto é que seria perigoso. Não está vendo que, se o desintegrador existe, e se os Estados Unidos têm o seu monopólio, segue-se que o número de pessoas que poderia ter acesso a ele deveria ser estritamente limitado? Como ex-integrante do Serviço, tenho algum conhecimento prático do assunto e afirmo-lhe que a única pessoa do mundo que poderia tentar surripiar de nossos arsenais ultra-secretos um desintegrador seria o próprio Presidente... Somente o Presidente dos Estados Unidos, Sr. Janek, poderia ter engendrado aquela tentativa de assassinato.

Ambos ficaram a se olhar fixamente, por um momento, após o que Janek apertou um botão em sua mesa. Esclareceu:

- Aumentei os cuidados. Agora, ninguém, de modo algum, pode nos ouvir. Está percebendo o perigo de sua afirmação, Sr. Edwards? Perigo para si mesmo? Não deve superestimar o valor da Constituição Global. Um governo tem o direito de tomar medidas razoáveis para proteger sua estabilidade.

Edwards disse:

- Estou me aproximando do senhor, Sr. Janek, como sendo alguém que, presumo, é um leal cidadão norte-americano. Venho à sua presença com a notícia de um crime terrível que afeta todos os norte-americanos e a Federação inteira. Um crime que produziu uma situação que talvez só o senhor possa corrigir. Por que me agride com ameaças?

Janek disse:

- É a segunda vez que você tenta dar a entender que sou um salvador em potencial do mundo. Não posso me ver neste papel. Espero que você entenda que não tenho poderes fora do comum.

- O senhor é o secretário do Presidente.

- O que não significa que tenho acesso especial a ele, ou que eu seja alguém com íntimo relacionamento com ele. Ocasionalmente há, Sr. Edwards, em que suspeito que os outros consideram que não sou mais do que um fracassado, e há até mesmo ocasiões em que corro o perigo de concordar com estas pessoas...

- Seja lá como for, o senhor vê o Presidente com frequência, informalmente, o senhor o vê...

Impaciente, Janek o interrompeu:

- Vejo-o o bastante para lhe garantir que o Presidente não ordenaria a destruição daquele sócia mecânico dele no dia do Tricentenário.

- Quer dizer que, em sua opinião, isto é impossível?

- Não estou afirmando isto. Eu diria que não. Afinal de contas, por que é que ele faria isto? Por que quereria o Presidente destruir um androide semelhante a ele, que lhe foi de valiosa ajuda ao longo dos três primeiros anos de seu mandato como Presidente? E se, por qualquer razão, ele quisesse destruir o robô, com todos os diabos, por que desejaria fazê-lo de uma maneira tão escandalosamente pública, nada mais, nada menos, no Tricentenário, fazendo, destarte, propaganda de sua existência, arriscando-se a uma reação pública, se o povo soubesse que estava apertando as mãos de um robô, sem falar nas repercussões diplomáticas do fato de representantes diplomáticos de outras partes da Federação estarem a tratar com um robô?... Em vez disso, ele poderia simplesmente ter ordenado, em caráter privado, que o robô fosse desmontado. Isto só seria do conhecimento de uns poucos elementos da alta hierarquia da Administração.

- De qualquer forma, não houve consequências indesejáveis para o Presidente, como resultado do Incidente, não é?

- Ele teve de encurtar a cerimônia. E já não é mais tão acessível como era antes.

- Como o robô era.

- Seja - admitiu Janek, pouco à vontade. - Sim, acredito que é isso mesmo.

Edwards disse:

- E, na verdade, o Presidente foi reeleito e sua popularidade não diminuiu, mesmo tendo a destruição sido pública. Argumentar com a destruição pública não é tão convincente como o senhor está querendo fazer parecer.

- Mas a reeleição veio a despeito do Incidente. Ela se deveu à rápida ação do Presidente, dando um passo avante e pronunciando aquilo que você tem de admitir como tendo sido uma das grandes falas da história norte-americana. Foi uma performance muito admirável: você tem de admitir isso.

- Foi um drama muito bem representado. Poder-se-ia até dizer que o Presidente estava contando com aquilo...

Janek inclinou para trás o encosto de sua poltrona.

- Se bem o entendo, Edwards, você está insinuando um argumento muito complicado de novela. Está querendo dizer que o Presidente fez destruir o sócia do jeito que ele foi destruído, em meio a uma multidão, justo no dia da celebração do Tricentenário, com o mundo observando, de forma a conseguir a admiração popular por seu espírito resoluto? Está insinuando que ele urdiu toda esta trama para criar uma reputação de homem de um inesperado vigor, de uma inesperada força, debaixo de circunstâncias extremamente dramáticas, de forma a transformar uma campanha que o levaria à derrota numa campanha vitoriosa?... Parece que o senhor andou lendo contos de fadas, Sr. Edwards.

Edwards disse:

- Se eu estivesse querendo afirmar tudo isto, seria realmente um conto de fadas, mas não estou querendo. Nunca insinuei que o Presidente ordenou a "morte" do robô. Apenas lhe pedi que pensasse se isto seria possível e o senhor afirmou com muita energia até que não seria. Estou contente pelo fato de o senhor assim ter procedido, pois concordo com o senhor.

- Então, por que tudo isto? Estou começando a desconfiar que o senhor está me fazendo desperdiçar tempo.

- Um momento mais, por favor. Nunca lhe ocorreu perguntar por que a coisa não poderia ter sido feita com um feixe laser, com um desativador de campo, com uma marreta, pelo amor de Deus? Por que alguém se daria ao trabalho de se meter numa incrível complicação, arranjando uma arma guardada pela mais forte segurança que um governo poderia ter, para executar uma tarefa que não exigiria uma arma deste porte? Pondo de lado a dificuldade de obter a arma, por que arriscar-se a revelar a existência de um desintegrador ao resto do mundo?

- Toda esta história de desintegrador é apenas uma teoria sua.

- O robô desapareceu totalmente, diante de meus olhos. Eu estava observando. Portanto, não estou me apoiando em depoimentos alheios. Não importa o nome que o senhor empresta à arma; seja qual for o nome, teve o efeito de desmontar o robô átomo por átomo, espalhando todos esses átomos de maneira irreversível. Por que fazer isto? Foi um tremendo massacre.

- Não sei o que se passava na mente de quem fez isto.

- Não? Ainda assim, a mim me parece que só há uma razão lógica para o robô ser reduzido a pó, quando algo muito mais simples poderia ter levado à destruição. A redução a pó não deixou vestígio algum do objeto, do robô. Nada deixou para indicar o

que fora aquilo que foi destruído, se era um robô ou outra coisa qualquer.

Janek disse:

- Mas não há dúvida alguma quanto a que é que foi destruído.

- Será que não?... Afirmei que só o Presidente poderia conseguir um desintegrador e fazer com que fosse usado. Mas, considerando a existência de um robô em tudo e por tudo semelhante a ele, qual foi o Presidente que engendrou a coisa?...

Asperamente, Janek disse:

- Acho que nossa conversa não pode prosseguir. Você está louco.

Edwards disse:

- Penso que terminei. Pelo amor de Deus, pense bem. O Presidente não destruiu o robô. Seus argumentos, quanto a isto, são convincentes. O que aconteceu foi que o robô destruiu o Presidente. O Presidente Winkler foi morto em meio à multidão, no dia 4 de julho de 2076. Então, um robô, com toda a aparência de ser o Presidente, pronunciou a alocução, concorreu à reeleição, foi reeleito, e ainda é o Presidente dos Estados Unidos!

- Loucura!

- Vim à sua presença, porque o senhor é que pode provar isto e corrigir isto, também.

- Não é tão simples assim. O Presidente é... o Presidente. - Janek fez o gesto de quem ia se erguer e dar por encerrada a entrevista.

Com rapidez e urgência, Edwards falou:

- O senhor próprio disse que ele mudou. A alocução do Tricentenário estava além da capacidade do velho Winkler. O senhor mesmo não ficou surpreso com as realizações dos últimos dois anos? Para dizer a verdade, o Winkler do primeiro mandato poderia ter feito tudo isto?...

- Sim, poderia, visto que o Presidente do segundo mandato é o Presidente do primeiro mandato.

- Nega que ele tenha mudado? Desafio o senhor. Decida o senhor e submeter-me-ei à sua decisão.

- Ele se pôs à altura do desafio: isto é que é. Já aconteceu isto antes, na história dos Estados Unidos. - Mesmo tendo afirmado isto, ao se sentar de novo, Janek parecia muitíssimo pouco à vontade.

- Ele não bebe - disse Edwards.

- Nunca bebeu... muito.

- Faz tempo que não tem relações com mulheres. Nega que no passado ele as procurava?

- Um Presidente é um homem. Entretanto, nos últimos dois anos, dedicou-se aos assuntos da Federação.

- Admito que isto seja uma mudança para melhor - concordou Edwards - mas é uma mudança. Lógico que se ele tivesse uma mulher, a encenação não poderia prosseguir, não é mesmo?

- É ruim que ele não tenha uma esposa - comentou Janek, pronunciando a arcaica palavra "esposa" com uma certa ênfase. - Tivesse ele esposa, o problema todo não se manifestaria.

- O fato de não ter tornou a conspiração toda mais prática. De qualquer forma, teve dois filhos. Não acredito que nenhum dos dois tenha estado na Casa Branca, desde o Tricentenário.

- E por que teriam de ter ido até lá? Já são crescidos, vivem as suas próprias vidas.

- Mas têm sido convidados? O Presidente tem manifestado interesse em vê-los?

Como secretário particular dele, o senhor saberia. Foram convidados?

Janek disse:

- Está perdendo tempo. Um robô não pode matar um ser humano. Sabe muito bem que esta é a Primeira Lei da Robótica.

- Sei disso. Mas ninguém está dizendo que o robô-Winkler matou o Winkler-humano diretamente. Quando o Winkler-humano estava no meio da multidão, o robô-Winkler estava no palanque e duvido que um desintegrador pudesse ser apontado daquela distância sem causar danos mais acentuados. Talvez pudesse, mas é mais provável que o robô-Winkler tivesse um cúmplice, um "comparsa", se o jargão do Século Vinte estiver certo.

Janek ficou carrancudo. Seu rosto franco se contraiu e parecia sofrer. Ele disse:

- Sabe, acho que a loucura é contagiosa. Na verdade, estou começando a pensar melhor nesta maluquice que veio me contar. Ainda bem que não é válida. Afinal de contas, por que o assassinato do Winkler-humano teria de ocorrer em público? Todos os argumentos contra a destruição do robô em público valem contra o assassinato do Presidente em público também. Não vê que isto põe por água abaixo toda a sua teoria?

- Não põe não... - principiou Edwards.

- Põe sim. Salvo uns poucos altos funcionários, ninguém mais sabia do robô sócia. Se o Presidente Winkler fosse assassinado não em público, e se se eliminasse seu corpo, o robô facilmente poderia assumir o lugar dele, sem suspeitas. Por exemplo: sem levantar as suas suspeitas, Edwards.

- Sempre haveria uns poucos funcionários que saberiam, Sr. Janek. O assassinato acabaria se espalhando. - Edwards inclinou-se para a frente, com decisão. - Veja aqui: normalmente, não poderia haver o menor perigo de confundir o ser humano com a máquina. Imagino que o robô não era usado constantemente, sendo posto em funcionamento apenas para finalidades específicas, e sempre haveria uns indivíduos-chave, talvez muitos até, que saberiam onde estava o Presidente e o que ele estava fazendo. Se assim fosse, o assassinato teria de ocorrer quando estes importantes funcionários, na verdade, acreditassem que o Presidente era mesmo o robô.

- Não concordo.

- Escute aqui: uma das tarefas do robô era apertar as mãos do povo; apertar a carne deles. Quando isto estivesse ocorrendo, os oficiais sabedores da verdade estariam perfeitamente cômicos de que, na verdade, quem apertava as mãos era o robô.

- Exatamente. Agora sim, você está dizendo coisa com coisa. Era o robô.

- Exceto que era o Tricentenário, e que o Presidente Winkler não poderia resistir à vontade de apertar as mãos do povo. Suponho que seja mais do que humano esperar que um Presidente, particularmente um cativador de massas vazias, um amante de aplausos como Winkler, não quisesse abrir mão da adulação da multidão no dia mais importante de todos, deixando esta atribuição para uma máquina. E talvez o robô tenha cuidadosamente alimentado este impulso de tal forma que, no dia do Tricentenário, o Presidente teria ordenado ao robô que permanecesse atrás do pódio, enquanto ele próprio se dispunha a apertar as mãos e a ser aplaudido.

- Secretamente?

- Lógico que secretamente. Se o Presidente dissesse a alguém do Serviço, ou a algum de seus auxiliares, ou ao senhor, permitir-lhe-iam que o fizesse, que fosse até o povo?... A atitude oficial com relação à possibilidade de um assassinato praticamente virou uma doença desde os eventos do Século Vinte. Assim, encorajado por um robô obviamente esperto...

- Você presume que o robô seja esperto pelo fato de agora estar funcionando

como Presidente. É um raciocínio circular. Se não é ele o Presidente, não há razão para pensar que seja esperto, ou que fosse capaz de imaginar toda esta conspiração. Além disso, que outro motivo, possivelmente, poderia levar um robô a conspirar em prol de um assassinato? Mesmo que ele não matasse o Presidente diretamente, a Primeira Lei também proíbe que se tire, indiretamente, a vida de alguém, já que a Primeira Lei diz: "Um robô não deve fazer mal a um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano sofra qualquer mal".

Edwards disse:

- A Primeira Lei não é absoluta. Que dizer se o fato de fazer mal a um ser humano salvasse a vida de dois outros, ou de três, ou mesmo, de três bilhões?... O robô pode ter pensado que a salvação da Federação tem precedência sobre a salvação de uma vida. Além disso, de forma alguma era um robô comum. Foi construído para duplicar as qualidades de Presidente de forma tão íntima, a ponto de poder enganar a qualquer um. Suponhamos que ele tivesse a compreensão do Presidente Winkler, sem a sua fraqueza, e suponhamos que ele soubesse que poderia salvar a Federação onde o Presidente não podia salvá-la...

- Você pode raciocinar assim, mas como é que um aparelho mecânico poderia?
- É a única maneira de explicar o que sucedeu.
- Penso que é uma fantasia paranoica

Edwards contestou:

- Então me diga por que o objeto que foi destruído foi reduzido a átomos. Que outra explicação teria sentido, salvo a de que era a única maneira de ocultar o fato de que fora um ser humano, e não um robô, que fora destruído? Dê-me uma alternativa.

Janek enrubesceu:

- Não quero admitir isso.
- Mas tudo que afirmei pode ser provado, ou então negue. É por isso que vim à sua presença, à sua presença.
- E como é que poderei provar tudo isso? Ou, mesmo, desprovar?
- Ninguém vê o Presidente em momentos em que ele está totalmente à vontade, como você o vê. É com você, na falta de uma família, que ele é mais informal. Estude-o.
- Já fiz isso. Afirmando-lhe que ele não é...
- Estudou nada. O senhor não suspeitou de nada errado. Pequenos indícios nada significam para o senhor. Estude-o agora, ciente de que ele pode ser um robô, e verá.

Ironicamente, Janek disse:

- Posso pô-lo a nocaute e, com um detector ultra-sônico, provar que ele é de metal. Mesmo um androide tem cérebro de platina-irídio.
- Não será necessário nenhuma ação drástica. Apenas o observe e verá que ele é tão radicalmente diferente do homem que ele era, que não pode ser um homem.

Janek olhou para o relógio-calendário na parede. Disse:

- Faz mais de uma hora que estamos conversando.
- Lamento ter tomado tanto de seu tempo, mas espero que tenha entendido a importância de tudo isto.
- Importância? - disse Janek. Levantou-se, então, e o que tinha parecido um ar de desânimo subitamente se transformou em qualquer coisa de esperançoso. - Mas é, na verdade, importante? É mesmo?
- Como pode não ser importante? Um robô ser Presidente dos Estados Unidos não é importante?

- Não, não é isso que quero dizer. Esqueça quem pode estar desempenhando o papel do Presidente Winkler. Pense apenas nisto: alguém, à testa da Presidência dos Estados Unidos, salvou a Federação; manteve-a unida e, no presente momento, dirige o Conselho de acordo com os interesses da paz e da conciliação construtiva. Admite tudo isto?

Edwards disse:

- Lógico que admito tudo isso. Mas, o que dizer do precedente que se estabeleceu? Um robô na Casa Branca, agora, por uma razão muito boa, pode levar a um robô na Casa Branca daqui a vinte anos por uma razão muito ruim e, depois, poderá nos conduzir a termos robôs na Casa Branca sem motivo algum, mas apenas como questão de fato. Não vê a importância de abafar um possível toque de trombeta para o fim da humanidade, quando a trombeta soar sua primeira nota incerta?

Janek sacudiu os ombros.

- Admitamos que eu constate que ele é um robô. Vamos irradiar isto para o mundo todo? Sabe como é que isto afetará a Federação? Sabe o que isto representará para a estrutura financeira do mundo? Sabe...

- Sei sim. É por isto que vim aqui falar-lhe em particular, em vez de tentar dar isto ao conhecimento público. Depende do senhor examinar o assunto e chegar a uma conclusão definitiva. Em seguida, cabe também ao senhor, tendo constatado que o suposto Presidente é um robô, coisa que estou certo de que acontecerá, convencê-lo a renunciar.

- E, pela versão que você deu da Primeira Lei, ele então me matará, eis que estarei ameaçando sua hábil condução da maior crise global do Século Vinte e Um.

Edwards sacudiu a cabeça.

- O robô agiu secretamente antes, e ninguém tentou se opor aos argumentos que ele usou consigo mesmo. O senhor é capaz de reforçar uma interpretação estrita da Primeira Lei, com seus argumentos. Se necessário, poderemos obter ajuda de algum funcionário da U. S. Robots and Mechanical Men Inc. que, antes de mais nada, construiu o robô. Uma vez que ele renuncie, o Vice-Presidente o sucederá. Se o robô-Winkler pôs o velho mundo no caminho certo, muito bem; o Vice-Presidente poderá agora conservá-lo no caminho certo, ainda mais que o Vice-Presidente é uma decente e honrada mulher. Mas não podemos ter um robô a nos dar ordens, e nunca mais poderemos ter um.

- E se o Presidente for um ser humano?

- Deixo isso a seu critério. Saberá como proceder.

Janek disse:

- Não confio tanto assim em mim mesmo. E se eu não puder decidir? Se eu não puder me forçar a decidir? Se eu não ousar? Quais são seus planos?

Edwards parecia cansado.

- Não sei. Talvez eu tenha de ir até a U. S. Robots. Mas acho que não terei de chegar a tanto. Estou plenamente confiante de que agora que deixei o problema a seus cuidados ele será resolvido. O senhor deseja ser governado por um robô?

Levantou-se e Janek deixou-o ir embora. Não apertaram as mãos.

Profundamente chocado, lá ficou Janek, no crepúsculo que se manifestava.

Um robô!

O sujeito entrara, argumentara de maneira perfeitamente racional que o Presidente dos Estados Unidos era um robô.

Poderia ter sido fácil contra-argumentar. Não obstante, Janek tentara pensar em todos os argumentos de que dispunha, e todos tinham se mostrado inúteis, e, por fim, o sujeito não se deixara abalar.

Um robô como Presidente! Edwards estava certo disto, e continuaria convicto disto. E se Janek insistisse que o Presidente era humano, Edwards iria até a U. S. Robots. Não descansaria.

Janek franziu a testa ao pensar nos vinte e oito meses que haviam decorrido desde o Tricentenário e como tudo tinha transcorrido tão bem, diante das possibilidades. E agora?

Perdido em sombrios pensamentos, lá ficou.

Tinha ainda o desintegrador, mas certamente não seria necessário usá-lo contra um ser humano, tanto mais que a natureza de seu corpo estava fora de quaisquer dúvidas. Um laser silencioso, a vibrar um golpe em algum lugar solitário, resolveria a questão.

No primeiro caso, tinha sido difícil manobrar o Presidente; neste caso aqui, todavia, ele nem teria de saber.



Meu primeiro pensamento foi intitular a história precedente de "Morte no Tricentênio", mas o dicionário garantiu-me que "tricentenário" era uma maneira perfeitamente boa de me referir a um tricentésimo aniversário, de forma que a denominei de "Morte no Tricentenário."

Fred mudou o nome para "O Incidente do Tricentenário", o que, em minha opinião, foi uma grande melhora, e adotei-a com brados de alegria. Nem sempre me agradam as mudanças de títulos que ele faz, e geralmente afirmo isto, como em minha coleção de pequenas histórias de mistério Tales of the Black Widowers. Nada mais justo que eu lhe dê crédito por uma boa mudança.

Uma coisa mais: de novo, esta história representa um retorno a um tema que desenvolvi numa história anterior. Essa história anterior foi "Evidência", publicada pela primeira vez em 1946, trinta anos antes da história que se segue. Exceto quanto ao tema, não há semelhança entre as duas, e deixo ao gentil leitor, se ele ou ela leu as duas, decidir se, neste meio tempo, melhorei ou não. (Mas não me escrevam, por favor, a não ser que achem que melhorei.)



O tempo voa. Eu, propriamente, sou um eterno jovem, mas tudo o mais está envelhecendo. Perceberam que com o número de abril de 1976, Amazing Stories, a mais antiga das revistas de ficção científica, comemorou seu Meio Centenário?

O número de abril de 1926 de Amazing Stories foi o Volume 1, número 1. Foi o primeiríssimo número da primeiríssima revista até então inteiramente dedicada à ficção científica, e isto foi cinquenta anos atrás.

Hugo Gernsback nasceu em Luxemburgo, em 1884, e emigrara para os Estados Unidos em 1904. Chegou a escrever algumas histórias de ficção científica excruciantemente ruins, mas com algumas predições terrivelmente boas nelas, e veio a publicar uma revista, na qual incluiu histórias de ficção científica (ciência ficção, como ele as denominava) e, durante algum tempo, começou a cogitar da publicação de uma revista só com histórias de ficção científica.

Uma circular que enviou em 1924, exploratória, produziu resultados desapontadores, mas, em 1926, sem qualquer aviso prévio, sem fanfarras, colocou a revista nas bancas.

Sol Cohen, o atual responsável pela revista, telefonou-me no outono de 1975, para me perguntar se eu poderia dar alguma contribuição em honra do quinquagésimo aniversário da revista. E, se bem que, como de hábito, eu estivesse até o pescoço de compromissos, não houve como me recusar. Em 22 de novembro de 1975, sentei-me para escrever "Nascimento de uma Noção", que foi a forma como me fiz representar na edição de aniversário.



Nascimento de Uma Noção*

Não é, de maneira alguma, uma coincidência que o primeiro a inventar uma máquina do tempo que funcionasse tenha sido um entusiasta da ficção científica. Era inevitável. Por que outras razões deveria um cientista que, quanto ao mais, era sã, sequer ousar ir ao encalço das várias teorias exóticas que pareciam apontar para a manobrabilidade do tempo, a despeito da Teoria da Relatividade?

Isto exigia energia, por certo. Tudo requer energia. Mas Simeon Weill estava preparado para pagar o preço. Tudo (bem... quase tudo) para fazer seu sonho oculto de ficção científica se tornar uma realidade.

O problema era que não havia como controlar quer a direção, quer a distância através da qual alguém seria cronologicamente impelido. Tudo resultaria de colisões temporais ao acaso de equipamentos taquiônicos e Weill podia fazer camundongos e até mesmo coelhos desaparecer, mas, se era no futuro ou no passado, ele não saberia dizer. Um camundongo reapareceu, de forma que ele deveria ter visto só um pouco no passado e parecia não ter sido nem um pouco machucado. E os outros? Quem poderia dizer?

Imaginou um disparador automático para a máquina. Teoricamente, ele faria o empurrão (fosse lá qual fosse) reverter, trazendo o objeto de volta (de qualquer direção ou de qualquer distância a que ele tivesse ido).

Nem sempre funcionava, mas cinco coelhos voltaram ilesos.

Se pelo menos ele pudesse fazer o disparador à prova de erros, Weill teria feito uma tentativa consigo mesmo. Estava morrendo de vontade de fazer essa tentativa, o que não era uma reação própria de um físico teórico, mas era a absolutamente previsível emoção de um fanático por ficção científica, particularmente admirador das produções "espaço-operísticas" de algumas décadas anteriores ao ano de então, 1976.

Era inevitável, então, que o acidente pudesse acontecer. De modo nenhum ele poderia ter caminhado entre os têmpodos com consciente determinação. Sabia que as probabilidades de ele não voltar eram de duas em cinco. Por outro lado, ele estava morrendo de vontade de tentar, de forma que se deslocou com seus dois pezões e ficou cambaleando entre os têmpodos como resultado de um acidente total... Mas existem mesmo acidentes?...

Ele poderia ter sido arremessado para o passado ou para o futuro. Aconteceu-lhe de ser arremessado no passado.

Poderia ter sido arremessado incontáveis milhares de anos para trás ou apenas um dia e meio. Aconteceu-lhe de ser arremessado cinquenta e um anos para trás, na época em que o Escândalo Harding estava em plena efervescência, se bem que o país estivesse se mantendo em paz com Coolidge e soubesse que ninguém no mundo poderia surrar Jack Dempsey.

Mas, algo nas teorias de Weill havia, que elas não haviam contado a ele. Sabia o que poderia acontecer às partículas propriamente ditas, mas não havia como prever o que aconteceria ao relacionamento entre as várias partículas. E há relacionamentos mais complexos que os que há no cérebro?

De forma que o que aconteceu foi que Weill recuou no tempo, com sua mente desenrolada. Não totalmente, felizmente, visto que Weill nem tinha sido concebido no ano anterior ao Sesquicentenário dos Estados Unidos, e um cérebro com menos que qualquer desenvolvimento seria uma grave desvantagem.

Ele se desenrolou claudicante, parcial e inabilmente, e quando Weill se achou num banco de jardim não distante de sua residência de 1976, na parte baixa de Manhattan, onde ele experimentava uma dúbia simbiose com a Universidade de Nova Iorque, ele se achou no ano de 1925 com uma colossal dor de cabeça, e sem uma ideia muito clara do que é que estava havendo.

Achou-se a olhar fixamente para um homem de seus quarenta anos, cabelo com brilhantina, maçãs do rosto salientes, nariz adunco, e que partilhava com ele o banco.

O homem parecia preocupado. E disse: - De onde você veio? Um minuto atrás, não estava aqui. - Tinha um distinto acento germânico.

Weill não estava seguro. Não podia se lembrar. Mas uma frase parecia perdurar, em meio ao caos, dentro de seu crânio, mesmo não tendo ele certeza do que ela poderia significar.

- Máquina do tempo - arquejou.

O outro se empertigou. E perguntou: Lê romances pseudo científicos?...

- O quê? - perguntou Weill.

- Já leu A Máquina do Tempo, de H. G. Wells?

A repetição da frase pareceu acalmar Weill um pouco. A dor em sua cabeça diminuiu. O nome Wells pareceu-lhe familiar, ou seria seu próprio nome? Não, seu nome era Weill.

- Wells? - perguntou. - Eu sou Weill.

O outro estendeu a mão. - E eu sou Hugo Gernsback. De vez em quando escrevo romances pseudocientíficos, mas, por certo, não está correto dizer "pseudo". Isto parece dar a impressão de que se trata de uma fraude. E não é assim, O nome deveria ser escrito corretamente; ficção científica. Gosto de abreviar desta maneira... - seus olhos escuros brilharam - "cientificção".

- Sim - disse Weill, tentando desesperadamente reunir fragmentos em sua memória, assim como experiências intactas, e obtendo apenas estados de espírito e impressões. - Cientificção. Melhor do que pseudo. Se bem que ainda não...

- Se bem escrita. Leu minha "Ralph 124C41+?"

- Hugo Gernsback - disse Weill, franzindo o sobrecenho, - Famoso...

- Só um pouquinho - atalhou o outro, sacudindo a cabeça. - Editei revistas sobre rádio e sobre invenções elétricas, faz anos. Já leu "Ciência e Invenção"?"

Weill apanhou a palavra "invenção" e de certa forma ela o deixou à beira de compreender o que tentara exprimir com "máquina do tempo". Ficou ansioso e disse: - Sim, sim.

- E que acha da científicção que acrescento em cada número da revista?

Novamente a científicção. A palavra tinha um efeito calmante sobre Weill e, mesmo assim, não se sentia plenamente bem. Um pouco mais... Não muito...

E disse: - Alguma coisa mais. Não muito...

- Não muito, não suficiente? Sim, tenho pensado nisto. No ano passado enviei circulares, solicitando assinaturas para uma revista que teria só científicção. Eu iria cha-

má-la de Cientificção. Os resultados foram muito desapontadores. Como é que você explicaria isto?

Weill não o ouvira. Ainda estava se concentrando na palavra "cientificção", que não lhe parecia muito certa, mas ele não podia compreender por que ela não lhe parecia certa.

Ele disse: - O nome não está certo.

- Não está certo para uma revista? Pode ser que seja. Não pensei num nome bom; alguma coisa que chamasse a atenção direta para o que ele quer. É isto. Se eu arranjasse um bom nome, eu começaria com a revista e não me preocuparia com circulares. Eu não pediria nada. Eu simplesmente poria a revista em todas as bancas dos Estados Unidos na próxima primavera, isto é tudo.

Weill ficou a olhá-lo, sem expressão.

O homem disse: - Claro que as histórias que quero ensinariam ciência enquanto divertiriam e excitariam o leitor. Abririam para ele os vastos objetivos do futuro. Aviões atravessarão o Atlântico sem escalas.

- Aviões? - Weill teve uma visão fugitiva de uma grande baleia metálica, erguendo-se às suas próprias custas. Passado um momento, já não dava mais para vê-la. Ele disse: - Grandes, transportando centenas de pessoas mais rápido que o som.

- Naturalmente. Por que não? E mantendo-se em contacto, por meio do rádio, com a terra, a todo instante.

- Satélites.

- O quê? Foi a vez do outro olhar, confuso.

- Ondas de rádio vindas de um satélite artificial no espaço.

O outro sacudiu vigorosamente a cabeça. - Eu predisse o uso de ondas de rádio para detectar algo à distância em "Ralph 124C41+". Espelhos espaciais? Eu os previ. E também a televisão, por certo. E energia do átomo.

Weill estava galvanizado. Imagens chamejavam diante dos olhos de sua mente em desordem. - Átomo - disse ele. - Sim. Bombas-nucleares.

- Rádio - disse o outro, complacientemente.

- Plutônio - disse Weill.

- O quê?

- Plutônio. E fusão nuclear. Imitando o Sol. Náilon e plásticos. Pesticidas para matar os insetos. Computadores para resolver os problemas.

- Computadores? Você quer dizer robôs?

- Computadores de bolso - disse Weill, entusiasticamente. - Objetos pequenos. Segurá-los na mão e resolver problemas. Radinhos. Também de segurar na mão. Câmaras fotográficas que revelam as fotos dentro delas mesmas. Holografias. Fotografias tridimensionais.

O outro perguntou: - Você escreve científicção?

Weill não prestou atenção. Continuou tentando reter as imagens. Estavam ficando mais claras. - Arranha-céus - disse. - De alumínio e vidro. Vias elevadas. Televisão a cores. O homem na Lua. Sondas enviadas a Júpiter.

- O homem na Lua - falou o outro. - Júlio Verne. Leu Júlio Verne?

Weill sacudiu a cabeça. Agora estava bem claro. A cabeça estava melhorando um pouco. - A descida na Lua vista pela televisão. Todo mundo vendo. E fotografias de Marte. Não há canais em Marte.

- Não há canais em Marte? - perguntou o outro, atônito. - Mas eles foram vistos!

Firmemente, Weill retomou a palavra: - Não há os canais. Vulcões. Os maiores. Os maiores canyons. Transistores, lasers, táquions. Veja se prende os táquions. Faça-os empurrar o tempo para trás. Mova-se contra o tempo. Mova-se contra o tempo. In-

cri...

A voz de Weill estava ficando mais fraca e seus contornos tremiam. Aconteceu de forma tal que o outro homem desviou o olhar, neste momento, olhando abobalhado o céu azul, murmurando: - Taquions? De que está ele falando?

Estava pensando em que, se um estranho que ele ocasionalmente encontrara no parque estava tão interessado em científica, era um bom indício de que era hora de lançar a revista. Lembrou-se então de que o outro não tinha nome e afastou a ideia, a contragosto.

Voltou-se para trás, em tempo de ouvir as últimas palavras de Weill: - Viagem taquiônica no tempo, uma história fascinante... - E lá se foi ele, abocanhando de volta seu próprio tempo.

Hugo Gernsback encarou com horror o local em que o homem tinha estado. Não o vira chegar e, na verdade, também não o vira ir-se embora. Sua mente rejeitava aquele autêntico desaparecimento... Que sujeito mais estranho... corte esquisito nas roupas, chegou a pensar, e suas palavras eram irregulares e turbilhonantes.

O próprio estranho o dissera, uma história fascinante. Suas últimas palavras.

E então Gernsback murmurou a frase escandindo-a bem; - história fascinante... histórias Fascinantes?

Um sorriso começou a brotar nos cantos de sua boca.



Uma palavra final...

Ao reunir as histórias para esta coleção, não pude deixar de notar que entre novembro de 1974 e novembro de 1975 escrevi e vendi sete histórias de ficção científica. Além disso, escrevi e vendi duas histórias de mistério e uma novela de mistério, num total de 132.000 palavras de ficção.

Compreendem, então, porque, quando algumas pessoas, deslumbradas com meus mais de 120 livros de não-ficção, me perguntam se parei de escrever ficção, eu sempre respondo: - Não parei, não.

Bem... não parei mesmo!

E, enquanto eu viver, não pararei!